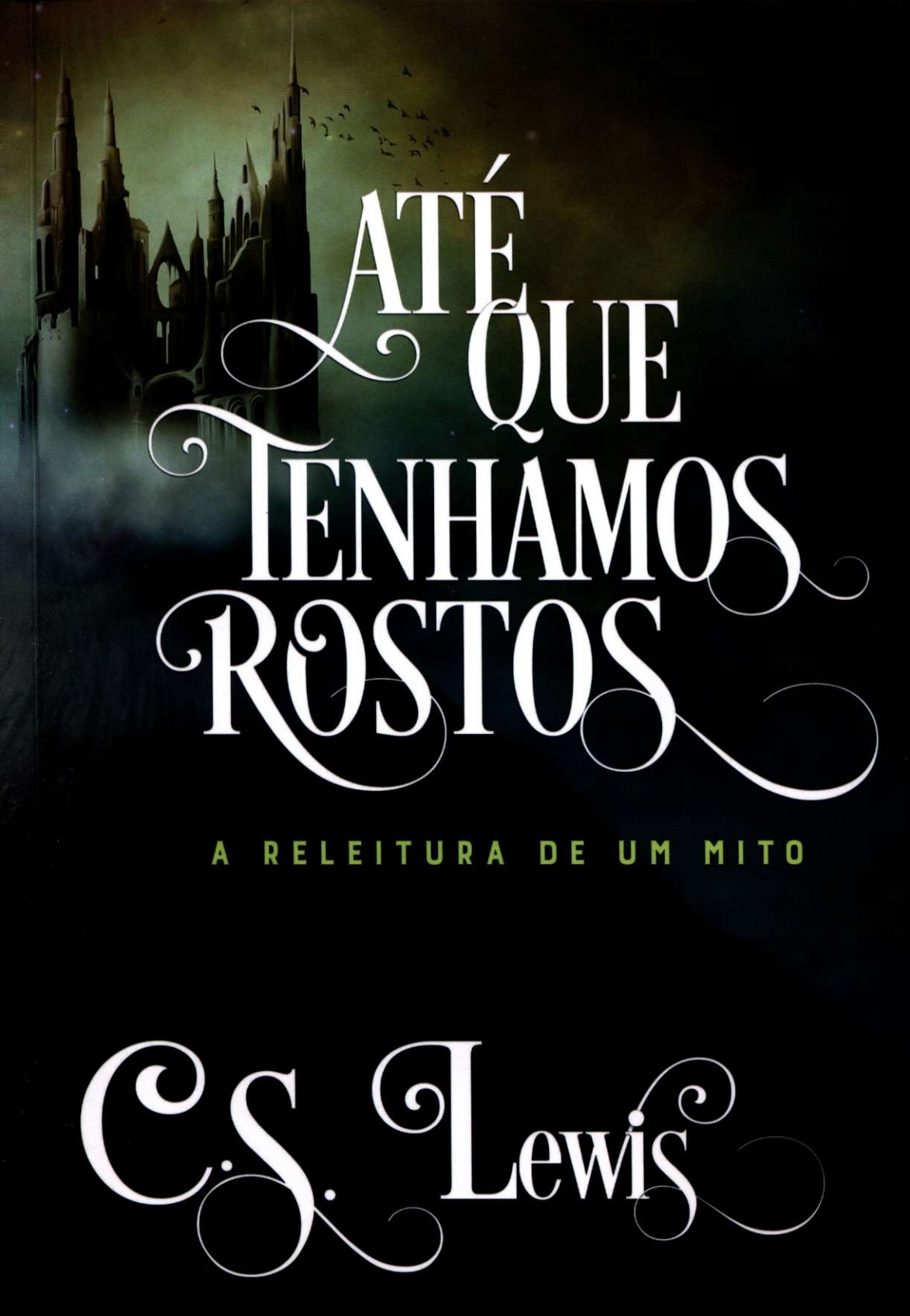




ATÉ QUE TENHAMOS ROSTOS

A RELEITURA DE UM MITO

C.S. Lewis



A obra mais significativa e marcante
produzida por C. S. Lewis.

– *The New York Herald*

Tribune Book Review

Uma das melhores leituras de ficção
em muito tempo.

– *Yorkshire Post*

Nas mãos sensíveis de C. S. Lewis,
um mito antigo mantém o seu
fascínio e ganha novos significados,
nova profundidade e novos terrores.

– *Saturday Review*

Uma recriação brilhante da lenda de
Cupido e Psique.

– *The Atlantic Monthly*

C. S. Lewis, talvez mais do que
qualquer outro escritor do século 20,
levou aqueles que o ouviram e leram
suas obras a rever seus próprios
pressupostos filosóficos.

– *Los Angeles Times*

ATÉ
QUE
TENHAMOS
ROSTOS

C.S. Lewis

ATÉ QUE TENHAMOS ROSTOS

A RELEITURA DE UM MITO

TRADUÇÃO
JORGE CAMARGO
ANA PAULA SPOLON

ultimato 

VIÇOSA|MG

Categoria: Espiritualidade / Ficção / Vida cristã

Título original em inglês: *Till We Have Faces*

Publicado em português sob licença de C. S. Lewis Company Ltd.

Primeira edição Julho de 2017
Coordenação editorial Bernadete Ribeiro
Tradução Jorge Camargo e Ana Paula Spolon
(www.quaseamesmacoisa.com.br)
Preparação Omar de Souza
Revisão Angela Nunes
Nátália Superbi
Diagramação Bruno Menezes
Capa Rick Szuets

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lewis, C. S., 1898-1963

Até que tenhamos rostos : a releitura de um mito / C. S. Lewis ; tradução Jorge Camargo. — Vicosia : Ultimato, 2017.

ISBN 978-85-7779-166-8

Título original: Till we have faces

1. Ficção histórica inglesa 2. Ficção inglesa I. Título.

17-05041

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORIA ULTIMATO LTDA
Rua A, nº 4 - Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3611-8500
www.ultimo.com.br

Para
Joy Davidman

Sumário

INTRODUÇÃO	9
------------	---

Parte Um

CAPÍTULO 1	15
CAPÍTULO 2	23
CAPÍTULO 3	33
CAPÍTULO 4	41
CAPÍTULO 5	49
CAPÍTULO 6	59
CAPÍTULO 7	67
CAPÍTULO 8	75
CAPÍTULO 9	83
CAPÍTULO 10	93
CAPÍTULO 11	105
CAPÍTULO 12	115
CAPÍTULO 13	123
CAPÍTULO 14	133
CAPÍTULO 15	143
CAPÍTULO 16	151
CAPÍTULO 17	161
CAPÍTULO 18	171
CAPÍTULO 19	181
CAPÍTULO 20	189
CAPÍTULO 21	199

Parte Dois

CAPÍTULO 22	211
CAPÍTULO 23	223
CAPÍTULO 24	233
CAPÍTULO 25	243

Introdução

A HISTÓRIA DE CUPIDO E PSIQUE foi contada pela primeira vez em um dos poucos romances latinos que sobreviveram ao tempo, *Metamorfoses* (também às vezes chamado de *O Asno de Ouro*), de Lucius Apuleio, nascido por volta de 125 d.C. Os detalhes mais importantes do romance são os seguintes:

Um rei e uma rainha tiveram três filhas e a mais jovem era tão bonita que os homens a louvavam como a uma deusa, como se ela fosse a verdadeira Vênus. Por causa disso, Psique – como era chamada a irmã mais nova – não era cortejada por ninguém; os homens reverenciavam demais a sua suposta deidade, por isso não a desejavam para si. Quando o pai dela consultou o oráculo de Apolo querendo informações sobre o casamento da filha, foi-lhe dada a seguinte resposta: “Não tenha esperanças de ter um humano como genro. Você deve levá-la para que fique exposta em uma montanha, a fim de que se torne presa de um dragão”. E o pai obedeceu.

Entretanto, Vênus, com ciúme da beleza de Psique, já havia articulado uma punição diferente para ela. Tinha pedido ao seu filho, Cupido, para que a atormentasse com uma paixão irresistível até mesmo para o mais simples dos homens. Cupido fez isso, mas, ao ver Psique, apaixonou-se por ela. Tão logo ela foi deixada na montanha, o Vento Oeste (Zéfiro) decidiu ajudá-la, carregando-a até um lugar secreto, onde ele havia construído um majestoso palácio. À noite, ele a visitava e desfrutava do seu amor, mas a proibia de ver o seu rosto. Em pouco tempo, ela implorou-lhe para que pudesse receber a visita de suas duas irmãs. Com relutância, o deus acabou consentindo e fez com que elas flutuassem até o palácio. Lá, foram majestosamente recebidas e demonstraram enorme satisfação em relação a todo o esplendor que

viram. Internamente, porém, estavam se corroendo de inveja, porque os seus maridos não eram deuses e as suas casas não eram elegantes como a da irmã.

Elas então começaram a conspirar para destruir a felicidade dela. Na visita seguinte que fizeram à irmã, elas a convenceram de que o marido dela deveria ser, na verdade, uma serpente monstruosa. “Esta noite, em sua cama”, elas disseram, “você precisa ter um lampião coberto com um manto e uma faca afiada. Quando ele dormir, acenda o lampião – veja o horror que está em sua cama – e mate-o com uma facada.” Psique, tola, prometeu fazer isso.

Quando ela acendeu o lampião, viu o deus dormindo e ficou olhando intensamente para ele, tomada por um amor insaciável, até que uma gota de óleo quente pingou do lampião e caiu no ombro dele, acordando-o. Levantando-se, ele estendeu as suas asas, repreendeu-a e desapareceu.

As duas irmãs não conseguiram se divertir por muito tempo com a maldade que fizeram, pois Cupido notou o que aconteceu e as levou à morte. Enquanto isso, Psique, desolada e infeliz, caminhou para bem longe e tentou se afogar no primeiro rio que encontrou em seu caminho, mas o deus Pã frustrou a tentativa dela e a advertiu de que nunca mais voltasse a repetir a tentativa. Depois de passar por muitos tormentos, ela caiu nas mãos de sua pior inimiga, Vênus, que a tomou como escrava, a maltratou e lhe atribuiu tarefas que pareciam impossíveis de serem cumpridas. A primeira delas consistia em separar uma quantidade enorme de sementes de vários cereais, que estavam todas misturadas, porém ela cumpriu a tarefa com a ajuda de algumas formigas muito prestativas. Na sequência, ela teria de pegar amostras de lã dourada de alguns carneiros do sol, considerados animais terríveis. Então, um junco verde do leito do rio aconselhou-a a esperar a noite chegar e, quando os carneiros fossem dormir, apanhar os fios de lã dourada que haviam ficado enroscados nos galhos das amoreiras nas quais os carneiros haviam se encostado durante o dia. Depois dessa tarefa, ela tinha de encher uma jarra de água na fonte de Styx, que só podia ser alcançada escalando-se montanhas dificílimas, mas uma águia veio em seu auxílio, tomou a jarra das mãos dela e retornou com o recipiente cheio de água. Finalmente, teria de descer até o mundo subterrâneo para levar uma caixa de Vênus, para que Perséfone, a deusa da Morte,

a enchesse com sua beleza. Então, uma voz misteriosa disse-lhe ao ouvido que ela seria procurada por várias pessoas que lhe pediriam ajuda, mas que deveria lhes negar todos os apelos. E, quando Perséfone lhe desse a caixa – cheia de beleza –, ela não deveria abri-la sob hipótese alguma. Psique obedeceu a todas as orientações e retornou ao mundo superior com a caixa, mas um último golpe de curiosidade a derrotou, fazendo-a olhar dentro da caixa. Ao fazer isso, Psique imediatamente perdeu a consciência.

Cupido então veio até ela, mas dessa vez para perdoá-la. Ele intercedeu junto a Júpiter, que consentiu seu casamento com Psique e que ela se tornasse uma deusa. Vênus reconciliou-se com ela e todos viveram felizes para sempre.

A principal alteração nessa minha versão pessoal do mito é fazer com que o palácio de Psique seja invisível aos olhos das pessoas normais e mortais – se é que “fazer” não seja a palavra errada para eu me referir a algo que se impôs a mim logo na primeira vez que li a história, como de fato aconteceu. Essa mudança de curso traz com ela uma razão ainda mais ambivalente e dá à minha heroína um perfil diferente, além de modificar toda a qualidade do conto. Senti-me bastante à vontade para seguir Apuleio, que creio ter sido quem transmitiu o conto a outras pessoas, mas não quem o escreveu. Nada foi mais forte que o meu objetivo de recapturar a qualidade peculiar de *Metamorfoses* – essa curiosa mistura de romance pitoresco, historieta de horror, tratado de magia e misticismo, pornografia e experimento estilístico. Apuleio foi, é claro, um gênio: mas em relação ao meu trabalho ele é tão somente uma “fonte”, e não uma “influência” ou um “modelo”.

A versão dele foi seguida muito de perto por William Morris no poema *The Earthly Paradise* [O paraíso terrestre] e por Robert Bridges em *Eros and Psyche* [Eros e Psique]. Nenhum dos poemas, na minha opinião, mostra o melhor de seus autores. *Metamorfoses* foi integralmente traduzido para a língua inglesa pela última vez por Robert Graves (Penguin Books, 1950).

CSL

Em outra ocasião, C. S. Lewis escreveu o seguinte sobre *Até que Tenhamos Rostos*:

Essa reinterpretação de uma antiga história viveu em minha mente desde os tempos de escola, crescendo e ganhando força com o passar dos anos. Por causa disso, eu poderia até dizer que passei a vida toda me dedicando a ela. Recentemente, veio à minha mente o que me pareceu ser a versão correta, e os temas de repente se entrelaçaram: um genuíno conto de barbarismo, a memória de uma mulher feia, idolatria sinistra e o pálido encantamento na guerra com cada um e com os seus fantasmas e a destruição que uma vocação, ou até mesmo a fé, faz na vida humana.

Parte Um

Capítulo 1

AGORA SOU VELHA e nada tenho a temer em relação à fúria dos deuses. Não tenho marido nem filhos, nem mesmo um amigo a quem eles possam usar para me machucar. O meu corpo, este cadáver magro que ainda precisa ser limpo e alimentado e que ainda precisa que roupas sejam jogadas sobre ele dia após dia, que passou por todas as mudanças, este eles podem matar no momento que acharem adequado. A sucessão existe para isso. Minha coroa passa para o meu sobrinho.

Por estar, graças a todas essas razões, livre do medo, vou escrever neste livro coisas que ninguém que seja feliz se atreveria a escrever. Vou acusar os deuses; especialmente o deus que vive na Montanha Cinzenta. Em outras palavras, vou contar tudo que ele fez a mim, desde o começo, como se estivesse registrando as reclamações que farei dele perante um juiz. Mas não há juizes entre deuses e homens, e o deus da montanha não me responderá. Os terrores e as pragas não são resposta para isso. Escrevo em grego, já que o meu mestre me ensinou. Pode acontecer de algum dia um viajante grego se hospedar de novo neste palácio e ler o livro. Então ele vai falar sobre ele aos gregos, que têm opiniões muito abertas em relação às coisas, até mesmo sobre os próprios deuses. Talvez esses homens inteligentes venham a saber se as minhas reclamações estão certas ou se esse deus poderia ter se defendido se tivesse dado uma resposta.

Eu sou Orual, a filha mais velha de Trom, rei de Glome. Para o viajante que vem do sudeste, a cidade de Glome ergue-se na margem esquerda do rio Shennit, a um dia de viagem a partir de Ringal, o último vilarejo ao sul e que pertence às terras de Glome. A cidade é construída a uma distância do rio que pode ser percorrida por uma mulher em cerca de vinte minutos, já que, na primavera, o Shennit transborda nessas margens. No verão, cada uma das margens do rio fica tomada por barro seco, junco e muitas aves aquáticas. A uma distância equivalente à

distância entre esse trecho raso do Shennit e o lugar onde está fincada a nossa cidade, fica a casa sagrada de Ungit. E depois da casa de Ungit – seguindo-se o tempo todo do leste para o norte –, chega-se rapidamente ao sopé da Montanha Cinzenta. O deus da Montanha Cinzenta, que me odeia, é filho de Ungit. No entanto, ele não mora na casa de Ungit, que vive sozinha. No recanto mais remoto da casa dela, onde ela fica sentada, é tão escuro que mal se consegue vê-la, mas no verão há luz suficiente entrando pelos buracos de ventilação do telhado, de forma que é possível enxergá-la. Ela é uma pedra negra sem cabeça, mãos ou rosto, e uma grande deusa. Meu velho mestre, a quem chamávamos de Raposa, dizia que ela era o equivalente ao que os gregos chamavam de Afrodite, mas prefiro escrever todos os nomes das pessoas e lugares na nossa própria língua.

Vou começar os meus escritos com o dia em que a minha mãe morreu e que cortaram o meu cabelo, como era o costume. Raposa – embora naquela época não estivesse com a gente – dizia que tínhamos aprendido esse costume com os gregos. Batta, a ama-seca, cortou os meus cabelos e os de minha irmã fora do palácio, em meio ao jardim que sobe bruscamente em direção à montanha. Redival era a minha irmã caçula, três anos mais nova que eu – e naquela época éramos as únicas filhas. Enquanto Batta cortava nossos cabelos, várias outras escravas ficavam à nossa volta, em alguns momentos lamentando-se pela morte da rainha e batendo as mãos no peito, e em outros comendo nozes e brincando. A cada tesourada, enquanto os cachos de minha irmã caíam pelo chão, as escravas diziam: “Ah, que pena! Lá se foi todo o ouro!”. Elas não fizeram nenhum comentário parecido no momento em que os meus cabelos foram cortados. Mas me lembro muito bem do frescor que eu sentia na cabeça e do sol quente batendo no meu pescoço, quando nos abaixávamos, nas tardes de verão, para construir casas de barro, Redival e eu.

A nossa ama-seca, Batta, era uma mulher ossuda, loura e calejada, que meu pai havia comprado de mercadores – eles a haviam trazido lá do norte. Quando reclamávamos de alguma coisa, ela dizia: “Esperem até o seu pai trazer para casa uma nova rainha para ser madrastra de vocês. Os tempos serão outros. Vocês vão ter de comer queijo duro em vez de bolos de mel e tomar leite desnatado em vez de vinho tinto. Esperem e verão”.

À medida que os fatos aconteceram, ganhamos mais uma coisa antes de ganharmos uma madrasta. Era um dia dolorosamente frio. Redival e eu estávamos de botas – nós em geral ficamos descalças ou de sandálias –, tentando esquiar no quintal, que ficava nos fundos da parte mais velha do palácio, onde as paredes são de madeira. Havia gelo o bastante por todo o caminho desde a entrada do estábulo até a estrumeira, que estava cheia de leite derramado e congelado e de urina de animais, mas o gelo estava muito áspero para que pudéssemos deslizar sobre ele. E aí Batta apareceu, com o nariz vermelho de tanto frio, chamando por nós:

– Rápido, rápido! Ah, suas imundinhas! Venham se limpar e depois venham ver o rei. Vocês vão ver quem está lá esperando por vocês. Eu avisei! Vai ser uma grande mudança para vocês.

– É a madrasta? – perguntou Redival.

– Ih, pior que isso, pior que isso; vocês vão ver – disse Batta, limpando o rosto de Redival com a ponta do próprio avental. – Vocês vão levar muita chicotada, vão levar muito puxão de orelha, vão ter de trabalhar duro.

E então nós fomos levadas para as alas novas do palácio, que eram construídas com paredes pintadas, onde havia guardas com armaduras, peles e cabeças de animais penduradas nas paredes. Na Sala da Coluna, nosso pai estava se levantando e, na frente dele, havia três homens em trajes de viagem, que já conhecíamos o bastante.

– Eram mercadores que vinham a Glome três vezes por ano. Eles estavam guardando as suas coisas na sacola, de forma que podíamos deduzir que deviam ter vendido um escravo ao meu pai. Havia um homem pequeno e magro bem na frente deles, de pé, de forma que também sabíamos que ele devia ser o homem que eles haviam vendido, pois era possível até ver, nas pernas dele, as dolorosas marcas deixadas pelas correntes. Mas ele não se parecia com os outros escravos que havíamos visto até então. Tinha os olhos muito brilhantes e sua barba e seus cabelos não eram grisalhos, mas avermelhados.

– Agora, greguinho – disse meu pai ao homem –, acredito que um dia terei um filho homem e tenho certeza de que vou vê-lo ser introduzido a toda a sabedoria do seu povo. Enquanto esse dia não chega, vá treinando com elas. (Ele disse isso apontando para nós, crianças.) – Se

um homem é capaz de ensinar a uma menina, ele pode fazer qualquer um aprender.

E então, antes de nos mandar sair, ele disse:

- Especialmente a mais velha. Veja se consegue torná-la inteligente; já será melhor que qualquer outra coisa que ela consiga fazer.

Não entendi o que ele quis dizer, mas sabia que era algo parecido com as coisas que eu sempre ouvia as pessoas dizerem a meu respeito.

Eu amava Raposa, que era como meu pai costumava chamá-lo, mais do que a qualquer outra pessoa que já conheci. É de se imaginar que um homem que fora livre na Grécia, capturado na guerra e vendido para bem longe, entre os bárbaros, poderia ser uma pessoa bastante deprimida. E, às vezes, ele até ficava deprimido; possivelmente mais vezes do que eu, na minha inocente infância, poderia supor. Mas eu nunca o ouvi reclamar de nada e nunca o ouvi se gabar - da maneira como os escravos estrangeiros costumavam fazer - de ter sido um grande homem em seu próprio país. Ele tinha sempre um ditado para levantar sua autoestima: "Nenhum homem pode estar exilado se ele se lembra de que o mundo todo é só uma cidade" ou "Tudo é tão bom ou ruim quanto a sua opinião faz com que seja". Mas acho que o que realmente o mantinha motivado era a sua curiosidade. Nunca conheci um homem que fizesse tantas perguntas. Ele queria saber tudo sobre nosso país, língua, ancestrais e deuses, bem como sobre nossas plantas e flores.

Foi assim que contei a ele tudo sobre Ungit, sobre as garotas que ela mantinha em sua casa, sobre os presentes que as noivas tinham de dar a ela e sobre como, às vezes, em um ano ruim, tínhamos de cortar a nossa própria garganta e derramar sangue sobre ela. Ele estremeceu quando eu disse isso e murmurou alguma coisa, mas, segundos mais tarde, disse: "Sim, não há dúvidas de que ela é Afrodite, embora se pareça mais com os babilônios do que com os gregos. Mas, venha, eu vou lhe contar uma história sobre a nossa Afrodite".

Então se concentrou, impostou a voz e nos contou como a Afrodite deles, certa vez, se apaixonou pelo príncipe Anquises enquanto ele pastoreava as ovelhas do pai, no sopé da montanha chamada Ida. E, quando ela desceu pelas verdejantes encostas da montanha em direção à cabana do pastor, leões, lince e ursos, bem como todo tipo de animais, aproximaram-se dela, pulando como cachorros, todos brincando

ao seu lado, para o delírio do amor. Mas ela subjugou toda a sua glória, comportou-se como uma mortal, aproximou-se de Anquises e o seduziu, e então eles foram para a cama. Acho que Raposa tinha a intenção de encerrar a narrativa por ali, mas ele já estava tomado pela história e continuou, contando-nos o que aconteceu a seguir; de como Anquises, ao acordar, viu Afrodite em pé, ao lado da porta da choupana, dessa vez não como uma mortal, mas em toda a sua glória. E, então, ao saber que havia se deitado com uma deusa, ele tapou os olhos e gritou: “Mate-me de uma vez”.

– Nada disso aconteceu de fato – disse apressadamente Raposa –, são só mentiras de poetas, mentiras de poetas, minhas crianças. Isso tudo não tem nada a ver com a natureza.

Entretanto, ele tinha contado o bastante para me fazer ver que, se a deusa era mais bonita na Grécia do que em Glome, ela era igualmente má em ambos os lugares.

Era sempre assim com Raposa; ele ficava envergonhado por amar poesia (“Tudo bobagem, crianças”) e eu tinha que me dedicar muito à minha leitura e à minha escrita e ao que ele chamava de filosofia, para conseguir tirar um poema dele. No entanto, desse jeito, pouco a pouco, ele me ensinou muito. *Virtude, perseguida pelo homem com trabalho duro e labuta* era o trecho que ele mais entoava, mas nunca me deixei enganar por isso. A cadência genuína da voz dele e o brilho real dos seus olhos surgiam quando ele recitava *Leve-me para a Terra das Maçãs* ou

*A Lua se pôs, mas
Sozinho eu repouso.*

Ele sempre cantava isso com muita doçura, como se estivesse sentindo pena de mim por alguma razão. Ele gostava mais de mim do que de Redival, que detestava estudar e estava sempre o ridicularizando e rogando pragas sobre ele, além de instigar os outros escravos a pregar-lhe peças.

Na maior parte do tempo, ele trabalhava – durante o verão – no pequeno terreno gramado atrás das pereiras e foi lá que, um dia, o rei nos encontrou. Nós todos, obviamente, ficamos de pé: duas crianças e um escravo com os olhos cravados no chão e as mãos entrelaçadas. O rei deu uns tapinhas nas costas de Raposa e disse:

– Coragem, Raposa. Ainda haverá um príncipe para você cuidar, se os deuses quiserem. E agradeça você também aos deuses, Raposa, pois

é muito raro que um simples grego tenha a oportunidade de educar o neto de um rei tão grandioso quanto o meu sogro. E isso não quer dizer que você faça isso melhor do que uma besta. Vocês são todos mascates e andarilhos em terras gregas, não é?

– Mas os homens não têm todos o mesmo sangue, Mestre? – perguntou Raposa.

– Mesmo sangue? – interpelou o rei, com um olhar firme e um sorriso cínico. – Eu lamentaria muito se fosse assim.

No fim das contas, foi o rei mesmo – e não Batta – que nos contou, pela primeira vez, que a madrastra realmente existia. Meu pai tinha dado uma cartada de mestre. Ele desposaria a terceira filha do rei de Caphad, o maior de todos os reis do mundo (agora entendo porque Caphad desejou estabelecer essa aliança com um reino tão pobre como o nosso e fico me perguntando como meu pai não percebeu que o sogro dele já era um homem falido. O casamento, por si, era uma prova disso).

Pode ser que não tenha se passado muito tempo até o casamento, mas na minha memória os preparativos pareceram ter durado quase um ano. Todo o muro ao redor do grande portão foi pintado de vermelho escarlate e novos enfeites pendentes foram postos na Sala das Colunas e, além disso, comprou-se uma nova cama para o rei, por um preço muito mais alto do que o real. Ela era feita de madeira do Ocidente, que se dizia ser virtuosa a ponto de garantir que todos os cinco filhos nela gerados fossem homens (“Tudo bobagem, crianças”, dizia Raposa, “essas coisas acontecem naturalmente”). E, conforme o dia foi se aproximando, tudo o que se fazia era confinar e abater animais – todo o pátio fedia por causa das peles deles – para depois assá-los e cozinhá-los. Contudo, nós, crianças, não tínhamos muito tempo para ficar perambulando pelos lugares, espiando e atrapalhando, pois o rei de repente decidiu que eu, Redival e doze outras meninas, filhas de nobres, iríamos entoar o hino nupcial. E decidiu ainda que seria nada menos que um hino grego, algo que nenhum outro rei das redondezas seria capaz de providenciar para um casamento.

– Mas, Mestre... – disse Raposa, quase com lágrimas nos olhos.

– Ensine-as – resmungou meu pai. – De que serve toda a comida e bebida boa que coloco na sua pança grega se não posso ter um hino grego na noite do meu casamento? De que serve? Ninguém está pedindo

para você ensinar grego a elas. É claro que elas não conseguirão entender nada do que estão cantando, mas elas vão fazer barulho. Cuide disso, ou as suas costas vão ficar tão vermelhas quanto a sua barba.

Era uma tarefa maluca e Raposa, por fim, disse que o desafio de ensinar o tal hino para nós, bárbaros, era o que tinha levado embora os seus últimos fios de cabelo vermelho.

– Eu era uma raposa; agora sou um texugo – disse.

Quando já havíamos feito algum progresso, o rei mandou vir o Sacerdote de Ungit para nos ouvir. Eu tinha medo daquele Sacerdote, mas era diferente do medo que eu sentia do meu pai. Acho que o que me apavorava (naquela época) era a santidade do cheiro que emanava dele – um cheiro de sangue como daqueles que a gente sente no templo (na maioria das vezes, sangue de pombo, mas também sangue de homens que ele havia sacrificado), de gordura queimada, cabelo chamuscado, de vinho e de incenso velho. Era o cheiro de Ungit. Talvez eu também sentisse medo das roupas dele, de todas aquelas peles das quais elas eram feitas, da pele ressecada e da grande máscara, esculpida na forma de uma cabeça de pássaro, pendendo no ombro dele. Parecia que tinha um pássaro nascendo de seu corpo.

Ele não entendia uma única palavra do hino nem da música, mas perguntou:

– As meninas vão ou não usar véu?

– Precisa perguntar? – disse o rei, dando uma daquelas de suas risadas e apontando o dedo na minha direção. – Você acha que quero que a minha rainha se assuste? É claro que vão usar véus. E véus bem grossos. – Uma das meninas deu um risinho disfarçado e acho que aquela foi a primeira vez que entendi de maneira bastante clara que eu era feia.

Isso fez com que eu sentisse mais medo ainda da madrastra. Eu achava que ela seria mais cruel comigo do que com Redival, por causa da minha feiura. Não me assustava apenas o que Batta havia dito a respeito dela; eu já havia escutado várias histórias de madrastra. E, quando a noite chegou e estávamos todas na varanda cheia de colunas, maravilhadas com as tochas e fazendo um esforço enorme para cantarmos o nosso hino exatamente como Raposa havia nos ensinado – e ele estava nos olhando enquanto cantávamos, franzindo o cenho, sorrindo, fazendo sinais de que estávamos nos saindo bem e em dado momento até levantando as

mãos, assustado –, as imagens das coisas que faziam para as meninas, nas histórias, não paravam de passar pela minha cabeça. E então surgiram os gritos lá de fora, vieram mais tochas e, logo em seguida, estavam tirando a noiva da carruagem. Ela usava um véu tão espesso quanto o nosso e tudo o que eu conseguia ver era que ela era muito pequena; era como se estivessem carregando uma criança. Isso não diminuiu os meus temores; “as pequenas são as mais cruéis”, dizia o provérbio. E então – ainda cantando – nós a levamos até a câmara nupcial e lhe tiramos o véu.

Agora sei que a face que vi era bonita, mas naquele momento não pensei dessa forma. Tudo o que percebi era que ela estava com medo, com mais medo do que eu; na verdade, ela estava apavorada. Isso fez com que eu visse o meu pai da mesma forma que ele foi visto quando olhou para ela, apenas um minuto antes, quando ela pôde vê-lo pela primeira vez, em pé, cumprimentando-a na varanda. O temor que ela sentia não foi aquietado pela frente dele, ou por sua boca, corpanzil, postura ou voz.

Tiramos as vestimentas dela, camada por camada, o que fez com que ela parecesse ainda menor, e deixamos o corpo pequeno e trêmulo, com os olhos fixos na cama do rei, e fomos embora. Havíamos cantado muito mal.

Capítulo 2

NÃO POSSO FALAR MUITO sobre a segunda esposa do meu pai, pois ela não sobreviveu ao primeiro ano em Glome. Ela engravidou muito mais rápido do que qualquer mulher, o que deixou o rei em estado de êxtase, e todas as vezes que passava perto de Raposa quase sempre dizia algo sobre o príncipe que ia chegar. A partir daquele momento, todos os meses ele oferecia grandes sacrifícios a Ungit. O que acontecia entre a rainha e ele eu não sabia, a não ser por uma vez quando, depois de os mensageiros chegarem de Caphad, ouvi o rei dizer-lhe: “Começo a perceber, moça, que pelo jeito apostei minhas fichas no lugar errado. Agora sei que seu pai perdeu duas vilas – não, três, embora ele tenha minimizado o problema. Eu lhe teria sido grato se ele tivesse me contado que estava afundando, antes de me convencer a embarcar nessa” (Eu estava com a cabeça pendida no peitoril da janela, para secar meu cabelo, depois do banho, e eles estavam caminhando no jardim). Seja lá qual fosse a situação, era certo de que ela estava muito doente e acho que o nosso inverno era rigoroso demais para o corpo dela, do sul. Ela rapidamente ficou pálida e magra. E percebi que não havia nada nela que eu devesse temer. No início, era ela quem tinha mais medo de mim do que eu dela; com o tempo, tornou-se muito amável comigo, mesmo com seu jeito tímido, e, mais tarde, veio a se transformar mais em uma irmã do que em uma madrastra.

É claro que ninguém na casa se aproximou da cama dela na noite do parto, porque, segundo diziam, isso poderia fazer com que a criança se recusasse a acordar para o mundo. Todos nós nos sentamos no grande salão entre a Sala das Colunas e a câmara nupcial, no clarão avermelhado das tochas acesas para o nascimento. As chamas vibravam e rugiam com fervor e todas as portas deviam ficar abertas; fechar uma porta poderia silenciar o útero da mãe. No meio do salão ardía uma grande labareda. De hora em hora, o Sacerdote de Ungit dava nove voltas ao redor dela

e jogava algumas coisas no fogo. O rei estava sentado em sua cadeira e não se moveu durante toda a noite, nem mesmo a cabeça. Eu estava sentada ao lado de Raposa.

- Vovô, estou com muito medo - eu disse a Raposa.

- Nós precisamos aprender, criança, a não sentir medo de nada que seja trazido pela natureza - ele respondeu.

Depois daquilo eu devo ter dormido, pois só do que me lembro de ter ouvido a seguir foi o som de uma mulher se lamentando e batendo as mãos contra o peito e eu a tinha visto fazer a mesma coisa no dia que minha mãe morreu. Eu estava tremendo de frio. A labareda havia baixado e a cadeira do rei estava desocupada, a porta da câmara nupcial havia sido finalmente fechada e os sons horríveis que saíam dela haviam cessado. Também devia ter havido algum sacrifício, pois pairava no ar um cheiro de morte e sangue no chão e o Sacerdote estava limpando sua faca sagrada. Eu estava completamente atordoada, recém-saída do sono e acabei tendo a pior de todas as ideias. Eu iria ao quarto ver a rainha. Raposa logo estava ao meu lado, antes mesmo de eu chegar à porta da câmara nupcial.

- Filha, filha - ele disse. - Agora não. Você está louca? O rei...

Nesse exato momento, a porta se abriu e meu pai saiu. A face dele me deixou chocada e totalmente desperta, pois ele estava completamente pálido. Eu sabia que quando seu rosto ficava vermelho significava que estava enfurecido e que ia esbravejar e fazer ameaças, mas quando estava pálido era sinal de morte. "Vinho", ele disse, em um tom de voz não muito alto, o que também era um mau sinal. Os outros escravos empurraram à frente um dos meninos que se sabia ser um dos seus favoritos, como sempre faziam quando estavam com medo. A criança, branca como o seu mestre e usando seu melhor traje - meu pai vestia muito bem os escravos mais jovens -, veio correndo com o garrafão e o copo real, escorregou no sangue esparramado pelo chão, cambaleou e derrubou as duas coisas. Rápido como o pensamento, meu pai sacou seu punhal e o apunhalou. O menino tombou morto em meio ao sangue e ao vinho e a queda de seu corpo fez com que o garrafão saísse rolando, produzindo um grande barulho naquele silêncio; até aquele momento eu não havia pensado que aquele chão fosse tão desnivelado (depois disso eu o nivelei).

Meu pai fitou seu próprio punhal por um momento, de modo aparentemente estúpido. E então, bem devagar, se voltou para o Sacerdote.

- O que você tem a dizer para Ungit agora? - perguntou, ainda com aquela voz baixa. - É melhor você recuperar o que ela me deve. Quando você irá me pagar por meus bons animais? - Então, após uma pausa, disse: - Diga-me, profeta, o que aconteceria se eu martelasse Ungit até que ela se transformasse em pó e amarrasse você entre os martelos e a pedra?

O Sacerdote, no entanto, não ficou nem um pouco com medo do rei.

- Ungit escuta, rei, até mesmo neste momento - ele disse. - E Ungit irá se lembrar. Você já disse o bastante a ponto de suscitar juízo sobre todos os seus descendentes.

- Descendentes. Você fala de descendentes - disse o rei. Em princípio muito tranquilo, mas agora ele estava tremendo. O gelo de sua fúria se partiria a qualquer momento. O corpo do menino morto capturou seus olhos. - Quem fez isso? - perguntou. Ele então viu Raposa e eu. Todo o sangue se concentrou em seu rosto, e agora a última voz saiu rugindo de seu peito, alta o suficiente para erguer o teto.

- Meninas, meninas, meninas - ele berrou. - E agora mais uma menina. Não há um fim para isso? Há uma praga de meninas no céu para que os deuses me enviassem uma enxurrada delas? Você... você...

Ele me pegou pelos cabelos, chacoalhou-me de um lado para outro, me arremessou ao chão e caí como se fosse um monte de alguma coisa. Há ocasiões em que até mesmo uma criança sabe fazer coisa melhor do que chorar. Quando a escuridão passou e eu pude enxergar novamente, ele estava chacoalhando Raposa pelo pescoço.

- Aqui está um velho charlatão que está comendo meu pão há muito tempo - ele disse. - Para mim, teria sido mais lucrativo comprar um cachorro. Mas não alimentarei mais a sua preguiça. Alguns de vocês, levem-no para as minas amanhã. Talvez esses velhos ossos ainda rendam mais uma semana de trabalho.

E fez-se novamente um silêncio mortal no salão. De repente, o rei ergueu as mãos, bateu uma na outra e gritou:

- Rostos, rostos, rostos! Por que estão todos de boca aberta? Isso deixaria um homem louco. Saiam! Imediatamente! Saiam da minha frente, todos vocês!

Saímos do salão o mais rapidamente que a porta nos permitiu. Raposa e eu saímos pela porta pequena, pelo jardim de ervas ao leste. O dia havia praticamente amanhecido e começara a cair uma chuva fina.

- Vovô - eu disse, chorando e soluçando -, você precisa fugir para longe. Agora mesmo eles virão buscá-lo para levá-lo às minas.

Ele balançou a cabeça e disse:

- Estou muito velho para fugir. E sei o que o rei faz com escravos fujões.

- Mas as minas, as minas! Olhe, eu vou com você. Se você for apanhado, direi que o obriguei a ir comigo. Se conseguirmos passar por isso, já estaremos quase fora de Glome. - Apontei para o cume da Montanha Cinzenta, agora escurecida pela aurora branca que caía por trás dela, vista através dos pingos inclinados da chuva.

- Isso é bobagem, filha - disse ele, acariciando-me como se fosse uma pequena criança. - Eles pensariam que eu a estaria roubando para vendê-la. Não; devo fugir mais adiante. E você há de me ajudar. Rio abaixo; você conhece a pequena planta com os pontos roxos em seus caules. São das raízes dela que preciso.

- O veneno?

- Sim, porque é preciso (criança, criança, não chore assim). Já não lhe falei várias vezes que se um homem deixar a vida por livre e espontânea vontade quando há uma boa razão para isso é uma das coisas que estão de acordo com a natureza? Devemos olhar para a vida como...

- Eles dizem que os que escolhem esse caminho acabam rolando na imundície, lá embaixo, na terra dos mortos.

- Silêncio, silêncio. Você por acaso é um bárbaro? Na morte, estamos resolvidos em nossos elementos. Aceitarei o nascimento e a crítica em...

- Ah, eu sei, eu sei. Mas, vovô, você realmente não acredita, em seu coração, em nada do que é dito sobre deuses e sobre os que vivem lá embaixo? Não, você crê, você crê. Você está tremendo.

- Essa é a minha desgraça. O corpo está tremendo. Não preciso deixar tremer o deus dentro de mim. Se esse meu corpo, no fim, me engana tanto, será que já não o carreguei tempo demais? Mas estamos perdendo tempo.

- Escute! - disse eu. - O que é isso? - Pois, na condição em que estava, eu me assustava com qualquer barulho.

- Cavalos - disse Raposa, olhando com seus olhos vesgos com dificuldade por entre as árvores, contra a chuva. - Eles estão vindo para a grande porta. Pela aparência, são mensageiros de Fars. E nem isso vai mudar o humor do rei. Você vai... ah, Zeus, já é tarde demais.

Pois houve um chamado do lado de dentro das portas: "A Raposa, a Raposa, a Raposa para o rei".

- Ou vou ou sou arrastado - disse Raposa. - Adeus, filha - e ele me beijou, como faziam os gregos, nos olhos e na cabeça. Mas fui com ele. Eu tinha a clara percepção de que conseguiria enfrentar o rei; se eu iria implorar-lhe, amaldiçoar-lhe ou beijar-lhe, eu não sabia. No entanto, ao chegarmos à Sala da Coluna, vimos muitos estrangeiros dentro dela, e o rei gritava através da porta aberta:

- Venha aqui, Raposa, eu tenho trabalho para você. - Ele então me viu e disse: - E você, rosto de coalhada, vá para os aposentos femininos, e não volte aqui para azedar a bebida matinal que estou oferecendo aos homens.

Não sei dizer se já senti tanto medo (para falar de coisas meramente mortais) como senti no restante daquele dia; o medo é como se houvesse um vazio entre a sua barriga e o peito. Eu não sabia se seria ou não uma ousadia sentir-me consolada pelas últimas palavras do rei, pois elas soavam como que se a ira dele tivesse passado, mas essa ira poderia se reacender novamente. Além disso, eu sabia muito bem quando ele estava fazendo uma coisa cruel, não por causa da raiva, mas por causa do estilo de humor assassino, ou porque ele sempre se lembrava de ter jurado agir dessa forma sempre que estivesse com raiva. No passado, ele já havia enviado os antigos escravos da casa para as minas. E eu não podia nem mesmo ficar sozinha com o meu medo, pois lá vinha Batta tosquiar a minha cabeça e a de Redival novamente, como quando minha mãe morreu, e contar (estalando a língua a toda hora) a grande história de como a rainha morrera durante o parto - história que eu já conhecia desde que ouvira sobre o luto - e de como ela havia parido uma filha viva. Sentei-me para que meus cabelos fossem cortados e pensei que, se Raposa deveria morrer nas minas, então seria muito apropriado que eu desse o meu cabelo em oferenda. Escorrido, sem graça e pequeno, ele ficou caído sobre o chão, ao lado dos cachos de ouro de Redival.

À noite, Raposa veio até mim e me contou que não se havia mais falado sobre as minas, ao menos por enquanto. Algo que, neste momento, muito frequentemente me irritava acabou sendo a nossa salvação. Nos últimos tempos, o rei vinha tirando Raposa cada vez mais do convívio conosco, meninas, para trabalhar para ele na Sala da Coluna. Ele havia começado a perceber que Raposa era capaz de calcular, ler e escrever cartas – a princípio só em grego, mas agora também na língua das nossas regiões – e de dar conselhos melhor do que qualquer outro homem em Glome. Exatamente nesse dia, Raposa havia lhe orientado a fechar um negócio com o rei de Fars em termos muito melhores que os que ele, por ele mesmo, jamais conseguiria estabelecer. Raposa era um grego de verdade. Enquanto meu pai só era capaz de responder com um “Sim” ou um “Não” a algum rei ou nobre perigoso da vizinhança, Raposa era capaz de transformar o “Sim” em um “Não” muito discreto e educado, fazendo com que a resposta fosse digerida como vinho. Ele poderia fazer com que seu inimigo fraco acreditasse que você era duas vezes mais forte do que realmente era. Ele era útil demais para ser enviado às minas.

No terceiro dia, eles cremaram a rainha morta e o meu pai deu à criança o nome de Istra.

– É um bom nome; um nome muito bom. E agora você já tem conhecimento o bastante para me dizer como ele seria em grego – disse Raposa.

– Seria Psique, vovô – disse eu.

Crianças recém-nascidas não eram raridade no palácio; o lugar estava repleto de bebês de escravos e dos bastardos de meu pai. Às vezes ele dizia: “Malandros devassos! Qualquer um poderia pensar que esta é a casa de Ungit, não a minha”, e ameaçava afogar uma dúzia dessas crianças como cachorrinhos cegos. Mas, no fundo do seu coração, ele tinha em alta conta os escravos, especialmente se eles tivessem filhos com metade das donzelas do lugar e principalmente se fossem meninos – as meninas, a menos que fossem suas filhas preferidas, eram em sua maioria vendidas quando cresciam e algumas eram dadas à casa de Ungit. Mas, pelo fato de eu ter amado – um pouco – a rainha, fui ver Psique naquela noite, tão logo Raposa se recolheu para descansar. E, assim, em apenas uma hora, passei da pior angústia que jamais sentira à primeira de todas as minhas alegrias.

A criança era muito grande, não uma coisinha frágil, como poderia se esperar que fosse, por causa da estatura da mãe – e tinha a pele muito clara. Era possível perceber que ela iluminava todos os cantos do quarto no qual estava. Ela dormia, e o som de sua respiração era ínfimo. Em se tratando de silêncio enquanto se é um bebê de berço, nunca houve uma criança como Psique. Enquanto eu olhava atentamente para ela, Raposa chegou na ponta dos pés e espiou por cima de meu ombro.

– Agora, por todos os deuses – ele sussurrou –, velho tolo que sou, eu seria capaz até de acreditar que realmente há sangue divino em nossa família. A própria Helena,* quando nasceu, também deve ter dado às pessoas essa impressão.

Batta havia colocado Istra sob os cuidados de uma mulher ruiva e taciturna (como a própria Batta) e muito apaixonada por uma jarra de vinho. Eu logo tirei a criança das mãos dela. Consegui então para cuidar dela uma mulher livre, esposa de um camponês, a mais honesta e íntegra que pude encontrar, e, depois disso, ambas, a criança e a mulher, ficavam em meus próprios aposentos, dia e noite. Batta tinha enorme prazer em que a mulher fizesse o trabalho que ela, Batta, fora designada para fazer, e o rei sabia, mas não se importava com isso. Raposa me disse:

– Não se desgaste, filha, com tanto trabalho, mesmo a criança sendo tão linda como uma deusa.

Eu, no entanto, ri na cara dele. Naqueles dias, acho que ri como nunca em toda a minha vida antes. Labuta? Perdi mais sono olhando para Psique pela simples alegria de olhá-la do que por qualquer outra coisa. E ria porque ela estava sempre sorrindo. Ela sorriu antes do terceiro mês. E com certeza já me conhecia (embora Raposa dissesse que não) antes do segundo.

Esse foi o começo dos meus melhores tempos. O amor de Raposa pela criança era maravilhoso; supus que muito antes, quando ele era livre, deve ter tido sua própria filha. Ele era agora como um verdadeiro avô. E então éramos só nós três juntos – Raposa, Psique e eu. Redival sempre odiara nossos ensinamentos e, por medo do rei, nunca se aproximara de Raposa. Agora parecia que o rei havia descartado de sua vida todas as suas três filhas, e Redival ficava fechada em seu próprio

* Referência a Helena de Troia, adorada pelos gregos como deusa da beleza. (N.T.)

mundo. Ela estava ficando bem alta, com os seios arredondados e as longas pernas tomando forma. Com certeza ficaria muito bonita, mas não tanto quanto Psique.

Sobre a beleza de Psique, que a cada idade teve uma beleza própria, pode-se dizer somente que, uma vez que se olhasse para ela, não havia dúvidas, da parte de homens ou de mulheres; nela havia uma beleza que não impressionava no primeiro momento, mas somente depois, ao se sair de perto dela e refletir sobre sua beleza.

Enquanto ela estava ao lado de alguém, sua beleza não era algo que impressionasse. Parecia a beleza mais natural do mundo. Como Raposa gostava de dizer, ela parecia “de acordo com a natureza”; algo que toda mulher, ou mesmo qualquer coisa, deveria ser ou desejar ser, mas que é perdido por mera obra do acaso. Na verdade, ao olharmos para ela, percebíamos que não havia perdido essa naturalidade. Ela transformava em beleza tudo que estivesse ao seu redor. Quando caminhava sobre a lama, a lama se tornava bela; quando corria na chuva, a chuva ficava prateada. Quando pegava um sapo – em minha opinião, ela nutria o mais estranho e improvável sentimento de amor por todos os tipos esquisitos –, ele se tornava belo.

Sem dúvida, naquela época os anos se passavam da mesma maneira como se passam agora, mas, em minha memória, eles parecem ter sido todos primaveras e verões. Tenho a sensação de que, naqueles anos, as amendoeiras e cerejeiras floresceram mais cedo e suas flores permaneceram abertas por mais tempo. Como elas resistiram aos ventos não sei, pois vejo galhos sempre balançando e dançando nos céus azuis e brancos e suas sombras fluindo como água sobre todas as colinas e vales do corpo de Psique. Eu queria ter um marido para poder ter sido sua verdadeira mãe. Eu queria ser um menino para que ela pudesse se apaixonar por mim. Queria que ela fosse minha irmã de verdade, e não minha meia-irmã. Queria que ela fosse uma escrava para que eu pudesse libertá-la e fazê-la rica.

Raposa era agora de confiança a tal ponto que, quando meu pai não precisava dele, ele tinha a permissão de nos levar para qualquer parte, mesmo que a muitas léguas do palácio. No verão, ficávamos sempre fora quase que o dia inteiro, no topo da colina a sudeste, contemplando toda Glome e a região da Montanha Cinzenta. Fixávamos nossos olhos

sobre aquele cume de pontas afiadas até que conhecêssemos todos os dentes e entalhes dele, pois nenhum de nós havia ido até lá ou visto o que havia do outro lado. Psique apaixonou-se pela Montanha quase que desde o princípio, pois era uma criança de raciocínio muito rápido. Ela inventava para si mesma histórias sobre a Montanha.

- Quando eu crescer, serei uma grande, grande rainha, casada com o maior de todos os reis, e construirei para mim um castelo de ouro âmbar ali em cima, bem no topo - ela disse.

Raposa aplaudiu e cantou:

- Mais bonita que Andrômeda, mais bonita que Helena, mais bonita que a própria Afrodite.

- Fale palavras de melhor presságio, vovô - eu disse, embora soubesse que ele reclamaria e zombaria de mim por dizer isso. Pois, diante de suas palavras, naquele dia de verão em que as rochas estavam quentes demais para serem tocadas, aconteceu como se a mão de alguém, suave e fria, fosse colocada sobre meu ombro esquerdo, e eu tremi.

- Imagina! São suas palavras que não trazem bons presságios. A Natureza Divina não é assim. Ela não tem inveja das coisas - disse Raposa.

No entanto, o que quer que tenha dito, eu sabia que não era bom falar desse jeito sobre Ungit.

Capítulo 3

FOI REDIVAL QUEM COLOCOU UM FIM em nossa alegria momentânea. Ela sempre tinha sido frívola, e agora se tornara ainda mais devassa, e tudo o que fazia era ficar beijando e sussurrando palavras de amor para um jovem oficial da guarda – um tal de Tarin – bem sob a janela de Batta, cerca de uma hora depois da meia-noite. Na primeira parte da noite Batta havia dormido, depois de tomar vinho, mas agora estava acordada. Como era intrometida e mexeriqueira, ela logo foi acordar o rei, que a amaldiçoou, mas acreditou nela. Ele estava em pé e com alguns homens armados ao seu lado e saiu até o jardim, surpreendendo os amantes antes que eles pudessem perceber o que estava acontecendo. A casa inteira acordou com o barulho. O rei chamara um curandeiro para transformar Tarin em um eunuco ali mesmo, e tão logo estivesse recuperado, seria vendido em Ringal. Os gritos do rapaz mal sumiram em um choro antes que o rei se voltasse para Raposa e para mim, culpando-nos por todo o ocorrido. Por que Raposa não tomara conta de suas pupilas? Por que eu não cuidara de minha irmã? O fim da história foi uma ordem estrita para que jamais a perdêssemos de nossa vista.

– Aonde quer que forem e o que quer que façam – disse meu pai –, a desqualificada deve ficar com vocês. Eu lhe digo, Raposa, se ela perder a virgindade antes que eu lhe encontre um marido, você vai ter muito mais motivos para sofrer do que ela. Procure um esconderijo. E você, filha gnomo, faça aquilo que é boa em fazer, é o melhor que você faz. Em nome de Ungit! É um milagre que você, com esse rosto, não consiga espantar os homens.

Redival ficou extremamente assustada com a ira do rei e passou a obedecer-lhe. Ela estava sempre conosco. E esse acontecimento logo esfriou qualquer amor que tivesse por Psique ou por mim. Ela bocejava, discutia e zombava. Nada do que Psique – que era uma criança tão alegre, tão verdadeira, tão obediente que (dizia Raposa) nela a própria

Virtude havia tomado forma humana – fizesse parecia certo aos olhos de Redival. Um dia, Redival bateu nela. Então não pude me conter até me dar conta de que eu estava montada sobre Redival, ela no chão com o rosto coberto de sangue e as minhas mãos em seu pescoço. Foi Raposa quem me tirou dali e, no fim, algum tipo de paz se estabeleceu entre nós.

Assim, toda a tranquilidade que havia entre nós se acabou quando Redival se uniu a nós. E, depois disso e aos poucos, um a um, vieram os problemas que finalmente destruíram a todos nós.

O ano seguinte ao que lutei com Redival foi o primeiro de más colheitas. Naquele mesmo ano, meu pai tentou se casar – como Raposa me contara – com duas casas reais de seus reis vizinhos, sem sucesso. O mundo estava mudando e a grande aliança com Caphadhavia havia se mostrado uma falsidade. A maré estava contra Glome.

Naquele mesmo ano, também aconteceu um pequeno incidente que me fez estremecer. Raposa e eu estávamos atrás das pereiras, refletindo profundamente sobre a sua filosofia. Psique saíra para passear sozinha, cantando, entre as árvores, até o limite dos jardins reais, de onde dava para ver a estrada. Redival foi atrás dela.

Eu tinha um olho pregado em ambas e outro, em Raposa. Então, tive a impressão de que conversavam com alguém na estrada e logo depois disso voltaram.

Redival, zombando, curvou-se duas vezes diante de Psique e passou a jogar terra sobre a própria cabeça.

– Por que vocês não honram a deusa? – ela nos perguntou.

– O que você quer dizer, Redival? – perguntei, cansada, pois sabia que ela já devia estar preparando uma nova vingança.

– Você não sabia que a nossa meia-irmã tornou-se uma deusa?

– O que ela quer dizer, Istra? – perguntei. (Eu nunca mais a chamei de Psique depois que Redival se juntou a nós.)

– Vamos, meia-irmã deusa, fale – disse Redival. – Tenho certeza de que sempre me disseram o quanto você é uma pessoa sincera, portanto sei que não vai negar que tem sido adorada como a uma deusa.

– Não é verdade – disse Psique. – Tudo o que aconteceu foi que uma mulher com uma criança pediu que eu a beijasse.

– Ah... mas por quê? – perguntou Redival.

– Porque... porque ela disse que sua filha seria linda se eu a beijasse.

– *Porque você mesma é muito linda. Não se esqueça disso.*

Ela falou isso.

– E o que você fez, Istra? – perguntei.

– Eu a beijei. Ela era uma mulher amável. Eu gostei dela.

– E não se esqueça de que ela então colocou um ramo de murta a seus pés, curvou-se e colocou terra sobre a própria cabeça – disse Redival.

– Isso já aconteceu antes, Istra? – perguntei.

– Sim, algumas vezes.

– Com que frequência?

– Não sei.

– Umas duas vezes?

– Mais.

– Umas dez vezes?

– Não, mais. Não sei. Não lembro. Por que está me olhando assim?

Isso é errado?

– Bem, é perigoso. Perigoso – respondi. – Os deuses são ciumentos. Eles não suportam...

– Filha, isso não tem a menor importância – interview Raposa. – A Natureza Divina não tem ciúmes. Esses deuses, os tipos de deuses nos quais você está sempre pensando, isso tudo é tolice e mentiras de poetas. Já falamos sobre isso umas cem vezes.

– Viva! – disse Redival com desdém, deitada na grama e chutando o ar até que se pudesse ver tudo dela. Ela agia assim simplesmente para fazer com que Raposa ficasse envergonhado, pois o velho homem era muito tímido. – Viva, uma meia-irmã como deusa e um escravo como conselheiro. Quem seria a princesa de Glome? Eu me pergunto o que Ungit acharia de nossa nova deusa.

– Não é muito fácil descobrir o que Ungit pensa – disse Raposa.

Redival virou-se e repousou sua face sobre a grama. Olhando então para ele, disse suavemente:

– Mas seria fácil descobrir o que o Sacerdote de Ungit pensa. Posso tentar?

Todo o velho medo que sentia do Sacerdote e os outros temores que eu tinha em relação ao futuro, todos que eu pudesse descrever, repousaram sobre mim.

- Irmã - disse-me Redival -, dê-me o seu colar com as pedras azuis, aquele que a nossa mãe lhe deu.

- Pegue - eu disse. - Eu lhe darei quando entrarmos.

- E você, escravo - ela disse a Raposa -, tenha bons modos. E faça com que meu pai me dê em casamento a algum rei; e ele deve ser um rei jovem, corajoso, de barba loira e vigoroso. Você é capaz de fazer o que quiser com meu pai quando está trancado com ele na Sala da Coluna. Todos sabem que você é o verdadeiro rei de Glome.

No ano seguinte, tivemos uma rebelião, organizada pelo tal Tarin, que havia sido castrado por ordem de meu pai. Tarin não era de uma grande linhagem - para fazer parte de uma casa real -, e o rei havia julgado que o pai dele não teria qualquer condição de vingá-lo. No entanto, o pai fez um acordo com alguns homens mais poderosos que ele e cerca de nove senhores importantes do noroeste levantaram-se contra nós. Meu pai foi, ele mesmo, ao campo - e quando eu o vi montado e com sua armadura, cheguei perto de amá-lo como nunca havia chegado até então - e derrotou os rebeldes, com muita gente morta de ambos os lados e, em minha opinião, mais homens mortos e derrotados do que o necessário. O episódio deixou para trás um enorme mau cheiro e muita falta de lealdade. Quando tudo terminou, o rei estava mais fraco do que antes.

Aquele ano foi a segunda má colheita e o princípio da febre. No outono, Raposa foi acometido por ela e quase morreu. Eu não poderia ficar sem ele, pois assim que Raposa adoeceu o rei disse: "Agora, menina, você pode ler, escrever e matraquear em grego. Terei trabalho para você. Você deve assumir o lugar de Raposa". Assim, eu estava quase sempre na Sala da Coluna, pois, à época, havia muitas tarefas a serem feitas. Embora eu temesse demais por Raposa, o trabalho com meu pai foi muito menos assustador do que eu esperava. Ele passou, com o tempo, a me odiar menos. No final, falava comigo, certamente não com amor, mas amigavelmente, como um homem falaria com outro homem. Aprendi como eram desesperadoras as suas atribuições. Nenhuma casa de sangue divino da vizinhança (e, legalmente, a nossa não pode se unir a outra que não seja) levaria as filhas dele ou lhe entregaria as suas. Os nobres estavam todos especulando sobre a sucessão. Havia ameaças de guerra por todos os lados e nenhuma casa que quisesse se unir a nenhum deles.

Foi Psique quem cuidou de Raposa, embora em tese fosse proibida de fazê-lo. Sim, ela atacaria e lutaria com qualquer um que se colocasse entre ela e a porta do aposento de Raposa, pois também tinha o sangue quente de nosso pai, embora sua ira fosse do tipo que vem acompanhada de amor. Raposa, por causa de sua enfermidade, ficou mais magro e cinza do que antes. Agora veja só a sutileza do deus que está contra nós. A história da recuperação de Raposa e do cuidado de Psique com ela espalhou-se por outras terras; Batta, por si mesma, encarregou-se de espalhar a notícia, junto com um grande número de outros fanfarrões. Na verdade, o episódio transformou-se na história de como uma bela princesa podia curar a febre de alguém com o simples toque de suas mãos e, em pouco tempo, na história de como o seu toque era a única coisa capaz de curar uma enfermidade. Em dois dias, metade da cidade estava à porta do palácio – maltrapilhos, pessoas que se ergueram de suas camas, velhos ávidos por salvarem suas vidas como se elas pudessem ser trocadas por suas economias de um ano, bebês, homens enfermos quase mortos e desenganados. Fiquei olhando para eles por trás das janelas e prestando atenção em toda a tristeza e o terror da cena, o cheiro de suor, de febre, de alho e de roupa suja.

– A princesa Istra – gritavam. – Enviem-nos a princesa com suas mãos curadoras. Nós morreremos! Cura, cura, cura!

– E pão – clamavam outras vozes. – O celeiro real! Estamos famintos.

Foi assim no começo, enquanto estavam um pouco distantes do portão. Mas eles foram se aproximando. Em pouco tempo estavam batendo. Alguém dizia:

– Tragam fogo.

Mas, por trás destes, vozes mais fracas pediam:

– Cure-nos, cure-nos. A princesa com as mãos que curam!

– Ela vai ter que sair – disse meu pai. – Não podemos detê-los (dois terços dos guardas estavam acamados por causa da febre).

– Ela pode curá-los? Ela o curou? – perguntei a Raposa.

– É possível – respondeu. – Estaria de acordo com a natureza que as mãos de alguém sejam capazes de curar. Quem sabe?

– Deixe-me sair – disse Psique. – Eles são o nosso povo.

– Eles são a nossa ralé! – disse meu pai. – Se eu colocar a mão no meu chicote e lançá-lo sobre eles, vão pagar por este dia de trabalho que

estão desperdiçando. Mas, vá, rápido. Vista a menina. Ela tem beleza o bastante, isso é verdade. E carisma.

Eles colocaram nela um vestido de rainha, puseram uma grinalda sobre sua cabeça e então abriram a porta. Sabe aquelas situações em que derramamos pouca ou nenhuma lágrima, mas sentimos um peso e uma pressão enormes em nossa cabeça, com vontade de chorar de verdade? É essa a lembrança que tenho comigo, quando me lembro do momento em que Istra saiu, esguia e ereta como um cetor, da escuridão e do frio do salão para a luz ofuscante daquele dia. No momento em que as portas se abriram, as pessoas recuaram, empurrando umas às outras. Tive a impressão de que estavam esperando uma avalanche de homens armados com lanças. No entanto, um minuto depois, os lamentos e gritos cessaram. Todos os homens – e também muitas mulheres – em meio àquela multidão estavam se ajoelhando. A beleza de Psique, que a maioria daquelas pessoas jamais havia contemplado, teve sobre elas o efeito do medo. E então começou um murmúrio tímido, quase que um soluço, e o murmúrio foi aumentando e irrompeu num grito ofegante: “É uma deusa, uma deusa”. A voz de uma mulher soou límpida. “É a própria Ungit em forma humana.”

Psique seguiu adiante, andando lenta e solenemente, como uma criança quando vai declamar um texto decorado, bem ali, em meio a todo o mau cheiro. Ela tocou nas pessoas muitas e muitas vezes, que se curvaram diante dela e beijaram os seus pés e a extremidade de seu manto e a sua sombra e também o chão onde ela havia pisado. E ela tocou mais e mais nas pessoas. A cena parecia não ter fim e, em vez de se dissipar, a multidão aumentava. Por horas ela ficou no meio das pessoas, tocando-as. O ar estava sufocante até mesmo para nós, que estávamos à sombra da varanda. Toda a terra e todo o ar ansiavam pela tempestade que – agora sabíamos – viria acompanhada de raios e trovões. Eu a vi ficando cada vez mais pálida. Sua caminhada tornou-se mais difícil, cambaleante.

– Rei, isso vai matá-la – eu disse.

– Dos males, o menor – disse o rei. – Se ela parar, eles matarão todos nós.

Por fim, em algum instante perto do pôr do sol, tudo acabou.

Nós a carregamos para a sua cama e, no dia seguinte, ela acordou com a febre. Mas resistiu a ela. Na maior parte do tempo, em seus delírios, ela falava de seu castelo de ouro e âmbar, no cume da Montanha Cinzenta. Mesmo em seu pior momento, não havia aparência de morte em seu rosto. É como se a morte não ousasse chegar perto dela. E, quando retomou as suas forças, ela estava mais linda do que antes. Sua ingenuidade infantil havia desaparecido. Havia nela um brilho novo e mais sério.

- Ah, não seria de se admirar - entoou Raposa - se os troianos e os gregos derramassem longos ais por essa mulher. Ela tem a aparência quase que inquestionável de uma alma imortal.

Alguns dos doentes da cidade morreram e outros se recuperaram. Somente os deuses sabem se os que se recuperaram foram os que Psique tocou, mas os deuses não contam nada a ninguém. Contudo o povo, em princípio, não teve dúvidas em relação a isso. Toda manhã havia ofertas deixadas para ela do lado de fora do palácio - ramos de murta, grinaldas e, em pouco tempo, tortas de mel e depois pombos, pássaros que, para Ungit, são tidos como especialmente sagrados.

- Será que isso vai acabar bem? - perguntei a Raposa.

- Eu deveria até estar muito temeroso - ele respondeu -, exceto por uma razão. O Sacerdote de Ungit está com a febre. Neste momento, não acho que ele esteja em condições de nos fazer algum mal.

Nesse tempo, Redival tornara-se uma pessoa muito piedosa e ia com frequência à casa de Ungit levar oferendas. Raposa e eu observamos que nessas idas ela sempre levava a tiracolo um velho escravo de confiança, que a protegeria do que quer que fosse. Pensei que ela estivesse orando para conseguir um marido - ela desejava muito ter um, desde que o rei a havia, de certo modo, acorrentado ao velho Raposa e a mim - e também que estivesse contente por estar fora de nossa vista por uma hora, bem como nós da dela. No entanto, eu a adverti para que não falasse com ninguém no caminho.

- Ah, irmã, fique tranquila - disse Redival. - Não é a mim que eles adoram, você sabe. Eu não sou a deusa. Os homens estão mais propensos a olharem para vocês do que para mim, pois agora eles viram Istra.

Capítulo 4

ATÉ ENTÃO, EU NÃO SABIA como eram as pessoas comuns. É por isso que a veneração que elas tinham por Psique, que de certo modo me assustava, também me consolava, pois eu estava confusa. Às vezes pensava no que Ungit, com seu poder divino, faria a qualquer mortal que ousasse desonrá-la, ou no que o Sacerdote e os nossos inimigos da cidade – meu pai agora tinha muitos inimigos – seriam capazes de fazer com suas línguas, pedras ou lanças. Contra os últimos, o amor do povo por Psique parecia ser uma proteção.

Proteção que não durou muito tempo. Pois o povo agora sabia que se alguém batesse em alguma porta do palácio ela se abriria. Antes que Psique se recuperasse de sua febre, a multidão estava de volta em frente aos nossos portões gritando:

– Milho, milho! Estamos famintos. Abram os celeiros reais. – Dessa vez o rei deu-lhes um donativo.

– Mas não retornem – disse o rei. – Não tenho mais para lhes dar. Em nome de Ungit! Vocês acham que posso fazer milho se os campos não o produzirem?

– E por que eles não produzem? – perguntou uma voz atrás da multidão.

– Onde estão os seus filhos, rei? – perguntou outra. – Onde está o príncipe?

– O rei de Fars tem treze filhos – disse outra.

– Rei estéril produz terra estéril – disse uma quarta. Dessa vez o rei viu quem havia falado e fez sinal para um dos arqueiros que estavam ao seu lado. Quase que imediatamente, a flecha atravessou a garganta do homem e o povo partiu em disparada. Entretanto, foi um gesto imprudente – meu pai deveria ter matado quase todos ou nenhum. No entanto, ele estava, de fato, certo ao dizer que não lhes poderíamos dar mais donativos. Essa tinha sido a segunda das más colheitas e havia

pouca coisa no celeiro, apenas as nossas próprias sementes de milho. Mesmo no palácio já estávamos vivendo, havia um bom tempo, de alho-poró, migalhas de pão e bebida fermentada. Foi preciso pensar muito para conseguir cozinhar alguma coisa nutritiva para Psique, enquanto ela se recuperava da febre.

Depois disso, tão logo Psique ficou bem, deixei a Sala da Coluna, onde havia trabalhado para o rei – depois que eu saí, ele ainda manteve Raposa trabalhando para ele –, e comecei a procurar por Redival, lembrando-me sempre de que deveria zelar por ela. O rei não iria sequer se lembrar que havia me mantido longe dela, trabalhando para ele o dia todo e com certeza iria responsabilizar-me por não manter os meus olhos bem em cima dela. Mas aconteceu de eu encontrá-la retornando de uma de suas visitas à casa de Ungit e Batta estava com ela. Nessa época, elas duas eram como unha e carne.

– Você não precisa vir procurar por mim, irmã carcereira – disse Redival. – Já tenho proteção o suficiente. Não é aqui que mora o perigo. Quando você viu pela última vez a pequena deusa? Onde está sua meia-irmã querida?

– No jardim, muito provavelmente – respondi. – E, quanto à *pequena*, ela é um pouco mais alta que você.

– Misericórdia! Eu disse uma blasfêmia? Ela me punirá com um raio? Sim, ela é alta o bastante. Alta o bastante para vê-la bem de longe, como fez há meia hora, em uma pequena trilha perto da praça do mercado. Uma filha do rei em geral não anda sozinha pelas ruas; mas suponho que uma deusa possa andar, sim.

– Istra sozinha na cidade? – perguntei.

– Com certeza era ela – retrucou Batta. – Correndo apressada com seu manto, se esgueirando pelas ruas. Assim... assim... (Batta era péssima em imitar as pessoas, mas sempre as imitava. Eu me lembro dela fazendo isso desde os meus primeiros anos.) – Eu a teria seguido, a jovem metidinha, mas ela passou pela porta e foi embora.

– Bem, bem – eu disse –, a criança deveria mesmo saber disso. Mas ela não fará nenhum mal a ninguém.

– Nenhum mal! – disse Batta. – Nós não temos como saber se ela vai ou não fazer mal a alguém.

– Você está louca, ama? – perguntei. – Há menos de seis dias as pessoas a estavam adorando.

– Não sei nada sobre isso – disse Batta (que sabia perfeitamente bem o que estava acontecendo). – Mas hoje ela será bem pouco adorada. Eu bem sabia qual seria o resultado de todos esses toques e todas essas bênçãos. As coisas vão indo mesmo muito bem! A epidemia está pior do que antes. O cunhado da esposa do ferreiro me contou que ontem morreram cem pessoas. Eles dizem que os toques não curaram a febre, ao contrário, a transmitiram. Falei com uma mulher cujo pai idoso foi tocado pela princesa e morreu antes que pudesse ser levado de volta para casa. E ele não foi o único. Se alguém tivesse dado ouvidos ao que a velha Batta disse...

Não dei mais ouvidos a ela. Saí para a varanda e olhei em direção à cidade. Fiquei observando por uma longa meia hora. Vi as sombras das colunas lentamente mudando de posição e foi então que, pela primeira vez, eu me dei conta de como as coisas que conhecemos desde sempre e com as quais nos acostumamos podem parecer novas e estranhas, como se fossem inimigos. Por fim, vi Psique chegando, muito cansada, mas muito apressada. Ela segurou em minhas mãos e engoliu seco, como alguém que está com um soluço preso na garganta, e foi me levando com ela, sem parar, até que tivéssemos chegado aos meus aposentos. Ela então me fez sentar em minha cadeira, ajoelhou-se e deitou a cabeça sobre meus joelhos. Pensei que estivesse chorando, mas quando, enfim, ergueu o rosto não havia lágrimas nele.

– Irmã, o que há de errado? Quero dizer, o que há de errado comigo – perguntou.

– Com você, Psique? Nada – respondi. – O que você está querendo dizer?

– Por que eles me chamam de Amaldiçoada?

– Quem ousou dizer isso? Nós vamos torcer a língua de quem falou isso. Onde você esteve?

Tudo então veio à tona. Ela tinha ido – e pensei que isso tinha sido uma bobagem dela – à cidade sem nos avisar. Tinha ouvido alguém dizer que sua velha ama, a mulher livre que eu contratara para amamentá-la e que agora vivia na cidade, estava doente por causa da febre. E Psique fora tocá-la.

- Porque todos eles haviam dito que a minha mão curava e pensei, quem sabe? Talvez acontecesse isso mesmo. Senti como se elas pudessem mesmo curar.

Eu lhe disse que ela tinha agido de uma maneira muito errada e foi então que percebi o quanto ela havia amadurecido desde que havia ficado doente, pois ela sequer recebeu a repreensão que a dei como as crianças em geral recebem, nem se defendeu como as crianças geralmente se defendem. Em vez disso, olhou para mim com um silêncio profundo, quase como se fosse mais velha do que eu. Senti uma pontada em meu coração.

- Mas quem a amaldiçoou? - perguntei.

- Não tinha acontecido nada até o momento em que deixei a casa da ama, a única coisa estranha era que ninguém me cumprimentava mais pelas ruas e tive a impressão de que uma ou duas mulheres, em um gesto combinado, afastaram-se de mim enquanto eu passava. Então, no caminho de volta, primeiro encontrei um menino - era um menino lindo, não tinha nem oito anos - que me encarou e cuspiu no chão. "Grosso!", eu disse, sorri e estendi minha mão para ele, que franziu as sobrancelhas negras como um diabinho e então perdeu toda a sua coragem e saiu correndo por uma ruela. Depois disso, a rua ficou vazia por um trecho e então tive de passar por um grupo de homens. Enquanto eu passava, eles me olharam com cara de poucos amigos e, tão logo dei as costas, disseram: "A Amaldiçoada, a Amaldiçoada! Ela transformou a si mesma numa deusa". E um deles disse: "Ela é a própria maldição". Então jogaram pedras em mim. Não, não estou ferida. Mas tive de correr. O que isso significa? O que eu fiz a eles?

- O que você fez? - perguntei. - Você os curou, os abençoou e tomou as suas enfermidades imundas para si. E é assim que agradecem. Ah, eu poderia rasgá-los em pedaços! Levante-se, filha. Deixe-me ir. Vou agora mesmo. Ainda somos filhas do rei. Vou falar com o rei. Ele pode me bater, me arrastar pelos cabelos se quiser, mas isso ele vai ouvir. E ainda pedem pão. Eu... eu...

- Fique calma, irmã, fique calma - disse Psique. - Não suporto vê-la sofrer. E estou tão cansada. Quero o meu jantar. Não fique chateada. Você parece o nosso pai quando diz essas coisas. Vamos jantar aqui, você e eu. Há algumas coisas ruins vindo em nossa direção, eu tenho

sentido isso há um bom tempo; mas não acho que vai acontecer nada esta noite. Vou chamar as suas servas.

Embora as palavras *você parece o nosso pai*, vindas dela, me machucassem como se alguém cutucasse uma ferida que às vezes ainda dói, eu cedi aos pedidos dela e esperei a minha raiva passar. Jantamos juntas e transformamos a nossa pobre refeição em uma piada e em um jogo e estávamos, de certo modo, felizes. Há uma coisa que os deuses não tiraram de mim – ainda me lembro como se fosse hoje de tudo o que ela disse ou fez naquela noite, como também de sua aparência, a cada momento.

No entanto, no dia seguinte, apesar das previsões do meu coração, nossa ruína – e até mesmo agora não consigo compreender bem como seria essa ruína – não caiu sobre nós. Muitos dias se passaram, dias nos quais nada aconteceu, exceto pela piora lenta e constante de todas as coisas em Glome. O Shennit agora não era nada mais do que um fio d'água entre uma poça e outra, no meio da lama ressecada. Era como o cadáver de um rio e fedia. Os peixes estavam mortos, os pássaros, mortos ou desaparecidos. Todo o gado morreu, ou foi morto, ou nem para isso servia. As abelhas estavam mortas. Os leões, de quem não se ouvia falar no país havia quarenta anos, subiram ao cume da Montanha Cinzenta e levaram as poucas ovelhas que nos restaram. A praga não cessou. Durante todos esses dias eu ficava esperando e escutando, vigiando – quando podia – todos os que saíam ou entravam no palácio. Foi bom para mim que o rei encontrasse bastante trabalho para Raposa e eu fazermos na Sala da Coluna. Todos os dias chegavam mensageiros e cartas de reis vizinhos, exigindo coisas impossíveis e contraditórias, cobrando velhas pendências ou reivindicando antigas promessas. Eles sabiam como as coisas estavam em Glome e juntavam-se em volta de nós como moscas e corvos que se aglomeram em torno de uma ovelha morta. Meu pai se enraivecia e se acalmava dezenas de vezes em uma só manhã, quando, com ira, esbofeteava Raposa e me puxava pela orelha ou pelos cabelos. E, entre esses rompantes de fúria, as lágrimas brotavam em seus olhos e ele falava conosco mais como uma criança implorando ajuda do que como um rei que nos pedisse conselhos.

– Cai numa armadilha! – ele dizia. – Estou sem saída. Eles vão me matar lentamente. O que fiz para que todas essas desgraças caíssem sobre mim? Toda a minha vida fui um homem temente a Deus.

A única coisa boa nessa época foi que a febre parecia ter deixado o palácio. Perdemos muitos bons escravos, mas tivemos melhor sorte com os soldados. Somente um morreu e todos os outros estavam de volta ao trabalho.

Nós então ouvimos que o Sacerdote de Ungit havia se recuperado. A enfermidade dele havia sido bem longa, pois ele tinha apanhado a febre, se recuperado e a pego novamente, de modo que era de admirar que estivesse vivo. Mas algo estranho e terrível sobre essa doença é que ela matava os jovens mais facilmente do que os idosos. No sétimo dia depois dessa notícia, o Sacerdote veio ao palácio. O rei, que viu a chegada dele – como eu também vi – pela janela da Sala da Coluna, disse: “O que o velho cadáver está querendo me dizer, vindo aqui com metade de um exército?”. Havia de fato muitas lanças atrás da liteira do Sacerdote, pois a casa de Ungit tinha seus próprios guardas. E ele havia trazido um bom número deles. Eles fincaram suas lanças a certa distância dos nossos portões e somente a liteira seguiu carregada até a varanda.

– É melhor que não se aproximem mais – disse o rei. – Isso é traição ou apenas arrogância?

Ele então deu uma ordem ao capitão de sua guarda. Não acho que tenha pensado que lutaríamos uns contra os outros, mas isso era o que eu, ainda jovem, imaginava que fosse acontecer. Eu nunca tinha visto homens lutarem e, tola como a maioria das meninas, não sentia medo – pelo contrário, a ideia da luta até me empolgava um pouco e isso me agradava.

Os homens que carregavam a liteira puseram-na no chão e ajudaram a erguer o Sacerdote. Ele estava agora muito velho e cego e tinha com ele duas meninas do templo, encarregadas de guiá-lo. Eu já as havia visto antes, mas somente à luz de tochas, na casa de Ungit. Elas pareciam estranhas ao sol, com seus mamilos dourados, suas enormes perucas feitas de linho e seus rostos pintados de maneira que pareciam máscaras de madeira. Somente essas duas meninas e o Sacerdote, com as mãos apoiadas no ombro de cada uma delas, adentraram o palácio. Assim que entraram, meu pai ordenou que nossos homens fechassem e trancassem a porta. “O velho lobo não entraria em uma armadilha se quisesse fazer algum mal”, ele disse. “Vamos nos certificar disso.”

As meninas do templo levaram o Sacerdote à Sala da Coluna, onde lhe foi oferecida uma cadeira. Ele foi auxiliado para sentar-se nela.

Sem fôlego, ficou um longo tempo sentado antes de falar, fazendo um movimento de quem está mastigando algo, como fazem os velhos. As meninas permaneceram paradas, cada uma de um lado da cadeira, com os olhos parados, voltados sempre para a frente, escondidos por trás da máscara formada por sua pintura. O cheiro de um tempo passado, o cheiro dos óleos e das essências que foram colocados nas meninas e o cheiro de Ungit encheram a sala, que se tornou extremamente santa.

Capítulo 5

MEU PAI SAUDOU O SACERDOTE e desejou-lhe alegria e pleno restabelecimento, oferecendo-lhe vinho. O Sacerdote, no entanto, estendeu a mão e disse:

- Não, rei. Fiz um voto muito rigoroso e nem comida nem bebida devem passar por meus lábios até que eu tenha entregado a minha mensagem.

A essa altura, ele falava claramente, apesar de sua fraqueza, e notei o quanto havia emagrecido desde que adoecera.

- Como desejar, servo de Ungit - disse o rei. - Que mensagem é essa?

- Estou falando a ti, rei, em nome de Ungit e de todo o povo, dos anciãos e dos nobres de Glome.

- Eles todos, então, lhe enviaram com uma mensagem?

- Sim. Todos nós, ou todos os que poderiam falar por todos, reunimo-nos ontem à noite até o amanhecer, na casa de Ungit.

- Vocês fizeram isso, seus malditos e sarnentos? - perguntou meu pai, franzindo as sobrancelhas. - Então é uma nova moda realizar uma assembleia sem consentimento do rei e uma mania ainda mais nova realizá-la sem o convidar.

- Não haveria nenhuma razão para convidá-lo a participar, rei, uma vez que nos reunimos não para ouvir o que tu dirias, mas para decidirmos o que diríamos a ti.

O olhar do meu pai se transformou.

- E, uma vez reunidos - disse o Sacerdote -, avaliamos todas as dores que nos têm acometido. Primeiro, a fome, que continua a aumentar. Segundo, a pestilência. Terceiro, a seca. Quarto, a certeza da guerra no início da primavera, o mais tardar. Quinto, os leões. E, por último, rei, tua esterilidade em relação a filhos homens, o que causa um verdadeiro ódio a Ungit...

- Basta - bradou o rei. - Seu velho tolo, você acha que preciso que você ou qualquer outro sabichão me diga onde aperta o meu calo? Ungit tem ódio, é? Por que Ungit não resolve isso, então? Eu já dei a ela touros, carneiros e bodes em grande quantidade; se todo o sangue fosse quantificado, haveria o bastante para encher um navio.

O Sacerdote balançou a cabeça como se, embora cego, estivesse olhando para o rei. E pude ver melhor como sua magreza o havia mudado. Ele parecia um abutre. Tive mais medo dele do que jamais tivera. O rei abaixou os olhos.

- Enquanto a terra estiver impura, touros, carneiros e bodes não ganharão a misericórdia de Ungit - disse o Sacerdote. - Tenho servido Ungit nestes cinquenta, não, sessenta e três anos, portanto aprendi uma coisa: sua ira nunca cai sobre nós sem motivo e nunca cessa sem expiação. Tenho feito ofertas a ela por seu pai e pelo pai de seu pai e sempre foi a mesma coisa. Fomos derrotados muito tempo atrás pelo rei de Essur e isso aconteceu porque um homem do exército de seu avô se deitou com a própria irmã e matou a criança. Ele era o Amaldiçoado. Nós o descobrimos e expiamos o seu pecado e então os homens de Glome caçaram os de Essur como se caçam ovelhas. Seu pai poderia ter lhe contado como uma mulher, quase menina, amaldiçoou o filho de Ungit, o deus da Montanha, em segredo. Por causa dela vieram as enchentes. Ela era a Amaldiçoada. Nós a descobrimos e expiamos o seu pecado e as águas do Shennit retornaram ao nível normal. E agora, por meio de todos os sinais que lancei sobre ti, tu sabes que a ira de Ungit é muito maior que todas de que posso me lembrar. Foi isso o que todos nós conversamos na casa dela, na noite passada. Todos chegamos a uma conclusão: devemos encontrar o Amaldiçoado. Embora todos os homens soubessem que ele seria o Acusador, nenhum homem falou contra ele. Eu também nada tenho a dizer contra ele, embora soubesse que o Amaldiçoado poderia ser eu, ou tu, rei. Pois todos sabemos, e tu podes ter certeza disso, que não haverá reparação alguma de todas as nossas enfermidades até que a nossa terra esteja purificada. Ungit será vingada. E dessa vez não será um boi ou um carneiro que irá aquietá-la.

- Você quer dizer que ela quer um Homem? - perguntou o rei.

- Sim - disse o Sacerdote. - Ou uma Mulher.

- Se pensam que neste momento posso entregar-lhes um prisioneiro de guerra, devem estar loucos. Na próxima vez que eu capturar um ladrão, vocês podem cortar a garganta dele diante de Ungit, se quiserem.

- Isso não é o bastante, rei. Tu o sabes. Devemos encontrar o Amaldiçoado. E ela, ou ele, deve morrer pelo rito da Grande Oferenda. Um ladrão não é nada mais que um boi ou um carneiro. Este sacrifício não pode ser um sacrifício comum. Devemos fazer a Grande Oferenda. O Bruto foi visto novamente. E, quando ele vem, a Grande Oferenda deve ser feita. É assim que o Amaldiçoado deve ser oferecido.

- O Bruto? É a primeira vez que ouço sobre ele.

- Talvez seja. Parece que os reis ouvem muito pouco. Não sabem nem mesmo o que se passa em seus próprios palácios. Mas eu ouço. Fico durante muito tempo acordado no meio das noites e Ungit me diz coisas. Ouço sobre atos terríveis que são praticados nesta terra, dos mortais imitando deuses e deixando de adorar devidamente às divindades...

Olhei para Raposa e disse, silenciosamente, só com o movimento dos meus lábios: "Redival".

O rei andava de um lado para outro da sala com suas mãos apertadas uma à outra em suas costas e com seus dedos batendo um no outro.

- Você está delirando - ele disse. - O Bruto é uma fábula criada pela minha avó.

- Talvez seja mesmo - disse o Sacerdote -, pois foi na época dela que o Bruto foi visto pela última vez. E nós fizemos a Grande Oferenda e ele foi embora.

- Quem já viu esse Bruto? - perguntou meu pai. - Como ele é, hein?

- Os que estiveram mais próximos dele pouco dizem como ele é, rei. E muitos o viram ultimamente. Seu próprio chefe dos pastores o viu na Montanha Cinzenta na noite em que o leão veio. Ele se precipitou sobre o leão com uma tocha acesa. E, na claridade, ele viu o Bruto, atrás do leão, muito negro e grande, com um formato terrível.

Enquanto o Sacerdote dizia isso, o andar do rei o trouxe para próximo da mesa onde Raposa e eu estávamos sentados com os nossos blocos de papel e utensílios para escrever. Raposa deslizou ao longo do banco e sussurrou algo no ouvido de meu pai.

- Bem lembrado, Raposa - murmurou meu pai. - Fale alto. Diga isso ao Sacerdote.

- Com a permissão do rei - disse Raposa -, a fábula do pastor é muito questionável. Se o homem tinha uma tocha, naturalmente o leão teria uma grande sombra negra por trás dele. O homem estava assustado e tinha acabado de despertar do sono. E acabou tomando a sombra por um monstro.

- Esse é o tipo de sabedoria dos gregos - disse o Sacerdote. - Mas Glome não se aconselha com escravos, nem mesmo se eles forem os preferidos do rei. E se o Bruto era uma sombra e daí, rei? Muitos dizem que ele é uma sombra. Mas se essa sombra começar a descer sobre a cidade, olhe para ti mesmo. Tu tens sangue divino e, sem dúvida, não temes nada. Mas o povo temerá. O medo será tão grande que nem mesmo eu poderei detê-lo. O povo queimará o teu palácio. Te trancará dentro dele antes de queimá-lo. Tu serás mais sábio se fizeres a Grande Oferenda.

- Como ela é feita? - perguntou o rei. - Nunca foi feita uma oferenda desde que vim ao mundo.

- Ela não é feita na casa de Ungit - disse o Sacerdote. - A vítima deve ser dada ao Bruto, pois o Bruto é, misteriosamente, a própria Ungit ou o filho dela, o deus da Montanha, ou ambos. A vítima é levada até a montanha e dada à Árvore Santa. Ali ela é amarrada e deixada. O Bruto então chega. É por isso que, agora mesmo, ao falares de oferecer um ladrão, provocastes a ira de Ungit. Na Grande Oferenda, a vítima deve ser perfeita, pois, na língua santa, um homem assim oferecido é chamado de marido de Ungit e uma mulher é chamada de noiva do filho de Ungit. E ambos são chamados de Ceia do Bruto. E quando o Bruto é Ungit, ele se deita com o homem e quando ele é seu filho, ele se deita com a mulher. E, em ambas as situações, a vítima é devorada, degustada... muitas coisas diferentes são ditas... muitas histórias sagradas... muitos grandes mistérios. Alguns dizem que o amar e o devorar são a mesma coisa, pois na língua sagrada dizemos que uma mulher que se deita com um homem o devora. É por isso que tu estás tão equivocado, rei, quando pensas que um ladrão ou um escravo exausto ou covarde capturado em batalha serviriam para serem dados como a Grande Oferenda. O melhor escravo da terra não é bom o bastante para essa função.

A frente do rei, eu vi, estava suada agora. A santidade e o horror das coisas divinas estavam pouco a pouco tomando forma naquela sala. De repente, Raposa disse:

- Mestre, mestre, deixe-me falar.

- Vá em frente - disse o rei.

- O senhor não vê, mestre - disse Raposa -, que o Sacerdote está falando besteira? Que a sombra deve ser um animal, que é também uma deusa, que é também um deus e que amar é o mesmo que devorar; uma criança de seis anosalaria com mais consciência. Há um minuto, a vítima desse sacrifício abominável deveria ser o Amaldiçoado, a pessoa mais perversa de toda a terra, oferecida como punição. E agora deve ser a melhor pessoa de toda a terra, a vítima perfeita, casada com um deus, como uma recompensa. Pergunte-lhe sobre qual das duas ele está falando. Não pode ser de ambas.

Se quando Raposa começou a falar eu ainda tinha alguma esperança, naquele momento ela se desfez. Esse tipo de conversa não levaria a lugar algum. Eu sabia o que havia acontecido com Raposa - ele havia esquecido de todos os seus ardis e até mesmo, em certo sentido, do seu amor e de seus temores por Psique, simplesmente porque as coisas como as que o Sacerdote estava dizendo desafiaram toda a sua paciência (eu já percebi que todos os homens, não apenas os gregos, se têm bom senso e línguas afiadas, fazem o mesmo).

- Estamos ouvindo sabedoria grega demais nesta manhã, rei - disse o Sacerdote. - E já a conheço bem. Não é preciso que um escravo me ensine nada disso. A sabedoria grega é muito sutil. Mas não traz chuva, nem faz crescer o milho; só o sacrifício faz ambas as coisas acontecerem. A sabedoria não dá aos gregos sequer a coragem para morrer. Aquele grego ali é seu escravo porque em alguma batalha ele entregou os seus braços e deixou que amarrassem as suas mãos, que o levassem e o vendessem, em vez de entregar o seu coração a um golpe de lança. Muito menos essa sabedoria dá a eles o poder de compreender as coisas sagradas. Eles querem enxergar essas coisas claramente, como se os deuses não fossem mais que páginas escritas em um livro. Eu, rei, tenho lidado com os deuses por três gerações de homens e sei que eles *cegam os nossos olhos e ficam saltando de um lado para outro, como redemoinhos sobre um rio e nada que seja dito claramente pode ser dito verdadeiramente sobre eles. Lugares santos são lugares escuros. E são vida e força, não o conhecimento e as palavras, que recebemos neles. A santa sabedoria não é clara e transparente como a água, mas*

densa e escura como o sangue. Por que o Amaldiçoado não poderia ser ao mesmo tempo o melhor e o pior?

O Sacerdote parecia cada vez mais esquelético à medida que falava, exatamente como o pássaro-máscara que repousava sobre os seus joelhos. Raposa sentou-se arqueado, com os olhos fixos sobre a mesa. Acho que a acusação de ter sido capturado na guerra havia caído como um ferro quente sobre velhas úlceras da sua alma. Se eu tivesse poder, com certeza teria enforcado o Sacerdote e transformado Raposa em rei, mas era fácil perceber de que lado estava o poder.

- Bem, bem - disse o rei, apressando-se -, tudo isso pode muito bem ser verdade. Não sou nem sacerdote nem apreciador dos gregos. Ambos costumavam me dizer que eu era o rei. E agora?

- Estando, portanto - disse o Sacerdote -, determinados a procurar o Amaldiçoado, lançamos a sorte santa. Primeiro perguntamos se o Amaldiçoado seria encontrado entre os comuns. E a sorte disse "Não".

- Continue, continue - disse o rei.

- Não consigo falar depressa - disse o Sacerdote. - Já não tenho fôlego para isso. Perguntamos então se ele estava entre os anciãos. E a sorte disse "Não".

Havia uma cor estranha estampada no rosto do rei agora. Seu medo e sua ira estavam em equilíbrio e nem ele nem ninguém mais seria capaz de dizer qual dos dois sentimentos iria vencer.

- Então perguntamos se ele estaria entre os nobres. E a sorte disse "Não".

- E então você perguntou? - disse o rei, aproximando-se dele e falando baixo. E o Sacerdote respondeu:

- Então nós perguntamos se ele estaria na casa do rei. E a sorte disse "Sim".

- Muito bem - disse o rei, quase sem fôlego. - Sim. Pensei nisso. Senti cheiro disso desde o princípio. Traição em nova roupagem. Traição. - Então disse ainda mais alto: - Traição! - Imediatamente ele se colocou à porta, urrando: - Traição! Traição! Guardas! Bardia! Onde estão meus guardas? Onde está Bardia? Enviem-me Bardia.

Houve uma correria, um tinir de ferros e os guardas entraram correndo na sala. Bardia, seu capitão, um homem muito honesto, adentrou o salão.

- Bardia - disse o rei -, há muitas pessoas à minha porta hoje. Tome os homens que achar necessário e ataque esses rebeldes que se posicionam com lanças lá fora, contra o portão. Não os disperse, mate-os. Mate-os, entendeu? Não deixe sequer um vivo.

- Matar guardas do templo, rei? - perguntou Bardia, olhando para o rei, para o Sacerdote e novamente para o rei.

- Ratos do templo! Delatores do templo! - gritou o rei. - Você está surdo? Está com medo? Eu... eu... - E sua fúria o sufocou.

- Isso é tolice, rei - disse o Sacerdote. - Toda Glome está armada. Neste momento, há um grupo de homens armados em cada uma das portas do palácio. É um guarda seu contra dez nossos. E eles não lutarão. Você lutaria contra Ungit, Bardia?

- Você vai me abandonar, Bardia? - perguntou o rei. - Depois de comer do meu pão? Outro dia, a fim de que eu o protegesse na floresta de Varin, você se mostrou feliz por estar ao meu lado.

- O senhor de fato salvou minha pele naquele dia, rei - disse Bardia. - Nunca direi nada diferente disso. Que Ungit me envie para fazer o mesmo pelo senhor (talvez haja muitas oportunidades de fazê-lo na próxima primavera). Defenderei o rei de Glome e os seus deuses enquanto eu viver. Mas, se o rei e os deuses brigarem, vocês, que são grandes, devem resolver isso entre vocês. Eu não vou lutar contra poderes e espíritos.

- Você... você menina! - gritou o rei, com sua voz estridente como um assovio. Então disse: - Saia! Falo com você logo em seguida. - Bardia saudou o rei e saiu. Era possível ver no rosto dele que ele não se importava nem um pouco com o insulto.

No momento em que a porta se fechou, o rei, em silêncio e de novo muito pálido, pegou seu punhal - o mesmo que havia usado na noite em que Psique nasceu -, deu três passos largos e silenciosos, como os de um gato, para conseguir chegar à cadeira do Sacerdote, empurrou as duas meninas e colocou a ponta do punhal sobre as vestes e a pele do Sacerdote.

- Seu velho tolo - ele disse -, onde está sua conspiração agora? Hein? Pode sentir a lâmina? Ela faz cócegas em você? Assim? Ou assim? Posso enfiá-la no seu coração rápido ou devagar, como você preferir. As vespas podem estar do lado de fora, mas eu tenho a vespa rainha aqui. E agora, o que você vai fazer?

Eu nunca vi nada mais maravilhoso (para falar de coisas meramente mortais) que a tranquilidade demonstrada pelo Sacerdote. Nenhum homem consegue ficar tranquilo quando um dedo é pressionado entre duas das suas costelas, muito menos quando se faz isso com um punhal. O Sacerdote estava calmo. Nem mesmo as suas mãos agarravam-se nos braços da cadeira. Sem mover sua cabeça ou alterar seu tom de voz, ele disse:

- Vá em frente, rei, rápida ou lentamente, como achar melhor. Não vai fazer nenhuma diferença. Mas esteja certo de que a Grande Oferenda será feita, quer eu esteja morto ou vivo. Estou aqui na força de Ungit. Enquanto tiver fôlego, serei a voz de Ungit. Talvez por mais tempo ainda. Um sacerdote não morre totalmente. Se você me matar, eu talvez visite seu palácio ainda com mais frequência, de dia e de noite. Os outros não me verão. Mas acho que você verá.

Isso foi pior ainda. Raposa havia me ensinado a enxergar o Sacerdote - e também a falar dele - como um mero maquinador e um político que colocava na boca de Ungit qualquer coisa que pudesse aumentar ao máximo seu próprio poder, seu número de propriedades e prejudicar os seus inimigos. Percebi que as coisas não eram bem assim. Ele mostrava segurança em relação à Ungit. Olhando para ele enquanto estava sentado com um punhal espetando-o e com seus olhos cegos vigilantes, fixos no rei, e sua face como a de uma águia, eu também me sentia segura. Nosso inimigo verdadeiro não era um mortal. A sala estava repleta de espíritos e do horror da santidade.

Com um barulho brutal, que concentrou todos os gemidos e ranger de dentes, meu pai afastou-se do Sacerdote e se jogou em sua cadeira, inclinando-se e passando as mãos sobre seu rosto, despenteando seus cabelos como faz um homem que está cansado.

- Continue. Termine - ele disse.

- E então - disse o Sacerdote - perguntamos se o rei era o Amaldiçoado e a sorte disse "Não".

- O quê? - disse o rei. E essa é a grande vergonha sobre a qual tenho de falar em toda a minha vida. Sua face ficou mais branda. Ele estava a um segundo de sorrir. Pensei que ele tivesse percebido, o tempo todo, a flecha apontada para Psique, que tivesse temido por ela, lutado por ela. E ele de modo algum havia pensado nela, nem em nenhum de

nós. No entanto, saibam que ele era, com a mais absoluta certeza, um homem que, em uma luta, era suficientemente corajoso.

- Continue - ele disse. Sua voz, no entanto, havia mudado. Estava renovada, como se ele tivesse acabado de rejuvenescer dez anos.

- A sorte caiu sobre sua filha mais nova, rei. Ela é a Amaldiçoada. A princesa Istra deve ser a Grande Oferenda.

- Isso é muito difícil - disse o rei, demonstrando seriedade e tristeza o bastante, mas percebi que ele estava representando. Tentando esconder o imenso alívio que sentia. Eu enlouqueci. Em questão de segundos, estava aos seus pés, agarrando-me nos seus joelhos como se agarram os que suplicam por algo, balbuciando eu não sabia bem o quê, chorando e soluçando, implorando, chamando-o de pai; um nome que eu nunca antes havia usado. Creio que ele tenha ficado satisfeito com a distração. Ele tentou me chutar para longe e, enquanto eu ainda me agarrava aos seus pés, rolando de um lado para outro, ferida na face e no peito, ele se levantou, colocou-me de pé ao seu lado e me empurrou para longe com todas as forças.

- Você! - ele bradou. - Você! Você levanta a sua voz entre os conselhos dos homens? Prostituta, vagabunda, raiz de mandrágora! Já não tenho dores, mistérios e horrores suficientes jogados sobre mim pelos deuses e você também vem me arranhar? E teria vindo me morder em um piscar de olhos, se eu lhe permitisse. Neste momento, olho para o seu rosto e vejo uma megera. Por muito pouco não lhe entrego aos guardas para ser chicoteada. Em nome de Ungit! Como se não bastassem os deuses, sacerdotes, leões, brutos das sombras, traidores e covardes, também as meninas me atormentam?

Penso que ele se sentia melhor à medida que me xingava. Eu tinha perdido o fôlego, de modo que não conseguia nem chorar, nem me levantar, nem falar. Em algum lugar acima da minha cabeça eu os ouvia conversando, fazendo todos os planos para a morte de Psique. Ela deveria ficar prisioneira em seus aposentos - ou não, melhor na sala com cinco paredes, que era mais segura. Os guardas do templo reforçariam a nossa guarda. Toda a casa deveria ser guardada, pois as pessoas eram maria vai com as outras, poderia haver uma mudança de humor ou até mesmo um plano de resgate. Eles conversavam com sobriedade e prudência, como homens que estivessem organizando uma viagem ou uma festa. Então me perdi na escuridão e em um barulho vibrante.

Capítulo 6

- ELA ESTÁ VOLTANDO A SI - disse a voz do meu pai. - Raposa, fique desse lado dela, pois vamos colocá-la na cadeira. - Os dois estavam me levantando. As mãos de meu pai eram mais delicadas do que eu imaginava. Descobri que as mãos de um soldado quase sempre são delicadas. Nós três estávamos sós.

- Aqui, jovem, isso vai lhe fazer bem - ele disse quando me colocaram na cadeira, segurando uma taça de vinho junto aos meus lábios. - Que vergonha, você o está derramando como um bebê. Fique calma. Isso, assim é melhor. Se ainda houver um pedaço de carne crua neste palácio sujo e pobre, você deve colocá-la sobre as suas feridas. E olhe, filha, você não deveria ter me contrariado dessa forma. Um homem não deve ter mulheres, nem mesmo as suas próprias filhas, o que é ainda pior, bisbilhotando os seus negócios.

Havia nele algo de vergonha, quer fosse por ter me batido, quer por entregar Psique sem resistência alguma, não havia como saber. Agora, ele me parecia um rei muito vil e deplorável.

Ele desceu a taça.

- A coisa tem que ser feita - ele disse. - Gritar e lutar não vão ajudar muito. Porque Raposa estava me dizendo que isso já foi feito até mesmo nas suas queridas terras gregas, e começo a achar que talvez eu tenha sido um tolo ao deixar que você escutasse essas coisas.

- Mestre - disse Raposa -, não terminei de lhe contar. É verdade que houve um rei grego que sacrificou a própria filha. No entanto, depois disso, a esposa dele o matou e depois o filho matou a esposa e, então, Aqueles Que Vivem nas Profundezas o levaram à loucura.

Ao ouvir isso, o rei coçou a cabeça, parecendo bem assustado.

- Isso é bem típico dos deuses - ele balbuciou. - Levá-lo a fazer algo e então puni-lo por fazer. O que me consola, Raposa, é saber que não tenho esposa, nem filho homem.

Eu já havia recuperado minha voz.

- Rei - eu disse -, não acredito que o senhor queira fazer isso. Istra é sua filha. O senhor não pode fazer isso. Não tentou sequer salvá-la. Deve haver uma maneira de fazê-lo. Com certeza, entre agora e o dia...

- Olha só o que ela está dizendo! - disse o rei. - Bobagem, a oferenda é amanhã.

Eu estava novamente a ponto de desmaiar. Ouvir isso foi tão ruim quanto ouvir que ela deveria ser oferecida. Tão ruim? Foi pior. Tive a sensação de que eu, na verdade, nunca havia passado por um grande sofrimento. Senti que se ela pudesse ser poupada somente por um mês - um mês, porque um mês era como uma eternidade - todos deveríamos ficar felizes.

- É melhor assim, querida - Raposa disse em meus ouvidos, em grego. - Vai ser melhor para ela e para nós.

- O que você está murmurando, Raposa? - disse o rei. - Vocês dois olham para mim como se eu fosse algum tipo de gigante de duas cabeças que assusta crianças, mas o que querem que eu faça? O que você faria, Raposa, com toda a sua inteligência, se estivesse em meu lugar?

- Eu lutaria desde o primeiro dia. Tentaria, de alguma forma, ganhar um pouco mais de tempo. Diria que a princesa estava em um período do mês que não era adequado para tornar-se noiva de ninguém. Diria que fui advertido em sonho a não fazer a Grande Oferenda até a lua nova. Subornaria homens para que jurassem que o Sacerdote havia mentido em relação à sorte. Há meia dúzia de homens do outro lado do rio que alugam terras dele e que não o consideram um bom proprietário. Eu daria uma festa. Faria qualquer coisa para ganhar tempo. Dê-me dez dias e eu teria enviado um mensageiro secreto ao rei de Fars. Eu lhe ofereceria tudo o que ele quisesse, sem guerra; ofereceria qualquer coisa a ele se viesse salvar a princesa. Eu lhe ofereceria Glome e a minha própria coroa.

- O quê? - gritou o rei. - Você está se propondo a pedir esmola com o chapéu dos outros. Se fosse um homem livre não faria isso.

- Mas, Mestre, eu daria não somente o meu trono, mas também a minha própria vida para salvar a princesa, se eu fosse o rei e o pai dela. Lutemos. Armemos os escravos e prometamos a eles sua liberdade se lutarem como homens. Nós podemos resistir, nós todos aqui dessa casa,

a partir de agora. Na pior das hipóteses, todos morreríamos inocentes. Melhor que descermos às Profundezas com o sangue de nossa filha em nossas mãos.

O rei lançou-se mais uma vez sobre sua cadeira e começou a falar com uma paciência desesperadora, como se fosse um professor falando com uma criança muito estúpida – eu já havia visto Raposa fazer o mesmo com Redival.

– Eu sou um rei. Pedi seu conselho. Os que aconselham os reis normalmente lhes dizem coisas que possam fortalecer ou salvar seu reino e sua terra. É isso o que significa aconselhar um rei. E você está me aconselhando a jogar minha coroa no telhado, vender meu país a Fars e cortar minha própria garganta. Depois você vai me dizer que a melhor maneira de curar a dor de cabeça de um homem é cortar fora a sua própria cabeça.

– Entendo, mestre – disse Raposa. – Peço-lhes desculpas por isso. Eu havia esquecido que a sua própria segurança é a coisa pela qual devemos trabalhar a todo custo.

Eu, que conhecia tão bem Raposa, pude reconhecer em seu rosto um olhar que, por si, poderia ser visto como uma desonra ao rei. Como se ele tivesse cuspidido na face do rei. Na verdade, eu sempre o via olhando assim para o meu pai, sem que ele nunca percebesse. Mas eu estava determinada a fazer com que, nesse momento, ele percebesse determinadas coisas.

– Rei – eu disse –, o sangue dos deuses está em nós. Uma casa como a sua pode carregar a vergonha? Como isso vai soar quando os homens contarem essa história, quando o senhor estiver morto, o que as pessoas vão pensar ao saber que o senhor se escondeu atrás da morte de uma menina, para salvar sua própria vida?

– Você está escutando o que ela está dizendo, Raposa, você está escutando – disse o rei. – E ela ainda diz que não entende por que eu a faço desmaiar! Eu não vou mandar você destruir o seu próprio rosto, pois isso é impossível. Olhe, mestra, eu não gostaria nada de lhe bater duas vezes em um único dia, mas não me provoque. – Ele levantou-se de um salto e começou de novo a andar com passos lentos e regulares. – Maldita! – ele disse. – Você seria capaz de levar um homem à loucura. Todos pensariam que era a *sua* filha que eles estavam entregando ao

Bruto. Escondendo-se atrás de uma menina, veja só o que você me diz. Ninguém aqui parece se lembrar de quem essa menina é filha. Ela é minha filha, fruto do meu próprio corpo. A perda é minha. Se alguém aqui tem o direito de ficar com raiva ou de afogar-se em lágrimas, este alguém sou eu. Para que eu a gerei, se não puder fazer o que acredito ser o melhor para as minhas próprias filhas? O que é melhor para você? Deve haver alguma maldita habilidade que eu ainda não tenha farejado, atrás de todas as suas lágrimas e repreensões. Você não está me pedindo para acreditar que qualquer mulher, isso para não me referir a uma criatura medonha como você, teria tanto amor por uma meia-irmã bonita. Isso não é natural. Eu ainda vou testá-la.

Não sei se ele de fato acreditava ou não no que estava dizendo, mas é possível que sim. Ele seria capaz de acreditar em qualquer coisa quando estava de mau humor e qualquer pessoa no palácio sabia muito mais sobre a nossa vida do que ele mesmo.

- Sim - ele disse, dessa vez com um pouco mais de calma. - Sou eu quem deveria sentir compaixão. Foi a mim que pediram para entregar uma parte do meu eu. Mas vou cumprir com minha palavra. Não vou arruinar a terra para salvar a minha menina. Vocês dois me têm dito para fazer muito além do que devo fazer em relação a isso. Já aconteceu isso antes. Lamento pela menina. Mas o Sacerdote está certo. Ungit deve receber a dívida. O que é uma menina - ora, o que seria um homem - se comparada à segurança de todos nós? É sensato que um morra por muitos. Isso acontece em todas as batalhas.

O vinho e a paixão trouxeram de volta as minhas forças. Levantei-me de minha cadeira e descobri que conseguiria me segurar em pé.

- Pai - eu disse -, o senhor está certo. É adequado que uma única pessoa morra em benefício do povo. Em vez de entregar Istra ao Bruto, entregue-me a ele.

O rei, sem dizer nada, caminhou até mim, pegou-me - com delicadeza - pelo punho e me conduziu por toda a sala, até onde estava pendurado o seu grande espelho. Você talvez se pergunte por que ele não o manteve em seu quarto, mas a verdade é que ele tinha tanto orgulho desse espelho que queria que todo estranho o visse. Ele havia sido feito numa terra distante e nenhum rei de nossa região tinha um espelho que pudesse sequer ser comparado a ele. Nossos espelhos

comuns eram falsos e tediosos; nesse, era possível ver as imagens com perfeição. Como eu nunca havia estado sozinha na Sala da Coluna, nunca havia me visto nele. O meu pai estava diante de mim e nós nos vimos no espelho, lado a lado.

– Ungit pediu para ter o melhor que há na terra como noiva de seu filho – ele disse. – E você lhe daria isso.

Ele me deixou parada diante do espelho por um minuto, em silêncio; talvez pensasse que eu começaria a chorar ou que desviasse o meu olhar. Por fim, ele disse: – Agora saia. Ninguém vai conseguir ficar ao seu lado hoje, com esse mau humor. Recomponha-se. Raposa e eu temos muito trabalho.

Ao sair da Sala da Coluna, senti um lado do meu corpo dolorido; eu havia me machucado de algum modo, quando caí. Mas esqueci da dor quando vi como, naquele curto espaço de tempo, nossa casa havia mudado. Ela parecia cheia de gente. Todos os escravos, quer tivessem algo a fazer ou não, estavam andando de um lado para o outro e reunindo-se em grupos, com olhares tensos. Além disso, conversavam à boca pequena, animados, mas demonstrando pesar (eles sempre conversam entre si, quando, em casa, chegavam notícias importantes, e isso já não me incomodava). Muitos dos guardas do templo estavam reclinados na varanda e algumas meninas do templo estavam sentadas no saguão. Do pátio vinha o cheiro de incenso e um sacrifício estava sendo feito. Ungit havia tomado a casa; o fedor de santidade estava por toda a parte.

Ao pé da escada, quem me encontraria, senão Redival, correndo em minha direção aos prantos e com um grande murmúrio derramando-se de sua boca:

– Ai, irmã, irmã, que terrível! Ai, pobre Psique! É só Psique, não é? Eles não farão isso com todos nós, farão? Eu nunca pensei... eu nunca desejei nenhum mal... não fui eu... e ai, ai, ai...

Coloquei meu rosto bem próximo do dela e disse bem baixinho, mas com muita clareza:

– Redival, se um dia eu for a rainha de Glome, ou mesmo a chefe desta casa, eu a enforcarei com os meus dedos ardendo em fogo brando, até que você morra.

– Você é cruel, cruel – soluçou Redival. – Como pode dizer essas coisas, num momento em que já me sinto tão miserável? Irmã, não fique com raiva, console-me.

Eu a empurrei de lado e continuei seguindo o meu caminho. Sei interpretar muito bem as lágrimas de Redival desde que me conheço por gente. Elas não eram totalmente falsas, menos ainda límpidas como água parada. Hoje eu sei, da mesma maneira como naquela época sabia com muita segurança, que havia feito fofoca sobre Psique na casa de Ungit e que havia feito isso com maldade. É bem provável que ela não imaginasse que causaria tanto dano como o que causou – embora nunca soubesse exatamente o dano que desejava causar – e que agora estivesse, à sua maneira, triste; mas um broche novo ou, melhor ainda, um novo amante teria sido suficiente para fazê-la secar os olhos e sorrir imediatamente.

Ao chegar ao topo das escadas – pois o nosso palácio não era como as casas gregas e, no andar de cima, tínhamos sala e até mesmo galerias –, estava um pouco sem fôlego e a dor em meu lado tinha piorado. Eu tinha a sensação de também estar mancando. Continuei andando o mais depressa que podia em direção àquele quarto de cinco paredes onde haviam trancado Psique. A porta estava trancada pelo lado de fora; eu mesma havia usado aquele quarto como prisão domiciliar e um homem armado permanecia parado diante dela. Era Bardia.

– Bardia – falei ofegante –, deixe-me entrar. Devo ver a princesa Istra.

Ele olhou para mim com delicadeza, mas fez um gesto negativo com a cabeça.

– Não é possível, senhora – ele disse.

– Mas, Bardia, você pode trancar nós duas. Não há outra saída senão pela porta.

– É assim que todas as fugas começam, senhora. Lamento pela senhora e pela outra princesa, mas é impossível. Recebi as ordens mais expressas.

– Bardia – eu disse com lágrimas nos olhos e a minha mão esquerda em meu lado, pois a dor era agora muito forte –, é a última noite de vida dela.

Ele desviou o olhar e disse:

– Lamento.

Saí de perto dele sem dizer nada. Embora sua face fosse a mais bondosa de todas as que eu havia visto naquele dia, com exceção de Raposa, naquele momento eu o odiava mais que a meu pai, ao Sacerdote ou até mesmo a Redival. O que fiz a seguir mostra como eu estava perto

da loucura. Fui o mais rápido que pude até o quarto de dormir. Sabia que lá o rei guardava armas. Apanhei uma espada reta e boa, olhei para ela e senti todo o seu peso em minha mão. Não era pesada demais para mim. Prestei atenção nos detalhes da ponta e do fio; ela era então o que eu entendia como afiada, embora um soldado experiente não a considerasse tão afiada assim. Rapidamente eu estava de volta à porta de Psique. Mesmo estando em toda a minha fúria feminina, antes que eu caísse sobre Bardia, havia homens suficientes por perto para gritar "Cuidado!".

Foi, é claro, a tentativa mais insana que poderia ser feita por uma menina que nunca antes havia tido uma arma em suas mãos. Mesmo se eu conhecesse muito bem o ofício, o pé manco e a dor em meu lado – respirar fundo era para mim uma agonia – me desabilitavam para a tarefa. No entanto, fiz com que ele usasse parte de suas habilidades; principalmente, é claro, porque ele não estava lutando para me ferir. Em um instante, ele arrancou a espada de minha mão. Fiquei diante dele com minha mão apertada mais que nunca ao meu lado, toda molhada por um suor fétido e tremendo. Sua testa estava seca e sua respiração inalterada; para ele, a luta havia sido muito fácil. A consciência sobre o meu nível de impotência caiu sobre mim como uma dor, que se uniu à outra, que eu já estava sentindo. E caí em um pranto infantil, como o de Redival.

– É mesmo uma pena, senhora, que não seja um homem – disse Bardia. – A senhora tem a envergadura de um homem e um olhar muito rápido. Nenhum dos recrutas teria tido tanto sucesso em sua primeira tentativa. Eu gostaria de treiná-la. É mesmo...

– Ah, Bardia, Bardia – eu chorei –, se você tivesse me matado. Eu estaria livre de minha aflição agora.

– Não, não estaria – ele disse. – Estaria morrendo, não morta. É só nas fábulas que os homens morrem quando o aço da espada entra no corpo deles. A menos, é claro, que se corte o pescoço.

Eu não conseguia falar mais nada. O mundo inteiro parecia estar em meu pranto.

– Maldição – disse Bardia –, não consigo suportar isso. – Agora, havia lágrimas nos olhos dele. Ele era um homem muito terno. – Eu não me importaria tanto se uma de vocês não fosse tão corajosa e a outra, tão bela. Escute, senhora! Pare. Eu arriscarei a minha vida e, além disso, terei a ira de Ungit.

Eu o encarei, mas ainda não conseguia falar nada.

- Eu daria minha própria vida pela menina lá dentro, se isso fosse trazer algum bem para todos. Você deve ter se perguntado por que eu, o capitão da guarda, estou aqui como uma sentinela comum. Eu não permitiria que nenhuma outra pessoa fizesse isso. Pensei que, se a pobre menina chamasse, ou se, por qualquer razão, eu tivesse que ir até ela, eu lhe pareceria mais familiar que um estranho. Ela se sentou sobre o meu colo quando era pequena... eu me pergunto se os deuses sabem o que é ser um homem.

- Você vai me deixar entrar? - perguntei.

- Com uma condição, senhora. Deve jurar que sairá quando eu bater. Está calmo por aqui agora, mas haverá movimentação mais tarde. Duas meninas do templo virão vê-la logo em seguida, eu fui informado disso. Darei a você o máximo de tempo que puder.

Mas devo ter certeza de que sairá quando eu der o sinal. Três batidas... assim.

- Quando fizer isso, sairei imediatamente.

- Jure, senhora. Aqui, sobre a minha espada.

Jurei. Ele olhou para ambos os lados, abriu a porta e disse:

- Rápido. Entre. Que o céu as console.

Capítulo 7

A JANELA DAQUELE QUARTO era tão pequena e alta que, mesmo ao meio-dia, era preciso luzes. É por isso que ele podia servir como prisão. Foi construído para ser o segundo andar de uma torre que meu bisavô começou e nunca terminou.

Psique sentou-se sobre a cama, com um lampião aceso ao seu lado. É claro que me lancei em seus braços e o vi só de relance, mas esta cena – Psique, uma cama e um lampião – ficará em minha mente por toda a eternidade.

Muito antes que eu pudesse falar, ela disse:

– Irmã, o que fizeram a você? Seu rosto, seu olho! Ele bateu em você de novo.

Então percebi que, de certo modo e muito lentamente, ela esteve me acariciando e consolando o tempo todo, como se fosse eu a criança e a vítima. E isso, mesmo em meio a uma grande angústia, também me fez sentir um redemoinho de dor. Era muito diferente o tipo de amor que costumava haver entre nós em nossos tempos felizes.

Ela foi tão rápida e atenciosa que imediatamente compreendeu o que eu estava pensando e logo me chamou de Maia, o velho nome de bebê que Raposa Lhe havia ensinado a falar. Esta havia sido uma das primeiras palavras que ela tinha aprendido a pronunciar.

– Maia, Maia, me diga. O que ele fez a você?

– Ah, Psique, o que importa? Se ele pelo menos tivesse me matado! Se tivesse tomado a mim, em vez de você!

Ela, no entanto, não se contentou com a minha resposta. Forçou-me a contar tudo – como alguém poderia negar um pedido dela? –, desperdiçando o pouco tempo que tínhamos para ficarmos juntas.

– Irmã, chega – eu disse enfim. – O que importa? O que ele é para nós? Eu não envergonharei sua mãe ou a minha dizendo que ele não é nosso pai. Se ele for, no entanto, o nome *pai* é uma maldição. Acredito

que, nesse momento da vida dele e se estivesse em uma batalha, ele se esconderia atrás de uma mulher.

E então – e isso, para mim, pareceu algo horroroso – ela sorriu. Havia chorado muito pouco e, em quase todas as ocasiões, acho que por amor e por compaixão devotados a mim. Depois ela se sentou, ereta, majestosa e muito silenciosamente. Não havia nela qualquer sinal de que logo iria morrer, exceto que suas mãos estavam muito frias.

– Orual – ela disse –, você me faz perceber que aprendi as lições de Raposa melhor que você. Esqueceu-se o que devemos dizer a nós mesmas, toda manhã? “Hoje encontrarei homens cruéis, covardes e mentirosos e também os invejosos e os bêbados. Eles são assim porque não sabem discernir o bem do mal. Trata-se de um mal que sobreveio sobre eles, não sobre mim. Eles são dignos de piedade, não...” – Ela falava imitando amorosamente a voz de Raposa. Batta fazia isso muito mal, mas Psique era capaz de fazer isso muito bem.

– Ah, criança, como... – Mas eu me engasguei novamente. Tudo o que ela dizia parecia tão leve, tão distante da nossa tristeza. Senti que não deveríamos estar conversando assim, não naquele momento. Mas também não sabia sobre o que era melhor conversarmos.

– Maia – disse Psique –, você precisa me fazer uma promessa. Você não vai fazer nada de violento. Não vai se matar. Você não deve fazer isso, por amor a Raposa. Temos sido três amigos que se amam (por que ela disse apenas *amigos?*). Agora são apenas vocês dois e vocês devem se manter juntos e ficar ainda mais próximos. Não, Maia, você precisa. Como os soldados em uma batalha difícil.

– Ah, seu coração é de ferro – eu disse.

– Quanto ao rei, dê-lhe meus respeitos, ou o que quer que lhe pareça apropriado. Bardia é um homem prudente e cortês. Ele lhe dirá o que as meninas que vão morrer devem dizer aos pais. Não devemos ser rudes ou ignorantes em nossos últimos momentos. No entanto, não posso enviar ao rei nenhuma mensagem diferente dessa. Ele é um estranho para mim. Conheço melhor o bebê da fêmea de qualquer ave do que conheço a ele. E quanto a Redival...

– Mande a ela a sua maldição. E se os mortos puderem...

– Não, não. Ela também não tem noção do que fez.

- Nem mesmo por você, Psique, terei piedade de Redival e não importa o que Raposa diga sobre isso.

- Você gostaria de ser Redival? Gostaria? Não? Então, ela é digna de piedade. Se tenho a permissão de distribuir as minhas joias do modo como quiser, fique com as coisas que você e eu verdadeiramente amamos. Deixe que ela fique com tudo o que é grande e caro. Não importa. Você e Raposa fiquem com qualquer coisa que seja do interesse de vocês, que lhes satisfaça.

Por ora, eu não aguentava ouvir mais nada, portanto deitei minha cabeça no colo dela e chorei. Ah, se ela simplesmente deitasse a cabeça dela no meu!

- Olhe para mim, Maia - ela disse em seguida. - Assim você vai partir meu coração e eu sou uma noiva. - Ela conseguia dizer isso. Mas eu não conseguia ouvir.

- Orual - ela disse, muito delicadamente -, somos o sangue dos deuses. Não devemos desonrar a nossa linhagem. Maia, foi você quem me ensinou a não chorar quando eu caía.

- Acredito que você não esteja com medo - eu disse. No entanto, não queria que isso soasse assim, como se eu a estivesse repreendendo por isso.

- Só quero dizer uma coisa - ela disse -, há uma dúvida cruel, uma sombra horrenda em algum canto da minha alma. Vamos supor, apenas supor, que não houvesse nenhum deus da Montanha, ou mesmo nenhum Bruto da Sombra, e que os que estivessem amarrados à árvore morressem simplesmente, dia após dia, de sede e fome, por causa do vento e do sol, ou se fossem comidos aos poucos pelos corvos e gatos selvagens... Se fosse assim... ah, Maia, Maia...

Ela então chorou e se transformou de novo em uma criança. O que eu poderia fazer senão acariciá-la e chorar com ela? Escrever isso, no entanto, é para mim uma grande lástima. Neste momento, havia, ao menos em minha visão, um tipo de doçura em nossa aflição, pela primeira vez. Foi por isso que eu havia ido até ela, em sua prisão.

Ela se recuperou antes de mim. Voltou a levantar a cabeça majestosamente e disse:

- Não, não vou acreditar que vai acontecer isso. O Sacerdote tem estado comigo. Eu não o conhecia antes. Ele não é o que Raposa diz.

Você sabe, irmã, tenho sentido cada vez mais que Raposa não é dono de toda a verdade do mundo. Mas ele é, sim, dono da maior parte dela. O meu interior seria escuro como uma masmorra se não fosse o ensinamento que ele me transmitiu. Mas, no entanto... Não consigo encontrar as palavras. Ele acha que o mundo inteiro é uma cidade. Onde, então, uma cidade é construída? Há terra debaixo dela. E para além dos muros? Toda a comida não vem de lá, assim como todos os perigos? Há coisas crescendo e apodrecendo, se fortalecendo e se envenenando, coisas brilhando úmidas... de um modo que não sei qual é, mais parecido, sim, ainda mais parecido como acontece na Casa de...

- Sim, de Ungit - eu disse. - A terra inteira não tem o cheiro dela? Será que você e eu ainda precisamos bajular os deuses? Eles estão nos destroçando... ai, como vou suportar isso?... e o que eles podem fazer ainda pior do que isso? É claro que Raposa está errado. Ele não sabe nada sobre Ungit. Ele sabe muito sobre o mundo. Pensa que não existem deuses, ou então (que tolo!) que eles são melhores que os homens. Nunca entrou na cabeça dele, ele é bom demais, a crença de que os deuses são reais e que são mais vis que o mais vil dos homens.

- Ou então - disse Psique -, que são deuses reais, mas que não fazem essas coisas. Ou até mesmo, pode até ser, que eles façam essas coisas e as coisas não são o que parecem ser? E se eu for mesmo me casar com um deus?

De certo modo, ela me deixou com raiva. Eu teria morrido por ela - isso, ao menos, sei que é verdade - e, no entanto, na noite anterior à sua morte, eu era capaz de sentir raiva dela. Ela falava com tanta firmeza e ponderação, como se estivesse discutindo com Raposa, atrás das peireiras, como se ainda tivesse diante de si horas e dias. Nossa despedida parecia lhe custar muito pouco.

- Ora, Psique - eu disse, quase que berrando -, isso tudo não pode ser outra coisa a não ser o que parece ser: o retrato de um assassinato covarde. Levar você, você, a quem eles têm adorado e que nunca feriu sequer um sapo, para transformá-la em comida para um monstro...

Você pode estar pensando - e tenho pensado isso milhares de vezes, comigo mesma - que, se ela tivesse tido a chance de estar presente na melhor parte da conversa com o Sacerdote e se pensasse que ela seria noiva de um deus em vez de presa para um Bruto, eu me uniria a ela e a

encorajaria a aceitar. Se pudesse, eu não deveria ter ido para confortá-la? Certamente não deveria ter ido para deixá-la ainda pior. No entanto, não consegui me controlar. Talvez eu fosse, de certa forma, orgulhosa. Um pouco como ela era. Não orgulhosas a ponto de fecharmos os nossos olhos, não para ocultarmos as coisas terríveis, ou para, em um impulso amargo e angustiado, dizer e continuar dizendo o pior.

– Entendo – disse Psique com voz baixa. – Você acha que ele devora a oferenda. Também acho. De um modo ou de outro, significa que vou morrer. Orual, você achou que eu fosse criança o bastante para não saber disso? Como posso ser salvação para toda a Glome se eu não morrer? E, se devo ir para deus, é claro que deve ser pela morte. Assim, mesmo aquilo que há de mais estranho nos provérbios sagrados poderia ser verdade. Ser devorada ou casar-se com um deus podem não ser coisas tão diferentes. Nós não compreendemos. E deve haver muita coisa que nem o Sacerdote nem Raposa entendem.

Dessa vez mordeu os meus lábios e não disse nada. Uma podridão indescritível tomou conta da minha mente. Ela pensava que a lascívia do Bruto fosse melhor que a sua fome? Unir-se a um verme, ou a uma salamandra d'água gigante, ou a um fantasma?

– E, quanto à morte – ela disse –, ora, Bardia ali (eu amo Bardia) vai assisti-la seis vezes ao dia e assobiará uma melodia enquanto segue ao seu encontro. Faremos pouco uso do ensinamento de Raposa se ficarmos apavoradas com a morte. E, você sabe, irmã, ele às vezes deixou escapar que houve outros mestres gregos – mas não os que ele segue, mestres que têm ensinado que a morte abre uma porta para fora de uma sala pequena e escura (essa é toda a vida que conhecemos antes dela), para um lugar grande e real, onde o verdadeiro sol brilha e nós nos encontraremos...

– Ah, que cruel, que cruel! – lamuriei. – Você não se importa de me deixar aqui sozinha? Psique, você em algum momento me amou?

– Amar você? Ora, Maia, o amor que sinto pode salvar você e nosso avô, Raposa? – (Mas eu não queria que ela mencionasse nem mesmo Raposa agora.) – Mas, irmã, você me seguirá em breve. Você não acha que qualquer vida mortal parece algo muito distante para mim, hoje à noite? E, se eu vivesse, como a minha vida poderia ser melhor? Suponho que, no fim, seria entregue a algum tipo de rei. Talvez um rei como o

nosso pai. E em exemplos como este é possível voltar a perceber que diferença sutil existe entre morrer e casar. Deixar a sua casa, perder você, Maia, perder Raposa, perder a virgindade, dar à luz uma criança, são todos tipos de mortes. De verdade, Orual, não tenho certeza se o que está acontecendo comigo não é o que de melhor pode acontecer.

- Isso!

- Sim. Se eu vivesse, o que teria que procurar? O mundo, este palácio, esse pai, é muita coisa para ser perdida? Já tivemos o que teria sido o melhor do nosso tempo. Devo lhe dizer algo, Orual, algo que nunca disse a ninguém, nem mesmo a você.

Hoje sei que isso acontece verdadeiramente entre as pessoas de grande coração. Mas, naquela noite, o que ela disse foi como uma punhalada para mim.

- O que é? - perguntei, olhando para o seu colo, onde nossas quatro mãos estavam unidas.

- Eu sempre tive esse desejo - ela disse -, eu sempre tive, ao menos, desde que me entendo por gente, um certo anseio pela morte.

- Ah, Psique, eu lhe fiz tão infeliz assim? - perguntei.

- Não, não, não - ela respondeu. - Você não entende. Não esse tipo de anseio. Nos momentos em que fui mais feliz é que desejei morrer. Durante aqueles dias felizes, quando estávamos ali em cima, sobre os montes, nós três, com o vento e a luz do sol... nos lugares onde não conseguíamos ver Glome ou o palácio. Lembra? A cor, o cheiro e o olhar para a Montanha Cinzenta, bem longe? Porque ela era tão linda, me fazia ansiar, sempre ansiar. Em algum outro lugar deve também ser assim. Tudo parecia estar dizendo, "Psique, vem!", mas eu não podia ir, ainda não, e não sabia para onde deveria ir. Isso chegava a me doer. Eu me sentia como um passarinho na gaiola, enquanto outros passarinhos estavam voando para casa.

Ela beijou minhas mãos, soltou-as e ficou de pé. Ela tinha o mesmo hábito do pai de caminhar de um lado para outro quando falava de algo que a tocava. E, daquele momento até o fim, senti - e senti de maneira horrível - que eu já a estava perdendo, que o sacrifício no dia seguinte somente concluiria algo que já havia começado. Ela já estava fora do meu alcance (há quanto tempo já estava e eu não sabia?). Estava em algum outro lugar, só seu.

Uma vez que escrevo este livro para colocar-me contra os deuses, devo também colocar nele o que quer que possa ser dito contra mim mesma. Assim, me deixe resolver isso logo. Enquanto ela falava, eu sentia, em meio a todo o meu amor, certa amargura. Embora as coisas que ela estava dizendo lhe servissem de coragem e consolo, e isso era bastante claro, eu invejava aquela coragem e aquele consolo. Era como se alguém ou algo tivesse se colocado entre nós. Se essa inveja é o pecado pelo qual os deuses me odeiam, eis que eu o cometi.

- Orual - ela disse com os olhos brilhando -, estou indo para a Montanha, você sabe. Lembra como costumávamos olhar para ela e sonhar? Todas as histórias de meu palácio de ouro e âmbar, bem ali perto do céu, de onde pensávamos que nunca sairíamos? O maior de todos os reis iria construí-lo para mim. Se você pudesse tão somente acreditar nisso, irmã! Não, escute. Não deixe que a tristeza feche seus ouvidos e endureça o seu coração...

- É o meu coração que está endurecido?

- Nunca ele parecerá duro para mim, nem o meu para você. Mas escute. Essas coisas não são tão ruins quanto parecem. Os deuses vão ter sangue de um mortal. Mas são eles quem escolhem. Se escolhessem qualquer outra pessoa, em toda a terra, isso significaria tão somente terror e sofrimento cruel. Mas eles escolheram a mim. E sou aquela que foi preparada para isso, desde que eu era uma criancinha em seus braços, Maia. A coisa mais doce em toda a minha vida foi o desejo de alcançar a Montanha, de encontrar o lugar de onde vem toda a beleza...

- Esse foi o seu desejo mais doce? Que cruel, que cruel. Seu coração não é de ferro, é de pedra, isso sim - eu disse soluçando. Não acho que ela tenha ouvido o que falei.

- ... o meu país, o lugar em que eu deveria ter nascido. Você acha que isso não significou nada, todo o meu desejo? O desejo de voltar ao meu lar? Pois agora tenho a sensação, na verdade, não de que eu esteja indo, mas como se estivesse voltando. Durante toda a minha vida o deus da Montanha tem me cortejado. Ah, olhe para cima ao menos uma vez antes do fim e deseje-me alegria. Eu irei encontrar o meu amante. Você vê, agora...?

- Só vejo que você nunca me amou. É bom mesmo que você vá para os deuses. Você está se tornando cruel, como eles.

- Ah, Maia! - gritou Psique, com lágrimas finalmente surgindo em seus olhos, de novo. - Maia, eu...

Bardia bateu na porta. Acabara-se o tempo para palavras melhores, para voltar atrás em qualquer coisa que se tenha dito. Bardia bateu de novo, mais alto. Meu juramento sobre a sua espada, ele mesmo como uma espada, estava sobre nós.

Então o último e desperdiçado abraço. Felizes os que não o tem registrado em sua memória. Pois os que o tem talvez não suportassem que eu escrevesse sobre ele.

Capítulo 8

ASSIM QUE CHEGUEI À GALERIA, as minhas dores, que eu não havia sequer sentido enquanto estava com Psique, voltaram com toda a força. Minha tristeza, no entanto, ficou anestesiada por um tempo, embora a minha capacidade de raciocinar rápido tivesse se tornado mais aguda e clara. Eu estava determinada a ir com Psique para a Montanha e para a Árvore Sagrada, a menos que me prendessem em correntes. Pensei até mesmo que poderia me esconder ali e libertá-la, quando o Sacerdote, o rei e todo o resto das pessoas tivessem todos ido para casa. “Ou, se houver mesmo um Bruto da Sombra real e eu não puder salvá-la dele, eu a matarei com minhas próprias mãos antes de deixar que ela caia em suas garras”, pensei. Para conseguir fazer tudo isso, eu sabia que deveria comer, beber e descansar (já era quase noite e eu ainda estava em jejum). No entanto, antes de tudo devia descobrir quando seu assassinato, sua Oferenda, estava previsto para acontecer. Assim, avancei com dificuldade pela galeria, apoiando as mãos no lado do meu corpo, e encontrei um velho escravo, o mordomo do rei, que possuía todas as informações para me passar. O cortejo, ele disse, deveria deixar o palácio uma hora antes do nascer do sol. Então fui para os meus aposentos e pedi às minhas criadas que me trouxessem comida. Sentei-me para esperar até que a comida chegasse. Um grande cansaço e um peso enorme desabaram sobre mim. Não pensei nem senti nada, exceto que estava com muito frio. Quando a comida chegou, não consegui comer, embora me esforçasse para conseguir. Era como se colocassem pano em minha boca. Mas bebi. Bebi um pouco da pequena cerveja, que era tudo o que eles tinham para me oferecer, e depois bebi bastante água, pois o meu estômago reagiu à cerveja. Devo quase ter dormido antes mesmo de terminar de comer, pois lembro que sabia que estava em grande aflição, mas não conseguia lembrar o que era.

Elas me colocaram na cama – eu me contrai e gritei um pouco quando tocaram em meu corpo – e cai imediatamente em um estado de total sonolência, de modo que, duas horas antes do nascer do sol, quando me acordaram, exatamente da maneira que eu lhes havia ordenado, parecia que apenas um segundo tinha se passado. Acordei gritando, pois todas as partes do meu corpo que doíam agora estavam doendo muito mais e, quando tentei me mexer, senti como se estivesse levando pinçadas. Um dos meus olhos havia se fechado, como se eu estivesse cega daquele olho. Quando elas descobriram quanta dor haviam provocado ao me levantar da cama, imploraram-me para que eu permanecesse deitada. Algumas disseram que era inútil eu me levantar, pois o rei havia dito que nenhuma das princesas iria à Oferenda. Uma delas perguntou se deveria chamar Batta para me conter. Eu lhe disse, com palavras amargas, que dobrasse sua língua e que, se eu tivesse forças, bateria nela. O que seria um erro de minha parte, porque ela era uma boa menina (Sempre tive sorte com as minhas criadas, desde a primeira vez que as tive e que deixei de ser supervisionada por Batta).

De alguma forma, elas me vestiram e tentaram fazer com que eu comesse. Uma chegou até mesmo a trazer-me vinho, suponho que roubado de uma das jarras do rei. Todas elas estavam chorando, eu não.

Vestir-me levou bastante tempo – eu estava muito dolorida –, e eu mal acabara de engolir o vinho quando ouvimos a música tocando. Era a música do templo, a música de Ungit, com os tambores e os trompetes e os chocalhos e as castanholas, todos sagrados, mortais. Ruídos obscuros, detestáveis e enlouquecedores.

– Rápido – eu disse. – Chegou a hora. Eles estão indo. Oh, não posso me levantar. Ajudem-me, meninas. Não, mais rápido. Arrastem-me, se for preciso. Não deem atenção aos meus ganidos e gritos.

Eles chegaram aos meus ouvidos, no topo da escada, como uma grande tortura. Eu agora podia ver o grande saguão entre a Sala da Coluna e o quarto de dormir. Ele estava iluminado por tochas e repleto de gente. Havia muitos guardas. Algumas meninas de sangue azul estavam ornadas com véu e grinalda, como em uma festa de noiva. Meu pai estava ali, vestindo mantos esplêndidos. E havia um homem grande, com cabeça de pássaro. Pelo cheiro e pela fumaça que estavam exalando, parecia já ter havido muitas mortes, no altar e no pátio. Para os deuses sempre se

encontra comida, mesmo quando toda a terra padece de fome. A grande passagem foi aberta. Eu consegui, por meio dela, enxergar uma luz matinal fraca e fria. Do lado de fora, sacerdotes e meninas cantavam. Devia haver também uma grande multidão lá fora. Nos momentos de silêncio, era possível ouvir o barulho – era impossível não o reconhecer. Nenhuma multidão de animais de outra espécie, reunidos, é capaz de promover um barulho tão feio quanto o que é produzido pelo homem.

Por muito tempo não consegui ver Psique. Os deuses são mais espertos que nós e sempre pensam em alguma maldade que não pensamos, mas que tememos. Quando, enfim, eu a vi, para mim foi a pior de todas as visões. Ela se sentou ereta sobre uma liteira aberta, entre o rei e o Sacerdote. A razão pela qual não a reconheci foi que eles a haviam pintado de dourado e lhe posto uma peruca, como se fosse uma menina do templo. Nem mesmo tenho certeza se ela me viu ou não. Os olhos dela, absolutamente estranhos, espreitavam por trás da máscara pesada e sem vida que eles haviam colocado sobre o seu rosto. Não dava nem para ver em que direção ela estava olhando.

Essa habilidade divina que ela tinha me é algo admirável. Para os deuses, não bastava matá-la; eles ainda precisavam transformar o seu próprio pai em seu assassino. Não foi o suficiente para eles tirá-la de mim; eles precisaram tirá-la de mim por três vezes, rasgar meu coração três vezes. Primeiro, com a sentença que proferiram. Depois, por meio da conversa estranha e fria que tivemos na noite anterior à sua morte. E agora com esse horror, pintando-a de dourado, como que para envenenar a última visão que eu teria dela. Ungit havia transformado a coisa mais bela que já nascera neste mundo em uma boneca feia.

Mais tarde, me contaram que quando comecei a descer a escadaria eu caí. Levaram-me então para a minha cama.

Depois disso, fiquei doente por muitos dias e da maior parte desses dias eu não me lembro. Não estava em meu pleno juízo e quase não dormi – isso foi o que me disseram. Meus delírios, ou o que posso me lembrar deles, me eram uma tortura incessante, muito inconstante e complicada, mas que, no entanto, mostravam certa uniformidade. Antes que eu pudesse compreender o que estava acontecendo, tudo se transformava e, contudo, uma coisa nova sempre me levava de volta ao mesmo lugar. Era como se um fio percorresse todas as minhas ilusões.

Porém, destaco mais uma vez a crueldade dos deuses. Não há como escapar deles, no sono ou na loucura, pois eles são capazes de nos perseguir mesmo em nossos sonhos. Na verdade, estamos quase sempre à mercê deles. O melhor que podemos fazer para nos defendermos deles – embora não haja exatamente uma forma real de fazermos isso – é estarmos bem alertas e sóbrios. Além disso, precisamos trabalhar duro, não ouvir música, nunca olhar para a terra ou para o céu e, acima de tudo, não devemos amar ninguém. E, agora que meu coração está estilhaçado por causa de Psique, eles criaram para mim um fardo constante – nos meus sonhos, Psique passou a ser a minha maior inimiga. Toda a minha impaciência e intolerância se voltaram contra ela. Era ela quem me odiava, era nela que eu gostaria de ser vingada. Às vezes Redival e ela me expulsavam e me tiravam do jogo, ficando de braços dados, rindo de mim. Em outras, eu era linda e tinha um amante que parecia (que absurdo!) um pouco com o pobre Tarin, o eunuco, ou um pouco com Bardia – suponho que era porque tinha sido o seu o último rosto de homem que eu havia visto antes de adoecer. Entretanto, em meus sonhos, Psique aparecia ao pé da câmara nupcial, ou ao lado da cama, usando peruca e máscara. Ela parecia muito pequena e a conduziam pelo dedo. E, quando chegavam à porta, eles se viravam, zombavam de mim e apontavam em minha direção. Essas, no entanto, eram as mais claras de todas as minhas visões. Na maioria das vezes tudo era confuso e turvo – eu via Psique jogando-me em precipícios bem altos; Psique (que agora eu enxergava como sendo muito parecida com o rei, mas ainda era Psique) me chutando e me arrastando pelos cabelos; Psique com uma tocha, uma espada ou um chicote me perseguindo por vastos pântanos e montanhas escuras. E eu correndo para salvar minha vida. Mas sempre eu era a errada, odiada, zombada e estava sempre determinada a me vingar.

O começo da minha recuperação aconteceu quando minhas visões cessaram e me deixaram somente uma sensação de um grande ferimento que Psique havia provocado em mim, embora eu não fosse capaz de compreender o que ela havia feito. Dizem que eu ficava por horas dizendo “Menina cruel. Psique cruel. Seu coração é de pedra”. Mas logo, logo eu estava novamente em meu pleno juízo e sabia o quanto a amava e que ela nada de mal me fizera, deliberadamente, nenhum mal, embora

tivesse, de certa forma, me machucado em nosso último encontro, quando consegui tempo para falar tanto sobre o deus da Montanha, o rei, Raposa, Redival e até mesmo Bardia, mas muito pouco de mim.

Logo depois disso, ouvi um barulho desagradável que já havia escutado fazia um bom tempo.

- O que é isso? - perguntei, e fiquei surpresa por minha voz estar tão fraca.

- O que é o quê, criança? - disse a voz de Raposa e de algum modo eu sabia que ele tinha estado, por muitas horas, sentado ao lado de minha cama.

- O barulho, vovô. Sobre as nossas cabeças.

- É a chuva, querida - ele disse. - Agradeça a Zeus por isso e por sua recuperação. E eu... mas você precisa voltar a dormir. E beber isso primeiro. - E vi lágrimas em seu rosto enquanto ele me dava a taça.

Eu não tinha nenhum osso quebrado, as cicatrizes desapareceram e as minhas outras dores também. Mas eu estava muito fraca. Fraqueza e trabalho foram as duas únicas coisas que os deuses não tiraram de nós. Eu não escreveria isso - até porque isso poderia levá-los a tirar também essas coisas de nós -, exceto pelo fato de achar que já é tempo de eles saberem. Agora eu estava fraca demais para sentir muita tristeza ou raiva. Esses dias, antes de retomar as minhas forças, foram quase felizes. Raposa era muito amoroso e terno e estava muito frágil, e assim também eram as minhas criadas. Eu era mais amada do que pensava que fosse. E agora o meu sono era calmo e havia muita chuva e, de tempos em tempos, o bom vento sul soprava na janela e a luz do sol entrava. Por um longo tempo, não falamos sobre Psique. Conversávamos, quando o fazíamos, sobre coisas comuns.

Eles tinham muito o que me contar. No mesmo dia em que fiquei doente, o tempo mudara. O Shennit estava cheio de novo. Quando chegou o fim da seca, já era tarde demais para salvar a lavoura; a maior parte não deu mesmo para salvar, mas foi possível fazer a colheita em um ou dois campos, mas o jardim estava crescendo. O mais importante é que a grama revivera maravilhosamente. Provavelmente conseguiríamos salvar muito mais rebanho do que havíamos imaginado. E a febre desaparecera. Minha própria enfermidade havia sido de um outro tipo. E os passarinhos estavam voltando a Glome; portanto toda mulher cujo

marido fosse capaz de atirar uma flecha ou preparar uma armadilha poderia, em breve, ter algo na panela.

Essas coisas ouvi das mulheres e também de Raposa. Quando estávamos a sós, ele me dava outras notícias. Agora – e enquanto isso durasse – meu pai era querido pelo povo. Parece (foi como entendemos o assunto dentro dos nossos corações) que, durante a Grande Oferenda, ele tinha sido alvo de compaixão e de elogios. Lá em cima, na Árvore Sagrada, ele havia lamentado, chorado e rasgado as próprias vestes, além de ter abraçado Psique inúmeras vezes – ele nunca havia feito isso antes, embora tenha também dito repetidas vezes que não sonegaria a mais querida filha de seu coração quando o bem do povo demandava sua morte. Raposa contou que toda a multidão chorava. Ele mesmo, por ser um escravo e um estranho, não tinha ido até lá.

– Você sabia, vovô, que o rei é um autêntico charlatão? – perguntei. (Falávamos em grego, é claro.)

– Não totalmente, filha – respondeu. – Naquele momento, ele parecia acreditar no que estava fazendo. Suas lágrimas não eram mais falsas – ou verdadeiras – que as de Redival.

Ele então continuou me contando as grandes notícias de Fars. Em meio à multidão, um homem qualquer havia dito que o rei de Fars tinha treze filhos. A verdade é que ele havia tido oito, dos quais um morrera na infância. O mais velho era ingênuo e jamais poderia governar, de forma que o rei havia nomeado Argan – algumas pessoas disseram que suas leis lhe permitiam que fizesse isso –, o terceiro filho, como seu sucessor. E agora, pelo que parecia, seu segundo filho, Trunia, indignado por não ter sido escolhido para a sucessão e sem dúvida alimentando alguns outros rancores que em geral podem facilmente ser encontrados em qualquer terra, havia feito uma rebelião, à qual muitos haviam aderido, com o objetivo de recuperar o que ele julgava seu por direito. O resultado seria que, no mínimo por um ano, toda a Fars estaria ocupada com a guerra civil e ambas as partes já estavam muito solidárias a Glome, de maneira que, naquela região, estávamos a salvo de qualquer ameaça.

Alguns dias depois, num momento em que Raposa estava ao meu lado (na maioria do tempo ele não tinha como estar, pois o rei necessitava dele), perguntei:

– Vovô, você ainda acha que Ungit é somente mentiras de poetas e sacerdotes?

– Por que não, filha?

– Se ela fosse de fato uma deusa, o que aconteceria depois da morte de minha pobre irmã? Todos os perigos e pragas que se lançaram sobre nós foram extirpados. Porque o vento mudou a partir do dia em que eles foram extirpados... – E então descobri que eu não saberia que nome dar a tudo isso. Eu estava retomando as minhas forças e também a minha tristeza. O mesmo aconteceu com Raposa.

– Acaso maldito, acaso maldito – ele murmurou, com o rosto contorcido, um pouco por raiva e um pouco para segurar as suas lágrimas (os homens gregos choram com muita facilidade, como as mulheres). – São esses acasos que alimentam as crenças dos bárbaros.

– Quantas vezes, vovô, você me disse que o acaso não existe?

– Você está certa. Foi um velho truque da língua. Eu quis dizer que todas essas coisas não tinham mais a ver com aquele assassinato do que com qualquer outra coisa. Tudo é parte da mesma teia, que se chama Natureza, ou o Todo. Esse vento sudoeste veio de mais de mil milhas de mar e de terra. O clima do mundo inteiro teria que ter sido diferente desde o início, se esse vento não soprasse. É tudo uma mesma teia e a gente não consegue tirar fios dela ou incluí-los alguns nela.

– Significa – eu disse, apoiando meu rosto sobre o cotovelo – que ela morreu inutilmente. Se o rei tivesse esperado mais alguns dias poderíamos salvá-la, pois tudo teria começado a se ajustar. E a isso você chama de consolo?

– Não é isso. O pecado foi vão e ignorante, como o são todas as obras más. Esse é o nosso consolo, que o mal foi deles, não dela. Contaram que não havia nenhuma lágrima no rosto dela, nem tremor em suas mãos, quando eles a colocaram na Árvore. Ela não chorou nem mesmo quando foram embora e a deixaram lá. Ela morreu cheia de todas as coisas que são realmente boas: coragem, paciência e... e... ai, ai!, ah, Psique, ah, minha pequenina... – E então o seu amor me apareceu como o melhor da sua filosofia e ele colocou o manto sobre a sua cabeça e, por fim, ainda aos prantos, me deixou.

No dia seguinte, ele disse:

- Você viu ontem, filha, o pouco progresso que fiz. Comecei a filosofar tarde demais. Você é mais jovem e pode ir mais adiante. Amar e perder o que amamos são coisas igualmente feitas pela nossa natureza. Se não conseguimos lidar bem com a segunda, esse mal é nosso. Isso não aconteceu com Psique. Se olharmos para isso tudo com os olhos da razão e não com as nossas paixões, que bem que a vida oferece ela não conquistou? Castidade, temperança, prudência, mansidão, clemência, valor... e, embora a fama seja efêmera, no entanto, se analisarmos bem, ela é um nome tão famoso quanto o de Efigênia e Antígona.

É claro que há muito ele havia me contado essas histórias, tantas vezes que eu as conhecia de cor. Na grande maioria das vezes ele o fizera usando as próprias palavras dos poetas. No entanto, eu lhe pedi que as contasse novamente. Fiz isso principalmente por ele, pois eu agora era crescida o bastante para saber que um homem - acima de tudo, um homem grego - é capaz de encontrar consolo nas palavras que saem de sua própria boca. Mas também fiquei contente em ouvi-las. Essas coisas eram apaziguadoras, familiares e eu manteria afastada da grande tristeza que agora, com o retorno de minha saúde, estava começando a misturar-se a todos os meus pensamentos.

No dia seguinte, quando me levantei pela primeira vez, eu disse-lhe:

- Vovô, não sei mais ser Efigênia. Posso ser Antígona.

- Antígona? Como, filha?

- Ela fez um funeral para o irmão dela. Eu também... e deve ter sofrido alguma coisa dela. Nem mesmo o Bruto comeria ossos humanos. Preciso ir até a Árvore. Eu os trarei... de volta, se puder. E os queimarei imediatamente. Ou, se houver muitos, eu os sepultarei lá mesmo.

- Seria piedoso - disse Raposa. - Estaria de acordo com o costume, se não com a Natureza. Se você puder. Mas já estamos muito próximos do fim do ano para subir a Montanha.

- É por isso que tem de ser feito rapidamente. Penso que deve faltar de cinco a vinte dias para cair a primeira leva de neve.

- Se você tiver condições, filha. Você esteve muito doente.

- É tudo que posso fazer - eu disse.

Capítulo 9

EM POUCO TEMPO eu já era capaz de andar novamente pela casa e pelos jardins. Mas tinha que o fazer com alguma discrição, pois Raposa havia dito ao rei que eu ainda estava doente. Caso contrário, ele me levaria à Sala da Coluna para trabalhar. Sua pergunta mais frequente era: “Onde essa menina pensa que vai parar? Quer ficar em repouso pelo resto da vida? Não vou sustentar preguiçosos em minha casa para sempre”. A perda de Psique não havia amolecido o coração dele em relação a Redival e a mim. Ao contrário. Raposa disse que, ao ouvi-lo falar, parecia que nenhum pai amara uma filha mais que ele a Psique. Era como se os deuses tivessem levado a sua filha querida e deixado somente o lixo: a jovem prostituta, Redival, e a duende, eu. Mas eu podia chegar a todas essas conclusões sem a ajuda dos relatórios de Raposa.

De minha parte, eu estava ocupada pensando em como conseguiria empreender a minha jornada até a Árvore na Montanha e juntar o que restasse de Psique. Eu havia falado em fazer isso muito superficialmente e estava de fato determinada a fazê-lo, mas as dificuldades eram grandes. Eu nunca tinha aprendido a montar nenhum animal, portanto precisaria ir a pé. Sabia que teria que levar comigo um homem que conhecesse o caminho de aproximadamente seis horas do palácio até a Árvore. Se fôssemos eu, uma outra mulher e mais alguém que conhecesse o caminho, precisaríamos calcular oito horas, no mínimo. E outras duas horas para fazer o trabalho a que eu me havia proposto. E seria preciso prever outras seis horas para a jornada de volta. Seriam dezesseis horas ao todo. Isso não poderia ser feito de uma só vez. Eu deveria incluir a estadia de uma noite na Montanha, além de levar comida – precisaria encontrar água por lá – e roupas para me aquecer. E a viagem não poderia ser feita até que eu recuperasse todas as minhas forças.

E, na verdade – como agora todos podem perceber –, o que eu desejava mesmo era adiar a minha viagem o máximo possível. Não por

qualquer perigo ou trabalho que ela pudesse me custar, mas porque imaginava que, quando ela fosse concluída, não haveria nada mais em todo o mundo que eu pudesse fazer. Enquanto esse desafio estivesse diante de mim, havia, digamos, alguma barreira entre mim e o grande deserto sem vida que o resto de minha existência deveria vir a representar. Uma vez tendo recolhido os ossos de Psique, então me parecia que tudo que dissesse respeito a ela chegaria ao fim. Por outro lado, mesmo com o desafio ainda por ser vencido, estava começando a fluir em mim uma tristeza que eu jamais experimentara, só de pensar nos anos inúteis que teria depois de vencê-lo. Essa tristeza não era, de modo algum, sequer parecida com as agonias pelas quais havia passado antes e que venho suportando desde então. Eu não chorava, nem apertava minhas mãos. Eu era como água colocada em uma garrafa e deixada em uma adega – vivia totalmente sem movimento, sem jamais ser consumida por nada, ou derramada, espalhada ou agitada. Os dias eram infinitos. As sombras pareciam pregadas ao chão, como se o sol não mais se movesse.

Um dia, quando esse estado de letargia chegou ao seu nível mais profundo, entrei na casa por uma porta que leva a uma passagem estreita, entre os alojamentos dos guardas e a leiteria. Sentei-me no chão, sentindo-me menos cansada fisicamente – pois os deuses, não por misericórdia, haviam me fortalecido – do que incapaz de encontrar uma razão para dar um passo adiante em qualquer direção ou fazer qualquer coisa. Uma mosca estava andando pelo batente da porta. Lembro-me de pensar que seu andar preguiçoso, aparentemente sem qualquer direção, era como a minha vida, ou mesmo como a vida do mundo inteiro. “Senhora” – disse uma voz atrás de mim. Eu olhei para cima. Era Bardia.

– Senhora – ele disse –, tomarei a liberdade de ir com a senhora. Também conheci a dor. Estive como está agora. Sentei-me e senti as horas passarem no correr dos anos. O que me curou foram as guerras. Não acho que haja qualquer outra cura.

– Mas não posso ir a guerras, Bardia – eu disse.

– A senhora pode, quer dizer, quase – ele disse. – Quando lutou do lado de fora do quarto da outra princesa (A paz esteja com ela, Bendita!), eu lhe disse que a senhora tinha um bom olho e uma boa envergadura. Pensou que eu tivesse dito isso para animá-la. Bem, talvez tenha dito

sim. Mas também era verdade. Não há ninguém nos alojamentos e há espadas sem corte. Venha e deixe-me dar-lhe uma aula.

– Não – respondi, meio que entediada. – Não quero. Para quê?

– Para quê? Tente e veja. Ninguém pode ficar triste enquanto usa o punho, a mão, os olhos e todos os músculos do corpo. É verdade, senhora, acredite ou não. E também seria muito triste não treinar alguém com tamanho dom para o esporte como a senhora demonstrou ter.

– Não – eu disse. – Deixe-me a sós. A menos que possamos usar espadas afiadas e que você me matasse.

– Isso é conversa de mulheres. A senhora nunca diria isso novamente, uma vez que visse feito. Venha. Não vou desistir até que venha comigo.

Um homem grande e delicado, alguns anos mais velho, é perfeitamente capaz de convencer até mesmo uma menina triste e mal-humorada. No fim, me levantei e fui com ele.

– Aquele escudo é muito pesado – ele disse. – Aqui está um para a senhora. Coloque-o. E entenda desde o princípio: seu escudo é uma arma, não uma parede. A senhora está lutando com ele do mesmo modo que com sua espada. Observe-me agora. Veja o modo como torço meu escudo, faço-o flutuar como uma borboleta. Haveria flechas, lanças e espadas voando em todas as direções se estivéssemos em luta. Agora, aqui está a sua espada. Não, não assim. Deve apertá-la com firmeza, mas levemente. Ela não é um animal selvagem tentando fugir da senhora. Assim está melhor. Agora, ponha seu pé esquerdo à frente. E não olhe em meu rosto, olhe para a minha espada. Não é o meu rosto que irá lutar contra a senhora. E, agora, eu lhe mostrarei algumas defesas.

Ele me manteve ocupada por meia hora. Foi a tarefa mais difícil que eu já cumpri e, enquanto durou, não dava para pensar em nenhuma outra coisa. Eu disse há pouco que trabalho e fraqueza são consoladores. No entanto, o suor é a mais bondosa das três coisas. Como uma alternativa de cura para pensamentos ruins, o suor é muito melhor que a filosofia.

– Chega – disse Bardia. – A senhora foi muito bem. Agora tenho certeza de que posso transformá-la em uma boa esgrimista. A senhora voltará amanhã? Suas roupas, no entanto, a embarçam. Seria melhor se pudesse vestir algo que viesse apenas até o joelho.

Eu estava tão quente que atravessei a passagem pela leiteria e bebi uma taça de leite. Foi a primeira comida ou bebida que realmente

saboreei desde que os tempos ruins começaram. Enquanto estava ali, um dos outros soldados – acho que ele tinha visto o que estávamos fazendo – veio até a passagem e disse algo para Bardia, que respondeu, mas não consegui ouvir o quê. Ele então falou mais alto: “Ora, sim, é uma pena no que diz respeito ao seu rosto. Mas ela é uma menina corajosa e honesta. Se um homem fosse cego e ela não fosse a filha do rei, faria dela uma boa esposa”. Isso foi a coisa mais próxima de uma declaração de amor que já me fizeram.

Depois disso, tive aulas com Bardia diariamente. E soube logo que ele se tornara um bom médico para mim. Minha dor continuou, mas a fraqueza foi embora e o tempo corria de novo no ritmo certo.

Logo disse a ele o quanto desejava ir à Montanha Cinzenta e por quê.

– Isso é muito bem pensado, senhora – ele disse. – Estou envergonhado de nunca ter pensado isso. Todos nós devemos à bendita princesa esse gesto, no mínimo. Mas não há necessidade de que a senhora vá. Eu irei pela senhora.

Eu disse que iria.

– Então deve ir comigo – ele disse. – Sozinha, nunca encontraria o lugar. E talvez encontre um urso, lobos ou homens das montanhas, ou um criminoso, e isso seria pior. Pode montar a cavalo, senhora?

– Não, nunca fui ensinada.

Ele enrugou a testa, pensando.

– Um cavalo será suficiente – ele disse –, eu na sela e a senhora na garupa. E não levaremos seis horas para chegar lá. Há um atalho. No entanto, o trabalho que temos que fazer levaria bastante tempo. Precisaremos dormir uma noite na montanha.

– O rei permitirá que se ausente por tanto tempo, Bardia?

Ele riu.

– Ah, vou inventar qualquer história para o rei. Ele se importa conosco – não é como com a senhora – e, mesmo com todas as palavras duras, ele não é um chefe ruim para soldados, pastores, caçadores e gente desse tipo. Ele os compreende e eles, a ele. A senhora só o vê em situação difícil com mulheres, sacerdotes e políticos. A verdade é que ele sente um pouco de medo dessas pessoas. – Isso me soou bem estranho.

Seis dias depois, nas primeiras horas da manhã, com o dia nascendo tão nublado que estava escuro como se fosse noite, Bardia e eu partimos.

Ninguém no palácio sabia de nossa ida, exceto Raposa e minhas criadas. Eu vestia uma capa preta, lisa, com um capuz e um véu sobre o meu rosto. Sob o manto, pus uma blusa curta que usava para minhas lutas de esgrima, com um cinto masculino e uma espada, dessa vez afiada, do meu lado.

– Muito provavelmente não encontraremos no caminho nada mais perigoso que um gato selvagem ou uma raposa – disse Bardia. – Mas ninguém, homem ou mulher, deve subir as colinas desarmado.

Sentei-me de lado sobre o cavalo, com uma das mãos na cintura de Bardia. Com a outra, segurava uma urna sobre minhas pernas.

A cidade estava silenciosa, exceto pelo ruído dos cascos do nosso cavalo, embora aqui e ali se visse uma luz em uma janela. Uma chuva forte precipitou-se sobre nós enquanto descíamos rumo ao vau do Shennit, mas parou enquanto cruzávamos as águas e as nuvens começaram a se dissipar. Ainda não havia adiante qualquer sinal da aurora, pois era para aquela direção que o tempo feio estava se dirigindo.

Passamos pela casa de Ungit à nossa direita. É uma casa com pedras grandes e antigas, tem duas vezes a altura de um homem e é quatro vezes mais grossa. Está erguida em uma área em forma de ovo. Essas pedras são muito antigas; ninguém sabe quem as juntou ou quem as levou àquele lugar, ou como fez isso. O telhado é coberto de palha com caniços e todo desnivelado, mas de algum modo é convexo, de forma que tudo tem a aparência de uma corcova arredondada, como se fosse um enorme caracol deitado sobre o campo. Ela tem uma forma sagrada, que os sacerdotes dizem que lembra, ou que realmente é – isso é um mistério –, o ovo no qual o mundo inteiro foi chocado ou o útero no qual o mundo inteiro outrora repousou. Toda primavera, o Sacerdote é trancado nela e luta, ou finge que luta, em sua saída, pela porta ocidental. Isso significa que o ano novo nasceu. Havia fumaça saindo dela enquanto passamos, pois o fogo diante de Ungit está sempre aceso.

Percebi que meu humor mudou tão logo deixamos Ungit para trás, em parte porque agora estávamos indo para o interior que eu nunca conhecera e em parte porque eu sentia como se o ar estivesse mais doce ao nos afastarmos de toda aquela santidade. A montanha, agora maior diante de nós, ainda não havia sido atingida pelo brilho do dia, mas, quando olhei para trás e vi, além da cidade, aquelas colinas onde Psique, Raposa e eu costumávamos perambular, notei que já era manhã

naquele ponto. E, ainda mais distante, as nuvens no céu ocidental estavam começando a ganhar uma tonalidade rosa claro.

Nós subíamos e descíamos pequenas colinas, mas sempre subindo mais que descendo, em uma estrada suficientemente boa, com gramado de ambos os lados. Havia florestas escuras à nossa esquerda e no momento a estrada virava na direção delas. Nesse ponto, no entanto, Bardia deixou a estrada e tomou o gramado.

- Aquela é a Estrada Sagrada - ele disse, apontando para as florestas. - É o caminho por onde levaram a Bendita (A paz esteja com ela!). Nosso caminho será mais íngreme e curto.

Nós então seguimos por um longo caminho sobre a grama, um caminho agradável, porém constantemente para cima, rumo a um cume tão alto e tão próximo que a verdadeira Montanha estava fora de vista. Quando chegamos nele e paramos por um tempo para que o cavalo pudesse recuperar o fôlego, tudo mudou. E a minha luta começou.

Havíamos agora chegado à luz do sol, brilhante demais para se olhar para ela e também bastante quente - tirei minha capa. Um orvalho pesado tornara a grama resplandecente como uma joia. A Montanha, muito maior, ainda que bem mais distante do que eu imaginara, vista com o sol pendurado um palmo acima de seus mais altos precipícios, não parecia algo sólido. Entre nós e ela havia uma grande queda de vale e colina, florestas e penhascos e muitos pequenos lagos, mais do que eu podia contar. Em ambos os lados, bem como atrás de nós, todo o mundo colorido, com todas as suas colinas, parecia estar empilhado até o céu e ainda havia, bem longe, um reflexo do que chamamos de mar - embora não pudesse ser comparado ao Grande Mar dos gregos.

Essa era a minha luta. Seria possível acreditar que eu havia partido triste o bastante e que segui adiante em uma missão triste. Agora, surgiu diante de mim algo parecido com uma voz, arremessando-se sobre mim de uma maneira brincalhona e insolente, meio sem palavras, mas dando a impressão de que se perguntasse "Por que seu coração não dança?", meu coração só não responderia "Por que não?", porque sou muito estúpida. Tive que ficar repetindo para mim mesma, como se estivesse repetindo uma lição, as infinitas razões pelas quais ele não podia dançar. Meu coração, dançar? Logo o meu coração, cujo amor foi tirado de mim, eu, a princesa feia que nunca mais deve procurar por outro amor,

a burra de carga do rei, a carcereira da odiosa Redival, que talvez fosse assassinada ou transformada em mendiga quando meu pai morresse – pois quem saberia o que Glome faria, então. No entanto, essa era uma lição que eu não conseguia guardar em minha mente. A visão do mundo imenso à minha frente colocou ideias malucas em minha cabeça. Era como se eu pudesse ficar vagando, perambulando para sempre, vendo coisas estranhas e belas, uma após outra, até o fim do mundo.

O frescor e a umidade que caíam sobre mim – durante todos os meses desde a minha doença, eu não havia visto outra coisa senão a natureza seca e murcha – me fizeram sentir que eu havia julgado mal o mundo. Ele parecia ser bom, sorridente, como se o seu coração também dançasse. Mesmo na minha feiura eu não conseguia acreditar muito. Quem pode *se sentir* feia quando o coração sente prazer? É como se, em algum lugar dentro de mim, dentro de um rosto repugnante e dos membros em frangalhos, houvesse um órgão ainda macio, fresco, ágil e cheio de desejo.

Ficamos no cume por pouco tempo. Porém mais tarde, durante horas, enquanto subíamos e descíamos, contorcendo-nos entre grandes colinas, descendo com frequência do cavalo e puxando-o pelo cabresto, às vezes por trechos perigosos, a minha luta continuou.

Eu não deveria resistir a esse sentimento bobo e feliz? A mínima decência exigia isso. Eu conhecia o mundo muito bem para acreditar nesse sorriso repentino. Que mulher pode ser paciente com o homem que se permite ser enganado pela lábia da gueixa depois de ter constatado por três vezes que ela era falsa? Eu me sentiria como esse homem se por acaso um simples rompante de um tempo bonito, de grama verde após uma longa seca e de cura após a enfermidade pudessem me fazer novamente amiga desse mundo assombrado por deus, repleto de pragas, decadente e tirano. Eu já havia constatado tudo isso. Não era tola. Eu não conhecia, no entanto, como agora conheço, a mais forte razão para desconfiar. Os deuses nunca nos enviam um convite ao prazer tão rápida ou profundamente como quando nos estão preparando para uma nova agonia. Nós somos suas bolhas e eles nos enchem bastante, antes de nos estourar.

Mas resisti a saber disso. E me controlei. Eles pensam que não sou nada senão uma flauta para ser tocada na hora em que bem entendem?

A luta terminou quando chegamos ao cume da Montanha real. Estávamos tão alto agora que, embora o sol estivesse muito forte, o vento

soprava amargamente gélido. Aos nossos pés, entre nós e a Montanha, havia um vale negro e maldito: lodo escuro, pântanos adubados, lascas de rocha, grandes rochedos e montes de pedras esparramadas desde a Montanha – como se a Montanha tivesse chagas e que elas formassem um caminho pedregoso. Sua grande massa se erguia em pequenas saliências de pedras na direção do céu – nós inclinávamos nossa cabeça para trás, para olhar para ela – como um dente velho, daqueles bem grandes, do fundo da boca. A face que ela nos mostrava não era realmente mais escarpada do que um telhado, exceto por alguns penhascos assustadores à nossa esquerda, mas é como se fosse uma parede. E agora ela também estava escura. Aqui os deuses pararam de tentar me alegrar. Não havia nada pelo qual mesmo o mais feliz dos corações pudesse dançar.

Bardia apontou para a frente, à nossa direita. Ali, a Montanha despencava em um movimento macio para um desfiladeiro, que de algum modo estava em um patamar mais abaixo do chão onde estávamos, mas que não tinha nada atrás de si, a não ser o céu. Em frente ao céu, sobre o desfiladeiro, havia uma simples árvore, sem folhas.

Descemos até o vale negro a pé, conduzindo o cavalo, pois a ida havia sido ruim e as pedras eram escorregadias. Até que, no lugar mais baixo, tomamos a estrada sagrada – ela passava pelo vale através da saída norte, à nossa esquerda. Estávamos tão próximos agora que não montamos novamente. Algumas rachaduras na estrada nos levaram de volta à cela e, mais uma vez, ao vento picante.

Eu agora estava com medo de que estivéssemos quase na Árvore. Não sei dizer por que, mas sei que encontrar os ossos, ou mesmo o corpo, teria acalmado meus temores. Acredito que tinha um temor infantil e sem lógica de que ela pudesse não estar viva, mas que também pudesse não estar morta.

E agora estávamos ali. O cinturão de ferro e a corrente que saía dele e que estava presa ao tronco seco – não havia nenhuma casca sobre a Árvore – estavam pendurados ali e, de vez em quando, faziam um barulho maçante, ao se moverem ao vento. Não havia ossos, nem trapos de roupa, nem marcas de sangue, nem nada.

– Como você interpreta esses sinais, Bardia? – perguntei.

– Os deuses a levaram – respondeu, bastante pálido e falando baixo (ele era um homem temente aos deuses). – Nenhuma fera natural teria deixado seu prato tão limpo. Haveria ossos. Uma fera, qualquer uma,

exceto o Bruto da Sombra sagrada, não conseguiria tirar o corpo dos ferros. E teria deixado as joias. Só se fosse um homem, mas um homem não a poderia ter libertado, a menos que tivesse ferramentas com ele.

Não pensei que nossa jornada seria tão vã. Não havia nada a fazer, nada a juntar. O vazio da minha vida iria começar naquele exato instante.

- Podemos procurar um pouco em volta - eu disse. Foi uma frase tola, pois eu não tinha nenhuma esperança de encontrá-la.

- Sim, sim, senhora. Podemos procurar em volta - disse Bardia. Eu sabia que ele dissera isso apenas por bondade.

E assim fizemos; trabalhando em círculos, ele de um lado e eu de outro, com nossos olhos pregados ao chão. Fazia muito frio, que fazia bater a nossa capa a ponto de a perna e o rosto doerem em contato com o vento.

Bardia estava à minha frente agora, do lado leste e mais adiante, em frente ao desfiladeiro, quando me chamou. Tive de empurrar de volta o cabelo que açoitava meu rosto antes que pudesse vê-lo. Corri até ele, quase voando, porque o vento oeste fez da minha capa uma vela de barco. Ele me mostrou o que encontrara: um rubi.

- Eu nunca a vi usando essa pedra - eu disse.

- Mas ela usou, senhora. Em sua última jornada. Eles colocaram suas próprias roupas sagradas nela. As tiras das sandálias estavam vermelhas, com rubis.

- Ah, Bardia! Então alguém... ou algo... a carregou até aqui.

- Ou talvez carregou apenas as sandálias. Uma gralha faria isso.

- Devemos continuar, mais adiante, nesta direção.

- Tenha cuidado, senhora. Se devemos fazer isso, eu farei. É melhor que fique atrás de mim.

- Por quê? O que há para se temer? E, de qualquer forma, não ficarei atrás de você.

- Não conheço ninguém que tenha ido além desse desfiladeiro. Durante a Oferenda, mesmo os sacerdotes não passam da Árvore. Estamos muito próximos da parte ruim da Montanha, quero dizer, da parte sagrada. Além da Árvore, dizem que é o país de todos os deuses.

- Então é você que deve ficar atrás de mim, Bardia. Eles não podem fazer nada pior comigo do que já fizeram.

- Irei onde for, senhora. Mas falemos menos deles, ou não falemos nada. E, primeiro, preciso voltar e pegar o cavalo.

Ele voltou até onde havia amarrado o cavalo em uma pequena sarça atrofiada – e por um momento ficou fora da minha vista, fiquei sozinha às margens da terra perigosa. E então se juntou a mim novamente, conduzindo o cavalo, com um ar muito sério, e seguimos adiante.

– Tenha cuidado – ele voltou a dizer. – A qualquer momento, talvez descobramos que estamos no topo de um penhasco.

E de fato tivemos a sensação, nos passos seguintes, de que estávamos caminhando direto para dentro de um céu vazio. E então, de repente, descobrimos que estávamos na borda de um declive íngreme. Nesse mesmo momento, o sol – que estivera coberto de nuvens desde que descêramos para o vale negro – apareceu.

Foi como olhar para um novo mundo. Aos nossos pés, encravado entre uma vasta confusão de montanhas, havia um pequeno vale, brilhante como uma pedra preciosa, mas aberto para o sul, à nossa direita. Através dessa abertura, era possível vislumbrar terras quentes, azuis, colinas e florestas, muito abaixo de nós. O vale era como uma rachadura no lado sul da Montanha. Embora fosse alto, o ano parecia ter sido mais bondoso com ele do que com Glome.

Nunca vi gramado mais verde. Havia arbustos floridos e vinhas exuberantes, além de muitos bosques com árvores floridas e abundância de águas claras – lagoas, riachos e pequenas cataratas. E, quando começamos a descer, depois de procurar um pouco onde o declive seria de mais fácil acesso para o cavalo, o ar passou a nos atingir mais quente e doce a cada minuto. Estávamos agora livres do vento e podíamos ouvir nossas próprias vozes. Logo pudemos ouvir o palavrório dos riachos e os sons das abelhas.

– Este pode muito bem ser o segredo do vale de deus – disse Bardia, com sua voz agora mais tranquila.

– É um grande segredo – respondi.

Agora estávamos no fundo e com tanto calor que hesitei em mergulhar minhas mãos e meu rosto na água corrente e semitransparente do riacho que ainda nos separava da parte principal do vale. Eu já havia erguido minha mão para colocar meu véu de lado quando ouvi duas vozes gritarem – uma delas era de Bardia. Eu olhei. Um choque estarrecedor de um sentimento que não sei como nomear, mas que é algo muito próximo do terror, atravessou-me como um punhal, da cabeça aos pés. Psique estava ali, a menos de dois metros de distância, do outro lado do rio.

Capítulo 10

NEM SEI QUE PALAVRAS BALBUCIEI, entre lágrimas e risos, no primeiro rompante da minha imensa alegria – com a água ainda entre nós. Fui despertada pela voz de Bardia.

– Tenha cuidado, senhora. Talvez seja seu fantasma. Talvez... ai! ai!... seja a noiva de deus. É uma deusa. – Ele estava completamente pálido, inclinando-se para jogar terra na própria cabeça.

Não poderíamos culpá-lo por estar assim. Ela estava com a face toda brilhante, como dizemos em grego. Mas não senti nenhum temor. O quê? Eu, sentir medo da mesma Psique que eu havia carregado em meus braços e ensinado a falar e a andar? Ela estava queimada pelo sol e pelo vento e vestida com trapos, mas sorria, e seus olhos pareciam duas estrelas, seus membros lisos e arredondados e – com exceção dos trapos – não havia nenhum sinal de que estivesse enfrentando pobreza ou dificuldade.

– Bem-vindos, bem-vindos, bem-vindos – ela dizia. – Ah, Maia, como ansiei por isso. Foi meu único desejo. Eu sabia que você viria. Ah, como estou feliz! E o bom Bardia, também. Foi ele quem lhe trouxe? É claro, eu deveria supor. Venha, Orual, você precisa atravessar o riacho. Eu lhe mostrarei o lugar mais fácil. Mas Bardia... não posso convidá-lo a vir. Querido Bardia, não é...

– Não, não, Bendita Istra – disse Bardia (e achei que ele estava muito aliviado por isso). – Sou apenas um soldado. – Então, com voz mais baixa, ele me disse: – A senhora vai? É um lugar muito terrível. Talvez...

– Se vou? Mesmo se em vez de água houvesse fogo nesse rio.

– É claro. Com a senhora é diferente. A senhora tem sangue dos deuses. Ficarei aqui com o cavalo. Estamos sem vento e há boa grama para ele aqui.

Eu já estava à beira do rio.

- Um pouco mais para cima, Orual - disse Psique. - Aqui é melhor de passar. Vá em frente, para adiante daquela grande pedra. Cuidadosamente! Pise firme. Não, não à sua esquerda. Certos trechos são muito fundos. Por aqui. Agora, mais um passo. Dê-me sua mão.

Suponho que a longa convalescença e o tempo dentro de casa durante a minha doença haviam me deixado mais frágil. De qualquer maneira, a frieza da água tirou-me todo o fôlego e a correnteza era tão forte que, se não fosse a mão de Psique, penso que teria me derrubado e me encoberto. Momentaneamente até pensei, em meio a milhares de outras coisas, "Como ela cresce forte. Ela será uma mulher mais forte do que fui. Ela terá isso juntamente com sua beleza".

O que veio a seguir foi tudo uma grande confusão - tentei falar, chorar, beijar, recuperar meu fôlego, tudo ao mesmo tempo. Ela, no entanto, conduziu-me alguns passos além do rio e fez-me sentar no tempo quente e sentou-se ao meu lado; nossas quatro mãos se uniram sobre o meu colo, como se haviam unido naquela noite, em sua prisão.

- Ora, irmã - ela disse com alegria -, você descobriu meu limiar frio e escarpado! Está sem fôlego. Mas irei restaurar as suas forças.

Ela saltou, afastou-se a certa distância e voltou, carregando algo: pequenas bagas, frias e escuras, da Montanha, em uma folha verde.

- Coma - ela disse. - Não é a comida apropriada para os deuses?

- Não há nada mais doce - respondi. E, de fato, naquela hora eu estava com muita fome e sede, pois já era meio-dia ou mais. - Mas, ah... Psique, conte-me como...

- Espere! Depois do banquete, o vinho. - Bem ao nosso lado, uma pequena corrente prateada saía por entre as pedras cobertas de limo, macias como almofadas. Ela manteve suas duas mãos debaixo dela até que se enchessem e ergueu-as até os meus lábios.

- Já provou um vinho mais nobre? - perguntou-me. - Ou em uma taça mais bela?

- É de fato uma boa bebida - respondi. - Espero que seja mesmo meu. Mas, Psique, devemos falar sério. Sim, e precisamos conversar muito também. Como você tem vivido? Como escapou? E, veja, não devemos deixar que a alegria do momento tire isso de nossa mente. O que devemos fazer agora?

– Fazer? Ora, nos alegrarmos, o que mais? Por que nossos corações não deveriam se alegrar?

– Eles se alegram. Você não acha? Ora, eu poderia perdoar os deuses. E logo talvez também seja capaz de perdoar Redival. Mas como posso fazer isso... será inverno em um mês ou menos. Você não pode... Psique, como você se manteve viva até agora? Eu pensei, pensei... – Mas pensar no que eu havia pensado me desorientou.

– Silêncio, Maia, silêncio – disse Psique (mais uma vez era ela quem me consolava). – Todos esses temores passaram. Está tudo bem. Também cuidarei do seu bem, não descansarei enquanto você não estiver tão feliz quanto eu. Mas você ainda sequer perguntou sobre a minha história. Não se surpreendeu de encontrar essa bela habitação e eu vivendo aqui, assim? Não vai me perguntar como?

– Sim, Psique, estou estupefata. É claro que quero ouvir sua história. A menos que devêssemos antes traçar nossos planos.

– Grande Orual – disse Psique em tom de zombaria. – Você sempre dada a fazer planos. E você estava certa, Maia, tendo uma criança tão tola como eu para criar. E que você criou bem. – Com um beijo leve, ela deixou para trás todos aqueles dias, toda a minha vida de dedicação e começou a contar sua história.

– Eu não estava em meu pleno juízo quando deixamos o palácio. Antes que as duas meninas comessem a me pintar e a me vestir, elas me deram algo doce e pegajoso para beber; uma droga, suponho, pois logo que a engoli tudo parecia um sonho, e cada vez mais parecia que eu estava sonhando, por muito tempo. E acho, irmã, que devem sempre dar isso àqueles cujo sangue deve ser derramado sobre Ungit e é por isso que os vemos morrer tão pacientemente. E a pintura em meu rosto também alimentava o clima de sonho. Ela enrijecia tanto o meu rosto que não parecia ser meu rosto. Eu não conseguia sentir que era eu quem estava sendo sacrificada. E então vieram a música, o incenso e as tochas, que aumentaram ainda mais esse sentimento. Eu vi você, Orual, no topo da escadaria, mas não consegui sequer erguer a mão para acenar a você. Os meus braços estavam pesados como chumbo. E achei que não teria muita importância, porque você também acordaria em breve e descobriria que tudo fora um sonho. E, em certo sentido era, não era? E você está quase acordando agora. O quê? Ainda está muito séria. Eu devo acordá-la mais.

- Eu pensava que o ar frio traria minha mente de volta à consciência quando deixamos os grandes portões, mas a droga ainda exercia pleno efeito. Eu não tinha medo, mas também não sentia alegria. Sentada sobre aquela liteira, acima das cabeças de toda aquela multidão, era tudo bastante estranho... e as trombetas e chocalhos soavam o tempo inteiro. Eu não sabia se a jornada até a Montanha era longa ou curta. Cada etapa parecia longa, notei seixos no caminho, olhava bastante para cada árvore ao passarmos por elas. No entanto, a jornada completa pareceu não demorar muito. Mas foi tempo suficiente para que eu recuperasse a minha sanidade. Comecei a perceber que algo terrível estava sendo feito para mim. Pela primeira vez, então, eu quis falar. Tentei gritar a eles que havia algum engano, que era apenas a pobre Istra e que não poderia ser eu a pessoa que eles queriam matar. Mas não saía nada além de uma espécie de grunhido ou murmúrio da minha boca. Então um homem grande e com cabeça de pássaro, ou um pássaro com corpo de homem...

- Devia ser o Sacerdote - eu disse.

- Sim. Se é que quando ele coloca a máscara ele ainda é o Sacerdote. Talvez, quando a vista, ele se transforme em um deus. Então, ele disse: "Dê um pouco mais para ela" e em seguida um dos sacerdotes mais jovens apoiou-se sobre os ombros de alguém e colocou a doce taça pegajosa em meus lábios novamente. Eu não quis tomar, mas, sabe, Maia, tudo ficou tão parecido com aquela vez, quando você conseguiu o curandeiro para tirar aquele espinho de minha mão, há muito tempo... você lembra, você segurando forte a minha mão e me dizendo para ficar tranquila, que logo aquilo terminaria. Bem, foi assim, de modo que me senti segura para fazer o que me mandavam fazer.

- O que vi depois - e realmente vi - foi que estava fora da liteira e sobre a terra quente, enquanto me amarravam à Árvore com ferro em torno de minha cintura. E foi o som do ferro que limpou o resto de droga que havia em minha mente. E lá estava o rei, berrando, gemendo e se descabelando. E, sabe, Maia, ele olhou para mim de verdade, realmente olhou, e me pareceu que estava me vendo pela primeira vez. No entanto, tudo o que eu queria era que ele parasse de olhar e, com todos os outros, fosse embora e me deixasse só, para chorar. Eu queria chorar imediatamente. Minha mente estava ficando cada vez mais clara e eu estava com muito medo. Estava tentando ser como aquelas meninas

nas histórias gregas que Raposa sempre contava e eu sabia que podia me segurar até que todos tivessem partido, desde que fossem rápido.

- Ah, Psique, você disse que está bem agora. Esqueça esse tempo terrível. Continue, depressa, me conte como você foi salva. Temos tanto o que conversar e arranjar. Não há tempo...

- Orual! Temos todo o tempo que existe. Você não *quer* ouvir a minha história?

- Claro que sim. Quero ouvir tudo. Quando estivermos seguras e...

- Onde estaremos seguras senão aqui? Este é o meu lar, Maia. E você não entenderá o encantamento e a glória da minha aventura a menos que escute a parte ruim. Não foi muito ruim, sabe.

- Foi tão ruim que mal posso ouvi-la.

- Ah, mas espere. Bem, por fim, todos se foram e lá estava eu, sozinha, sob a claridade do céu, com a grande Montanha seca e árida ao meu redor e nenhum ruído para se ouvir. Não havia nenhum vento, mesmo junto à Árvore... você lembra como foi o último dia da seca. Eu já estava com sede... a bebida pegajosa havia me deixado com sede. Então notei, pela primeira vez, que eles haviam me amarrado tão forte que eu não conseguia nem me sentar. Foi quando meu coração enfraqueceu. E então chorei. Ah, Maia, o quanto eu quis ter você e Raposa ao meu lado! E tudo o que podia fazer era orar, orar, orar aos deuses para que, o que quer que fosse acontecer a mim, acontecesse logo. Mas não aconteceu nada, exceto que minhas lágrimas me deixaram ainda com mais sede. Então, muito tempo depois, coisas começaram a juntar-se em meu redor.

- Coisas?

- Ah, nada ruim. Primeiro foi o gado da montanha. Eles eram animazinhos magros. Compadeci-me deles, pois achei que estavam tão sedentos quanto eu. E eles chegaram cada vez mais perto, formando um círculo, mas não perto demais; e mugiam para mim. E depois disso veio um animal que eu nunca havia visto antes, mas acho que era um lince. Ele chegou bem perto. Minhas mãos estavam livres e me perguntei se conseguiria defender-me dele. No entanto, não precisei me defender. Depois de avançar e recuar não sei por quantas vezes (acho que no começo ele tinha tanto medo de mim quanto eu dele), ele chegou e cheirou meus pés e então ficou em pé diante de mim, apoiado em suas patas dianteiras, me cheirou de novo e foi embora. Lamentei quando

ele partiu... era uma boa companhia. E você sabe no que eu pensava esse tempo todo?

- No quê?

- A princípio eu estava tentando me animar, com aquele sonho antigo de meu palácio de ouro e de âmbar sobre a Montanha... e o deus... tentando acreditar nele. Mas não conseguia acreditar de jeito nenhum. Não conseguia entender como podia ter acreditado nisso. Tudo isso, todos os meus velhos anseios, haviam partido de vez.

Apertei as mãos dela e fiquei em silêncio. No entanto, por dentro, alegrei-me. Talvez, não sei, eu tenha sido eficiente ao encorajar aquela fantasia, antes da Oferenda, se isso lhe tinha de alguma forma servido de apoio. Agora, eu estava alegre por ver que ela a havia esquecido. Era algo do que eu poderia não gostar, algo não natural e alienante. Talvez essa minha alegria seja uma das coisas que os deuses têm contra mim. Eles nunca dirão isso.

- A única coisa que me fez bem - ela continuou - foi algo bem diferente disso. Não sei se foi um pensamento e é muito difícil descrever em palavras. Havia muito da filosofia de Raposa no que aconteceu. Coisas que dizemos sobre os deuses ou sobre a "Natureza Divina", porém era algo que se misturava com as coisas que o Sacerdote também dizia, sobre o sangue, a terra e sobre como o sacrifício faz os grãos crescerem. Não estou explicando muito bem o que é. Pareceu-me vir de algum lugar do meu íntimo, de um lugar mais profundo que a parte de mim que vê imagens de palácios de ouro e de âmbar, de um lugar mais profundo onde se escondem os temores e as lágrimas. Era algo que não tinha forma, mas era possível apegar-se a ele, ou deixar que ele se apegasse a você. Então a mudança ocorreu.

- Que mudança?

Eu não sabia muito bem sobre o que estava falando, mas entendi que ela deveria por si mesma encontrar um modo de me contar a história, à sua maneira.

- Ah, o clima, é claro. Eu não poderia vê-lo, amarrada do modo como estava, mas podia senti-lo. De repente fiquei gelada. Então percebi que o céu estava cheio de nuvens que iam escurecendo sobre Glome, pois todas as cores sobre a Montanha se foram e minha própria sombra desaparecera. E, então, esse foi o primeiro momento doce... um suspiro

do vento... do vento ocidental... bateu nas minhas costas. E ventou cada vez mais e era possível sentir a chuva se aproximando. Assim é que, então, descobri quem os deuses realmente são e compreendi que eu estava trazendo a chuva. Os ventos estavam urrando, no entanto, era um som muito suave para ser chamado de urro, em meu redor. E chovia. A Árvore me protegia um pouco de ambos e eu juntava minhas mãos o tempo todo e lambia delas a água que caía da chuva, pois estava com muita sede. O vento foi ficando cada vez mais forte. Parecia estar me erguendo do chão, de modo que, se não fosse o ferro amarrado em minha cintura, eu teria sido varrida por ele. E, finalmente e por um momento, eu o vi.

- Viu quem?

- O vento ocidental.

- Viu o vento?

- Não o vento coisa, o vento pessoa. O deus do vento: o próprio Vento Ocidental.

- Você estava acordada, Psique?

- Sim, não foi um sonho. Não se pode sonhar coisas assim, porque essas coisas nunca são vistas. Ele tinha a forma humana. Mas não dava para confundi-lo com um homem. Ah, irmã, você entenderia se tivesse visto. Como fazê-la entender? Você já viu leprosos?

- Sim, é claro.

- E você sabe quão saudáveis parecem ser as pessoas quando elas estão ao lado de um leproso?

- Você quer dizer que elas passam a parecer mais saudáveis, mais saudáveis que nunca?

- Sim. Nós, ao lado dos deuses, somos como os leprosos ao lado de pessoas como nós.

- Você quer dizer que esse deus era muito vermelho?

Ela riu e aplaudiu-me.

- Ah, que inútil - ela disse. - Vejo que não consegui de jeito nenhum lhe transmitir a visão que presenciei. Tudo bem. Você verá deuses por si mesma, Orual. Que seja assim. Farei com que seja. De algum modo. Deve haver uma maneira. Olhe, isso talvez lhe ajude. Quando vi o Vento Ocidental não fiquei nem alegre nem com medo, em princípio. Eu me senti envergonhada.

- Mas de quê? Psique, eles não haviam tirado suas roupas ou coisa assim!

- Não, não, Maia. Envergonhada de parecer um mortal, envergonhada de ser um mortal.

- Mas como evitar isso?

- Você não acha que as pessoas sentem mais vergonha das coisas que não podem esconder?

Pensei em minha feiura e não disse nada.

- E ele me tomou em seus belos braços - disse Psique -, que pareciam me queimar, embora a queimadura não doesse, e puxou-me para fora da cerca de ferro, e aquilo também não doeu e não sei como ele conseguiu fazer aquilo, e me carregou no ar, para muito acima do chão e me fez rodopiar. É claro que ele logo ficou invisível de novo. Eu o havia visto somente como alguém que vê um relâmpago. Mas isso não importava. Agora que eu sabia que ele era uma entidade, não uma coisa, não estava nem um pouco com medo de navegar pelo céu, nem de dar cambalhotas no ar.

- Psique, você tem certeza de que isso aconteceu? Você deve ter sonhado!

- Mas se isso fosse um sonho, irmã, como você acha que cheguei aqui? É muito mais provável que tudo o que me aconteceu antes disso fosse um sonho. Ora, Glome, o rei e Batta me parecem muito mais com sonhos, agora. Mas você está interrompendo minha narrativa, Maia. Ele então me carregou no ar e me colocou de volta ao chão, suavemente. A princípio fiquei sem fôlego e desorientada até perceber onde estava, pois o Vento Ocidental é um deus alegre, bruto. Irmã, você acha que deuses jovens aprenderam a como lidar conosco? Um toque rápido de mãos como as deles e nós desabaríamos. Mas, quando voltei a mim... ah, você pode imaginar que momento foi aquele! E eu via a Casa diante de mim e eu deitada no solado da porta. E não era, você veja bem, apenas a Casa de ouro e de âmbar que eu costumava imaginar. Se fosse isso, eu poderia de fato ter pensado que estava sonhando. Mas percebi que não era. Era diferente de qualquer casa desta terra, diferente daquelas casas gregas que Raposa nos descrevia. É algo novo, nunca antes concebido... mas, olhe, ali, você pode ver por si mesma. E lhe mostrarei cada pedaço dela em um instante. Por que tentar descrevê-la em palavras?

– Dava para perceber de cara que aquela era a casa de um deus. Não estou me referindo aos templos onde os deuses são adorados. Uma casa de deus onde ele vive. Eu não teria, por riqueza nenhuma, entrado nela. Mas tive que entrar, Orual. Pois dela veio uma voz... doce? Sim, mais doce que qualquer música, embora ao ouvi-la eu ficasse de cabelos em pé... e você sabe, Orual, o que a voz disse? Disse: “Entre em sua casa”, sim, a voz a chamou de *minha* casa – “Psique, a noiva de deus”.

– Fiquei envergonhada de novo, envergonhada da minha mortalidade, e tive muito medo também. Mas teria sido vergonha pior e medo pior desobedecer. Eu dei, fria, pequena e trêmula, alguns passos, passei pela varanda e fui até o pátio. Não havia ninguém. Mas então as vozes vieram. Todas ao meu redor, oferecendo-me as boas-vindas.

– Que tipo de vozes?

– Vozes femininas... bem, ao menos pareciam vozes femininas, do mesmo modo como a voz do vento-deus era de um homem. E elas diziam: “Entre, senhora, mestra. Não tema”. E elas se moviam como os oradores, embora eu não conseguisse ver ninguém e me conduziam por meio dos seus movimentos. E assim me levaram a um salão calmo, com um telhado arqueado, onde havia uma mesa posta com frutas e vinho. Frutas como nunca... mas você vai ver. Elas diziam: “Refresque-se, senhora, antes do banho, depois dele vem a festa”. Ah, Orual, como lhe contar o que senti? Eu sabia que eram todos espíritos e o que eu queria era cair aos seus pés. Mas não ousei fazer isso. Se eles me fizeram mestra daquela casa, uma mestra eu deveria ser. No entanto, o tempo todo fiquei com medo de que pudesse haver alguma cruel zombaria nisso e que a qualquer momento uma gargalhada terrível ocorreria e...

– Ah! – disse eu, com um longo suspiro.

– Ah, mas eu estava errada, irmã. Completamente enganada. Essa é parte da vergonha do mortal. Elas me deram frutas, me deram vinho...

– As vozes lhe deram?

– Os espíritos me deram. Eu não podia ver as mãos deles. No entanto, sabe, nunca me pareceu que os pratos ou a taça se movessem. Dava para ver que eram mãos quem faziam isso. E, Orual (sua voz ficou bem baixa), quando apanhei a taça, eu... eu... *senti* outras mãos tocando a minha. De novo, aquela queimação, embora sem dor. Era terrível. – Ela corou repentinamente e eu, sem saber bem por que, ri. – Não seria terrível

agora – ela disse. – Eles então me levaram para o banho. Você vai ver. Ele é no pátio mais delicado e repleto de colunas, a céu aberto e a água é como cristal e cheira tão doce quanto... tão doce quando esse vale inteiro. Eu estava terrivelmente tímida na hora de tirar a roupa, mas...

– Você disse que eles eram todos espíritos femininos.

– Ah, Maia, você ainda não entendeu. Essa vergonha não tem nada a ver com Ele ou Ela. É a vergonha de ser mortal, de ser, como direi... insuficiente. Você não acha que um sonho se sentiria tímido se fosse visto caminhando por aí, no mundo real? E então – ela falava cada vez mais rápido agora – eles me vestiram novamente... com as coisas mais belas... e logo chegou o banquete... e a música... e depois me colocaram na cama... e a noite chegou... e então... ele...

– Ele?

– O Noivo... o próprio deus. Não olhe para mim desse jeito, irmã. Eu sou sua Psique ainda. Nada irá mudar isso.

– Psique – disse eu, levantando-me de um salto –, não posso mais aguentar isso. Você me contou tantas maravilhas... Se isso tudo é verdade, eu estive errada por toda a minha vida. Tudo tem de começar de novo. Psique, é verdade? Você não está brincando comigo? Mostre-me seu palácio.

– É claro que mostrarei – ela disse, levantando-se. – Vamos para ele. E não tenha medo de nada que vir ou ouvir.

– Estamos longe? – perguntei.

Ela me deu uma olhadela rápida, de quem estava surpresa.

– Longe de onde? – perguntou.

– Do palácio, dessa casa de deus.

Pense na cena de uma criança perdida em uma multidão, que corre para uma mulher que ela considera sua mãe e então a mulher se vira e mostra o rosto e a criança percebe que está olhando para os olhos de um estranho e fica em silêncio, antes de começar a chorar. O rosto de Psique estava desse jeito – contido, pálido.

Era como se a mais feliz das certezas repentinamente se partisse toda, em pedaços.

– Orual – ela disse, começando a tremer –, o que você quer dizer com isso?

Eu também fiquei assustada, embora ainda não tivesse noção do que estava realmente acontecendo.

- Querer dizer? - perguntei. - Onde é o palácio? Quanto temos de andar para chegar até ele?

Ela deu um grito bem alto. Então, com o rosto branco, olhando firme em meus olhos, ela disse:

- Mas isso é ele, Orual! Ele está aqui! Você está nas escadas do grande portão.

Capítulo 11

SE ALGUÉM PUDESSE NOS VER naquele momento, acredito que pensaria que éramos duas inimigas preparadas para uma batalha de vida ou morte. Sei que estávamos assim, a poucos passos uma da outra, com os nervos à flor da pele, os olhos fixos uma na outra, em uma horrorosa posição de alerta.

E, nesse momento, estamos passando para aquela parte da história na qual narro a minha acusação contra os deuses. Portanto, preciso tentar a qualquer custo escrever o que seja totalmente verdade. No entanto, é difícil saber, sem que haja qualquer dúvida, o que eu estava pensando enquanto aqueles momentos sem fim e silenciosos passavam. Ao me lembrar disso, de vez em quando me confundo em minhas memórias.

Suponho que o meu primeiro pensamento tenha sido “Ela está louca”. De qualquer forma, todo o meu coração se apressou para fechar a porta para algo monstruosamente inadequado e que não deveria continuar. E cuidou de mantê-la fechada. Talvez eu estivesse lutando para eu mesma não enlouquecer.

Mas o que disse quando recuperei meu fôlego – e sei que minha voz saiu como que em um suspiro – foi simplesmente: “Precisamos ir embora imediatamente. Este é um lugar terrível”.

Eu estava acreditando nesse palácio invisível? Um grego riria desse pensamento. Mas em Glome é diferente. Lá, os deuses estão muito perto de nós. Na Montanha, em seu cerne, onde Bardia tinha medo de ir e aonde até mesmo os sacerdotes não vão, qualquer coisa era possível. Nenhuma porta poderia ser mantida fechada. Sim, era assim. Não se tratava de uma crença objetiva, mas de uma preocupação sem fim – o mundo inteiro, Psique inclusive, estava escorregando de minhas mãos. O que quer que eu tenha querido dizer, ela entendeu da pior forma.

– Então, você o enxerga, afinal – ela disse.

- Enxergo o quê? - perguntei. Era uma pergunta tola. Eu sabia a que ela se referia.

- Ora, isso, isso - respondeu Psique. - Os portões, os muros brilhantes...

Por alguma razão estranha, a raiva... a mesma raiva do meu pai... precipitou-se sobre mim quando ela disse isso. Eu me vi gritando - e tenho certeza de que eu não queria gritar:

- Pare! Pare agora mesmo! Não há nada aqui.

O rosto dela ficou vermelho. Imediatamente - e naquele momento apenas - ela também ficou com raiva.

- Bem, se você não pode ver, então sinta, sinta - ela gritou. - Toque. Dê tapas. Bata sua cabeça contra ele. Aqui... - Ela tentou agarrar minhas mãos. Eu as puxei com violência.

- Pare, pare, estou lhe dizendo! Não existe nada disso que você está falando. Você está fingindo. Você está enganando a si mesma.

Mas eu estava mentindo. Como eu poderia saber se ela realmente viu coisas invisíveis ou falou como se estivesse louca? O que quer que tenha acontecido, algo muito estranho havia iniciado ali. É como se eu, pela força, empurrasse alguma coisa de volta e isso caísse sobre Psique. Antes que pudesse ter consciência do que estava fazendo, eu a agarrei pelos ombros e a chacoalhei como se chacoalha uma criança.

Agora ela já era grande o bastante e muito mais forte - mais forte do que imaginei que pudesse se tornar - e em um instante livrou-se das minhas mãos. Nós caímos, ambas respirando com dificuldade, agora como inimigas, algo que nunca fomos. De repente, vi em sua face um olhar agudo e desconfiado, que nunca havia visto.

- Mas você provou o vinho. Onde acha que eu o consegui?

- Vinho? Que vinho? Do que está falando?

- Orual! O vinho que lhe dei. E a taça. Eu lhe dei a taça. E onde está? Onde você a escondeu?

- Pare com isso, criança. Não estou com paciência para tolices. Não teve vinho nenhum.

- Mas eu o dei a você. Você bebeu. E os finos bolos de mel. Você disse...

- Você me deu água, em uma concha formada com as suas mãos.

- Mas você elogiou o vinho e a taça. Você disse...

- Eu elogiei suas mãos. Você estava brincando, sabe que estava, e eu entrei na brincadeira.

Ela ficou de boca aberta e, mesmo naquele momento, era bela.

– E isso foi tudo – ela disse vagarosamente. – Você quer dizer que não viu nenhuma taça? Não experimentou nenhum vinho?

Eu não iria responder àquela pergunta. Ela tinha ouvido muito bem o que eu havia dito.

Logo sua garganta se mexeu como se ela estivesse engolindo algo (ah, a beleza de sua garganta!). Ela controlou a emoção e o humor dela mudou. Havia agora se transformado em uma tristeza sóbria, que parecia misturada com piedade. Ela então bateu no próprio peito com seu punho cerrado, como fazem os enlutados.

– Ai, ai! – ela lamentou –, é isso então o que ele quis dizer. Você não consegue enxergar. Não consegue sentir. Para você, ele não está ali de jeito nenhum. Ah, Maia... eu lamento muito.

Eu quase acreditei completamente no que ela estava dizendo. Ela estava me desafiando e estimulando a minha imaginação de inúmeras maneiras diferentes. Mas eu não a havia abalado, de modo algum. Ela estava tão certa da existência do palácio quanto da coisa mais verdadeira que poderia existir. Tão certa quanto o Sacerdote estivera a respeito de Ungit, no momento em que o punhal de meu pai estava entre suas costelas. Eu era tão fraca ao seu lado quanto Raposa ao lado do Sacerdote. Esse vale era de fato um lugar terrível – cheio do sagrado divino, sem lugar para os mortais. Deveria haver centenas de coisas nele que eu não conseguia ver.

Um grego poderia compreender quão horroroso era esse pensamento? Anos depois, eu sonhei, repetidas vezes, que estava em um lugar bem importante – na maioria das vezes na Sala da Coluna – e tudo o que eu via era diferente daquilo que eu tocava. Eu colocava minha mão sobre a mesa e sentia o cabelo quente em vez da madeira lisa e o canto da mesa estendia uma língua quente e molhada, que me lambia. E eu sabia, pelo jeito deles, que todos aqueles sonhos surgiram no momento em que acreditei que estava olhando para o palácio de Psique e não o via. O horror era o mesmo. Era uma discordância doentia, uma irritação mútua de dois mundos, como duas partes de um osso fraturado.

Mas, na realidade – não nos sonhos –, com o horror veio a tristeza inconsolável, pois o mundo havia se partido em pedaços e Psique e eu não estávamos no mesmo pedaço. Mares, montanhas, loucura, a própria morte, nada a poderia ter removido de mim a uma distância

tão desesperadora como essa. Deuses e de novo os deuses, sempre os deuses... eles a haviam roubado. Eles não nos deixariam nada. Um pensamento penetrou em minha mente como um açafão que brota no começo do ano. Ela não foi digna dos deuses? Eles não precisavam tê-la? No entanto, instantaneamente, ondas enormes, asfixiantes de tristeza a rechaçaram e...

- Ah! - eu gritei. - Não está certo. Não está certo. Ah, Psique, volte! Onde você está? Volte, volte.

Ela me tomou imediatamente em seus braços.

- Maia... irmã - ela disse. - Estou aqui. Maia, não. Eu não aguento. Eu...

- Sim... ah, minha criança... eu sinto você... eu a estou abraçando. Mas, ah... é como abraçá-la em um sonho. Você está a léguas de distância. E eu...

Ela me conduziu alguns passos adiante e me fez sentar sobre uma orla de musgo e sentou-se ao meu lado. Com palavras e com o toque das mãos, ela me consolou o máximo que pôde. E, como no meio de uma tempestade ou mesmo de uma batalha, eu conheci, por um instante, uma repentina calma, por um pequeno intervalo de tempo eu deixei que ela me confortasse. Não que eu tivesse dado ouvidos ao que ela me dissera. Foi a sua voz e o amor em sua voz que contaram tudo aquilo. Sua voz era muito profunda para a voz de uma mulher. Às vezes, mesmo agora, o modo como ela costumava dizer essa ou aquela palavra me retorna como algo quente e real, como se ela estivesse ao meu lado na sala. A doçura desse modo de falar é como a riqueza de um grão que brota de um solo profundo.

O que ela dissera:

- ... e, talvez, Maia, você também possa aprender a ver. Eu vou pedir e implorar a ele que permita que você seja capaz de ver. Ele vai entender. Ele me advertiu, quando pedi por esse encontro, que não seria como eu esperava que fosse. Nunca pensei... sou apenas a simples Psique, como ele me chama... nunca pensei que quisesse dizer que você não conseguiria enxergar. Ele sabia. Ele vai nos dizer...

Ele? Eu havia esquecido desse *ele*; ou, se não tinha esquecido, não o havia levado em consideração, desde que ela me falou pela primeira vez que estávamos diante dos portões de seu palácio. E agora ela estava

falando *ele* a todo instante, não estava falando nenhum outro nome senão *ele*, do mesmo jeito como as jovens esposas falam. Uma frieza e uma indiferença começaram a tomar corpo dentro de mim. Também foi assim nas guerras em que estive, quando aquilo que era somente *eles* ou o *inimigo* e de repente se torna o homem, a poucos centímetros de você, que deseja matá-lo.

- De quem você está falando? - perguntei. Mas o que eu queria dizer era "Por que você fala dele para mim? O que tenho a ver com ele?"

- Mas, Maia, eu lhe contei toda a minha história. Meu deus, é claro. Meu amante. Meu marido. O mestre de minha casa - ela respondeu.

- Ah, eu não consigo suportar isso - eu disse, levantando-me de um salto. Aquelas suas últimas palavras, ditas com delicadeza e com tremor, atearam fogo em mim. Eu podia sentir que a minha fúria estava voltando. Então - como se eu estivesse tendo um lampejo, uma esperança de libertação - perguntei a mim mesma por que eu havia abandonado aquela ideia inicial de que ela estava louca e por quanto tempo eu havia feito isso. É loucura, é claro. A loucura explica tudo. Ela é que quase havia me deixado louca, ao me levar a pensar coisas diferentes disso. Diante do próprio nome *loucura*, o ar daquele vale parecia mais respirável, parecia esvaziado de um pouco da sua santidade e horror.

- É o bastante, Psique - eu disse categoricamente. - Onde está esse deus? Onde é o palácio? Em lugar nenhum. É fantasia sua. Onde ele está? Mostre-o para mim. Como ele é?

Ela olhou de lado e falou, mais baixo que nunca, mas muito claramente - e foi como se tudo que acontecera entre nós não fosse nada diante da gravidade do que ela iria dizer agora.

- Ah, Orual - ela disse -, nem mesmo eu o vi... ainda. Ele vem até mim somente na escuridão sagrada. Ele diz que não devo... ainda não... ver sua face ou saber seu nome. Estou proibida de trazer qualquer luz à sua... câmara.

Ela, então, ergueu os olhos e, quando os nossos olhos se encontraram por um instante, eu vi nos olhos dela uma alegria indescritível.

- Isso não existe - eu disse, em voz alta e inflexível. - Nunca diga essas coisas de novo. Levante-se. Está na hora...

- Orual - disse ela, agora no auge de sua autoridade monárquica -, eu nunca lhe contei uma mentira em toda a minha vida.

Tentei me controlar. As palavras, no entanto, saíram frias e inflexíveis.

- Não, você não tem a intenção de mentir. Você não está em seu juízo perfeito, Psique. Você imaginou coisas. É o terror e a solidão... e aquela droga que deram a você. Nós vamos curá-la.

- Orual - disse ela.

- O quê?

- Se tudo isso é fantasia minha, como você acha que vivi todos esses dias? Eu pareço ter me alimentado de grãos e dormido ao relento? Meus braços estão enfraquecidos? Ou meu semblante caído?

Eu teria mentido para ela e dito que sim, mas era impossível. Da cabeça aos pés descalços ela estava banhada de vida, beleza e bem-estar. É como se eles fluíssem sobre ela ou dela mesma. Não era de admirar que Bardia a tivesse adorado como a uma deusa. Os trapos serviam apenas para expor mais ainda sua beleza. Toda a doçura do mel, todo o vermelho da rosa, toda a sua perfeição natural, ingênua, cor de marfim. Ela parecia até mesmo mais alta que antes ("Mas isso é impossível", pensei). E, enquanto minha mentira morria sem ser dita, ela olhou para mim com certo ar de zombaria em seu rosto. Seu olhar desdenhoso era o mais formoso de todos.

- Entende? - ela disse. - É tudo verdade... e é por isso... não, escute, Maia... é por isso que tudo vai ficar bem. Nós vamos fazer... com que você seja capaz de enxergar, e então...

- Mas eu não quero! - gritei, colocando meu rosto perto do seu, quase que a ameaçando, até que ela recuasse diante da minha impetuosidade. - Não quero. Odeio isso. Odeio, odeio, odeio. Você entende?

- Mas... Orual... por quê? O que você odeia?

- Ah, tudo. Como posso chamar isso? Você sabe muito bem. Ou ao menos costumava saber. Isso, isso... - E então algo que ela havia dito sobre *ele* e que havia passado praticamente despercebido até então começou a ressoar de modo horrível em minha mente. - Essa coisa que vem até você no escuro... e que você está proibida de ver. Isso que você chama de escuridão sagrada. Que tipo de coisa é isso? Que vergonha! É como viver na casa de Ungit. Tudo que diz respeito aos deuses é obscuro... Acho até que posso sentir o cheiro de... - A firmeza de seu olhar, a sua beleza, tão cheia de piedade, ainda que de um modo tão impiedoso, me deixaram muda por um instante. Minhas lágrimas

irromperam novamente. – Ah, Psique – eu disse, chorando –, você está tão longe. Consegue me escutar? Eu não consigo chegar até você. Ah, Psique, Psique... você me amou em outro tempo... volte. O que temos a ver com deuses e maravilhas e todas essas coisas cruéis e obscuras? Somos mulheres, não somos? Mortais. Ah, volte para o mundo. Abandone tudo isso. Volte para onde fomos felizes.

– Mas, Orual... pense. Como posso voltar? Esta é a minha casa. Eu sou uma esposa.

– Esposa? De quem? – perguntei, tremendo.

– Se você o conhecesse – ela disse.

– Você gosta dele! Ah, Psique!

Ela não me responderia. Sua face corou. Sua face e todo o seu corpo eram a resposta.

– Ah, você devia ter sido uma das meninas de Ungit – disse eu, de forma brutal. – Você deve ter vivido lá... no escuro... com todo aquele sangue e incenso e murmúrio e o mau cheiro de gordura queimada. Para gostar disso... para viver entre coisas que você não pode ver... coisas escuras, santas e horríveis. Para você não significa nada estar me deixando... indo para tudo isso... dando as costas a todo o nosso amor?

– Não, não, Maia. Não posso voltar para você. Como poderia? Mas você pode vir comigo.

– Ah, isso é loucura – eu disse.

Era loucura ou não? O que disso tudo era verdade? O que seria pior? Cheguei a ponto de pensar que, se nos quisessem bem, os deuses me diriam. No entanto, veja só o que eles fizeram. Começou a chover. Apenas uma chuva fina, mas que mudou tudo para mim. – Aqui, filha – disse eu –, entre debaixo da minha capa. Seus pobres trapos! Rápido. Você vai se molhar toda.

Ela me encarou com olhar de questionamento.

– Como eu poderia me molhar, Maia, se estamos sentadas dentro de casa, com um telhado acima de nós? E, “trapos”?... mas, eu esqueci. Você também não consegue enxergar os meus mantos. – A chuva resplandecia em sua face enquanto ela falava.

Se aquele sábio grego que for ler este livro duvidar que isso me deixou louca, que pergunte à sua mãe ou à sua esposa. No momento em que a vi, minha criança de quem eu havia cuidado toda a vida, sentada ali

na chuva como se a chuva não significasse nada mais do que significa para o gado, com a noção de que seu palácio e seu deus poderiam ser qualquer coisa menos loucura, isso me pareceu inacreditável. Todas aquelas suspeitas mais desconcertantes, toda a agitação das idas e vindas entre as nossas duas opiniões estavam, naquele momento, encerradas. Em um relance, percebi que deveria escolher entre uma opinião ou outra e, no mesmo instante, eu soube qual havia escolhido.

- Psique - eu disse (e minha voz tinha mudado). - Isso é puro delírio. Você não pode ficar aqui. O inverno vai chegar em breve. E ele vai matá-la.

- Não posso abandonar o meu lar, Maia.

- Lar! Não há lar nenhum aqui. Levante-se. Venha aqui, debaixo de minha capa.

Ela abanou a cabeça, demonstrando estar um pouco cansada.

- Não tem sentido, Maia. Eu vejo e você não vê. Quem poderia ser nosso árbitro?

- Vou chamar Bardia.

- Não tenho permissão para deixá-lo entrar. E ele não viria.

Isso, eu sabia, era verdade.

- Levante-se, menina - eu disse. - Você está me ouvindo? Então faça como lhe falei. Psique, você nunca me desobedeceu antes.

Ela olhou para cima, e a cada momento estava mais molhada, e disse, com uma voz muito suave, mas firme como uma pedra em sua determinação:

- Querida Maia, eu sou uma esposa agora. Não é mais a você que devo obedecer.

Aprendi então como é que se pode odiar a quem se ama. Meus dedos se entrelaçaram por um instante em torno do pulso dela e a minha outra mão se pôs sobre o seu antebraço. Estávamos lutando.

- Você vai comigo - eu disse ofegante. - Nós vamos forçá-la a ir, vamos escondê-la em algum lugar. Bardia tem uma esposa, eu creio, nós vamos trancá-la na casa dele, vamos trazê-la de volta ao juízo.

Foi inútil. Ela era muito mais forte do que eu ("É claro", eu pensei, "eles dizem que os loucos têm força em dobro"). Deixamos marcas nos braços uma da outra. Foi um tipo de luta desordenada, grosseira. Então nos separamos novamente, ela olhando em meus olhos com reprovação

e assombro e eu chorando – como chorara à porta de sua prisão, totalmente debilitada pela vergonha e pelo desespero. A chuva havia parado. Fizera, suponho, o papel que os deuses desejaram que fizesse.

E agora não havia mais nada que eu pudesse fazer.

Psique, como sempre, recuperou-se primeiro. Repousou sua mão – havia uma mancha de sangue sobre ela; seria possível que eu a tivesse arranhado? – sobre o meu ombro.

– Querida Maia – ela disse –, você raramente ficou com raiva de mim em todos esses anos, até onde posso lembrar. Não comece a me odiar agora. Olhe, as sombras já começaram a se aproximar lentamente por todo o caminho na direção do pátio. Eu espero que antes disso tivéssemos festejado e nos alegrado juntas. Mas aí... você diz que só provou grãos e água fria. Comer pão e cebolas com Bardia lhe trará mais ânimo. E tenho que enviá-la de volta antes que o sol se ponha. Prometi que seria assim.

– Você está me mandando embora para sempre, Psique? E sem nada?

– Nada, Orual, senão um convite para que volte o mais rápido que puder. Vou tentar resolver as coisas por aqui, para que você veja. Deve haver alguma maneira. E então, ó Maia, nos encontraremos aqui de novo, sem nenhuma nuvem entre nós. Mas agora você precisa ir.

O que eu poderia fazer senão obedecê-la? Fisicamente, ela era mais forte do que eu e eu não conseguia compreender o que estava se passando na mente dela. Ela já estava me levando de volta ao rio, através do vale desolado que ela dizia ser o seu palácio. Agora, o vale parecia medonho para mim. Havia uma friagem no ar. O pôr do sol flamejava atrás da massa negra do desfiladeiro.

Ela agarrou-se a mim na margem do rio.

– Você vai voltar em breve, bem em breve? – perguntou.

– Se eu puder, Psique. Você sabe como é em nossa casa.

– Eu acho que o rei não será obstáculo para você nos próximos dias. Agora não há mais tempo. Beije-me novamente, querida Maia. E agora encoste-se sobre minha mão. Procure a pedra lisa com seu pé.

De novo resisti à água gelada, que me cortava como espada.

Já do outro lado, olhei para trás.

– Psique, Psique – eu gritei. – Ainda há tempo. Venha comigo. A qualquer lugar, eu a faço sair escondida de Glome, seguiremos juntas pelo

mundo inteiro como mendicantes, ou podemos ir para a casa de Bardia, podemos ir a qualquer lugar, podemos fazer qualquer coisa que você queira.

Ela abanou a cabeça.

- Como eu poderia? - perguntou. - Não pertenço a mim mesma. Você esquece, irmã, que sou uma esposa? No entanto, serei sempre sua. Ah, se você soubesse, ficaria feliz. Orual, não fique tão triste. Eu vou ficar bem, melhor do que você jamais imaginou. Volte logo. Adeus, por pouco tempo.

Ela se foi por aquele vale terrível e finalmente saiu da minha vista, por entre as árvores. O crepúsculo já ocorrera havia muito do meu lado do rio, completando-se sob a sombra do desfiladeiro.

- Bardia - eu chamei. - Bardia, onde está você?

Capítulo 12

E, ENTÃO, BARDIA, uma silhueta acinzentada no crepúsculo, veio em minha direção.

- A senhora abandonou a Bendita? - perguntou.

- Sim - respondi. E pensei que não podia falar com ele sobre isso.

- Então precisamos conversar sobre como vamos passar nossa noite.

Não conseguiríamos agora encontrar uma forma de selar o cavalo e, mesmo que encontrássemos, teríamos de descer para além da Árvore, até o outro vale. Não poderíamos dormir no desfiladeiro, lá venta muito. Em aproximadamente uma hora vai estar bastante frio por aqui, onde agora estamos abrigados. Mas temo que devamos permanecer aqui. Não é onde um homem escolheria ficar, é um lugar muito próximo dos deuses.

- O que importa? - perguntei. - Será bom como em qualquer outro lugar.

- Então venha comigo, senhora. Eu juntei alguns galhos.

Eu o segui e, naquele silêncio - não havia nenhum som agora, a não ser a conversa do riacho, que agora me parecia mais alta que nunca -, podíamos ouvir, muito antes de chegarmos até onde estava o cavalo, o som da grama sendo arrancada pelos dentes dele.

Um homem que também é soldado é uma criatura maravilhosa. Bardia havia escolhido um lugar onde o desnível era mais alto e no qual duas rochas próximas formavam uma caverna. Os galhos estavam todos unidos e o fogo, aceso, embora ainda soltando faíscas da última chuva. E ele trouxera dos alforjes da sela coisas melhores que pão e cebolas, havia até mesmo uma garrafa de vinho. Eu ainda era uma menina - o que, em muitos sentidos, é quase o mesmo que ser um bobo - e me parecia vergonhoso que, mesmo com toda a minha tristeza e preocupação, eu me mostrasse tão ansiosa pelo alimento, quando ele chegou. E a comida nunca esteve tão boa. E aquela refeição à luz da fogueira - que

tão logo foi acesa e transformou todo o resto do mundo em uma mera escuridão – me parecia muito doce e caseira. Eram alimento e calor para membros e barrigas mortais, sem a necessidade de, ao menos por um tempo, pensar em deuses, mistérios e maravilhas.

Quando terminamos, Bardia disse, com uma expressão de certo modo envergonhada no rosto:

– A senhora não está acostumada a dormir ao relento e talvez passe bastante frio durante a noite. Desse modo, tomo a liberdade... pois não sou mais para a senhora que um dos fiéis escudeiros de seu pai... de dizer que seria melhor deitarmos próximos, com as costas coladas um no outro, como os homens fazem nas guerras. E ambas as capas sobre nós.

Eu disse sim à proposta dele e de fato mulher nenhuma no mundo teria tão pouca razão como eu para resistir a coisas como essa. No entanto, me surpreendeu que ele tivesse dito isso, pois eu ainda não sabia que, se você é feia o bastante, todos os homens – a menos que lhe odeiem profundamente – logo desistem de pensar em você como mulher.

Bardia descansava como os soldados descansam, caem no sono em dois segundos, mas estão prontos – e eu o tenho visto ser testado há muito tempo – para despertar completamente em um único segundo, se preciso for. Acho que não dormi nada. Primeiro, havia a dureza e a inclinação do chão e, além disso, o frio. E havia ainda os pensamentos rápidos e confusos, que nos chegam como avisos dados por um homem louco, sobre Psique e o seu enigma de difícil solução e também sobre outras coisas.

Por fim, o frio ficou tão intenso que sai de debaixo da capa – que a essa altura estava coberta de orvalho – e comecei a andar de um lado para outro. E agora deixe aquele grego sábio para quem olho como meu leitor e juiz de minha causa marcar bem o que aconteceu em seguida.

Já estava escuro e havia muita neblina no vale. Quando me abaixei para beber água – pois estava com sede, além de estar com frio –, as poças do rio pareciam ser buracos negros num grande buraco cinzento. Bebi da água gelada e achei que ela fortificou minha mente. Mas um rio que corre no vale secreto de deus pode mesmo fazer isso, ou seria o contrário? Esta é a outra das coisas nas quais eu estava pensando, pois, quando levantei minha cabeça e olhei mais uma vez para a neblina sobre a água, vi algo que fez meu coração querer sair pela boca. Lá estava o

palácio, todo cinza, como eram todas as coisas naquela hora e lugar, mas sólido e imóvel, parede com parede, coluna, arco e viga mestra, ocupando grandes distâncias de beleza labiríntica. Como ela havia dito, nenhuma casa jamais vista em nossa terra ou época comparava-se a ele. Pináculos e esteios levantavam-se de um salto... você pode até pensar que era a minha memória que me estava ajudando a imaginá-los assim... incrivelmente altos e estreitos, pontiagudos como se pedra estivesse brotando em ramo e flor. Não havia luz em nenhuma janela. Era uma casa adormecida. E em algum lugar dentro dele, também adormecido, havia alguém ou algo... quão sagrado, ou horrível, ou belo, ou estranho?... com Psique em seus braços... e eu, o que eu havia feito e dito? O que ele faria para mim, por conta das minhas blasfêmias e incredulidades? Nunca duvidei de que devesse cruzar o rio, ou que devesse tentar cruzá-lo, mesmo se me afogasse. Devo deitar-me sobre os passos do grande portão daquela casa e fazer um pedido. Devo pedir perdão a Psique e também ao deus. Eu havia cometido a ousadia de censurá-la... tinha ousado, o que foi pior, tentar consolá-la como a uma filha – mas todo o tempo ela havia se mantido em posição bem superior à minha. Se o que eu havia visto era mesmo real, ela agora já quase não era mortal. Eu fiquei com muito medo. Mas talvez não fosse real. Olhei várias vezes para ver se ele não desaparecia ou mudava. Então, quando me levantei – porque todo esse tempo eu ainda estava ajoelhada onde havia bebido a água –, instantes antes de eu me colocar de pé, tudo havia desaparecido. Houve um curto espaço de tempo no qual pensei que pudesse ter visto alguns redemoinhos de neblina e tê-los confundido com torres e muros. Mas logo depois percebi que não havia nenhuma semelhança entre eles. O que eu estava olhando era simplesmente o nevoeiro e ele fazia os meus olhos doerem.

Agora, leitor, faça o seu julgamento. Naquele instante em que vi ou pensei que vi a Casa... isso depõe contra os deuses ou contra mim? Se eles pudessem responder, eles usariam isso em sua defesa? – e se isso foi um sinal, uma pista, acenando para que eu respondesse ao enigma de uma determinada maneira e não de outra? Eu não lhes darei esse privilégio. De que vale um sinal que, por si mesmo, é somente um outro mistério? Deve ter sido – e realmente admito que isso possa ser verdade – uma visão verdadeira. Os meus olhos mortais podem ter ficado, por

um momento, anuviados. Ou talvez não. O que seria mais fácil para alguém que estivesse distraído e que, provavelmente, ainda não estivesse totalmente desperto, ao olhar para a neblina, à meia-luz: fantasiar sobre o que havia por tantas horas preenchido os seus pensamentos? Talvez fosse ainda mais fácil, para os deuses, enviar todo esse encantamento, com o propósito de zombar de nós? Em ambos os casos, há nisso uma zombaria divina. Eles constroem o enigma e então permitem que ele tenha uma aparência exterior que não pode ser provada e que tudo o que faz é acelerar e complicar o redemoinho desconcertante do nosso trabalho de adivinhação. Se eles tinham a honesta intenção de nos orientar, por que essa orientação não foi clara e objetiva? Psique era capaz de falar com clareza quando tinha três anos. E você vem me dizer que os deuses ainda não são capazes de fazer o mesmo?

Quando voltei para perto de Bardia, ele já havia acordado. Não lhe disse o que eu tinha visto. Até escrever este livro, não tinha contado isso a ninguém.

Nossa viagem de volta foi desconfortável, pois não havia sol nenhum e o vento estava batendo em nossos rostos o tempo todo, além de termos tido que enfrentar chuvas rápidas, às vezes. Eu, que estava sentada atrás de Bardia, sofri menos que ele.

Paramos em algum lugar por volta do meio-dia e ficamos sob a proteção de uma pequena floresta, a fim de comer o que havia sobrado da nossa comida. É claro que eu tinha pensado no meu enigma durante toda a manhã e foi lá, temporariamente longe do vento e em um lugar de certa forma mais aquecido – estaria Psique aquecida? Um clima pior parecia estar se aproximando –, que decidi contar a Bardia toda a história. Só não contei sobre o momento no qual olhei para o nevoeiro. Eu sabia que ele era um homem honesto, discreto e, ao seu próprio modo, sábio.

Ele escutou atenciosamente, mas não disse nada quando terminei. Tive que pedir que ele me desse uma resposta.

– Como você vê tudo isso, Bardia?

– Senhora, não é do meu feitio dizer mais do que eu possa acrescentar sobre deuses e questões divinas. Não sou ímpio. Eu não comeria com a minha mão esquerda, ou me deitaria com a minha esposa na lua cheia, ou cortaria um pombo para limpá-lo com uma faca de ferro, ou

faria qualquer coisa que fosse inconveniente ou profana, mesmo se o próprio rei me ordenasse que o fizesse. E, quanto aos sacrifícios, sempre fiz tudo que se pode esperar de um homem. Mas para qualquer coisa além disso... penso que quanto menos Bardia se intromete na vida dos deuses, menos eles se intrometem na vida de Bardia.

Mas eu estava determinada a ouvir seu conselho.

- Bardia, você acha que minha irmã está louca?

- Olhe, senhora, seria melhor que essa palavra não fosse pronunciada. Louca? A Bendita, louca? Além disso, nós a vimos e qualquer um poderia dizer que ela estava em seu mais perfeito juízo.

- Então você acha que realmente havia um palácio no vale, embora eu não conseguisse vê-lo?

- Não sei bem o que é *realmente*, em se tratando de casas de deuses.

- E sobre esse amante que vem a ela no escuro?

- Não tenho nada a dizer sobre ele.

- Ah, Bardia, mas, entre os homens com lanças, dizem que você é o mais corajoso! Está com medo até mesmo de sussurrar seu pensamento para mim? Estou precisando desesperadamente de um conselho.

- Conselho sobre o que, senhora? O que pode ser feito?

- Como você interpreta esse enigma? Alguém realmente vem até ela?

- Ela diz que sim, senhora. Quem sou eu para dizer que a Bendita mente?

- Quem é ele?

- Ela sabe melhor.

- Ela não sabe nada. Confessa que nunca o viu. Bardia, que tipo de amante ele deve ser, que proíbe sua noiva de ver o seu próprio rosto?

Bardia ficou em silêncio. Havia um cascalho entre o polegar e o seu indicador e ele fazia pequenos rabiscos no chão.

- E então? - perguntei.

- Não parece haver muito enigma nisso - ele disse, enfim.

- Então, qual é a sua resposta?

- Eu diria, falando como um homem mortal, a quem os deuses conhecem melhor, que ele é alguém cujo rosto e forma, se fossem vistos, dariam a ela pouco prazer.

- Uma coisa assustadora?

– Eles a chamam de Noiva do Bruto, senhora. Mas está na hora de retormos a viagem. Passamos só um pouco da metade do caminho. – Ele se levantou enquanto falava.

Seu pensamento não era novo para mim, era tão somente a mais terrível das suposições que havia passado pela minha cabeça. No entanto, fiquei chocada ao ouvi-la de seus lábios e compreendi que ele não tinha nenhuma dúvida sobre isso. Eu já conhecia Bardia muito bem e podia ver claramente que toda a minha dificuldade em obter uma resposta dele vinha de seu temor de me dizer o que pensava e não de qualquer incerteza que tivesse em relação ao assunto. Como ele havia dito, o que era um enigma para mim não o era para ele. E foi como se todo o povo de Glome tivesse falado a mim, por meio dele. Todo homem de nossa nação e de nosso tempo prudente e temente a deus sem dúvida pensaria como ele pensou. Minhas outras conjecturas nem sequer passariam pela cabeça deles. Eis a resposta objetiva, clara como o meio-dia. Por que procurar mais? O deus e o Bruto da Sombra eram um. Ela fora entregue a ele. Nós havíamos recebido nossa chuva e a água e, como parecia ter acontecido, havíamos entrado em um período de paz com Fars. Os deuses, como recompensa, receberam-na em seus recônditos segredos, onde alguma coisa tão feia a ponto de não se mostrar para ninguém, uma coisa sagrada e repugnante, fantasmagórica, demoníaca ou bestial, ou todos os três – não dá para dizer em se tratando de deuses... –, desfrutou dela como quis.

Fiquei tão deprimida que, ao continuarmos nossa jornada, nada em mim sequer lutou contra essa resposta de Bardia. Suponho que eu tenha me sentido como um prisioneiro torturado, no momento em que jogam água no rosto dele, para despertá-lo de seu desmaio – e, nesse momento, a verdade, mais dura do que todas as suas fantasias, se mostra novamente para ele, de maneira clara, dura e inequívoca. Naquela ocasião me parecia que todas as minhas outras suposições haviam sido somente sonhos agradáveis inventados por meus desejos, mas eu agora havia acordado. Nunca houve nenhum enigma – a verdade era o pior, e tão clara como o nariz no rosto de um homem. Somente o terror teria me cegado para ela por tanto tempo.

Minha mão repousava sobre o cabo da espada, debaixo da minha capa. Antes da minha doença, eu havia jurado que, se não houvesse outra saída,

eu teria matado Psique em vez de deixá-la entregue ao calor ou à fome de um monstro. Agora novamente tomei uma decisão. Fiquei meio assustada quando percebi o que estava decidindo. “Eu chegaria a esse ponto”, meu coração disse, “até mesmo de matá-la” – Bardia já havia me ensinado o golpe fatal. Minha ternura então voltou e chorei, não mais amargamente, chorei até não poder mais dizer se eram lágrimas ou a chuva que encharcavam o meu véu – agora e no decorrer do dia chovia continuamente. E, nessa ternura, perguntei a mim mesma por que deveria salvá-la do Bruto, ou adverti-la contra ele, ou intrrometer-me nesse assunto. “Ela está feliz”, disse o meu coração. “Quer seja loucura ou quer ela esteja falando de um deus ou de um monstro, ou seja lá do que for, ela está feliz. Você viu isso por você mesma. Ela está dez vezes mais feliz lá na Montanha do que você poderia fazê-la aqui. Deixe-a sozinha. Não atrapalhe. Não estrague o que você já sabe que não pode fazer melhor.”

Se fosse possível enxergar através da chuva, veríamos que estávamos agora quase no pé das colinas, à vista da casa de Ungit. Meu coração não me convenceu. Percebi agora que há um amor mais profundo que o daqueles que buscam somente a felicidade da pessoa amada. Um pai acharia que sua filha está feliz vivendo como uma prostituta? Uma mulher veria o seu amado feliz, se ele fosse um covarde? Minha mão voltou para a espada. “Ela não vai ver”, eu pensei. Aconteça o que acontecer, ela não vai ver. Qualquer que seja o preço, o da morte dela ou da minha ou de mil mortes, enfrentarei os deuses “cara a cara”, como dizem os soldados. Psique não será de modo algum diversão para um demônio.

“Nós ainda somos filhas de um rei”, eu disse.

Eu mal acabara de dizer isso quando tive uma boa razão para lembrar, de modo diferente, que eu era uma das filhas do rei, bem como de que rei eu era filha, pois agora estávamos cruzando o Shennit novamente e Bardia – cuja mente estava sempre pensando no que aconteceria a seguir – dizia que, quando passasse a cidade e antes que chegássemos ao palácio, era melhor que eu descesse do cavalo e subisse pela pequena trilha, onde Redival viu Psique ser adorada pela primeira vez, e então cruzasse os jardins pelos fundos, até a área das mulheres, pois era fácil imaginar como meu pai reagiria se descobrisse que eu – supostamente doente e por conta disso impossibilitada de trabalhar com ele na Sala da Coluna – havia viajado até a Árvore Sagrada.

Capítulo 13

ESTAVA QUASE ESCURO no palácio quando cheguei à porta de minha câmara e ouvi uma voz que disse:

- E então?

Era Raposa, agachado, como me contaram minhas criadas, como um gato fica à espreita no buraco do rato.

- Viva, vovô! - e o beijei. - Volte o mais rápido que puder. Estou toda molhada e preciso tomar um banho, me trocar e comer. Eu lhe conto tudo quando você voltar.

Quando eu já estava trocada e havia terminado o meu jantar, ele bateu à porta. Eu o mandei entrar, sentar-se comigo à mesa e lhe servi uma bebida. Não havia ninguém conosco, exceto a pequena Poobi, minha criada negra, fiel, amorosa e que não sabia grego.

- Você disse *viva* - Raposa começou, erguendo sua taça. - Veja. Eu fiz um sacrifício a Zeus, o Salvador. - Ele o fez à maneira grega, com um giro rápido da taça, em um gesto que deixa cair apenas uma gota.

- Sim, vovô, viva, bem e dizendo que está feliz.

- Sinto como se meu coração fosse se partir de alegria, filha. Você me diz coisas nas quais mal dá para se acreditar.

- Essa é a notícia boa, vovô. Agora temos a ruim.

- Deixe-me ouvi-la. Tudo faz parte.

Então lhe contei toda a história, mas omiti o vislumbre no nevoeiro. Foi terrível para mim ver a luz se apagando de seu rosto enquanto eu continuava a contar a história e sentir que era eu quem a apagava. E me perguntei: "Você mal consegue suportar isso, como suportará destruir a felicidade de Psique?"

- Ai de mim, pobre Psique! - disse Raposa. - Nossa filhinha! E quanto ela deve ter sofrido! O heléboro é o remédio certo; com descanso, paz e cuidado amoroso... ah, nós recuperaríamos sua forma de novo, não tenho dúvida, se pudéssemos cuidar bem dela. Mas como

lhe dar tudo ou alguma das coisas de que necessita? Meu talento está terminando, filha. Devemos pensar, no entanto, planejar. Eu queria ser Odisseu, sim, ou Hermes.

- Você pensa, então, que ela está louca?

Ele deu uma rápida olhadela em minha direção.

- Ora, filha, em que então você tem pensado?

- Você acha que isso é tolice, suponho. Mas não estive com ela, vovô. Ela falava com tanta calma. Não havia nada desordenado em sua fala. Ela era capaz de rir com alegria. Seu olhar não era selvagem. Se eu não tivesse fechado meus olhos, teria acreditado que seu palácio era tão real quanto este.

- Mas seus olhos estavam abertos e você não o viu.

- Você não acha... não, possivelmente... não como uma mera ínfima chance... que pode haver coisas que sejam reais, embora não possamos vê-las?

- Certamente que sim. Coisas como Justiça, Equidade, a Alma ou as notas musicais.

- Não, vovô, não estou me referindo a coisas assim. Se há almas, não poderia haver casas das almas?

Ele passou a mão por seus cabelos com um velho gesto, familiar, de desânimo professoral.

- Filha - ele disse -, você me faz crer que, depois de todos esses anos, você sequer começou a compreender o que significa a palavra *alma*.

- Sei muito bem o que você quer dizer com ela, vovô. Mas você, mesmo você, sabe tudo? Existem coisas... e eu quero dizer *coisas*... que não podemos ver?

- Em abundância. Coisas atrás das nossas costas. Coisas bem distantes. E todas as coisas, se estiver escuro o bastante. - Ele se inclinou para a frente e colocou sua mão sobre a minha. - Começo a pensar, filha, que, se eu conseguir apanhar aquele heléboro, é melhor que a primeira dose seja sua.

Pensei, enfim, em contar-lhe sobre a minha visão, meu vislumbre do palácio. No entanto, não consegui fazê-lo - ele era a pior pessoa do mundo para ouvir essa história. Já me havia feito sentir vergonha de metade das coisas nas quais tinha pensado. E, nesse momento, um pensamento mais animador me ocorreu.

- Então, talvez - eu disse -, esse amante que vem a ela no escuro também seja parte da loucura.

- Eu gostaria de crer nisso - disse Raposa.

- Por que não, vovô?

- Você disse que ela está rechonchuda e corada? Que não parece magra por inanição?

- De jeito nenhum.

- Então quem a tem alimentado todo esse tempo?

Fiquei em silêncio.

- E quem a retirou dos ferros?

Nunca havia pensado nessa pergunta.

- Vovô, o que você tem em mente? - perguntei. - Você... dentre todos os homens... não está sugerindo que ele seja o deus. Você riria de mim se eu dissesse isso.

- Seria mais provável que eu chorasse. Ah, filha, filha, filha, quando terei lavado a ama-seca, a anciã, o sacerdote e o profeta de sua alma? Você acha que a Natureza Divina... ora, você imagina que ela seja profana, ridícula? Também diria que o Universo desejou ou que a Natureza das Coisas alguma vez bebeu na adega de vinho?

- Não disse que ele era um deus, vovô - respondi. - Estou perguntando quem você acha que ele é.

- Um homem, um homem, é claro - disse Raposa, batendo sua mão sobre a mesa. - O quê? Você ainda é uma criança? Não sabia que havia homens na Montanha?

- Homens! - suspirei.

- Sim. Nômades, homens falidos, criminosos, ladrões. Onde está o seu bom senso?

A indignação deixou-me corada e levantei-me de um salto, pois qualquer filha de nossa casa que tenha se unido a alguém, mesmo que por meio de um casamento legal, que não tivesse - ao menos por parte de um descendente - dinastia divina estaria cometendo uma abominação extrema. O pensamento de Raposa era insuportável.

- O que você está dizendo? - perguntei. - Psique morreria sobre estacas pontiagudas antes que...

- Fique em paz, filha - disse Raposa. - Psique não sabe. Imagino que algum ladrão ou fugitivo encontrou a pobre menina, enlouquecida

de terror, sozinha e com sede também, muito provavelmente, e a retirou daqueles grilhões. E se ela não estava em seu juízo perfeito, o que possivelmente ela balbuciaria em seus delírios? Pediria por sua casa de ouro e de âmbar na Montanha, é claro. Ela tem essa fantasia desde a infância. O cidadão se encaixaria nela. Seria o mensageiro de deus... ora, é daí que vem seu deus do vento ocidental. Seria o próprio homem. Ele a levaria a esse vale. Sussurraria a ela que o deus, o noivo, viria aquela noite. E que voltaria depois da escuridão.

- Mas e o palácio?

- Sua velha fantasia, despertada por sua loucura e considerada realidade por ela. E tudo o que ela diz ao canalha sobre a sua bela casa, ele reproduz. Talvez acrescente algo. E assim a ilusão é cada vez mais fortalecida.

Pela segunda vez naquele dia eu fiquei totalmente horrorizada. A explicação de Raposa parecia tão clara e evidente de modo a não deixar dúvida alguma. Enquanto Bardia falava, sua explicação parecia a mesma.

- A impressão, vovô - eu disse estupidamente -, é que você tinha interpretado o enigma corretamente.

- Não é preciso ser nenhum Édipo. Mas o verdadeiro enigma ainda precisa ser decifrado. O que devemos fazer? Ah, eu sou improdutivo, inaproveitável. Acho que seu pai estragou meus miolos ao me bater nos ouvidos. Deve haver alguma maneira... no entanto, temos tão pouco tempo.

- E tão pouca é a nossa liberdade. Não posso fingir estar em meu leito de enfermidade por mais tempo. E, assim que o rei souber que estou curada, como poderei retornar à Montanha?

- Ah, quanto a isso, eu havia me esquecido. Há notícias de que os leões foram vistos de novo hoje.

- O quê? - gritei aterrorizada. - Na Montanha?

- Não, não, não é tão ruim assim. Na verdade a notícia é mais boa que ruim. Em algum lugar ao sudoeste de Ringal, o rei fará uma grande caçada aos leões.

- Os leões estão de volta... então Ungit nos enganou, afinal. Talvez sacrifique Redival dessa vez. O rei está muito enfurecido?

- Enfurecido? Não. Ora, acreditaria que a notícia sobre a perda de um vaqueiro, o que ele mais valoriza, e de alguns de seus melhores cães, além de não sei quantos bois, pareceu ter sido a melhor notícia que ele

já ouviu? Eu nunca o vi tão animado. Ele não falou em outra coisa o dia inteiro a não ser sobre cães, batedores e sobre o clima... e sobre a inspeção e o alvoroço... mensagens a esse e àquele nobre... longas conversas com o caçador... inspeção de canis... pôr ferraduras em cavalos... e a cerveja fluindo como água... até mesmo eu ganhei um tapa nas costas, daqueles que se dá em prol da pura e boa comunhão, que deixou minhas costelas doendo. Mas o que nos interessa é que estará fora pelos próximos dois dias, no mínimo. Com sorte, talvez sejam cinco ou seis.

– Esse é o tempo que temos para trabalhar.

– Não mais que isso. Ele parte amanhã ao amanhecer. E, de qualquer maneira, teremos pouco tempo depois disso. Ela morrerá se o inverno apanhá-la na Montanha. Morar a céu aberto. E ela estará com uma criança, sem dúvida, antes que tenhamos tempo de olhar ao nosso redor.

É como se eu tivesse sido atingida no coração.

– Maldito seja esse homem! – desejei seu mal com veemência. – Amaldiçoado seja, amaldiçoado seja! Psique grávida de um mendigo? Nós o empalharemos se o apanharmos. Ele morrerá em dias. Ah, eu poderia rasgar seu corpo somente com os meus dentes.

– Você se fecha para os nossos conselhos... e obscurece a sua própria alma... com essas emoções – disse Raposa. – Se houvesse algum lugar onde pudéssemos escondê-la (se pudéssemos apanhá-la)!

– Eu tinha pensado que poderíamos escondê-la na casa de Bardia – eu disse.

– Bardia! Ele nunca receberia alguém que foi sacrificado em sua casa. Ele tem medo de sua própria sombra, em se tratando de deuses e fábulas de velhas esposas. Ele é um tolo.

– Ele não é – eu disse, com bastante firmeza, pois Raposa me irritava com o desprezo que tinha pelas pessoas corajosas e honestas, a menos se tivessem traços de sua sabedoria grega.

– E, se Bardia concordasse em recebê-la – Raposa acrescentou –, aquela mulher dele não permitiria. E todos sabem que Bardia está amarrado às tiras do avental da esposa.

– Bardia! Um homem daqueles. Eu não teria acreditado...

– Ora, ele é tão apaixonado quanto Alcebíades. O cidadão casou-se com ela sem dote... por sua beleza, faça-me um favor. A cidade inteira sabe disso. E ela manda nele como se ele fosse seu escravo.

- Ela deve ser uma mulher muito vil, vovô.

- O que importa para nós se ela é ou não vil? Mas você não precisa pensar em encontrar refúgio para nossa querida nessa casa. Eu irei mais adiante, filha. Não há alternativa senão enviá-la para fora de Glome. Se alguém na cidade soubesse que ela não morreu, iria atrás dela e a sacrificaria novamente. Se pudermos deixá-la com alguém da família da mãe dela... mas não vejo como fazer isso. Ah, Zeus, Zeus, Zeus, se eu tivesse dez hoplitas e um homem são para comandá-las!

- Não consigo ver como fazê-la deixar a Montanha. Ela estava obstinada, vovô. Não me obedece mais. Penso que teremos que recorrer à força.

- E não temos nenhuma. Eu sou um escravo e você, uma mulher. Não podemos levar doze lanceiros à Montanha. E, se pudéssemos, o segredo nunca seria guardado.

Depois disso, sentamo-nos em silêncio por um longo tempo. O fogo estava ardendo e Poobi, sentada com as pernas cruzadas ao lado da lareira, colocando mais lenha nela, e brincando com um jogo estranho, de contas, típico do povo dela - ela certa vez tentou me ensinar, mas nunca consegui aprender. Dezenas de vezes Raposa fez menção de falar, mas desistiu em todas elas. Ele era rápido na elaboração de planos, mas ainda mais ligeiro para observar as suas falhas.

Por fim, eu disse:

- Tudo se resume a isso, vovô. Devo voltar até Psique. Preciso, de algum modo, dominá-la. Uma vez do nosso lado, uma vez reconhecendo sua vergonha e o perigo, então ela e nós dois devemos fazer planos, da melhor maneira que pudermos. Ela e eu talvez saíamos pelo mundo juntas, vagando como Édipo.

- E eu com vocês - disse Raposa. - Você uma vez ordenou-me que fugisse. Dessa vez farei isso.

- Uma coisa é certa - eu disse -, ela não será deixada com o bandido que abusou dela. Eu vou escolher qualquer caminho... qualquer caminho... qualquer outro que não esse. Assumo a responsabilidade. A morte da mãe dela (que outra mãe ela conheceu senão eu?). A nulidade do próprio pai... que não é nada como pai e não é nada como rei também. A honra de nossa casa... a própria Psique... somente eu sobrei para cuidar dela. Ela não será abandonada. Eu... eu...

- O que, filha? Você está pálida! Vai desmaiar?

- Se não houver nenhum outro modo de resolver isso, eu vou matá-la.

- Babai! - disse Raposa, tão alto que Poobi parou seu jogo e o encarou. - Filha, filha. Você está indo além de toda a razão e da natureza. Sabe o que é isso? Há uma parte de amor em seu coração, cinco partes de ira e sete partes de orgulho. Os deuses sabem que também amo Psique. E você sabe, sabe que a amo tanto quanto amo a você. É uma tristeza amarga que a nossa criança... nossa Ártemis e Afrodite, todas em uma só... viva uma vida de mendiga e repouse nos braços de um mendigo. No entanto, mesmo isso... não deve ser mencionado ao lado de impiedades tão detestáveis como a que você disse. Ora, encare os fatos com objetividade, como o fizeram razão e natureza, não como a paixão os desenharia. Ser pobre e passar necessidade, ser a esposa de um homem pobre...

- Esposa! Você quer dizer sua prostituta, sua meretriz, sua mulher da vida, sua vagabunda.

- A Natureza não conhece nenhum desses nomes. O que você chama de casamento é feito pela lei e pelos costumes, não pela natureza. O casamento natural não é outra coisa senão a união do homem que convence com a mulher que consente. E assim...

- O homem que convence... ou, mais provavelmente, força ou engana... que é algum assassino, forasteiro, traidor, escravo foragido ou outro tipo de sujeira?

- Sujeira? Talvez eu não veja como você vê. Eu sou um estrangeiro e um escravo. Estou pronto para ser um foragido... para arriscar ser açoitado e morrer... por amor a você e a ela.

- Você é dez vezes meu pai - disse eu, trazendo sua mão até meus lábios. - Eu não quis dizer isso. Mas, vovô, há coisas que você não entende. Psique disse isso também.

- Doce Psique - ele disse. - Eu falei isso a ela muitas vezes. E estou alegre por saber que ela aprendeu a lição. Ela sempre foi uma boa aluna.

- Você não acredita no sangue divino de nossa casa.

- Ah, sim... De todas as casas. Todos os homens têm sangue divino, pois o deus habita em todos os homens. Somos todos um. Mesmo o homem que tomou Psique. Eu o chamei de canalha e de vil. E ele muito provavelmente é. Mas talvez não seja. Um foragido ou um desertor talvez seja um homem bom.

Fiquei em silêncio. Tudo isso não representava nada para mim.

- Filha - disse Raposa de repente (penso que nenhuma mulher, ao menos nenhuma mulher que tenha amado você, tenha feito isso). - O sono chega cedo para os homens velhos. Mal consigo manter meus olhos abertos. Deixe-me ir. Talvez possamos ver as coisas mais claramente de manhã.

O que eu poderia fazer, senão deixá-lo ir? Eis o ponto no qual os homens, até mesmo os mais confiáveis, falham conosco. Seus corações nunca se entregam totalmente a nenhuma questão, quando alguma ninharia de alimento, ou de bebida, ou de sono, ou uma piada, ou uma menina se coloca entre eles e ela e então - mesmo se você for uma rainha - você não receberá mais nada de bom deles até que encontrem a sua solução. Naqueles dias, eu ainda não havia compreendido isso. Uma grande desolação se abateu sobre mim.

- Todos me deixaram - eu disse, sozinha. - Ninguém se importa com Psique. Ela vive na periferia dos pensamentos deles. Ela é menos para eles, muito menos, que Poobi é para mim. Eles pensam um pouco nela e então se cansam e vão para outro lugar. Raposa, para o seu sono e Bardia, para sua boneca ou esposa ranzinza. Você está sozinha, Orual. O que quer que tenha que ser feito, você deve planejar e fazer. Nenhuma ajuda virá de lugar nenhum. Todos os deuses e mortais se afastaram de você. Você deve decifrar o enigma. Nenhuma palavra lhe será dita enquanto você tirar conclusões erradas e eles todos vão pressioná-la, acusando-a, zombando de você e punindo-a por isso.

Eu disse a Poobi que fosse para a cama. E então fiz uma coisa que acho que poucos teriam feito. Falei com os deuses. Eu, sozinha, com as palavras que me vieram à mente, com calma e sem sacrifício. Coloquei meu rosto no chão e clamei a eles com todo o meu coração. Retirei todas as palavras que havia dito contra eles. Prometi que faria qualquer coisa que me pedissem se tão somente me enviassem um sinal. Eles não me deram nenhum sinal. Quando comecei, havia uma luz de fogo vermelha no quarto e chuva no telhado. Quando voltei a me levantar, o fogo havia diminuído um pouco, mas a chuva caía como antes.

Então, quando percebi que estava totalmente sozinha, eu disse: "Preciso fazer isso... o que quer que seja... amanhã. Então, esta noite eu preciso descansar". Deitei-me na cama. Eu estava naquele estado em que o corpo está tão cansado que o sono vem logo, mas a mente está

tão angustiada que nos acorda no instante seguinte em que o corpo já estiver saciado. Minha mente me acordou algumas horas depois da meia-noite, tirando-me qualquer possibilidade de continuar dormindo. O fogo se extinguiu e a chuva havia parado. Fui até a minha janela e fiquei olhando na escuridão da tempestade, despenteando meu cabelo com os pulsos e apertando os dedos contra as minhas têmporas, e refleti.

Minha mente estava muito mais clara. Eu agora conseguia perceber que tinha estranhamente tomado as explicações de Bardia e de Raposa como verdades absolutas. No entanto, uma delas deveria ser falsa. E eu não conseguia descobrir qual, pois ambas tinham as suas próprias bases nas quais se apoiar. Se as coisas em que se acreditava em Glome eram verdadeiras, então o que Bardia disse continuava sendo válido. Por outro lado, se a filosofia de Raposa era verdadeira, o que ele disse permanecia como sendo verdade. Eu, no entanto, não conseguia descobrir o que estava certo, se as doutrinas de Glome ou a sabedoria da Grécia. Eu era filha de Glome e a aluna de Raposa. Percebi que por anos minha vida havia sido vivida em duas metades, que nunca se juntaram.

Devia então desistir de tentar julgar Bardia e meu mestre. E, tão logo pensei nisso, enxerguei – e me perguntei se não havia visto antes – que isso não fazia nenhuma diferença, pois não havia um ponto com o qual ambos concordavam. Os dois pensavam que alguma coisa má ou vergonhosa havia tomado Psique para si. Ladrão assassino ou o fantasma do Bruto da Sombra... importava qual dos dois? O que nenhum deles acreditava era que algo bom ou belo ficava com ela, à noite. Ninguém, senão eu, havia flertado com aquele pensamento sequer por um momento. Por que eles flertariam? Somente meus desejos desesperados poderiam ter feito isso parecer possível. A coisa vinha na escuridão e não se permitia ser vista. Que amante evitaria os olhos de sua noiva, a menos que tivesse uma razão terrível para isso?

Mesmo eu havia pensado o oposto por um instante, enquanto olhava para o que parecia ser uma casa do outro lado do rio.

– Ele não vai tê-la – eu disse a mim mesma. – Ela não vai repousar naqueles abraços detestáveis. Esta noite precisa ser a última noite em que isso vai acontecer.

De repente surgiu diante de mim a memória de Psique no vale próximo à Montanha, com seu rosto brilhante, cheio de alegria. Minha

tentação terrível estava de volta – deixá-la viver aquele sonho tolo e feliz, o que quer que viesse dele, poupá-la, não tirá-la dele e trazê-la ao sofrimento. Devo ser para ela uma fúria vingativa, e não uma mãe gentil? E parte de minha mente agora dizia: “Não se intrometa. Qualquer coisa poderia ser verdade. Você está diante de milagres que não compreende. Tenha cuidado. Tenha cuidado. Quem sabe que ruína você poderia precipitar sobre a cabeça dela e sobre a sua?”. No entanto, para a outra parte de mim, eu respondi que era de fato sua mãe e também seu pai – tudo o que ela tinha de um ou de outro, que meu amor deveria ser responsável e providente, não indolente e indulgente, que há ocasiões em que o amor tem que ser inflexível. Afinal, o que ela era senão uma criança? Se essa situação estava além do meu entendimento, quanto mais ela não estaria distante do entendimento dela? Crianças devem obedecer. Tempos atrás, havia me doído muito fazer o curandeiro arrancar-lhe o espinho. No entanto, eu não lhe fiz bem?

Eu havia fortalecido a minha resolução. Sabia agora o que – qual das duas coisas – deveria ser feito. E não passaria do dia que nasceria em breve. Torcia somente para que Bardia não fosse à caça aos leões e que ele estivesse livre de sua esposa. Assim, como um homem, mesmo em meio a grande dor ou tristeza, ainda pode se sentir importunado por uma mosca zumbindo diante de seu rosto, eu me importunava com a ideia de que sua esposa, seu animalzinho de estimação, repentinamente começasse a atrasar ou impedir os movimentos dele.

Deitei em minha cama para esperar a manhã chegar. Agora eu sabia o que fazer e, de certo modo, estava tranquila e calma.

Capítulo 14

NA MINHA PERCEPÇÃO, demorou até que o palácio voltasse a ficar agitado, embora essa agitação tivesse começado cedo, por causa da caçada do rei. Esperei até que o barulho começasse de fato. Levantei-me e me vesti com as mesmas roupas que havia usado no dia anterior e tomei nos braços a mesma urna. Dessa vez coloquei dentro dela um lampião e um pequeno jarro de óleo e peguei uma longa faixa de linho bem larga, igual às que as damas de honra vestem em Glome. A minha tinha coberto o meu peito na noite do casamento da mãe de Psique. Eu então chamei Poobi para servir-me minha comida, da qual comi uma parte e a outra coloquei na urna, escondida embaixo da faixa. Quando notei, pelo barulho dos cavalos, das trombetas e dos gritos, que o rei havia partido, coloquei meu véu e uma capa e desci. Ordenei ao primeiro escravo que encontrei que descobrisse se Bardia havia ido à caçada e, caso estivesse no palácio, que lhe pedisse para vir até mim. Esperei por ele na Sala da Coluna. Tive um sentimento de uma estranha liberdade ao estar ali sozinha e, na verdade, mesmo tomando todos os cuidados, não consegui evitar a percepção de que a casa estava, por assim dizer, iluminada e liberta com a ausência do rei. Pensei, pela aparência de todos ali, que toda a família estava sentindo o mesmo.

Bardia veio até mim.

- Bardia - eu disse -, preciso voltar à Montanha.

- Impossível ir comigo, senhora - ele disse. - Fui poupado da caçada, má sorte para mim, com apenas um propósito: o de vigiar a casa. Devo até mesmo dormir aqui até que o rei retorne.

Isso me deixou muito frustrada.

- Ah, Bardia, o que farei? Estou em grande apuro. Isso tem a ver com os assuntos de minha irmã.

Bardia esfregou seu dedo indicador sobre seu lábio superior, num gesto que costumava fazer quando ficava confuso.

- E a senhora não sabe montar - ele disse. - Me pergunto agora... mas não, isso é tolice. Não há como confiar em um cavalo com um cavaleiro que não saiba montar. E não dá para ir daqui a alguns dias, certo? O melhor seria dar-lhe um outro homem.

- Mas, Bardia, tem que ser você. Ninguém mais conseguiria... trata-se de uma missão muito secreta.

- Eu poderia deixar Gram com a senhora por dois dias e uma noite.

- Quem é Gram?

- O baixinho, de pele morena. É um bom homem.

- Mas é capaz de manter a língua presa dentro da boca?

- Acho que o difícil é fazê-lo colocar a língua para fora. Em dez dias, nós mal o ouvimos dizer dez palavras. Mas ele é um homem fiel, fiel para comigo, acima de tudo, pois certa vez tive a chance de fazer-lhe um grande favor.

- Não será como ir com você, Bardia.

- É a melhor alternativa que a senhora tem, a menos que possa esperar.

Mas eu disse que não podia esperar e Bardia então chamou Gram. Ele tinha um rosto fino, olhos bem negros e olhou para mim como se tivesse medo, eu acho. Bardia lhe disse para pegar seu cavalo e esperar por mim no cruzamento onde aquela pequena trilha encontra a estrada para a cidade.

Assim que ele saiu, eu disse:

- Bardia, dê-me uma adaga.

- Uma adaga, senhora? E para quê?

- Para usar como adaga. Vamos Bardia, você sabe que não tenho más intenções.

Ele olhou com estranheza para mim, mas apanhou a adaga. Eu a coloquei em meu cinto, no mesmo lugar onde ontem estava a espada.

- Adeus, Bardia - eu disse.

- Adeus, senhora? Irá para mais tempo que uma noite?

- Eu não sei, não sei - respondi.

Então, com toda pressa e deixando-o pensativo, saí a pé pela trilha e me encontrei com Gram. Ele me colocou sobre o cavalo - tocando-me, a menos que seja fantasia minha, como alguém que tocava uma serpente ou uma bruxa - e começamos a jornada.

Nada poderia ter sido mais silencioso do que aquele dia de jornada e também o último. Não ouvi mais que um “Sim, senhora” ou “Não, senhora” de Gram, o dia inteiro. Chovia muito e, mesmo entre uma chuva e outra, o vento soprava molhado. O céu estava cinza e carregado e as pequenas colinas e vales – que tinham nuances tão variadas por causa de seu brilho e de suas sombras, como Bardia e eu vimos no outro dia – estavam todos mergulhados em uma única tonalidade. Nós havíamos começado a jornada muitas horas mais tarde em relação à viagem anterior e já era quase noite quando descemos do desfiladeiro para o vale secreto. E ali, por fim, como que por algum truque dos deuses, talvez tenha sido isso mesmo, o tempo abriu, de modo que foi difícil não pensar que o vale tivesse luz própria e que as chuvas fortes meramente o circundassem, como faziam as montanhas.

Levei Gram ao lugar onde Bardia e eu havíamos passado a noite e lhe disse que me esperasse ali e que não cruzasse o rio.

– Devo seguir adiante sozinha. Talvez eu retorne ao anoitecer, ou no meio da noite, mas acho que, seja qual for a hora que eu passar para este lado, passarei naquela direção, onde é mais raso. Não venha me encontrar, a menos que eu lhe chame.

Como sempre, ele disse “Sim, senhora”, parecendo estar gostando muito pouco dessa aventura.

Fui até o vau, que ficava a uma boa distância de Gram. Meu coração estava frio como gelo, pesado como chumbo e duro como a terra, mas agora eu estava livre de todas as dúvidas e ponderações. Coloquei meu pé sobre a primeira pedra e chamei o nome de Psique. Ela devia estar muito perto, pois quase que imediatamente eu a vi descendo até a margem. Poderíamos ter sido vistas, naquele momento, como duas imagens do amor, a feliz e a séria. Ela, tão jovem, com o rosto iluminado e alegria em seus olhos e membros e eu, pesada e resoluta, carregando a dor em minhas mãos.

– Então acertei, Maia – ela disse tão logo cruzei a água e nós nos abraçamos. – O rei não foi impedimento para você vir, não foi? Saúde-me como uma profetisa!

Isso me deixou um pouco assustada, pois havia esquecido a profecia que ela tinha feito. No entanto, deixei para pensar nisso mais tarde. Agora, tinha meu trabalho a fazer e não devo ficar duvidando ou ponderando novamente.

Ela me tirou da água... não sei para que parte de seu palácio fantasma... e nos sentamos. Tirei minha capa, coloquei de lado meu véu e minha urna.

- Ah, Orual - disse Psique -, que nuvem de tempestade em seu rosto! Você ficava com essa cara quando eu era criança e você ficava com raiva de mim.

- Alguma vez fiquei com raiva? Ah, Psique, você acha que eu lhe dei bronca ou lhe neguei algo sem machucar meu coração dez vezes mais do que o seu?

- Irmã, não quero dizer que tenha encontrado qualquer defeito em você.

- Então não encontre nenhum defeito em mim hoje também, pois precisamos conversar muito seriamente, de verdade. Agora escute, Psique. Nosso pai não é nosso pai. Sua mãe (A paz esteja com ela!) está morta e você nunca viu seus parentes. Eu tenho sido... e tenho tentado ser e ainda devo ser... todo pai, mãe e parente que você possui. E todo o rei também.

- Maia, você tem sido tudo isso e mais desde o dia em que nasci. Você e o querido Raposa são tudo o que eu tive.

- Sim, Raposa. Tenho algo a dizer sobre ele também. E então, Psique, se há alguém que se importa com você, lhe aconselha ou protege, ou se há alguém para lhe dizer o que pertence à honra de nosso sangue, esse alguém é somente eu.

- Mas por que você está dizendo tudo isso, Orual? Você não acha que deixei de amá-la porque agora tenho um marido para amar também, acha? Se você compreendesse, isso me faria amar você... a todos e a tudo... mais.

Sua declaração me fez tremer, mas disfarcei e continuei.

- Eu sei que você me ama, Psique. E acho que não viveria se você não me amasse. Mas precisa também confiar em mim.

Ela não disse nada. E agora eu havia chegado ao cerne da questão e isso quase me emudeceu. Fiquei procurando maneiras de começar a falar.

- Você falou da última vez - eu disse - do dia que tiramos o espinho de sua mão. Nós a machucamos, Psique. Mas fizemos o que era certo. Os que amam devem machucar. E vou precisar machucá-la de novo, hoje. E, Psique, você ainda é somente um pouco mais que uma criança. Não pode tomar suas próprias decisões. Você vai me deixar orientá-la e conduzi-la.

- Orual, eu tenho um marido para me conduzir agora.

Foi difícil não sentir raiva ou ficar aterrorizada com sua fixação sobre isso. Mordi meus lábios e então disse:

- Ah, criança, é com relação a esse marido, como você o chama, que devo entristecê-la. - Olhei bem nos olhos dela e disse, objetivamente:

- Quem é ele? O que é ele?

- Um deus - ela disse, com voz baixa e trêmula. - E eu acho que é o deus da Montanha.

- Ai, Psique, você está enganada. Se conhecesse a verdade, morreria antes de deitar-se na cama dele.

- A verdade?

- Devemos encarar isso, filha. Seja bastante corajosa. Deixe-me arrancar esse espinho. Que tipo de deus seria esse que ousa não mostrar o rosto?

- Não ousa?! Você quase me faz ficar com raiva, Orual.

- Pois pense, Psique. Nada que é belo esconde o rosto. Nada que é honesto esconde seu nome. Não, não, escute. Em seu coração você precisa enxergar a verdade, por mais que tente enfeitá-la com palavras. Pense. De quem você foi chamada de noiva? Do Bruto. E pense de novo. Se não é o Bruto, quem mais habita estas montanhas? Ladrões, assassinos. Homens mais que brutos e lascivos como bodes, pode ter certeza. Você é um prêmio que eles deixariam passar se cruzasse o caminho deles? Eis o seu amante, filha. Um monstro... sombra e monstro em um só, talvez uma coisa fantasmagórica, um zumbi... ou um vilão sagaz cujos lábios, mesmo sobre seus pés ou sobre a borda de seu manto, seria uma mancha para o nosso sangue.

Ela ficou em silêncio por um longo tempo, com os olhos para baixo.

- E então, Psique - enfim comecei, o mais ternamente que pude... mas ela tirou a mão que eu havia colocado sobre a sua.

- Você se enganou comigo, Orual. Se estou pálida, é de raiva. Não faz mal, irmã. Eu já venci. Vou perdoá-la. Você não deseja... e prefiro acreditar que você não deseja... nada senão meu bem. No entanto, como... ou por que... você pode ter anuviado e atormentado sua alma com tais pensamentos... mas chega disso. Se você algum dia me amou, deixe esses pensamentos de lado.

- Anuviado meus pensamentos? Eles não são só meus. Diga-me, Psique, quem são os dois homens mais sábios que você conhece?

- Raposa é um deles. O segundo... conheço tão poucos. Suponho que Bardia seja sábio, à sua maneira.

- Você disse, naquela noite na sala de cinco paredes, que ele era um homem prudente. Agora, Psique, esses dois... tão sábios e tão diferentes... concordaram um com o outro e comigo em relação a esse seu amor. Concordaram sem dúvidas. Todos os três estão seguros. Ele é ou o Bruto da Sombra ou um bandido.

- Você contou a eles a minha história, Orual? Não deveria. Não lhe dei autorização. Meu senhor não deu. Ah, Orual! Você agiu mais como Batta do que como você mesma.

Não pude evitar que meu rosto ficasse vermelho de raiva, mas não fugiria ao confronto.

- Sem dúvida - eu disse. - Não há fim para o segredo desse... desse *marido*, como você o chama. Filha, esse amor vil mexeu tanto com a sua cabeça que você não consegue enxergar a coisa mais óbvia? Um deus? No entanto, em suas aparições, ele se esconde, foge e suspira "mãe" e "ouça meus conselhos" e "não me traia", como um escravo fugitivo.

Não tenho certeza se ela havia escutado isso. O que ela disse foi:

- Raposa também! Isso é muito estranho. Nunca pensei que ele tivesse acreditado no Bruto.

Eu não disse que ele acreditou. Mas se era isso o que ela concluiu de minhas palavras, então pensei que não seria minha tarefa corrigir. Seria um erro ajudá-la a encontrar a verdade. Eu precisaria de muita ajuda para conduzi-la nessa direção.

- Nem ele, nem eu, nem Bardia - eu disse - acreditamos por um momento sequer em sua fantasia de que ele é o deus, nem que esse matagal selvagem é um palácio. E pode acreditar, Psique, que, se pudessemos perguntar a qualquer homem ou mulher em Glome, todos diriam o mesmo. A verdade está muito clara.

- Mas o que é isso tudo para mim? Como eles saberiam? Eu sou a esposa dele. Eu sei.

- Como você pode saber se nunca o viu?

- Orual, como você pode ser tão simplista? Eu... como eu poderia não saber?

- Mas como, Psique?

- Como devo responder a essa pergunta? Não é adequado... é... e especialmente para você, irmã, que é uma virgem.

Aquela maneira artificial de mulher casada, vindo da menina que ela era, quase pôs fim à minha paciência. Foi quase - mas acho que ela não tinha essa intenção - como se ela tivesse zombado de mim. Eu, no entanto, me controlei.

- Bem, se você está tão segura, Psique, não vai se recusar a se submeter a uma prova.

- Que prova? Não preciso de nenhuma prova.

- Eu trouxe um lampião. E óleo. Veja. Aqui estão. - Coloquei os objetos ao lado dela. - Espere até que ele... ou isso... durma. E então olhe para ele.

- Não posso fazer isso.

- Ah!... Entende? Você não vai se submeter a nenhum teste. E por quê? Porque não está segura. Se estivesse, estaria ansiosa por fazê-lo. Se ele é, como você diz, um deus, um simples olhar vai ser suficiente para esclarecer todas as suas dúvidas. O que você chama de "nossos pensamentos obscuros" será dissipado. Mas você não ousa.

- Ah, Orual, que pensamento perverso! A razão pela qual não posso olhar para ele... não é pelo fato de ele ser uma trapaça, como você gostaria que eu pensasse... é porque ele me proibiu.

- Eu posso pensar... Bardia e Raposa podem pensar... em uma razão para tal proibição. E somente em uma, para que você a obedeça.

- Então você conhece pouco sobre o amor.

- Você está jogando minha virgindade em minha cara de novo? Melhor ela que a cegueira em seus olhos. Que seja assim. Do que você agora chama de amor, não conheço nada. Você pode conversar sobre ele com Redival melhor do que comigo... ou com as meninas de Ungit, talvez, ou com as amantes do rei. Conheço outro tipo de amor. Você vai descobrir como ele é. Você não...

- Orual, Orual, você está delirando - disse Psique sem raiva, encarando-me com os olhos bem abertos, triste, mas sem humildade em relação à sua tristeza. Daria para pensar até que ela era minha mãe, não eu, quase, a sua. Eu há muito tempo sabia que a mansa e obediente Psique tinha ido embora para sempre. No entanto, isso ainda me chocava.

- Sim - eu disse. - Eu estava delirando. Você tinha me deixado com raiva. Mas pensei, você vai me corrigir, não tenho dúvida, se eu estiver errada, que todos os amores também estivessem sempre prontos para livrar o objeto de seu amor de acusações vis levantadas contra ele, se pudessem fazer isso. Diga a uma mãe que seu filho é abominável. Se ele é belo, ela vai lhe mostrar isso. Nada a proibiria de fazê-lo. Se ela o mantém escondido, entretanto, é porque a acusação é verdadeira. Você está com medo do teste, Psique.

- Lamento... não, estou envergonhada... por desobedecê-lo.

- Então, na melhor das hipóteses, olhe para o que você está fazendo dele! Algo pior que o seu pai. Como ele poderia ficar com raiva se você descumprisse uma ordem tão irracional... e por uma razão tão boa?

- Tolice, Orual - ela respondeu, balançando a cabeça. - Ele é um deus. Ele tem bons motivos para fazer o que faz, pode ter certeza. Como eu poderia conhecê-los? Eu sou apenas sua simples Psique.

- Então você não vai fazê-lo? Você acha... você diz que acha... que pode provar que ele é um deus e libertar-me dos temores que adoecem meu coração. Mas você não vai fazer isso.

- Eu faria, se pudesse, Orual.

Olhei para mim mesma. O sol estava quase se pondo atrás do desfiladeiro. Em pouco tempo ela se despediria de mim. Eu me levantei.

- Temos que pôr um fim nisso - eu disse. - Você vai fazer o teste. Psique, eu lhe ordeno que faça.

- Querida Maia, minhas obrigações não são mais para com você.

- Então minha vida acaba agora - eu disse. Joguei minha capa para longe, estendi meu braço esquerdo e finquei a adaga nele até a ponta aparecer do outro lado. Puxar o ferro de volta pelo mesmo ferimento foi uma dor ainda pior, mas até agora não acredito em quanto mal me senti.

- Orual! Você está louca? - gritou Psique, levantando-se de um salto.

- Você vai encontrar um pano nessa urna. Amarre o meu ferimento - eu disse, sentando-me e segurando o braço para deixar que o sangue caísse sobre o arbusto.

Eu pensava que ela fosse gritar, contorcer suas mãos ou desmaiar. Mas eu estava enganada. Ela ficou bastante pálida, mas manteve todo o seu bom senso. Amarrou meu braço. O sangue ficou pingando dobra após dobra, mas finalmente ela o estancou. (Meu golpe havia sido certo)

o suficiente. Se eu àquela altura soubesse como sei agora quais são as características de um braço, talvez... quem sabe?... não tivesse tomado a decisão de fazer o que fiz.)

O curativo não poderia ser concluído de imediato. Quando voltamos a conversar, o sol estava baixando e o ar estava mais frio.

- Maia, por que você fez isso? - perguntou Psique.

- Para mostrar-lhe que estou falando sério, menina. Escute. Você tem me levado a atitudes desesperadoras. Eu deixo a escolha em suas mãos. Jure sobre este corte, ainda molhado com meu sangue, que nesta noite você vai fazer o que eu lhe ordenei, ou então mato você e depois me mato.

- Orual - disse ela, com postura de rainha, erguendo sua cabeça -, você poderia ter me poupado dessa ameaça. Todo o seu poder sobre mim está na outra promessa.

- Então jure, menina. Você nunca me viu deixar de cumprir minha palavra.

Dessa vez não consegui compreender a expressão em seu rosto. Acho que é assim que um amante... quero dizer, um homem amoroso... olharia para uma mulher que tivesse sido falsa com ele.

E, por fim, ela disse:

- Você está realmente me ensinando sobre tipos de amor que eu não conhecia. É como olhar para o fundo de um poço. Não sei se gosto ou se odeio o seu tipo de amor. Ah, Orual... tomar o meu amor por você, porque você sabe que ele está enraizado em mim e não pode ser diminuído por nenhum outro, mais novo, e transformá-lo em uma ferramenta, uma arma, um objeto de política e de controle, um instrumento de tortura... começo a pensar que nunca conheci você. Independentemente do que acontecer depois, o que existia entre nós morre aqui.

- Chega de subterfúgios - eu disse. - Nós duas vamos morrer aqui, na mais pura verdade e sangue, se você não jurar.

- Se eu fizer o que você está me pedindo - disse ela, irritada -, não será porque tenho qualquer dúvida em relação ao meu marido ou ao seu amor. Será apenas porque o que penso dele é melhor do que o que você pensa. Ele não pode ser cruel como você. Eu não vou acreditar. Ele vai saber como fui torturada em minha desobediência e vai me perdoar.

- Ele nunca precisará saber - eu disse.

O olhar de desprezo que ela me deu esfolou minha alma. E, no entanto, essa nobreza nela... não fui eu mesma que a ensinei a ser nobre? O que havia nela que não foi obra minha? E agora ela usa isso para olhar para mim como se eu fosse o que há de mais baixo no mundo.

- Você pensou que eu esconderia isso dele? Que não diria a ele? - perguntou. Cada palavra dela caía em mim como uma lixa que fricciona a pele esfolada. - Bem, isso faz parte de um todo. Vamos, como você diz, colocar um ponto final nisso. Você se torna cada vez mais uma estranha para mim, em cada palavra. E eu a amava tanto... amava, honrava, confiava e, sempre que achava apropriado, obedecia. E agora... mas não posso ter seu sangue na soleira da minha porta. Você escolheu bem a sua ameaça. Eu juro. Onde está sua adaga?

Eu havia conquistado minha vitória e meu coração estava em tormento. Tive um terrível desejo de retirar todas as minhas palavras e implorar por seu perdão. Mas segurei a adaga (O "juramento sobre o corte", como nós o chamamos, é o mais forte juramento de Glome).

- Mesmo agora - disse Psique -, sei o que estou fazendo. Sei que estou traindo o melhor dos amantes e que talvez, antes do nascer do sol, toda a minha felicidade esteja destruída para sempre. Esse é o preço que você colocou sobre a minha vida. Bem, eu preciso pagá-lo.

Ela fez seu juramento. Minhas lágrimas brotaram descontroladamente e eu tentei falar, mas ela me virou o rosto.

- O sol quase se foi - ela disse. - Você salvou a sua vida. Agora vá e a viva como puder.

Descobri que estava ficando com medo dela. Fiz meu caminho de volta ao riacho. De algum modo, eu o cruzei. E a sombra do desfiladeiro saltou por todo o vale enquanto o sol se punha.

Capítulo 15

ACHO QUE DEVO TER DESMAIADO quando cheguei do outro lado da água, pois parecia haver uma falha em minha memória entre a travessia e estar plenamente consciente, de novo, em relação a três coisas: ao frio, à dor em meu braço e à sede que eu sentia. Bebi com entusiasmo. Então quis comida, e neste momento me lembrei que a havia deixado na urna, com o lampião. Minha alma relutou em chamar Gram, que era uma companhia muito entediante. Eu achava – embora naquele momento já soubesse que isso seria uma tolice – que, se Bardia tivesse vindo comigo, tudo teria sido diferente e melhor. E meus pensamentos divagavam para imaginar tudo o que ele estaria fazendo e dizendo agora, se tivesse vindo, até que, de repente, lembrei-me dos assuntos que haviam me trazido até ali. Eu estava envergonhada por ter pensado, mesmo por um único instante, em outra coisa.

Meu propósito era sentar-me ao longo do riacho, observando até que visse a luz – que seria Psique acendendo seu lampião. Luz que desapareceria quando ela a cobrisse e escondesse. Então, muito provavelmente, bastante tempo depois, haveria uma luz novamente. Seria ela olhando para o seu mestre vil, em seu sono. E depois disso... imediatamente depois, eu esperava... Psique estaria rastejando na escuridão e enviando um tipo de chamado sussurrado (“Maia, Maia”) junto ao riacho. E eu percorreria metade do caminho em um instante. Dessa vez, seria eu quem a ajudaria a atravessar a água. Ela estaria chorando consternada, enquanto eu a envolveria em meus braços e a confortaria, pois ela então saberia quem eram seus verdadeiros amigos e me amaria novamente e me agradeceria, tremendo, por salvá-la da coisa que o lampião havia mostrado. Esses pensamentos eram para mim muito queridos, quando vinham e enquanto permaneciam.

Mas havia também outros pensamentos. Por mais que tentasse, eu não consegui tirar da minha cabeça o medo de estar errada. Um deus real...

seria possível? Eu, no entanto, não conseguia considerar essa hipótese. O que voltava o tempo todo em minha mente era o pensamento de Psique, de algum modo – eu nunca soube bem como – arruinada, perdida, destituída de sua alegria, uma figura gemendo, vagando sem rumo, para quem eu havia destruído tudo. Por incontáveis vezes naquela noite, eu tive o desejo, cruelmente forte, de cruzar novamente a água fria, gritar que havia perdoado a sua promessa, que ela não deveria acender o lampião que eu a tinha aconselhado tão veementemente a acender. Mas controlei o impulso.

Nem um pensamento nem o outro ocuparam senão a superfície de minha mente. Por baixo deles, em um lugar distante como os oceanos profundos dos quais Raposa tinha falado, estava o abismo frio, sem esperança, criado por seu desprezo, seu desamor e seu ódio.

Como ela poderia me odiar, quando meu braço palpitou e se queimou com o ferimento que provoqueei, por amor a ela? “Psique cruel, Psique cruel”, solucei. Mas então vi que estava voltando atrás, aos sonhos da minha doença. E então recuperei meu bom senso e me pus em movimento. O que quer que acontecesse, eu deveria vigiar e manter a sanidade.

A primeira luz chegou bem rápido e desapareceu de novo. Eu disse a mim mesma... embora tendo de fato o juramento dela, nunca duvidei de sua fidelidade a ele... “Então. Tudo está bem até aqui?” Eu me perguntei, assim como na primeira questão, o que eu queria dizer por bem. No entanto, o pensamento passou.

O frio aumentara intensamente. Meu braço era uma barra de fogo, o resto de mim, uma massa pendente de gelo, acorrentada àquela barra, mas nunca fundida. Comecei a ver que estava fazendo algo perigoso. Eu poderia morrer assim, ferida e em jejum, ou no mínimo pegar um resfriado que me levaria rápido à morte. E a partir dessa semente cresceu ali, imediatamente, um jardim de fantasias. Pois, ao mesmo tempo (independentemente de todo o questionamento sobre como isso aconteceria), eu me vi deitada sobre a pira e Psique – ela agora sabia de tudo e me amava novamente – batendo em seu peito, chorando e se arrependendo de todas as suas crueldades. Raposa e Bardia também estavam lá e Bardia chorava intensamente. Todos me amavam, uma vez que eu estava morta. Mas sinto vergonha por escrever todas essas tolices.

O que me fez parar de pensar nelas foi a próxima aparição da luz. Para os meus olhos, há muito lavados pela escuridão, ela parecia mais brilhante do que se poderia imaginar ser possível. Brilhante e tranquila, algo sereno naquele lugar selvagem. E, por mais tempo do que eu esperava, ela brilhou e ficou parada e o mundo inteiro ainda estava ao redor dela. E então a tranquilidade foi interrompida.

A grande voz, que se ergueu de algum lugar perto da luz, atravessou todo o meu corpo numa onda veloz de terror que apagou até mesmo a dor em meu braço. Não era nenhum som feio. Mesmo em seu rigor implacável, ele era dourado. Meu terror foi a saudação que a carne mortal dá às coisas imortais. E depois... logo depois... do forte voo de seu discurso incompreensível, veio o som de pranto. Acho – se é que essas velhas palavras têm agora qualquer significado – que meu coração então se partiu. Mas nem o som imortal, nem as lágrimas dela, que chorou, duraram mais que duas batidas do coração. Eu disse batidas do coração, mas na verdade acho que meu coração sequer bateu, ao contrário, parou.

Um grande relâmpago desnudou o vale aos meus olhos. Ele então trovejou como se o céu se partisse em dois, bem acima da minha cabeça. Raios, seguidos um do outro, furaram o vale, à esquerda, à direita, perto e longe, por toda parte. Cada relâmpago mostrava árvores caídas e as colunas imaginárias da casa de Psique ruíram. Elas pareciam cair silenciosamente, pois o trovão encobria o som de sua explosão. Mas havia outro som que ele não conseguiu ocultar. Em algum lugar distante, à minha esquerda, os muros da Montanha estavam se quebrando. Eu vi – ou imaginei ter visto – fragmentos de rocha sendo arremessados, chocando-se contra outras rochas e erguendo-se no ar novamente como uma bola, que pula no ar. O rio subiu tão rápido que fui atacada repentinamente por suas águas, antes que pudesse recuar, ficando molhada até a cintura. Isso, no entanto, fez pouca diferença, pois, com a tempestade, havia chegado também uma chuva intensa. Meu cabelo e minhas roupas eram uma esponja.

No entanto, embora estivesse abatida e transtornada, tomei essas coisas como um bom presságio. Elas mostravam – ao menos era o que me parecia – que eu estava certa. Psique havia provocado algo terrível e essa era a sua fúria. Ele havia despertado; ela não tinha escondido a luz

o bastante. Ou então... sim, era muito provável que ele tivesse apenas fingido que dormia e talvez fosse algo que nunca precisasse fazer. Poderia, sem dúvida, destruir a ela e a mim. Mas ela saberia. E iria, na pior das hipóteses, morrer consciente, desencantada, reconciliada comigo. Mesmo agora, ainda poderíamos escapar. Caso contrário, poderíamos morrer juntas. Eu me levantei e inclinei-me sob o impacto da chuva, preparando-me para cruzar o riacho.

Acredito que nunca teria conseguido cruzá-lo... isso agora havia se transformado em uma corrida para a morte profunda e alucinante... mesmo que eu tivesse tido liberdade para tentar. Mas não tive. Ele então me veio como se fosse um relâmpago que não desaparecia. Ou seja, a aparência do rio era a de relâmpago – algo pálido, ofuscante, sem nenhum calor ou conforto, que mostrava cada uma das pequenas coisas com uma feroz nitidez, mas que não sumia. Essa grande luz pairou diante de mim, calma como uma vela ardendo em uma sala trancada e com as cortinas fechadas. No centro da luz havia algo como um homem. É estranho que eu não saiba descrever que tamanho ele tinha. Sua face estava bem acima de mim, embora a minha memória não me mostre a forma como a de um gigante. E não sei dizer se ele ficou, ou pareceu ficar, nas margens da água ou mesmo sobre ela.

Embora essa luz permanecesse imóvel, meu olhar para ela foi tão veloz quanto um relâmpago. Não consegui olhar para ela por muito tempo. E não foram somente os meus olhos, mas também o meu coração, meu sangue e meu cérebro mostraram-se fracos demais para isso. Um monstro... o Bruto da escuridão que eu e toda a Glome havíamos imaginado... teria me subjugado muito menos do que a beleza que existia naquele rosto. E penso que a ira – ou o que os homens chamam de ira – teria sido mais suportável que a rejeição sem paixão e sem medida com a qual ele me olhava. Embora meu corpo se contraísse e eu pudesse quase ter tocado os pés dele, os seus olhos pareciam mandar-me para uma distância infinita. Ele rejeitava, negava, rebatia e, o pior de tudo, sabia tudo que eu havia pensado, feito ou sido. Um verso grego diz que nem mesmo os deuses podem mudar o passado. Mas isso é verdade? Ele fez com que fosse, desde o princípio. Eu sabia que o amante de Psique era um deus e que todas as minhas dúvidas, temores, suposições, debates, questionamentos com Bardia, discussões com Raposa, todas as investigações

e conversas sobre esse assunto haviam sido besteiras inventadas, poeira soprada em meus próprios olhos por mim mesma. Você, que lê meu livro, julgue. Foi? Ou, ao menos, havia sido no passado, antes que esse deus mudasse o passado? E se eles podem de fato mudar o passado, por que nunca o fazem com misericórdia?

No momento em que veio aquela luz calma, os trovões haviam cessado, eu acho. Houve um grande silêncio quando o deus falou comigo. E, da mesma forma que não havia nenhum sinal de ira – ou o que os homens chamam de ira – em seu rosto, também não parecia haver raiva em sua voz. Ele estava imóvel e doce, como um passarinho cantando sobre o galho, acima de um homem enforcado.

– Agora Psique vai para o exílio. E vai precisar sentir fome, sede e trilhar estradas difíceis. Aqueles contra quem não posso lutar devem fazer sua vontade por ela. Você, mulher, conhecerá a si mesma e ao seu trabalho. Você também será Psique.

A voz e a luz sumiram juntas, como se uma faca as cortasse. Então, no silêncio, ouvi novamente a voz de um choro.

Eu nunca tinha ouvido um choro assim antes e jamais ouviria. Não era o choro de uma criança, nem de um homem ferido na palma da mão, nem de um homem torturado, nem de uma menina arrastada para a escravidão, ou de uma cidade tomada. Se você ouvisse a mulher que mais odeia no mundo chorar, iria confortá-la. Lutaria para abrir caminho por entre fogo e lanças, até alcançá-la. E eu sabia quem estava chorando, o que havia sido feito a ela e quem havia feito.

Levantei-me para ir até ela. Mas o choro já estava muito longe. Ela seguiu pranteando à minha direita, rumo ao fim do vale onde eu nunca tinha estado, em meio ao qual sem dúvida ele iria desaparecendo gradualmente, descendo pelos penhascos escarpados, rumo ao sul. E eu não poderia cruzar o riacho. Eu nem me afogaria. O riacho me machucaria, me congelaria e me encheria de lama, mas, de algum modo, sempre que eu segurasse em uma rocha – a terra agora não ajudaria em nada, pois grandes placas de terra da margem estavam a todo momento escorregando para dentro da correnteza – descobriria que ainda estava desse lado. Talvez eu não conseguisse nem mesmo encontrar o rio. Eu estava tão desorientada naquela escuridão e todo o chão agora estava

parecendo um pântano, de modo que as poças e os novos riachos em formação me puxavam para este lado e não para aquele.

Não consigo lembrar de mais nada daquela noite. Quando o dia começou a raiar, pude ver o que a ira de deus havia feito ao vale. Tudo havia sido reduzido a pedras, terra grossa e água imunda. As árvores, arbustos, ovelhas e uma corça aqui, outra acolá, flutuavam nas águas. Se eu tivesse cruzado o rio de noite, não teria dado em nada. Eu teria conseguido apenas chegar até a outra margem da lama, diante da qual haveria outra poça. Mesmo nesse momento, não conseguia parar de chamar o nome de Psique e segui chamando até que a minha voz desaparecesse, mas eu sabia que era bobagem. Eu a tinha ouvido deixando o vale. Ela já havia partido para o exílio que o deus lhe impôs. Ela havia começado a vagar, chorar, de um lado para outro, clamando pelo amor dele, não pelo meu – eu não devo enganar a mim mesma.

Voltei e encontrei Gram. Ele era um pobre e miserável molhado e trêmulo que olhou, assustado, para o meu braço enfaixado e não disse nada, não fez perguntas. Comemos algo que havia nos alforjes e começamos nossa jornada de volta. O clima era agradável.

Eu olhava para as coisas diante de mim com novos olhos. Agora que eu havia por mim mesma tirado a prova sobre quem são os deuses e tido a certeza de que eles me odeiam, me parecia que eu não tinha nada a fazer senão esperar por minha punição. Eu ficava me perguntando em que encosta perigosa o cavalo escorregaria e nos lançaria a algumas centenas de metros para dentro de uma vala, ou que árvore derrubaria sobre o meu pescoço um galho, ao passarmos por baixo dela, ou se meu ferimento necrosaria e se eu morreria por causa dele. Frequentemente, lembrando que essa é, às vezes, a maneira pela qual os deuses nos transformam em animais, coloquei minha mão sobre meu véu para ver se sentia pele de gato, focinho de cachorro, ou dentes de porco começando a crescer ali. Contudo, no entanto, eu não estava com medo, ao contrário. É estranho, mas é de algum modo tranquilizador e apaziguador olhar ao redor e ver a terra, a grama e o céu e dizer ao coração a cada um deles: “Vocês são todos meus inimigos agora. Nenhum de vocês jamais me fará bem de novo. Vejo vocês, agora, somente como executores”.

Mas pensei que muito provavelmente as palavras *Você também será Psique* quisessem dizer que, se ela foi perambulando para o exílio, eu

deveria fazer o mesmo. E, se fosse isso, eu poderia muito facilmente fazê-lo, se os homens de Glome não estivessem dispostos a ser governados por uma mulher. Mas o deus estaria completamente enganado... quer dizer então que eles não sabem todas as coisas?... se pensou que poderia me entristecer ainda me dando a mesma punição que deu a Psique. Se eu pudesse receber a dela como minha... mas o melhor ainda estava por vir. E com isso senti um tipo de força dura e triste surgindo em mim. Eu seria uma boa mendicante. Eu era feia e Bardia havia me ensinado a lutar.

Bardia... isso me pôs a pensar quanto da história eu lhe contaria. E, então, em quanto eu contaria a Raposa. Eu ainda não tinha a mínima ideia em relação a isso.

Capítulo 16

DESLIZEI PELA PARTE DOS FUNDOS do palácio e logo ouvi que meu pai ainda não havia voltado da caçada. Mas fui delicada e furtivamente para o meu lugar, como se ele já estivesse em casa. Quando ficou claro em minha mente – não havia ficado, em princípio – que eu estava me escondendo não do rei, mas de Raposa, isso se transformou em um problema para mim. Antes, ele sempre havia sido meu refúgio e consolo.

Poobi gritou ao ver meu ferimento e quando tirou a atadura... aquela parte estava ruim... e colocou outras, novas e limpas. Mal havia terminado e eu estava comendo, com muito apetite, quando Raposa chegou.

– Filha, filha – ele disse. – Louvados sejam os deuses que a trouxeram de volta. Tenho estado aflito por você o dia todo. Onde esteve?

– Na Montanha, vovô – eu disse, escondendo dele o meu braço esquerdo. Essa foi a primeira das minhas dificuldades. Não poderia lhe contar sobre o meu autoflagelo. Eu sabia, e agora tinha certeza, e não havia pensado nisso antes, que ele me repreenderia por fazer esse tipo de pressão sobre Psique. Uma de suas máximas era a de que, se não podemos convencer os nossos amigos por meio da razão, devemos nos contentar “e não trazer um exército mercenário em nosso auxílio”. (Ele quis se referir às emoções.)

– Ah, filha, você tomou uma decisão muito repentina – ele disse. – Pensei que nos separaríamos aquela noite para conversar novamente pela manhã.

– Nós partimos para deixá-lo dormir – eu disse. As palavras vieram com força, contra a minha vontade e na própria entonação de voz de meu pai. Então me senti envergonhada.

– Então esse é o meu pecado – disse Raposa, sorrindo com tristeza. – Bem, senhora, você me puniu. Mas e as notícias? Psique lhe deu ouvidos?

Não respondi a essa pergunta, contei-lhe da tempestade, da inundação e de como aquele vale próximo da Montanha se transformara num pântano

e de como eu havia tentado cruzar o rio e não tinha conseguido e de como tinha ouvido Psique partir chorando, rumo ao lado sul, para fora de Glome. Não havia por que lhe contar do deus; ele ia pensar que tinha enlouquecido ou sonhado.

– Você quer dizer, filha, que não chegou a conversar com ela? – perguntou Raposa, aparentando cansaço.

– Sim – respondi. – Conversamos um pouco, antes.

– Filha, o que há de errado? Houve uma discussão? O que se passou entre vocês?

Agora ficou mais difícil responder. No final, quando ele me perguntou mais diretamente, contei-lhe sobre o meu plano do lampião.

– Filha, filha – gritou Raposa –, que demônio colocou essa artimanha em seus pensamentos? O que você esperava fazer? Não iria o vilão ao lado dela... ele, um homem caçado e um criminoso... acordar? E o que ele faria então, senão agarrá-la e arrastá-la para algum outro covil? A menos que a esfaqueasse no coração por medo de que ela o traísse e o entregasse aos seus perseguidores. Ora, a luz somente o convenceria que ela já o havia traído. E se fosse um ferimento que a fez chorar? Ah, se você tivesse ouvido conselhos!

Não consegui falar nada, pois agora me perguntava por que na verdade não havia pensado em nenhuma dessas coisas e o que faria se tivesse acreditado que seu amante era um homem da montanha.

Diante do meu silêncio, Raposa me encarou, perguntando-se mais e mais, eu vi. Por fim, ele perguntou:

– Você achou fácil fazê-la agir assim?

– Não – respondi. Eu havia tirado, enquanto comia, o véu que havia vestido o dia inteiro. Nesse momento, eu desejava muito o estar usando.

– E como você a convenceu? – perguntou.

Isso foi o pior de tudo. Não poderia lhe contar o que eu realmente tinha feito. Nem muito do que havia dito, pois, quando contei a Psique que ele e Bardia concordavam sobre seu amante, quis dizer o que era realmente verdade – ambos concordaram que ele era algo vergonhoso ou terrível. Mas, se eu dissesse isso a ele, Raposa diria que a crença de Bardia e dele eram totalmente opostas, uma, fábulas de velhas esposas e a outra, probabilidades comuns. Ele faria com que parecesse que eu

havia mentido. Eu nunca iria conseguir fazê-lo entender como tudo aconteceu de maneira diferente, na Montanha.

- Eu... eu falei com ela - eu disse, enfim. - Eu a convenci.

Ele olhou de um modo demorado e penetrante para mim, mas nunca com tanta ternura, desde aqueles dias do passado, quando costumávamos cantar *A Lua desceu...* comigo sentada em seu colo.

- Bem, você esconde um segredo de mim - ele disse, no fim. - Não, não se afaste de mim. Você acha que eu tentaria pressioná-la ou implorar que o contasse a mim? Nunca. Amigos devem ser livres. Atormentá-la para descobrir o segredo colocaria uma barreira maior entre nós, seria pior do que não o contar. Um dia você me conta... mas deve obedecer ao deus dentro de você, não ao deus dentro de mim. Não faz mal, não chore. Não deixarei de amá-la mesmo se você tiver cem segredos. Sou uma velha árvore e meus melhores galhos foram podados de mim no dia em que me tornei um escravo. Você e Psique foram tudo o que restou. Agora, ah, pobre Psique! Não vejo saída para ela agora. Mas não vou perder você.

Ele me abraçou - mordi meus lábios para não gritar quando seu braço tocou meu ferimento - e foi embora. Eu nunca antes tinha ficado tão feliz com sua saída. Mas também pensei no quanto ele foi mais bondoso que Psique.

Nunca contei a Bardia a história daquela noite.

Tomei uma decisão antes de dormir que, embora pareça algo pequeno, fez muita diferença para mim nos anos seguintes. Até então, como todas as minhas conterrâneas, eu não usara véu. Nessas duas viagens até a Montanha eu usara o véu porque queria manter o anonimato. Agora eu tinha decidido que sempre andaria de véu. Tenho mantido essa regra dentro e fora do palácio, desde então. É um tipo de aliança que estabeleci com a minha feiura. Houve um tempo em minha infância quando eu ainda não sabia que era feia. Houve então um tempo - pois neste livro não devo esconder nenhuma de minhas vergonhas ou tolices - em que acreditei, como as meninas acreditam, e como Batta sempre me quis fazer acreditar, que poderia tornar a minha feiura mais suportável pelo modo como me vestia ou me penteava. Agora, escolhi usar o véu. Raposa, naquela noite, foi o último homem que viu meu rosto. E não são muitas as mulheres que o têm visto, desde então.

Meu braço se recuperou bem – como todos os ferimentos em meu corpo se recuperam – e, quando o rei retornou, aproximadamente uma semana depois, eu não mais fingia estar doente. Ele chegou em casa bastante bêbado, pois houve muitas festas durante as caçadas, e também muito mal-humorado, pois eles haviam matado apenas dois leões e ele não tinha matado nenhum, além de ter perdido um de seus cães prediletos.

Alguns dias depois, ele chamou a mim e Raposa novamente para a Sala da Coluna. Assim que me viu de véu, ele gritou:

– O que é isso agora, menina? Pendurou suas cortinas? Ficou com medo que ficássemos fascinados por sua beleza? Tire essa bugiganga!

Foi então que descobri o que aquela noite na Montanha havia feito por mim. Ninguém que tivesse visto e ouvido o deus poderia sentir medo desse velho rei barulhento.

– Vai ser difícil se eu for repreendida por meu rosto e por ocultá-lo – eu disse, sem colocar a mão no véu.

– Venha aqui – ele disse, sem falar alto dessa vez. Fui até ele e me aproximei tanto de sua cadeira que meus joelhos, imóveis como uma pedra, quase tocaram os dele. Ver seu rosto sem que ele pudesse ver o meu parecia dar-me alguma espécie de poder. Ele estava em um daqueles seus dias de fúria.

– Você está começando a bancar a esperta contra mim? – perguntou quase que num sussurro.

– Sim – respondi, em um tom não mais alto do que o dele, mas com muita clareza. No minuto anterior, eu não sabia o que fazer ou dizer; essa pequena palavra saiu espontaneamente.

Ele olhou fixamente para mim e pensei que fosse me esfaquear. Ele então deu de ombros e rangeu os dentes.

– Você é como todas as mulheres. Fala, fala, fala... falaria por horas sem fim se um homem lhe desse ouvidos. Aqui, Raposa, são aquelas mentiras que você escreveu justamente para que ela copiasse?

Ele nunca mais me bateu e nunca mais tive medo dele. E, daquele dia em diante, nunca recuei uma polegada diante dele. Ao contrário, avancei. Tanto que lhe disse pouco tempo depois o quanto era impossível para mim e para Raposa tomarmos conta de Redival se tivéssemos que trabalhar para ele na Sala da Coluna. Ele murmurou e praguejou, mas

daquele momento em diante fez de Batta o carcereiro de Redival. Batta havia se tornado muito próxima dele e passava muitas horas em seus aposentos. Não – eu acho – que a tivesse levado para sua cama... mesmo em seus melhores dias, ela dificilmente se tornara o que ele chamava de agradável... mas ela tagarelava, sussurrava e o bajulava e preparava suas bebidas, pois ele já estava ficando velho. Com Redival ela também era muito grosseira, na maior parte do tempo, mas ambas formavam uma dupla que a qualquer momento estaria pronta para arrancar o olho uma da outra e, no momento seguinte, fofocar e falar mal dos outros.

Essa e todas as outras coisas que estavam acontecendo no palácio não me diziam nada. Eu era como um homem condenado esperando sua execução, pois acreditava que algum golpe repentino dos deuses se abateria sobre mim muito brevemente. Mas, como os dias se passaram e nada aconteceu, comecei a ver, no início com certa relutância, que eu talvez estivesse destinada a viver, e a viver até mesmo uma vida rotineira e bastante longa.

Quando entendi isso, fui sozinha ao quarto de Psique e o arrumei exatamente como ele era antes que todas as nossas tristezas começassem a se abater sobre mim. Encontrei alguns versos em grego que pareciam ser um hino ao deus da Montanha. Esses eu queimei. Decidi que não iria manter nada que dissesse respeito a esse assunto. Mesmo as roupas que ela tinha usado no último ano, eu também as queimei. As que ela usava antes, no entanto, e especialmente o que tinha sobrado das que usava na infância e as joias que tanto amava quando criança, coloquei em seus lugares de origem. Desejei que tudo estivesse tão arrumado que, no caso de ela poder voltar, encontraria tudo como estava quando ela ainda era feliz e ainda minha. Depois tranquei o quarto e lacrei a porta. E, com toda a minha força, tranquei uma porta em minha mente. Para não enlouquecer, precisei colocar de lado todos os pensamentos em relação a ela, à exceção dos que se reportavam aos seus primeiros e felizes anos. Eu nunca falava sobre ela. Se as minhas criadas mencionassem o nome dela, eu ordenava que ficassem quietas. Se Raposa mencionasse o nome dela, eu ficava quieta e mudava de assunto. Eu me sentia menos confortável na companhia de Raposa do que no passado.

No entanto, eu lhe perguntava sobre o que ele chamava de partes físicas da filosofia, sobre fogo seminal e como a alma se ergue do sangue

e sobre os períodos do universo. Perguntava também sobre plantas e animais e as posições, solos, ares e governos das cidades. Eu agora queria aprender coisas difíceis e acumular conhecimento.

Tão logo me recuperei de meu ferimento, retornei com muito empenho às minhas aulas de esgrima com Bardia. Fiz isso mesmo antes que meu braço esquerdo pudesse empunhar um escudo, pois ele disse que lutar sem escudos era também uma habilidade que deveria ser aprendida. Ele disse – e agora sei que é verdade – que eu fiz grande progresso.

Meu objetivo era ter cada vez mais força, firmeza e seriedade, sentimentos que se mostraram a mim quando ouvi a sentença do deus. Por meio do aprendizado, da luta e do trabalho, eu queria expulsar tudo de feminino que havia em mim. Às vezes, à noite, se o vento uivasse ou a chuva caísse, eu acordava sobressaltada, como a água de uma represa que se rompe, com um assombro enorme e angustiado. Se Psique estivesse viva, onde estaria naquele momento? Será que as esposas severas dos camponeses a estariam expulsando de sua porta, com frio e fome? Mas então, depois de mais ou menos uma hora de choro e sofrimento e de clamar pelos deuses, eu me refiz.

Bardia agora estava me ensinando a montar tão bem quanto lutar com espada. Ele costumava falar a mim cada vez mais como se eu fosse um homem. E isso me agradava.

As coisas foram assim até o meio do inverno, quando há uma grande festa em nosso país. Um dia depois da festa, o rei voltou para casa aproximadamente três horas depois do meio-dia, depois de algumas comemorações das quais tinha participado na casa de um nobre e, ao subir os degraus que levam à varanda, ele caiu. Estava tão frio naquele dia que a água que os criados haviam usado para lavar os degraus tinha congelado sobre eles. Ele caiu em cima da perna direita sobre a extremidade de um degrau e, quando os homens correram para ajudá-lo, ele rugiu de dor e era capaz de morder as mãos de qualquer um que o tocasse. A seguir, começou a xingá-los por deixá-lo ali deitado e congelando. Assim que cheguei, acenei com a cabeça para que os escravos o levantassem e o carregassem para dentro do palácio, ignorando suas reclamações e atitudes. Nós o colocamos sobre a cama, com grande agonia, e chamamos o curandeiro, e disse-lhe – como todos havíamos imaginado – que a sua perna estava quebrada.

- Mas não tenho recursos para examiná-la, senhora, mesmo se o rei permitisse que meus dedos se aproximassem dela.

Enviei um mensageiro à casa de Ungit, ao Segundo Sacerdote, que sabe o nome de um bom cirurgião. Antes de o mensageiro voltar, o rei tinha se embriagado de vinho forte em quantidade suficiente para provocar febre em um homem são e, assim que o Segundo Sacerdote tirou as roupas dele e passou a mexer na perna quebrada, ele começou a gritar como um animal e tentou arrancar a adaga da mão do Sacerdote. Então Bardia e eu sussurramos um para o outro e chamamos seis guardas para segurar o rei. Entre gritos, ele apontava para mim com seus olhos - suas mãos estavam presas -, berrando:

- Tirem-na daqui! Tirem essa com o véu. Não deixem que ela me torture. Eu sei quem ela é. Eu sei.

Ele não conseguiu dormir naquela noite, nem no dia e na noite seguintes - no auge da dor em sua perna, ele tossia como se seu peito fosse explodir - e sempre que nos retirávamos do quarto, Bardia lhe dava mais vinho. Eu não ficava muito no quarto, pois minha presença o deixava mais nervoso. Ele continuava dizendo que sabia quem eu era.

- Mestre - disse Raposa -, ela é apenas a princesa Orual, sua filha.

- Sim, isso é o que ela lhe diz - o rei diria. - Porém eu sei mais. Ela não estava usando um ferro quente e vermelho sobre a minha perna a noite inteira? Eu sei quem ela é... ai! Ai! Guardas! Bardia! Orual! Batta! Tirem-na daqui!

Na terceira noite, o Segundo Sacerdote, Bardia, Raposa e eu, todos ficamos do lado de fora do quarto e conversamos, sussurrando. O nome do Segundo Sacerdote era Arnom. Ele era um homem de pele morena, da minha idade, de expressão tranquila como a de um eunuco - mas talvez não fosse, pois, embora Ungit tivesse eunucos, somente um homem em toda a sua integridade poderia exercer o pleno sacerdócio.

- É provável que essa fratura leve o rei à morte - disse Arnom.

"Então", pensei, "é assim que tudo vai começar. Haverá um novo mundo em Glome e, se eu abrir mão da minha vida, serei expulsa. Eu também serei uma Psique."

- Concordo com Arnom - disse Raposa. - E isso ocorre em um momento delicado. Há muito trabalho a ser feito.

- Mais do que você pensa, Lysias - disse Arnom (Eu nunca antes tinha ouvido Raposa ser chamado por seu nome verdadeiro).

- A casa de Ungit está vivendo o mesmo drama da casa do rei.

- O que você quer dizer, Arnom? - perguntou Bardia.

- O Sacerdote também está morrendo. Com muita sorte, ele sobreviverá por mais cinco dias.

- E você o sucederá? - perguntou Bardia. O sacerdote acenou afirmativamente com a cabeça.

- A menos que o rei proíba - acrescentou Raposa. Essa era a lei em Glome.

- É muito necessário que Ungit e o palácio estejam unidos neste momento. Há pessoas que poderiam se aproveitar disso tudo para suscitar intrigas em Glome - disse Bardia.

- Sim, é muito necessário - disse Arnom. - Ninguém se insurgirá contra nós dois.

- É importante que não haja motivo de briga entre a rainha e Ungit - disse Bardia.

- A rainha? - disse Arnom.

- A rainha - disseram, juntos, Bardia e Raposa.

- Se pelo menos a princesa fosse casada! - disse Arnom, inclinando-se educadamente. - Uma mulher não pode liderar os exércitos de Glome, em uma guerra.

- Esta rainha pode - disse Bardia. E o modo como ele pressionou sua mandíbula inferior fez com que ele mesmo parecesse um exército inteiro. Notei Arnom olhando fixamente para mim e acho que meu véu me serviu melhor que a mais corajosa feição no mundo, talvez melhor do que a beleza teria me servido.

- Há somente uma diferença entre Ungit e a casa do rei - ele disse -, e isso diz respeito aos Crumbles. Se não fosse pela doença do rei e do Sacerdote, eu teria vindo aqui bem antes para falar disso.

Eu sabia tudo sobre eles e sabia agora em que ponto estávamos. Os Crumbles eram uma terra boa, bem distante, do outro lado do rio e havia uma briga de gato e cachorro desde que eu começara a trabalhar para meu pai sobre a quem eles pertenciam ou a que parte deles era do rei ou de Ungit. Eu sempre pensei - um pouco porque era obrigada a amar Ungit - que eles deveriam pertencer à casa dela, que na verdade estava

sempre pobremente oferecendo algo em troca de sacrifícios contínuos. Mas também achava que, uma vez que Ungit estivesse razoavelmente suprido com terra, os sacerdotes poderiam parar de tirar as coisas dos outros à força, até mesmo das pessoas comuns, em troca de presentes.

– O rei ainda está vivo – eu disse. Eu não havia falado nada antes e o som da minha voz surpreendeu a todos. – Mas, por causa de sua doença, eu sou agora a boca do rei. É seu desejo dar os Crumbles a Ungit, gratuitamente e para sempre e que a aliança seja registrada em pedra, sob uma condição.

Bardia e Raposa olharam para mim, admirados. Mas Arnom perguntou:

– Qual é a condição, senhora?

– Que os guardas de Ungit estejam, daqui por diante, sob as ordens do capitão da guarda do rei, escolhido pelo rei. Ou seu sucessor, e sob a sua obediência.

– E pagos pelo rei, ou seu sucessor, também? – perguntou Arnom, rápido como um relâmpago.

Eu não havia pensado nisso, mas julguei que qualquer resposta firme seria melhor que a mais sábia ponderação.

– Isso – eu disse –, deve ser de acordo com as horas de serviço que eles tiverem na casa de Ungit e aqui.

– A senhora propõe, ou seja, o rei propõe, um negócio difícil – disse o sacerdote.

Mas eu sabia que ele aceitaria, pois sabia que Ungit estava mais necessitada de boa terra que de lanças. Além disso, seria difícil para Arnom assumir o sacerdócio se o palácio estivesse contra ele. Meu pai então começou a urrar e o sacerdote foi atendê-lo.

– Muito bem, filha – sussurrou Raposa.

– Vida longa à rainha – sussurrou Bardia. Eles então seguiram Arnom.

Fiquei do lado de fora do grande salão, que estava vazio, e o fogo que o aquecia estava baixo. Foi um momento estranho na minha vida. Ser uma rainha – isso não adoçaria a água amarga contra a qual eu estivera construindo a barragem em minha alma. Isso poderia, no entanto, fortalecer a barragem. Então, de um jeito bem diferente, veio-me um pensamento de que meu pai morreria. E isso me deixou tonta. A amplitude de um mundo no qual ele não estava... a luz clara de um céu no qual aquela nuvem não mais viajaria... liberdade. Suspirei profundamente.

De certo modo, foi o mais doce suspiro que eu já tinha dado em toda a minha vida. Cheguei perto de esquecer minha grande tristeza.

Mas apenas por um momento. O silêncio era grande e a maioria da casa ainda estava na cama. Pensei ter ouvido um som de choro, uma menina chorando, o som que sempre, a favor ou contra a minha vontade, eu escutava. Ele parecia vir de fora, de trás do palácio. Instantaneamente, coroas, políticas e meu pai estavam a mil léguas distantes da minha mente. Em uma tortura de esperança, fui rapidamente para o outro extremo do salão e então saí pela pequena porta entre a leiteria e o alojamento dos guardas. A lua estava brilhando, mas o ar não estava absolutamente imóvel. E onde estava o choro agora? Então pensei tê-lo ouvido novamente. “Psique”, eu chamei. “Istra! Psique!” Eu fui até o som. Eu agora estava menos segura sobre o que se tratava. Lembrei-me de que quando as correntes do poço balançavam um pouco, e naquele momento havia brisa suficiente para balançá-las, elas faziam um barulho parecido. Ah, o engano, a amargura!

Parei e escutei. Não havia mais choro. Mas algo se movia em algum lugar. Então vi um vulto atravessando a luz da lua e enterrando-se em meio a alguns arbustos. Fui atrás dele o mais rápido que pude. E enfiei minha mão no meio dos arbustos. Outra mão encontrou a minha.

- Delicadamente, querida - disse uma voz. - Leve-me à soleira da porta do rei.

Era a voz de um homem, e totalmente estranha a mim.

Capítulo 17

- QUEM É VOCÊ? - perguntei, puxando com violência minha mão e saltando para trás como se tivesse tocado uma cobra.

- Saia e mostre-se. - Pensei que fosse um amante de Redival e que Batta, além de carcereira, fosse dona de uma casa de prostituição.

Um homem magro e alto saiu do meio do arbusto.

- Um pedinte - mas com uma felicidade em sua voz que não soava como súplica. - E alguém que nunca deixa uma menina bonita sem um beijo.

Ele teria colocado seu braço em torno de meu pescoço se eu não o tivesse evitado. Ele então viu minha adaga apontada e cintilante sob a luz da lua e riu.

- Você terá bons olhos se conseguir enxergar beleza neste rosto - eu disse, mostrando-o a ele para certificar-me de que ele viu o lado branco do véu.

- Somente bons ouvidos, irmã - ele disse. - Aposto que uma menina com uma voz como a sua é bela.

A aventura como um todo era, para uma mulher como eu, tão rara que eu quase tive um desejo tolo de estendê-la. O mundo estava muito estranho naquela noite. Mas recobrei meus sentidos.

- Quem é você? - perguntei. - Diga-me rápido, ou chamarei os guardas.

- Não sou nenhum ladrão, linda - ele disse -, embora confesse que você me apanhou fugindo de um modo suspeito. Pensei que já pudesse haver algum parente meu em seu jardim a quem eu não tivesse intenção de encontrar. Sou um suplicante do rei. Pode levar-me até ele? - Ele deixou que eu ouvisse algumas moedas tinindo em sua mão.

- A menos que a saúde do rei melhore repentinamente, eu sou a rainha - respondi.

Ele deu um grave assovio e riu.

- Se for isso, rainha, fiz papel de bobo para impressionar. Então sou seu suplicante, suplicante de algumas noites... talvez fosse apenas uma... por abrigo e proteção. Sou Trunia, de Fars.

A notícia me deixou em estado de choque. Escrevi antes sobre como esse príncipe estivera em guerra com seu irmão Argan e o velho rei, seu pai.

- Derrotado, então? - perguntei.

- Abatido em um combate a cavalo - respondeu -, e tive que fugir, o que não seria problema, mas me perdi no caminho, cometi um erro crasso e acabei vindo parar em Glome. E então meu cavalo ficou manco a menos de cinco quilômetros daqui. O pior é que a força do meu irmão está estacionada ao longo da fronteira. Se você puder me esconder por um dia ou dois... os mensageiros dele estarão à sua porta ao amanhecer, sem dúvida... para que eu possa chegar a Essur e aproximar-me de meu exército principal em Fars, eu em breve mostrarei a ele e a todo o mundo se estou derrotado.

- Está tudo muito bem, príncipe - eu disse. - Mas se lhe recebermos como suplicante, devemos, de acordo com a lei, defendê-lo. E não sou uma rainha tão inexperiente a ponto de pensar que posso guerrear contra Fars, neste momento.

- Está uma noite fria para se dormir ao relento - ele disse.

- Você seria muito bem-vindo se não fosse um suplicante, príncipe. Mas nessa condição, você é muito perigoso. Posso dar-lhe abrigo somente como prisioneiro.

- Prisioneiro? - ele disse. - Então, rainha, boa noite.

Ele saiu correndo como se não estivesse cansado - embora eu tivesse ouvido cansaço em sua voz, como alguém que estivesse acostumado a correr. Mas aquela corrida tinha sido a sua destruição. Eu poderia ter-lhe dito onde estava a velha pedra moleira. Ele caiu de boca, pôs-se em pé rapidamente e então deu um grito agudo de dor, fez um esforço, esbravejou e silenciou.

- Torci, se é que não quebrei - ele disse. - Maldito o deus que inventou o tornozelo do homem. Bem, você pode chamar seus lanceiros. Sou prisioneiro. E essa prisão leva à força do meu irmão?

- Nós o salvaremos, se pudermos - eu disse. - Se pudermos de algum modo fazê-lo sem guerrear com Fars, faremos.

Alguns guardas estavam daquele lado da casa, como eu disse, de modo que foi fácil o bastante entrar e chamá-los e ainda assim manter os olhos fixos no príncipe. Tão logo os ouvi saindo, eu disse:

– Ponha sua capa sobre seu rosto. Quanto menos souberem o nome de meu prisioneiro, mais livres estarão minhas mãos.

Eles o apanharam e o levaram mancando para o saguão, acomodando-o ao lado da lareira e eu lhes ordenei que trouxessem vinho e mantimentos e ao curandeiro que fizesse um curativo em seu tornozelo. Depois fui para os aposentos do rei. Arnorn havia partido. O rei tinha piorado, seu rosto estava vermelho escuro e sua respiração, ofegante. Ele parecia não conseguir falar, mas eu me perguntava, enquanto seus olhos vagavam de um lado para o outro, para nós três, o que ele estaria pensando e sentindo.

– Onde você esteve, filha? – perguntou Raposa. – Recebemos notícias terríveis. Uma mensagem nos chegou, dizendo que Argan de Fars, com três, ou talvez quatro, grupos cavaleiros cruzou a fronteira e agora se encontra a uns quinze quilômetros daqui e afirma que está em busca de seu irmão Trunia.

Quão rapidamente aprendemos a reinar! Ontem eu me preocupava muito pouco com quantos estrangeiros armados cruzavam nossas fronteiras, e nessa noite era como se alguém tivesse batido em meu rosto.

– E – disse Bardia – quer ele realmente acredite que temos Trunia aqui... ou que tenha cruzado a fronteira apenas para dar uma demonstração barata de coragem e recuperar sua reputação desgastada... seja como for...

– Trunia está aqui – eu disse. Antes que sua surpresa lhes deixasse falar, eu os conduzi à Sala da Coluna, pois achei que não poderia suportar os olhos de meu pai sobre nós. Os outros pareciam não considerá-lo outra coisa senão um homem morto. Ordenei que acendessem luzes e fogo na sala da torre, a antiga prisão de Psique, e que o príncipe fosse levado para lá depois de se alimentar. E depois nós três seguimos apressadamente para termos a nossa conversa.

Em três pontos todos concordávamos. Primeiro, que, se Trunia superasse seu infortúnio presente, provavelmente no fim derrotaria Argan e governaria Fars. O velho rei estava senil e não decidia mais nada. Quanto mais continuasse a bagunça, mais provavelmente o partido

de Trunia cresceria, pois Argan era falso, cruel e odiado por muitos e, além disso, trazia sobre si, de sua primeira batalha – muito antes desses problemas todos começarem –, uma velha mancha de covardia que o havia transformado em um ser desprezível. A segunda certeza era a de que Trunia, como rei de Fars, seria para nós um vizinho muito melhor do que Argan, especialmente se o protegêssemos em seu pior momento. A terceira certeza que tínhamos era que não estávamos em condições de guerrear contra Fars, nem mesmo somente contra os partidários de Argan em Fars. A pestilência havia matado muitos dos nossos jovens e ainda não tínhamos quase que nenhum grão disponível.

Foi então que um novo pensamento, vindo do nada, chegou fervilhante em minha mente.

– Bardia, quanto vale o príncipe Argan como esgrimista? – perguntei.

– Há dois melhores nesta mesa, rainha.

– E ele seria capaz de fazer qualquer coisa que revivesse a velha história contra a sua coragem?

– Supostamente, sim.

– Então se lhe oferecêssemos um duelo por Trunia... se empenhássemos a cabeça de Trunia em um único combate... ele estaria propenso a aceitá-lo.

Bardia pensou por um momento.

– Ora – ele disse –, isso soa como parte de uma velha canção. No entanto, pelos deuses, quanto mais penso nela, mais gosto. Embora sejamos fracos, ele não vai querer lutar conosco enquanto estiver guerreado em casa. Não se lhe dermos qualquer outra opção. E a sua esperança está em manter ou receber o favor de seu povo. Ele não tem o que oferecer, mesmo agora. E é uma coisa detestável perseguir seu irmão em nossos portões, como se estivesse caçando uma raposa. Isso não o fará mais amado. Se, por fim, ele recusar o combate, seu nome irá feder ainda mais. Penso que seu plano tem sentido, rainha.

– Isso é muito sábio – disse Raposa. – Mesmo se nosso homem for morto e tivermos de entregar Trunia, ninguém poderá dizer que nós o tratamos mal. Salvaremos nosso bom nome e não estaremos em guerra com Fars.

– E se o nosso desafiante matar Argan – disse Bardia –, então teremos preparado Trunia para assumir o trono e ganharemos um bom amigo, pois todos dizem que ele é um homem justo.

– Para deixarmos tudo ainda mais claro, amigos – eu disse –, que o nosso desafiante seja alguém tão desprezível que seria vergonha sobre vergonha para Argan recusar-se a lutar.

– Isso é bem sutil, filha, e arriscado para Trunia. Não queremos que o nosso homem seja derrotado – disse Raposa.

– Em que está pensando, rainha? – perguntou Bardia, torcendo seu bigode, como costumava fazer. – Não podemos pedir que ele lute contra um escravo, se é isso o que quer dizer.

– Não. Uma mulher – eu disse.

Raposa me encarou com perplexidade. Eu nunca lhe havia dito sobre meus exercícios com a espada, em parte porque tinha cuidado de mencionar Bardia a ele, pois ouvir Bardia sendo chamado de tolo ou de bárbaro me deixava com raiva – Bardia, por sua vez, chamava Raposa de grego e de “torcedor de palavra”, mas isso nunca havia me irritado com a mesma intensidade.

– Uma mulher? – disse Raposa. – Eu estou louco ou é você quem está enlouquecendo?

E agora um grande sorriso que faria bem a qualquer coração que o visse estampou-se no rosto de Bardia. Mas ele abanou a cabeça.

– Joguei xadrez por muito tempo para arriscar minha rainha – ele disse.

– O que, Bardia? – eu disse, estabilizando minha voz o máximo que pude. – Você estava apenas me bajulando quando disse que eu era melhor esgrimista que Argan?

– Não. Eu apostaria meu dinheiro na senhora se tivesse de apostar. Mas, nessas coisas, sempre há sorte, como há habilidade.

– E coragem também, você diria.

– Não temo pela senhora em relação a isso, rainha.

– Não faço a menor ideia do que vocês estão falando – disse Raposa.

– A rainha quer, ela própria, lutar por Trunia, Raposa – disse Bardia. – E ela também poderia fazer isso. Lutamos muitas vezes juntos. Os deuses jamais fizeram ninguém... homem ou mulher... com um dom natural melhor para isso. Ah, senhora, senhora, é mesmo uma pena que eles não a fizeram um homem. – Ele disse isso o mais bondosa e carinhosa-mente possível, como se um homem derramasse um galão de água fria em seu caldo, na certeza de que você iria gostar.

- Monstruoso... contra todo costume, natureza e modéstia - disse Raposa. Nessas questões ele era um verdadeiro grego, pois ainda achava bárbaro e escandaloso que as mulheres em nossa terra andassem com o rosto descoberto. Eu havia algumas vezes dito a ele, quando éramos felizes, que eu deveria chamá-lo não de vovô, mas de vovó. Houve outra razão pela qual eu nunca tinha contado a ele sobre as aulas de esgrima.

- A mão da Natureza desandou mesmo quando me fez - eu disse. - Se tenho traços masculinos, por que também não lutar como um homem?

- Filha, filha - disse Raposa. - Por misericórdia de mim, se não for por outra coisa, tire esse pensamento de sua cabeça. O plano de um duelo foi bom. Como essa tolice poderia melhorá-lo?

- Ela o torna muito melhor - eu disse. - Você acha que sou tão simplória a ponto de fantasiar que já estou assegurada no trono de meu pai? Arnorn está comigo. Bardia está comigo. Mas e os nobres e o povo? Não sei nada deles e eles não sabem nada de mim. Se alguma das esposas do rei estivesse viva, suponho que poderia ter conhecido esposas e filhas de nobres. Meu pai nunca permitiu que as víssemos, muito menos aos próprios lordes. Eu não tenho amigos. Esse combate não serviria para chamar a atenção das pessoas para mim? Não gostariam mais da ideia de terem uma mulher como sua soberana, se ela lutasse por Glome e matasse um homem?

- Nesse sentido - disse Bardia -, isso seria incomparável. Não haveria ninguém senão a senhora nos lábios e corações do povo, por um ano.

- Filha, filha - disse Raposa, com os olhos cheios de lágrimas -, é a sua vida. Sua vida. Primeiro meu lar e minha liberdade se foram e então Psique, agora você. Você não deixará nenhuma folha nessa velha árvore?

Eu poderia ler seu coração, pois sabia que ele agora me implorava com a mesma angústia que senti quando implorou por Psique. As lágrimas presas em meus olhos, por trás do véu, eram lágrimas de compaixão por mim, mais do que por ele. Mas não as deixei cair.

- Já tomei a minha decisão - eu disse. - E nenhum de vocês seria capaz de pensar em uma solução melhor para nos livrarmos dos nossos perigos. Sabemos onde Argan está, Bardia?

- No Vau Vermelho, disse a mensagem.

- Então envie nosso arauto imediatamente. Os campos entre a cidade e o Shennit devem ser o local do combate. O tempo, o terceiro dia a

partir de agora. Os termos, estes. Se eu tombar, entregamos Trunia a ele e não o acusaremos pela entrada ilegal em nossas terras. Se ele tombar, Trunia é um homem livre e tem um salvo conduto para atravessar a fronteira rumo ao seu povo em Fars ou para onde quiser. Em ambos os casos, todos os estrangeiros devem estar fora de Glome em dois dias.

Eles se entreolharam e não disseram nada.

– Vou para a cama agora – eu disse. – Confirme o envio da mensagem, Bardia, e então vá para a cama também. Uma boa noite a ambos. – Deixei a sala rapidamente e fui para o meu quarto.

Estar sozinha ali e em silêncio foi como chegar repentinamente debaixo do abrigo em um dia agitado pelo vento, a fim de recuperar o fôlego e se recompor. Desde que Arnom dissera, horas atrás, que o rei estava morrendo, parecia haver outra mulher agindo e falando em meu lugar. Chame-a de rainha, mas Orual era alguém diferente e agora eu era Orual outra vez (E me perguntava se era assim que todas as princesas se sentiam). Olhei novamente para as coisas que a rainha havia feito e me questionei. Aquela rainha realmente pensou que mataria Argan? Eu, Orual, como agora percebia, não acreditava que isso fosse possível. Não estava sequer segura de que seria capaz de lutar contra ele. Eu nunca tinha usado espadas afiadas antes. Nada era mais importante em minhas batalhas simuladas senão a esperança de agradar meu mestre – não que isso seja para mim uma coisa menos importante. Como seria se, quando o dia chegasse, as trombetas soassem e as espadas fossem desembainhadas e a coragem me faltasse? Eu seria a zombaria do mundo inteiro. Eu era capaz de ver o olhar envergonhado no rosto de Raposa e de Bardia. Eu podia ouvi-los dizendo: “E, por outro lado, como a sua irmã foi corajosa na ocasião da oferenda! Que estranho que, afinal, ela que era tão mansa e humilde fosse a corajosa!”. E então ela seria considerada bem superior a mim em tudo – na coragem, na beleza, naqueles olhos favorecidos pelos deuses com visões de coisas invisíveis e até mesmo na força (lembro-me de como me agarrou quando lutamos). “Ela não vai”, eu disse com toda a minha força. “Psique? Ela nunca teve uma espada nas mãos em sua vida, nunca fez trabalho de homem na Sala da Coluna, nunca entendeu – e não ouviu falar – de questões de Estado... uma vida de menina, uma vida de criança...”

Perguntei a mim mesma, repentinamente, o que eu estava pensando. “Será que minha doença está voltando?”, pensei. Pois era como aqueles sonhos vis que eu tinha tido em minhas alucinações, quando os deuses cruéis colocaram em minha mente a fantasia horrível e louca de que era Psique quem era minha inimiga. Psique, minha inimiga? – ela, minha filha, coração do meu coração, que eu tinha ofendido e arruinado, por causa de quem os deuses estavam prontos para me matar? E agora vi meu desafio ao príncipe de um modo bem diferente. É claro que ele me mataria. Ele era o executor de deus. E isso seria a melhor coisa no mundo que poderia acontecer a ele – um destino muito melhor que alguns dos destinos pelos quais eu havia procurado. Toda a minha vida deve agora ser um desperdício – quem poderia ter ousado acreditar que ela seria tão curta? E isso combinava tão bem com todos os meus pensamentos diários desde a sentença de deus que eu agora me perguntava como poderia ter esquecido aquele desperdício, nas últimas horas.

Tinha sido o reinado como rainha que havia feito isso – todas aquelas decisões a serem tomadas, vindo desordenadas sobre mim, sem que houvesse espaço para eu respirar e trazendo consigo tantas responsabilidades. Toda a velocidade, habilidade, perigo e força do jogo. Eu decidi que, nos dois dias que me restavam, eu governaria até onde os deuses me permitissem governar. Não era o orgulho – o brilho do nome – que me movia, pelo menos não tanto. Fui chamada pela vocação à monarquia como um homem abatido está propenso a se deixar atrair pelo vinho, ou como uma mulher triste, se for bela, se sente atraída pelos amantes. A monarquia é uma arte que não dá a ninguém tempo para ficar atordoado. Se Orual pudesse se esconder por completo na figura da rainha, os deuses quase que poderiam ser enganados.

Mas Arnom havia dito que meu pai estava morrendo? Não, não exatamente.

Levantei-me e retornei aos seus aposentos, sem uma vela, tateando pelo caminho me apoiando nas paredes, pois ficaria muito envergonhada se alguém me visse. Ainda havia luzes no quarto. Eles haviam levado Batta para ficar com ele. Ela se sentou em sua própria cadeira, próxima ao fogo, dormindo o sono barulhento de uma mulher velha e estranha. Fiquei ao lado da cama. Aparentemente, ele estava acordado. Acho que ninguém seria capaz de dizer se os ruídos que ele estava fazendo eram

uma tentativa de falar. Mas a expressão em seus olhos, quando me viu, era inconfundível. E era de terror. Ele havia me reconhecido e pensou que eu vim para matá-lo? Ou pensou que eu era Psique, que tinha retornado da terra dos mortos para levá-lo consigo?

Alguns dirão – talvez os deuses – que, se eu o tivesse matado de fato, não teria sido menos ímpia que ele. E, enquanto ele olhava para mim amedrontado, eu olhava para ele, mas todo o meu medo era o de que ele talvez vivesse.

O que os deuses esperam de nós? Minha libertação estava agora muito próxima. Um prisioneiro pode até suportar sua masmorra com paciência, mas se ele quase escapou, se experimentou sua primeira corrente de ar livre... como poderia ser recapturado, voltar para o ruído das algemas, para o cheiro da palha?

Olhei novamente para o seu rosto, apavorado, idiota, quase o rosto de um animal. Um pensamento de consolo me ocorreu: “Mesmo se ele viver, nunca mais teremos sua mente de volta”.

Voltei para o meu quarto e dormi profundamente.

Capítulo 18

NO DIA SEGUINTE, assim que me levantei, fui ao quarto para dar minha primeira olhadela no rei, pois de fato nenhum amante, nem médico, era capaz de reconhecer uma simples mudança na respiração e no pulso de um homem adoentado tão intimamente quanto eu. Enquanto ainda estava ao seu lado na cama – e não observei nenhuma alteração nele – Redival entrou, toda alvoroçada, e disse:

– Ah, Orual, o rei está morrendo? E o que aconteceu ontem à noite? Quem é o jovem estranho? Dizem que ele é um homem maravilhoso, belo e que parece corajoso como um leão. Ele é um príncipe? E ah, irmã, o que vai acontecer a nós se o rei morrer?

– Eu serei a rainha, Redival. E você será tratada de acordo com o seu comportamento.

Quase que imediatamente depois de as palavras saírem da minha boca, ela estava me bajulando e beijando minha mão e desejando-me alegria e dizendo que sempre tinha me amado mais que qualquer pessoa no mundo. Isso me dava náuseas. Nenhum dos escravos se comportava de modo assim tão servil. Mesmo quando eu ficava com raiva e eles sentiam medo de mim, todos sabiam que o melhor não era lamuriar-se como um mendigo. Não há nada que mereça menos a minha compaixão do que esse tipo de comportamento.

– Não seja tola, Redival – eu disse, empurrando-a para longe da minha mão. – Eu não vou matá-la. Mas se você colocar seu nariz para fora de casa sem meu consentimento, vou mandar açoitá-la. Agora saia.

À porta, ela se virou e disse:

– Mas você vai me arrumar um marido, rainha, não vai?

– Sim, provavelmente dois – eu disse. – Tenho uma dúzia de filhos de reis pendurados em meu guarda-roupa. Mas saia.

Então chegou Raposa, que olhou para o rei e murmurou:

– Ele talvez resista por dias – e então disse: – Filha, eu me comportei mal na noite passada. Acho que essa oferta de luta contra o príncipe é uma bobagem e, além disso, inadequada. Mas eu não devia ter chorado, implorado ou forçado você a fazer nada por meio do seu amor. O amor não é algo que mereça ser usado.

Ele interrompeu o que estava dizendo, porque Bardia entrou pela porta.

– Já temos à porta do palácio um arauto de Argan, rainha – ele disse. – Nosso homem encontrou o príncipe (maldita seja a sua insolência) a menos de quinze quilômetros daqui.

Fomos para a Sala da Coluna – os olhos de meu pai me seguiam com terror – e autorizamos a entrada do mensageiro. Ele era um homem forte e alto, vestido elegantemente, como um pavão. Sua mensagem, dada em palavras bem simples, foi a de que seu mestre havia aceitado o combate. Mas ele disse que sua espada não deveria manchar-se com sangue de uma mulher, de modo que traria uma corda com ele para enforcar-me no momento em que me desarmasse.

– Essa é uma arma com a qual confesso não ter nenhuma habilidade – eu disse. – E, portanto, é injusto que seu mestre a traga. Mas ele é mais velho do que eu, a batalha dele foi, eu acho, há muito tempo, de modo que permitiremos que ele compense o que perdeu nesses anos.

– Não posso dizer isso ao príncipe, rainha – disse o arauto.

Então pensei que havia dito o bastante – eu sabia que outros ouviriam minha humilhação, mesmo se Argan não ouvisse – e fomos trabalhar respeitosamente em todas as condições da luta e nas centenas de pequenas coisas a serem combinadas. Foi a melhor parte do encontro, antes que o arauto partisse. Enquanto todas essas providências eram tomadas, com a cena da luta tornando-se cada vez mais real e irrevogável a cada palavra que proferíamos, Raposa, eu podia perceber, estava em grande dor. Eu agora era praticamente a rainha, mas às vezes Orual sussurrava uma palavra fria no ouvido da rainha.

Depois disso veio Arnorn e, mesmo antes que ele falasse, sabíamos que o velho Sacerdote estava morto e que Arnorn o sucedera. Ele usava as peles e as bexigas e a máscara de pássaro estava pendurada em seu peito. A visão de tudo isso produziu em mim um choque repentino, como um sonho desprezível que devesse ser esquecido ao despertar, mas que voltava a ser lembrado, de repente, ao meio-dia. Meu segundo

vislumbre, no entanto, me fortaleceu. Ele não seria horrível como o velho Sacerdote. Ele era apenas Arnom, com quem eu tivera uma ótima negociação no dia anterior. Não havia nenhum sentimento de que Ungit tivesse entrado na sala com ele. E isso deu início a estranhos pensamentos em minha mente.

No entanto, eu não tinha tempo para acalotá-los. Arnom e Raposa foram para o quarto do rei e começaram a conversar sobre sua condição – os dois pareciam se entender muito bem – e Bardia me chamou para fora do quarto. Caminhamos até a pequena porta nordeste, onde Raposa e eu havíamos passado na manhã em que Psique nasceu e ali ficamos conversando, entre as plantas.

– Agora, rainha, esta é a sua primeira batalha – disse Bardia.

– E você duvida da minha coragem?

– Não da sua coragem para ser morta, rainha. Mas a senhora nunca foi morta e essa batalha deve ser encarada como uma questão de vida ou morte.

– E então?

– Ora, só isso. Mulheres e meninos falam facilmente sobre matar um homem. No entanto, creia-me, é algo difícil de se fazer. Quero dizer, ao menos da primeira vez. Há algo no homem que tenta impedi-lo de fazer isso.

– Você acha que eu me compadeceria dele?

– Não sei se é compaixão. Mas na primeira vez que fiz isso... foi a coisa mais difícil do mundo fazer com que minha mão fincasse minha espada naquela carne viva.

– Mas você a fincou.

– Sim, meu inimigo foi um incompetente. Mas e se ele tivesse sido rápido? Esse é o perigo, percebe? Há um momento quando a pausa... a quinta parte do tempo que se leva para piscar o olho... pode representar a perda de uma chance. E ela poderia ser a sua única chance e então a senhora teria perdido a batalha.

– Não acho que minha mão se atrasaria, Bardia – eu disse. Eu estava tentando imaginar isso. Imaginei meu pai, bem de novo, vindo em minha direção, em um de seus velhos ataques de fúria. Senti que minha mão não falharia em esfaqueá-lo. Ela não falhou quando esfaqueei a mim mesma.

- Bem, espero que não - disse Bardia. - Mas a senhora tem que fazer o exercício todo. Eu exijo que todos os recrutas o façam.

- O exercício?

- Sim. A senhora sabe que eles têm que matar um porco hoje pela manhã. E a senhora deve ser o açougueiro, rainha.

Percebi imediatamente que se eu recuasse em relação a isso haveria menos da rainha e mais de Orual em mim.

- Estou pronta - eu disse. Entendi a tarefa muito bem, pois, é claro, havíamos assistido ao massacre de animais desde que éramos crianças. Redival sempre assistia e sempre gritava. Eu via com menos frequência e ficava muda. Então agora fui e matei meu porco - nós matamos os porcos sem sacrificá-los, pois esses animais são uma abominação para Ungit, há uma história sagrada que explica a razão. E jurei que, se voltasse viva do combate, Bardia, Raposa, Trunia e eu comeríamos as partes mais nobres dele como jantar. Então, depois de tirar meu avental de açougueiro e lavá-lo, voltei para a Sala da Coluna, pois eu havia pensado em algo que precisava ser feito, agora que talvez eu tivesse apenas dois dias de vida. Raposa já estava ali, de forma que chamei Bardia e Arnom como testemunhas e alforriei Raposa.

A seguir, caí em desespero. Não consigo entender como havia sido tão cega para não antever isso. Meu único pensamento era o de salvá-lo do escárnio e da negligência e talvez de ser vendido por Redival, se eu morresse. Mas agora, tão logo os outros dois lhe desejavam alegria beijando-o no rosto, me dei conta de tudo. "Sua partida será uma perda para os nossos conselhos..." "Há muitos em Glome que lamentarão vendo-o partir..." "Não faça sua viagem no inverno..." O que eles estavam dizendo?

- Vovô! - gritei, não a rainha agora, só Orual, completamente criança.
- Eles estão querendo dizer que você vai me deixar? Você vai embora?

Raposa levantou e veio em minha direção com o rosto cheio de inquietação, todo contorcido.

- Livre? - murmurou. - Você quer dizer que eu poderia... eu posso... não importaria tanto se eu morresse no caminho. Nem se eu poderia descer até o mar. Haveria atuns, olivas. Não, seria muito cedo no ano para olivas. Mas o cheiro dos portos. E caminhar no mercado conversando, conversando de verdade. Mas você não sabe, tudo isso é tolice,

nenhum de vocês sabe. Eu deveria estar lhe agradecendo, filha. Mas, se você alguma vez me amou, não fale comigo agora. Amanhã. Deixe-me partir. – Ele colocou sua capa sobre sua cabeça e procurou seu caminho para fora da sala.

E agora esse jogo de ser rainha, que havia me sustentado e me mantido ocupada desde que eu acordara naquela manhã, acabava de me desapontar por completo. Nós já havíamos preparado tudo para o combate. Havia o restante do dia e todo o dia seguinte para esperar e agora eu precisava conviver com essa nova desolação de que, se eu vivesse, teria que viver sem Raposa.

Saí para os jardins. Eu não ia subir até aquele terreno atrás das pe-reiras. Ali era onde ele, Psique e eu havíamos sido quase sempre felizes. Andei miseravelmente até o outro lado, a oeste do pomar de maçãs, até o vento me levar. Era um dia amargo, escuro e congelado, sem nenhum sol. Estou envergonhada e temerosa de reviver, ao escrever, os pensamentos que tive naquele momento. Em minha ignorância, eu não conseguia entender a força do desejo que deveria estar atraindo meu velho mestre para a sua terra. Eu havia morado em um único lugar toda a minha vida. Tudo em Glome para mim era rotineiro, comum, desinteressante e até mesmo cheio de terríveis memórias de humilhação e de tristeza. Eu não tinha nenhuma noção de como é a lembrança do lar para um exilado. Fiquei amargurada somente pelo simples fato de Raposa desejar deixar-me. Ele havia sido a viga mestra de toda a minha vida, algo – achava eu – tão forte e consistente, e na verdade tão simples como o nascer do sol e a própria terra. Em minha estupidez, eu pensava que era para ele o que ele era para mim. “Tola!”, eu disse para mim mesma. “Ainda não aprendeu que não é nada para ninguém? O que você é para Bardia? Tanto, talvez, quanto o velho rei era. Seu coração está em seu lar, com sua esposa e seus moleques. Se você importasse para ele, ele nunca a deixaria lutar. O que você é para Raposa? Seu coração sempre esteve em terras gregas. Você foi, talvez, a consolação de seu cativoiro. Dizem que é comum o prisioneiro domar um rato, passar a amá-lo e depois se acostumar com ele. Mas, uma vez aberta a porta, ele se livra das correntes e, nesse momento, quanto ainda vai se importar com o rato?” Por outro lado, como ele poderia nos deixar, depois de tanto amor? Eu o vi novamente com Psique sentada em seu colo. “Mais bela

que Afrodite”, ele dizia. “Sim, mas essa era a Psique”, disse meu coração. “Se ela ainda estivesse conosco, ele ficaria. Era Psique quem ele amava. Não eu.” Apesar de eu saber, enquanto falava, que isso não era verdade. Entretanto, eu não iria ou não conseguiria tirar isso da minha cabeça.

Raposa, no entanto, foi ao meu encontro antes de eu dormir. Seu rosto estava muito cinza e os seus modos eram muito silenciosos. Como ele mancava, dava a impressão de que ele tinha estado nas mãos de torturadores.

– Deseje-me sorte, filha – ele disse. – Eu venci uma batalha. O que é melhor para seus companheiros deve ser melhor para um homem. Sou apenas um membro do todo e devo trabalhar no lugar onde fui colocado. Eu ficarei e...

– Ah, vovô! – eu disse e chorei.

– Paz, paz – ele disse, me abraçando. – O que eu teria feito na Grécia? Meu pai está morto. Meus filhos, com certeza, me esqueceram. Minha filha... eu não seria somente um problema... *um sonho desgarrado na luz do dia*, como diz o verso? De qualquer forma, trata-se de uma longa jornada, cercada de perigos. Eu talvez nunca consiga chegar ao mar.

E assim ele continuou, menosprezando suas obras, como se temesse que eu o fizesse mudar de ideia. Mas eu, com o rosto em seu peito, sentia apenas a alegria.

Fui ver meu pai muitas vezes naquele dia, mas não vi nenhuma mudança nele.

Naquela noite dormi mal. Não era o medo do combate, mas uma inquietação que vinha das muitas mudanças que os deuses estavam promovendo em mim. A morte do velho Sacerdote, por si só, teria me feito pensar por uma semana. Achei que ela fosse acontecer antes – e, portanto, se ele tivesse morrido antes, Psique talvez tivesse sido salva, mas nunca imaginei realmente vê-la partir.

Seria como acordar em uma determinada manhã e descobrir que a Montanha Cinzenta tinha desaparecido. A libertação de Raposa, embora eu mesma a tivesse promovido, foi para mim outra mudança radical. Como se a doença de meu pai retirasse algumas das minhas colunas de sustentação e como se o mundo inteiro – todo o mundo que eu conhecia – se desmoronasse em pedaços. Eu estava viajando em uma terra estranha e nova. Ela era tão nova e estranha que eu não

conseguia, naquela noite, sequer sentir integralmente a minha grande tristeza. Isso me surpreendia. Uma parte de mim me levava a me agarrar de novo nessa tristeza. Ela dizia: “Orual morre se deixar de amar Psique”. Mas a outra parte dizia: “Deixe Orual morrer. Ela nunca conseguiria ser uma rainha”.

O último dia, o dia anterior à batalha, chegou como se fosse um sonho. Cada hora o tornava mais inacreditável. As notícias e a fama do meu combate haviam transposto fronteiras – não era parte de nossa política fazer as coisas em segredo – e havia multidões de gente comum nas portas do palácio. Embora eu desse a isso um valor menor que o merecido – lembrei-me de como eles se haviam levantado contra Psique –, devo considerar que, embora indecisos, seus aplausos e aclamações fizeram minha pulsação acelerar e enviaram uma espécie de droga ao meu cérebro. Alguns dos nobres, senhores e anciãos vieram me esperar. Todos me aceitaram como rainha e falei pouco, mas acho que falei bem – Bardia e Raposa elogiaram minha fala – e observei seus olhos encarando meu véu e explicitamente se perguntando o que ele escondia. Então fui até o príncipe Trunia na sala da torre e lhe disse que havíamos encontrado um defensor, mas não disse quem era, para lutar por ele e que ele seria levado sob custódia honrosa para assistir à luta. Embora fosse uma notícia desconfortável para ele, ele era um homem justo o bastante para não achar que nós o estávamos usando de uma forma que pudesse ser suportada pela nossa fraqueza. Depois ordenei que nos trouxessem vinho, para que bebêssemos juntos. No entanto, quando a porta se abriu – e isso naquele momento me deixou com muita raiva –, em vez do mordomo de meu pai, foi Redival quem entrou, trazendo um jarro e a taça. Fui tola por não prever que isso poderia acontecer. Eu a conhecia bem o bastante para supor que, uma vez que havia um estranho na casa, ela encontraria uma maneira de ser vista por meio das paredes de pedra. No entanto, até eu mesma fiquei impressionada em ver como ela havia conseguido se transformar em uma irmã mais jovem, serena, tímida, modesta e prestativa – talvez até uma irmã oprimida e quebrantada – ao carregar aquele vinho, com seu olhar cabisbaixo, que não deixava passar nenhum detalhe, desde os pés feridos de Trunia até o último fio de cabelo de sua cabeça, e a sua seriedade infantil.

– Quem é essa beleza? – perguntou Trunia assim que ela saiu.

- É minha irmã, a princesa Redival - respondi.
- Glome é um jardim de rosas, mesmo no inverno - ele disse.
- Mas por que, rainha cruel, você esconde seu próprio rosto?
- Se você vier a conhecer melhor a minha irmã, ela sem dúvida lhe dirá - eu disse, com mais agressividade em minha voz do que realmente quis que houvesse.

- Pode ser - disse o príncipe. - Se o seu lutador vencer amanhã. Caso contrário, a morte será minha esposa. Mas, se eu viver, rainha, não permitirei que essa amizade entre nossas casas desapareça. Por que não me casaria com alguém de sua linhagem? Talvez você mesmo, rainha.

- Não há espaço para dois em meu trono, príncipe.
- Sua irmã, então?

Era, é claro, uma oferta a ser aceita. Embora, por um momento, dizer sim a isso me deixasse irritada, muito provavelmente porque eu pensava que esse príncipe era vinte vezes bom demais para ela.

- Até onde posso ver - eu disse -, esse casamento pode ser realizado. Devo falar com meus conselheiros primeiro. De minha parte, a ideia me agrada bastante.

O dia terminou mais estranho do que havia começado. Bardia havia me levado aos alojamentos para o último treino.

- Aí está aquela sua antiga falha, rainha - ele disse -, no contra-ataque. Acho que nós a superamos, mas preciso vê-la perfeita.

Ele trabalhou na tal falha por meia hora e, quando paramos para respirar, ele disse: - Está perfeita em se tratando de habilidade. Tenho certeza que, se a senhora e eu lutássemos com espadas, a senhora me mataria. Mas há mais duas coisas a dizer. A primeira: se acontecer, rainha - e muito provavelmente isso não acontecerá, por causa do seu sangue divino -, se acontecer de a senhora sentir medo, não dê ouvidos a ele. Todos nós sentimos medo em nossa primeira luta. Eu sinto toda vez que luto. E a segunda coisa: aquela armadura que a senhora tem usado é excelente para o seu peso e a sua forma física. Mas ela tem uma aparência muito modesta. Uma marca dourada combinaria melhor com uma rainha e lutadora. Vejamos o que há na câmara do rei.

Eu havia dito antes que o rei guardava todo tipo de armas e de armaduras ali. Assim, fomos para lá. Raposa estava sentado ao lado da

cama, fazendo o que e pensando em que eu não sei. Não era possível que ele amasse seu velho mestre.

- Ainda nenhuma mudança - ele disse. - Bardia e eu começamos a procurar no baú e logo passamos a divergir, pois toda vez que eu pensava que havia encontrado algo mais seguro e flexível, ele dizia: "Espere, espere... esse é melhor". E foi quando estávamos mais ocupados que a voz de Raposa se fez ouvir, dizendo: "Acabou". Viramo-nos e olhamos. A criatura sobre a cama, que tinha estado meio viva por tanto tempo, agora estava morta. Havia morrido - se é que tinha condições de entender o que estava acontecendo - vendo uma menina roubar seu arsenal.

- Que a paz esteja com ele - disse Bardia. - Terminaremos aqui bem rapidamente. Então as criadas poderão vir e lavar o corpo. - E nos voltamos novamente e de imediato para resolver o problema das armaduras.

E, então, aquilo no que pensei por tantos anos ocorreu em meio a uma noite de atividades que eram, no momento, mais importantes. Uma hora depois, quando olhei de volta, a cena me surpreendeu. Frequentemente tenho notado que a morte de quase todo mundo provoca muito menos comoção do que se poderia esperar que provocasse. Homens mais bem amados e mais dignos que meu pai partem e a sua partida produz apenas um pequeno redemoinho.

Decidi usar a minha velha armadura, mas ordenamos ao escudeiro que a polisse bem, a fim de que pudesse passar por uma armadura de prata.

Capítulo 19

O QUE FAZ UM GRANDE DIA pode ser uma coisa pequena, que ocupe somente uma pequena parte dele, assim como uma refeição, que leva pouco tempo para ser consumida. Entretanto, o matar, o cozinhar, o vestir, o lavar e o escovar podem ocupar um tempo longo o bastante. Minha luta contra o príncipe durou dez minutos. No entanto, as coisas que a envolveram tomaram mais de doze horas do meu tempo.

Para começar, agora que Raposa era um homem livre e que era a Lanterna da Rainha – nós ainda o chamávamos assim, embora meu pai tivesse aposentado o cargo –, nós teríamos a sua presença na luta e ele estaria esplendidamente vestido. Ele deu mais trabalho para se vestir do que meninas rabugentas quando se preparam para a sua primeira festa. Ele dizia que todas as roupas de bárbaros eram bárbaras e que, quanto mais finas, piores. No fim, foi vestido em sua velha beca fora de moda. E, quando havíamos acabado de aprontá-lo, Bardia disse que queria que eu lutasse sem meu véu. Ele achava que o véu fosse atrapalhar minha visão e dizia que não entendia como ele poderia ficar bem ajustado no meu rosto, fosse por cima do meu capacete ou por baixo dele. Mas recusei a lutar com o rosto descoberto. No fim, Poobi costurou uma espécie de capuz ou máscara com um bom tecido, para que eu usasse, de modo a não permitir que meu rosto fosse visto. O capuz tinha dois buracos e cobria todo o capacete. Tudo isso era desnecessário, pois eu havia lutado contra Bardia usando meu velho véu dezenas de vezes. A máscara, no entanto, me deixava com uma aparência terrível, de fantasma.

– Se ele é o covarde que dizem que é – disse Bardia –, isso vai dar um frio na barriga dele.

Então tivemos que começar bem cedo, pois, ao que parecia, a multidão nas ruas nos faria cavalgar lentamente. Assim, trouxemos Trunia e estávamos todos a cavalo. Tivemos a ideia de vesti-lo com elegância também, mas ele se recusou.

- Se o seu lutador matar ou for morto - ele disse -, não fará diferença se eu estiver vestido de púrpura ou em meu velho traje de batalha. Mas onde está o seu lutador, rainha?

- Você verá quando chegarmos ao campo, príncipe - respondi.

Trunia tinha acabado de entrar quando me viu pela primeira vez coberta como um fantasma. Sem o pescoço nem o capacete à vista, mas com dois buracos nos olhos e um capuz branco, eu parecia um espantalho ou leproso. Pensei que a sua chegada prenunciava muito bem como seria o encontro com Argan.

Vários nobres e anciãos esperavam por nós no portão, para nos acompanhar no caminho pela cidade. É fácil adivinhar o que eu estava pensando. Foi exatamente assim que Psique havia saído aquele dia para curar o povo e assim também havia sido o seu caminho no outro dia, para ser oferecida ao Bruto. Talvez, eu pensei, tenha sido isso o que o deus quis dizer quando falou *Você será como Psique*. Eu também talvez fosse uma oferenda. E isso era um pensamento bom, seguro de se ter. Mas a luta estava tão próxima agora que eu teria muito pouca chance de pensar em minha própria morte ou vida. Com todos esses olhos sobre mim, meu único cuidado foi o de fazer uma exibição corajosa, agora e na batalha. Eu teria dado dez talentos a qualquer profeta capaz de prever que eu lutaria bem por cinco minutos e então seria morta.

Os nobres que cavalgavam ao meu lado estavam muito sérios. Suponho - e na verdade um ou dois chegaram até a confessar isso mais tarde, quando passei a conhecê-los - que pensavam que Argan rapidamente me desarmaria, mas que meu desafio, embora insano, era uma maneira muito boa, melhor do que qualquer outra, de fazer com que ele e Trunia ficassem longe de nosso país.

Mas, enquanto os nobres estavam tristes, o povo comum das ruas gritava de alegria e jogava gorros ao ar. Isso teria me deixado lisonjeada, se eu não tivesse olhado bem para os rostos deles. Neles, pude ver facilmente o que se passava em sua mente. Eles não estavam pensando nem em mim, nem em Glome. Qualquer luta que houvesse na cidade era para eles uma atração gratuita e a luta de uma mulher com um homem era algo ainda mais atraente, por não ser uma luta comum. Era como aquelas pessoas que nem sabem distinguir entre uma melodia e outra e se juntam para ouvir a harpa, mesmo se alguém tocá-la com os pés.

Quando, enfim, chegamos ao campo aberto ao lado do rio, aconteceriam ainda mais atrasos. Arnom estava lá, com sua máscara de pássaro e havia um boi para ser sacrificado. Os deuses haviam se envolvido tanto nos nossos assuntos que não havia nada que podíamos fazer a respeito, mas, enfim, há uma parte dedicada a eles. E, à nossa frente, no outro extremo do campo, estavam os cavaleiros de Fars e Argan sentado sobre seu cavalo, no meio deles. Era a coisa mais estranha do mundo olhar para ele, um homem como qualquer outro homem, e pensar que um de nós em breve mataria o outro. *Matar...* a mim me parecia uma palavra que eu nunca antes havia pronunciado. Ele era um homem de cabelo e barba cor de palha, magro, mas ainda assim um pouco inchado e com um beijo avantajado. Uma pessoa muito desagradável. Ele e eu desmontamos, nos aproximamos um do outro e ambos tivemos que provar um pequeno pedaço da carne do boi e prestar juramentos, em nome de nossos povos, de que todos os acordos seriam mantidos. E agora, pensei, eles por certo deixarão que comecemos a luta – naquele dia, o sol estava pálido, em um céu cinzento, além de soprar um vento cortante; “Eles querem que congelemos antes de lutar?”, eu pensei. Além disso, o povo tinha que ser empurrado com a ponta das lanças, e Bardia deveria cruzar o campo evacuado e sussurrar algo ao comandante de Argan e ambos deveriam ir e sussurrar algo a Arnom, e o trombeteiro de Argan e o meu deveriam estar posicionados lado a lado.

– Agora, rainha – disse Bardia de repente, quando eu já estava extremamente ansiosa por ver o fim disso tudo –, que os deuses os guardem.

Raposa estava em pé, com seu rosto duro como ferro. Ele teria chorado, se tivesse tentado falar alguma coisa. Quando tirei a minha capa, vi uma grande expressão de choque e de surpresa no rosto de Trunia – e nunca o culpei por ficar pálido –, e então desembainhei minha espada e me posicionei no gramado.

Os homens de Fars caíram na gargalhada. Nossa multidão me encorajou. Argan estava a dez passos de mim, depois a cinco, e então estávamos um de frente para o outro.

Senti que ele começou a me desprezar – havia em seus primeiros movimentos uma preguiçosa insolência. Mas tirei pele da saliência dos dedos dele com um golpe perfeito – e talvez tenha até deixado sua mão dormente por um tempo – e isso o fez acordar. Embora eu não tenha

em momento algum tirado os meus olhos da espada dele, eu de algum modo conseguia enxergar também o seu rosto. “Nervoso”, pensei. Ele tinha a testa enrugada e uma espécie de irritação detestável nos lábios, que talvez já mascarassem algum temor. De minha parte, não senti nenhum medo porque, agora que a luta já havia começado, eu não acreditava no combate. A luta estava parecendo mais uma das minhas lutas simuladas com Bardia. Os mesmos golpes, estratégias, entraves. Mesmo que o sangue que tirei dos dedos dele não tenha feito qualquer diferença, uma espada sem corte ou uma afiada teriam provocado o mesmo resultado.

Vocês, os gregos para quem escrevo, podem nunca ter lutado na vida. Ou, se lutaram, muito provavelmente lutaram como um hoplita, aqueles soldados gregos da infantaria pesada. A menos que eu estivesse com vocês e tivesse uma espada, ou ao menos um bastão em minha mão, não teria como explicar a vocês o curso de uma espada. Em pouco tempo senti que ele não me mataria. Mas não tinha tanta certeza de que eu poderia matá-lo. Tinha muito medo de que talvez a luta durasse tempo demais e de que a força maior prevalecesse. Do que lembrarei para sempre é a mudança que logo se imprimiu no rosto dele, o que, para mim, foi uma surpresa total. Naquela hora não entendi. Agora acho que compreendo. Desde então tenho visto a mesma expressão nos rostos de outros homens no momento em que eles começam a acreditar que “a morte é isso”. Você vai saber, se a vir. É a vida mais viva que nunca, uma enorme intensidade de vida, uma intensidade torturante. E foi então que ele cometeu o seu primeiro grande erro e perdi minha primeira oportunidade. E pareceu que um tempo longo se passou – na verdade foram apenas alguns minutos – até que ele cometesse o mesmo erro. E dessa vez eu estava preparada. Dei o golpe certo e então, em um único movimento, girei minha espada e fiz um corte profundo na região de uma de suas pernas, onde nenhuma cirurgia poderia deter o sangramento. Pulei para trás, é claro, porque talvez sua queda me levasse ao chão junto com ele, de modo que o primeiro homem que matei sujou-me menos de sangue do que o primeiro porco que matei.

As pessoas correram até ele, mas não havia qualquer possibilidade de salvar sua vida. O grito da multidão fez ruído em meus ouvidos, soando estranho como soam todas as coisas, quando você está usando

um capacete. Sequer perdi o fôlego. Todas as minhas sessões com Bardia haviam sido muito mais longas do que aquela. No entanto, senti uma fraqueza repentina e as minhas pernas tremiam. Também me senti diferente, como se algo tivesse sido tirado de mim. Tenho me perguntado com frequência se as mulheres se sentem assim quando perdem a sua virgindade.

Bardia – com Raposa bem ao seu lado – veio correndo até mim, com lágrimas em seus olhos e a alegria espalhada por todo o seu rosto. “Bendita! Bendita!”, ele gritava. “Rainha! Guerreira! Minha melhor aluna! Deuses, como a senhora lutou bonito! Um golpe para ser lembrado para sempre.” E levou minha mão esquerda até os seus lábios. Chorei bastante e mantive minha cabeça bem abaixada para que ele não visse as lágrimas escorrendo por debaixo da máscara. Mas, muito antes de ter recuperado a minha voz, todos estavam ao meu redor – Trunia ainda sobre o cavalo, porque não podia andar, com elogios e agradecimentos, até eu ficar quase incomodada com eles, embora uma pequena ponta de orgulho, doce, me tocasse bem dentro de mim. Não havia paz alguma. Eu deveria falar ao povo e aos homens de Fars. Deveria, ao que me parecia, fazer muitas coisas. E pensei: “Ah, por aquela taça de leite, bebida sozinha na leiteria fria, o primeiro dia em que usei uma espada!”.

Assim que minha voz retornou, pedi meu cavalo, montei, coloquei-me ao lado de Trunia e dei minha mão a ele. Assim, cavalgamos adiante alguns metros e paramos em frente aos homens de Fars.

– Estrangeiros – eu disse –, vocês viram o príncipe Argan morto em um combate limpo. Há alguma dúvida em relação à sucessão de Fars?

Meia dúzia deles, que haviam sido, sem dúvida, grandes simpatizantes de Argan, não me deram outra resposta senão virar as costas e partir. Os homens restantes ergueram seus capacetes e suas lanças e clamaram por Trunia e por paz. Então soltei sua mão e ele cavalgou na direção deles, até se colocar entre eles. Em breve ele estava conversando com seus capitães.

– Agora, rainha – disse Bardia em meu ouvido –, faz-se absolutamente necessário que a senhora convide alguns dos nossos notáveis e alguns dos de Fars, o príncipe nos dirá quais, para uma festa no palácio. E convide Arnorn também.

– Uma festa, Bardia? Uma festa com migalhas de pão? Você sabe que em Glome as despensas estão vazias.

- Há o porco, rainha. E Ungit deve nos deixar ter a metade de um boi. Falarei com Arnorn sobre isso. Esta noite, por algum motivo, você deve abrir a adega do rei e então o pão será menos notado.

Assim, minha fantasia de um jantar íntimo com Bardia e Raposa foi frustrada e, antes que minha espada fosse limpa do sangue da minha primeira batalha, eu já me via toda mulher novamente, envolvida com os cuidados de uma dona de casa. Se pelo menos eu conseguisse me livrar de todos eles e conseguisse chegar ao chefe dos serviçais antes que eles alcançassem o palácio e descobrissem que tipo de vinho nós realmente tínhamos! Meu pai - e, sem dúvida, Batta também - havia bebido bastante durante seus últimos dias.

No fim, éramos quinhentos e vinte - contando comigo - que retornaram do campo para o palácio. O príncipe estava ao meu lado, dizendo todo tipo de coisas agradáveis sobre mim - de fato ele tinha alguma razão - e sempre me implorando para que eu lhe deixasse ver o meu rosto. Isso seria visto apenas como uma singela brincadeira e não teria significado nenhum para qualquer outra mulher. Para mim era algo novo e, devo confessar isso também, tão doce que eu não tinha escolha senão manter o jogo por mais um tempo. Eu estava feliz, muito mais feliz do que poderia esperar estar novamente, feliz como quando vivia com Psique e Raposa, há muito tempo, antes dos nossos problemas começarem. Agora, pela primeira vez em minha vida - e pela última - eu estava alegre. Um mundo novo, muito brilhante, parecia estar se abrindo ao meu redor.

Tratava-se, é claro, do velho truque dos deuses: encher a bexiga grande antes que alguém a estoure.

Eles estouraram a minha logo depois que cruzei a soleira da porta da minha casa. Uma menininha que eu nunca tinha visto antes, uma escrava, saiu de algum canto onde estava escondida e sussurrou algo no ouvido de Bardia. Ele estava muito feliz até então, mas aí a luz do sol sumiu do seu rosto. Ele então veio até mim e disse, com a expressão envergonhada:

- Rainha, o dia de trabalho está terminado. A senhora não vai precisar de mim agora. Eu apreciaria se me permitisse voltar para casa. Minha esposa está tomada por dores de parto. Não pensamos que isso pudesse acontecer tão rápido. Eu ficaria feliz se pudesse ficar com ela esta noite.

Entendi naquele momento todas as raivas do meu pai. Mas me contive ao máximo e disse:

– Ora, Bardia, é mais que apropriado que você vá. Recomendações minhas à sua esposa. E ofereça este anel de Ungit para um parto seguro. – O anel que tirei de meu dedo foi escolha minha.

Seus agradecimentos foram sinceros. No entanto, ele mal teve tempo de expressá-los antes de sair em alta velocidade. Suponho que ele nunca tenha sonhado o que havia feito a mim com estas palavras: *o dia de trabalho está terminado*. Sim, era isso, só um dia de trabalho. Eu era o seu trabalho, e ele ganhava o seu pão sendo meu soldado. Quando sua cota de trabalho para o dia terminava, ele ia para casa, como os outros homens contratados e assumia a sua verdadeira vida.

O banquete daquela noite foi o primeiro que dei e o último no qual permaneci até o fim – não sentamos à mesa como os gregos, mas sobre cadeiras ou bancos. Depois disso, embora eu tenha dado muitas festas, nunca fiz mais do que entrar três vezes, saudar os convidados mais importantes, falar com todos e sair novamente, sempre com duas das minhas criadas me auxiliando. Isso tem me poupado muito desgaste, além de dar-me a medida de meu orgulho e de minha modéstia, o que tem sido de grande utilidade. Aquela noite, fiquei até bem próximo do fim, a única mulher no meio daquela multidão. Três partes de mim eram uma Orual envergonhada e assustada, que aguardava ansiosamente uma repreensão de Raposa por estar ali e que estava amarguradamente só. A quarta parte era a rainha, orgulhosa – embora também extremamente confusa – em meio ao calor e ao clamor, às vezes sonhando que pudesse rir alto e beber muito como um homem e um guerreiro e, no momento seguinte, de uma maneira mais ingênua, responder ao flerte de Trunia, como se o seu véu ocultasse o rosto de uma bela mulher.

Quando saí e cheguei ao frio e à tranquilidade da galeria, a minha cabeça girava e doía. E “Argh!”, pensei, “que coisas vis são os homens!”. Àquela altura, todos estavam bêbados – exceto Raposa, que havia saído mais cedo –, mas o que beberam me causou menos mal estar do que o que comeram. Eu nunca tinha visto os homens se divertindo antes: toda voracidade, todo esforço, toda disputa pelos pedaços, todos os arroto, todos os soluços, a gordura de tudo aquilo, os ossos jogados ao chão, os cães brincando aos nossos pés. Todos os homens eram assim? Bardia

seria assim...? E então minha solidão retornou. Minha solidão dupla, por Bardia e por Psique. Inseparável. O retrato, o sonho impossível e ingênuo, foi o de que tudo tivesse sido diferente desde o princípio e ele fosse meu marido e Psique, nossa filha. E eu então estaria grávida... de Psique... e para mim ele estaria voltando para casa. Mas agora descobri o poder maravilhoso do vinho. Compreendo por que os homens se embebedam. O efeito do vinho em mim não apagou essas aflições, mas as fez parecerem gloriosas e nobres, como música triste, e fez também com que eu, de algum modo, me sentisse nobre e honrada por ter em mim essas aflições. Eu era uma rainha grandiosa e triste, em uma canção. Não evitei as grossas lágrimas que brotavam dos meus olhos. Ao contrário, eu as apreciei. Para dizer a verdade, eu estava bêbada. Eu fiz papel de idiota.

E, então, fui para a minha cama de idiota. O que era aquilo? Não, não, não era uma menina chorando no jardim. Ninguém que estivesse com fome, frio e que tivesse sido banido, estaria ali, tremendo, querendo, mas não se atrevendo a entrar. Eram as correntes balançando no poço. Seria tolice levantar, sair e voltar a chamá-la. Psique, Psique, meu único amor. Eu sou uma grande rainha. Matei um homem. Estou bêbada como um homem. Todos os guerreiros bebem bastante depois da batalha. Os lábios de Bardia em minha mão foram como o toque do relâmpago. Todos os grandes príncipes têm concubinas ou amantes. Lá está o choro de novo. Não, são apenas os baldes no poço. Feche a janela, Poobi. Vá para a cama. Você me ama, Poobi? Me dê um beijo de boa noite. Boa noite. O rei está morto. Ele nunca mais vai puxar meu cabelo de novo. Um golpe certo e então um corte na perna. Isso o teria matado. Eu sou a rainha, também vou matar Orual.

Capítulo 20

NO DIA SEGUINTE, cremamos o velho rei. No outro, noivamos Redival e Trunia – e o casamento se realizou um mês depois. Ao terceiro dia, todos os estrangeiros partiram e ficamos com a casa só para nós. Meu reinado real se iniciou.

Devo agora passar rapidamente, nesta narrativa, pelos muitos anos – embora eles tenham representado a parte mais longa de minha vida – durante os quais a rainha de Glome ocupou a maior parte de mim, enquanto Orual foi ocupando cada vez menos. Eu a tranquei ou deixei adormecida o máximo que pude, em algum lugar bem no meu íntimo. Ela ficou escondida ali. Foi como ser uma criança, mas ao reverso – o que eu carregava em mim vagarosamente ficava cada vez menor e menos vivo.

Pode ser que alguém que leia este livro tenha ouvido fábulas e canções sobre o meu reino, as minhas guerras e as minhas grandes ações. Que estejam certos de que a maioria dessas histórias é falsa, pois eu já sei que as conversas de rua, especialmente em terras vizinhas, costumam dobrar ou triplicar a verdade, e as minhas obras, tais como foram, têm sido misturadas às de grandes rainhas guerreiras que viveram muito tempo atrás e – eu acho – bem ao norte de Glome, o que tem construído uma verdadeira colcha de retalhos, que mistura as maravilhas e os insucessos de ambas. Mas a verdade é que, depois da minha luta contra Argan, houve apenas três guerras nas quais lutei, e uma delas, a última, contra os Homens Vagões que viviam além da Montanha Cinzenta, foi uma guerra bem insignificante. E, embora estivesse com os meus homens em todas essas guerras, nunca mais fui uma tola de pensar em mim como um grande capitão. Essa glória foi concedida a Bardia e a Penuan – eu o conheci na primeira noite após a luta contra Argan e ele se tornou o mais confiável entre os meus nobres. Também devo dizer o seguinte: nunca estive em nenhuma batalha a não ser essa, quando as linhas foram desenhadas e as primeiras flechas do inimigo

chegaram como relâmpagos entre nós e os gramados e árvores de repente se tornaram um lugar único, um campo, algo a ser descrito em crônicas, e desejei de todo o coração poder ficar em casa. Nem executei com os meus próprios braços nenhuma obra notável, a não ser uma única vez, na guerra com Essur, quando alguns dos seus cavalos saíram de uma emboscada e Bardia, cavalcando em sua posição, ficou por um instante cercado. Eu então galopei até ele e não tive sequer consciência do que fiz até que tudo estivesse resolvido, e dizem que eu havia matado sete homens com os meus próprios golpes – naquele dia eu fui ferida. Mas, se as pessoas dessem ouvidos aos boatos, diriam que eu havia planejado todas as guerras e batalhas e matado mais inimigos que todo o nosso exército junto.

Minha verdadeira força reside em duas coisas. A primeira foi que eu tive, especialmente nos primeiros anos, dois conselheiros muito bons. Não teria sido possível ter companheiros melhores, pois Raposa entendia o que Bardia não entendia e nenhum dos dois se importava nem um pouco com sua própria dignidade ou seu progresso, quando minhas necessidades estavam em questão. E passei a entender – o que minha ignorância de criança não havia permitido que eu fizesse – que as gozações e zombarias que eles dirigiam um ao outro eram na verdade um tipo de jogo. Nenhum dos dois era bajulador. Nesse sentido, pude tirar algum benefício da minha feiura. Eles não pensavam em mim como mulher. Se pensassem, seria impossível que nós três, sozinhos, ao pé da lareira da Sala da Coluna – como frequentemente ficávamos –, conversássemos com tanta liberdade. Apreendi com eles mil coisas sobre os homens.

Minha segunda força estava em meu véu. Eu nunca teria acreditado, até prová-lo, que ele seria capaz de fazer isso por mim. Desde o princípio (e isso tudo começou naquela noite no jardim, com Trunia), assim que meu rosto se tornou invisível, as pessoas começaram a descobrir todos os tipos de beleza em minha voz. Ela era “profunda como a de um homem, mas nem um pouco viril”. Mais tarde, quando envelheci e ela começou a mudar, era como a voz de um espírito, uma Sirene, Orfeu, como quisesse. E, com o passar dos anos, como havia cada vez menos pessoas na cidade – e nenhuma além dos seus muros – capazes de se lembrar do meu rosto, as histórias mais incríveis surgiram sobre o que

se escondia por trás daquele véu. Ninguém acreditava que fosse o rosto de uma mulher feia. Alguns diziam (quase todas as mulheres mais jovens diziam) que ele era terrivelmente assustador – o rosto de um porco, de um urso, de um elefante. A melhor história que ouvi foi a de que não havia rosto – e se alguém rasgasse o meu véu, encontraria um espaço vazio. Mas outra história, a mais contada entre os homens, dizia que eu usava véu porque minha beleza era tão fascinante que se eu a deixasse ser vista todos os homens do mundo enlouqueceriam, ou então que Ungit tinha tanto ciúmes da minha beleza que havia prometido me destruir se eu expusesse o meu rosto. Como consequência disso tudo, tornei-me algo muito misterioso e assustador. Vi embaixadores, que eram valentes na batalha, ficarem brancos como crianças assustadas em minha Sala da Coluna; quando eu me virava, olhava para eles e ficava em silêncio, e não sabiam se eu estava ou não olhando para eles. Fiz com que os mais experientes mentirosos ficassem vermelhos e inseguros em relação às suas capacidades para desvendar segredos.

A primeira coisa que fiz foi mudar meus aposentos para o lado norte do palácio, a fim de ficar longe daquele som que as correntes produziam. Embora à luz do dia eu soubesse muito bem a que o som se referia, à noite, nada me convencia de que não era o choro de uma menina. No entanto, a mudança dos meus aposentos e também as mudanças posteriores – pois tentei todos os lados da casa – de nada adiantaram. Descobri que não havia nenhuma parte do palácio onde o balanço dessas correntes não pudesse ser ouvido por mim. Isso acontecia no silêncio profundo da noite. Era um som que ninguém gostaria de ouvir, se fosse medroso, mas ao mesmo tempo (isso foi Orual, Orual recusando-se a morrer) eu tinha muito medo de não ouvi-lo se de uma hora para outra descobrisse – possivelmente depois de dez mil zombarias – que ele era real, que Psique havia voltado. Mas eu sabia que isso era tolice. Se Psique estivesse viva e pudesse retornar, e quisesse retornar, teria feito isso há muito tempo. Ela deve estar morta agora, ou ter sido capturada e vendida como escrava... Quando esse pensamento me veio, a primeira coisa que fiz foi me levantar, embora estivesse frio e fosse muito tarde, e fui à Sala da Coluna procurar alguma coisa para fazer. Costumo ficar lendo e escrevendo ali até não enxergar mais, até que minha cabeça fique em chamas e meus pés congelando.

É claro que tive meus licitantes em todo mercado de escravos e olheiros em todas as terras que pudesse alcançar, e é claro que escutei todas as histórias de viajantes que pudessem nos dar pista de Psique. Fiz isso durante anos, mas se tornaram muito entediantes para mim, porque eu sabia que era tudo em vão.

Antes que meu reinado completasse um ano – lembro-me bem do tempo, pois era época de colheita de figos –, ordenei que Batta fosse enforcada. Um de meus criados, sem querer, revelou que ela há muito tempo era a peste de todo o palácio. Nada podia ser dado a nenhum dos outros escravos e praticamente nenhum benefício era concedido às trincheiras sem que ela recebesse uma parte. Caso contrário, contaria mentiras sobre eles que fariam com que fossem açoitados ou levados às minas. E, depois que Batta foi enforcada, continuei minhas ações e reduzi o contingente de escravos para melhor administrá-los, pois havia um número excessivo deles. Alguns ladrões e prostitutas eu vendi. Muitos dos bons, homens e mulheres, que eram robustos e prudentes (pois, caso contrário, libertar um escravo não é outra coisa senão ter um novo mendigo à porta), eu os libertei e dei-lhes terra e habitação, o suficiente para o seu sustento. Depois os dividi em pares e os casei. Em algumas vezes, deixei até mesmo que escolhessem seus cônjuges, o que é uma maneira bastante estranha e rara de promover casamentos entre escravos, apesar de ter se mostrado positiva. Embora fosse uma grande perda para mim, libertei Poobi e ela escolheu um homem muito bom. Algumas de minhas horas mais felizes tenho passado ao lado da lareira, em sua pequena casa. E a maioria dos escravos que foram libertados tornaram-se maridos promissores, todos vivendo próximos ao palácio e muito fiéis a mim. Foi como ter um segundo grupo de guardas.

Organizei melhor as minas (que são minas de prata). Ao que parece, meu pai nunca havia pensado nelas, a não ser como um lugar de punição. “Levem-no para as minas!”, ele dizia. “Eu vou lhe ensinar. Faça-o trabalhar até morrer.” No entanto, havia mais morte do que trabalho nas minas, e os lucros eram poucos. Assim que consegui um bom administrador (Bardia era o mais competente para encontrar esses homens), comprei escravos fortes e jovens para as minas, fiz com que tivessem acomodações secas e boa comida e garanti-lhes que qualquer um deles poderia ser livre para partir depois de encontrar

uma considerável quantidade de metais preciosos. O impacto do trato foi tão positivo que um homem que trabalhasse de maneira contínua e estável por dez anos poderia recuperar sua liberdade. Mais adiante, reduzimos esse tempo para sete anos. Isso diminuiu os rendimentos no primeiro ano, mas os elevou em dez por cento no terceiro e, agora, esses rendimentos estão novamente em cinquenta por cento, como na época do meu pai. Nossa prata é a melhor em toda essa região e uma das principais fontes de nossa riqueza.

Tirei Raposa do lugar sujo e pobre no qual ele havia dormido todos esses anos e lhe dei acomodações nobres no lado sul do palácio e terra para o seu sustento, para que não parecesse que ele dependia da minha generosidade. Também lhe dei dinheiro para comprar livros, se ele julgasse possível. Foi necessário um bom tempo para que os comerciantes, talvez de vinte reinos distantes de nós, soubessem que em Glome as pessoas poderiam ter livros e mais tempo ainda para que chegassem até nós. Muitas vezes passavam por várias mãos e quase sempre chegavam atrasados um ano ou mais. Raposa arrancava os próprios cabelos quando via o preço dos livros. “O valor de um óbolo por um talento”, dizia. Tínhamos que comprar o que conseguíamos pagar, não o que queríamos. Assim, e para os padrões de uma terra bárbara, construímos uma grande biblioteca: ao todo, dezoito obras. Tínhamos a poesia de Homero sobre Troia, incompleta, até o trecho em que ele fala sobre o choro de Pátroclo. Tínhamos duas tragédias de Eurípedes, uma sobre Andrômeda e outra na qual Dioniso diz que o prólogo e o coro são de mulheres selvagens. Havia também um livro muito bom e útil (sem métrica) sobre a criação e o tratamento de cavalos e bois, a eliminação de vermes de cães e temas semelhantes. E também alguns dos diálogos de Sócrates, um poema de Estesícoro em homenagem a Helena, um livro de Heráclito, longo e de difícil compreensão, (também sem métrica) que começa dizendo que *todos os homens por natureza desejam conhecimento*. Assim que os livros começaram a chegar, Arnom passou a ficar sempre com Raposa, aprendendo a ler, e logo outros homens vieram, em sua maioria filhos mais jovens de nobres.

Agora comecei a viver como uma rainha, a conhecer os meus nobres e a mostrar cortesia para com as grandes senhoras do reino. E assim, por necessidade, vim a conhecer a esposa de Bardia, Ansit. Eu pensava

que ela fosse de uma beleza estonteante, no entanto, era baixinha e agora, depois de ter tido oito filhos, estava muito gorda e sem qualquer atrativo físico. Todas as mulheres de Glome engordavam muito cedo (talvez isso ajudasse a alimentar a fantasia de que eu possuía um rosto lindo por trás de meu véu). Por ser virgem, eu mantinha minha forma e isso – se as pessoas não vissem o meu rosto – era o bastante. Fiz um enorme esforço para ser polida com Ansit, mais que polida, até mesmo amável. Mais que isso, eu a teria amado de fato, por Bardia, se pudesse ter feito isso. Ela, no entanto, ficava totalmente calada em minha presença, acho que tinha medo de mim. Quando tentávamos conversar, seus olhos vagavam pela sala como que perguntasse: “Quem vai me livrar disso?”. Em alguns rápidos momentos, não sem sentir certa alegria, me ocorria um pensamento: “Será que ela tem ciúmes?”. E assim foi, por todos esses anos, sempre que nos encontramos. Às vezes eu dizia a mim mesma: “Ela deitou em sua cama e isso é ruim. Ela gerou seus filhos e isso é pior. No entanto, ela alguma vez esteve agachada ao seu lado numa emboscada? Esteve ajoelhada ao lado dele em uma missão? Ou compartilhou uma garrafa de água fedorenta com ele ao final de um dia sedento? Nos olhares que trocaram, houve alguma troca de olhar como fazem os verdadeiros companheiros em uma despedida, quando tomam caminhos diferentes e ambos estão em grande perigo? Eu o conheci, tive tanto dele em mim, de uma maneira que ela jamais sonhou em conhecer e ter. Ela é o seu brinquedo, a sua diversão, o seu prazer, o seu conforto. Eu faço parte da sua vida de homem”.

É estranho pensar em como Bardia andava de um lado para outro, diariamente, entre a rainha e sua esposa, com a certeza de que cumpriu sua tarefa para com ambas (como de fato cumpria) e sem perceber, nisso não há dúvida, o conflito que havia entre elas. Os homens são assim. O único pecado do qual os deuses nunca nos perdoam é o de termos nascido mulheres.

A tarefa que mais me entediava como rainha era ter que ir com frequência à casa de Ungit oferecer sacrifícios. Seria bem pior, se Ungit não estivesse agora enfraquecida – ou talvez o meu orgulho me tenha feito pensar assim. Arnorn havia aberto novas janelas nas paredes e sua casa não estava tão escura. Ele também estabeleceu uma nova rotina, tirando o sangue do altar depois de cada sacrifício e borrifando água,

assim cheirava mais limpo e menos santo. E Arnom estava aprendendo com Raposa a conversar como um filósofo sobre os deuses. A grande mudança aconteceu quando ele propôs fazer uma imagem dela – uma imagem em forma de mulher, no estilo grego – em frente à velha pedra sem forma. Acho que ele gostaria de ter se livrado da pedra por completo, mas ela é, em certo sentido, a própria Ungit e o povo iria à loucura se ela fosse removida. Era uma tarefa audaciosa fazer essa imagem daquela maneira, pois ninguém em Glome teria capacidade de fazê-la. Ela teria que ser feita em outro lugar, não nas terras gregas, mas em terras nas quais os homens tivessem sido treinados pelos gregos. Eu agora era rica e o ajudei com a prata. Não sabia bem por que fiz isso, mas acho que senti que uma imagem desse tipo seria, de algum modo, uma derrota para a Ungit velha, faminta e sem rosto, cujo terror estivera sobre mim durante toda a minha infância. A nova imagem, quando chegou, enfim, pareceu a nós, bárbaros, maravilhosamente bela e cheia de vida, mesmo em sua chegada, branca e nua. E, quando a pintamos e a vestimos com um manto, ela se transformou em uma maravilha para todas as terras nas proximidades e os peregrinos vinham vê-la. Raposa, que já havia visto obras maiores e mais belas em nossa casa, sorriu ao vê-la.

Desisti de encontrar um quarto onde não ouvisse aquele barulho, que às vezes parecia o de correntes balançando ao vento e às vezes parecia que era Psique, perdida e enternecida, chorando em minha porta. Ao contrário, construí muros de pedra ao redor da fonte e coloquei um telhado de palha sobre eles e acrescentei uma porta. Os muros eram bem grossos, meu construtor me disse que eram até grossos demais. “A senhora está desperdiçando pedra boa, rainha”, ele disse, “com a qual daria para fazer dez novos chiqueiros de porcos.” Tempos depois de eu ter feito isso, comecei a ter um sonho horrível, sempre entre o sono e o despertar, no qual eu havia cercado de muros e cravado de pedras não um poço, mas Psique (ou Orual). Mas isso também passou. Não ouvi mais Psique chorando. Um ano depois disso, derrotei Essur.

Raposa estava envelhecendo e precisava descansar. Ele vinha cada vez menos à minha Sala da Coluna. Estava muito ocupado escrevendo uma história sobre Glome. Ele a escreveu duas vezes, em grego e em nossa própria língua, na qual ele agora dizia perceber que era eloquente. Quanto mais envelhecia, menos se parecia com um filósofo e mais falava

de eloquência, figuras e poesia. Sua voz ficava cada vez mais aguda e ele conversava cada vez mais. Com frequência, me chamava de Psique, às vezes de Creti, e em outras vezes até por alguns nomes de meninos, como Charmides ou Glaucon.

Eu, no entanto, estava muito ocupada para passar muito tempo com ele. O que eu não fazia? Tinha revisado todas as leis escritas em pedra no centro da cidade. Estreitei e aprofundei o Shennit até que barcos pudessem entrar pelos nossos portões. Fiz uma ponte onde outrora estava o velho vau. Construí cisternas para que não ficássemos sem água quando houvesse um ano de seca. Tornei-me conhecedora de gado e comprei bons bois e carneiros e melhorei as nossas criações. Fiz muito... e o que importa o que fiz? Cuidei de todas essas coisas da mesma maneira que um homem cuida de uma caçada ou de um jogo, de forma que lhe ocupa a mente e parece duradouro enquanto acontece, mas então o animal é morto ou o rei, encurralado... e agora, quem se importa? Era assim comigo, em quase todas as noites da minha vida. Uma pequena escadaria me levava da festa ou do concílio, de toda agitação, conhecimento e glória de um reinado à minha própria câmara para ficar sozinha comigo mesma, ou seja, com o nada. Ir para a cama e acordar de manhã – eu quase sempre acordava bem cedo... eram tempos ruins... tantas centenas de noites e manhãs. Às vezes eu me perguntava quem ou o que nos manda essa repetição sem sentido de dias, noites, estações e anos. É a mesma coisa que ouvir um moleque estúpido assoviando a mesma melodia várias vezes, até que você se pergunta como ele consegue suportá-la.

Raposa morreu, e eu lhe fiz um funeral de rei e escrevi quatro versos gregos que foram gravados em seu túmulo. Não os escreverei aqui para evitar que um grego de verdade ria deles. Isso aconteceu no fim do outono. O túmulo está ao lado das pereiras onde ele costumava ensinar a Psique e a mim, no verão. Então, os dias, meses e anos se passaram novamente como antes, girando como uma roda, até que chegou um dia em que olhei ao meu redor e vi os jardins, o palácio, o cume da Montanha Cinzenta a leste e pensei que não conseguiria mais suportar ver essas mesmas coisas todos os dias, até morrer. As bolhas de piche sobre as cercas de madeira dos currais pareciam as mesmas que eu havia visto antes que Raposa chegasse em Glome. Decidi viajar para

outras terras. Estávamos em paz com todos. Bardia, Penuan e Arnom poderiam fazer tudo que fosse necessário enquanto eu estivesse fora, pois Glome de fato era agora mantida e educada até quase ao ponto de governar a si mesma.

Levei comigo o filho de Bardia, Ilerdia, e a filha de Poobi, Alit, além de duas de minhas criadas, um grupo de guardas (todos homens honestos), um cozinheiro e um cavaleiro, com animais carregados de tendas e mantimentos, e partimos de Glome três dias depois.

Capítulo 21

A RAZÃO QUE ME LEVA A CONTAR como foi esta jornada aconteceu bem no final dela, exatamente quando pensei que já havia terminado. Nós tínhamos ido primeiro a Fars, onde eles faziam as colheitas depois de nós, de modo que parecia ver aquela estação do ano passar duas vezes. Descobrimos o que havíamos deixado em casa... o som das afiações, o canto dos ceifeiros, os terreiros com restos espalhados e a constante diminuição de cereais, as carroças amontoadas nas vielas, todo suor, as queimaduras de sol e a alegria. Nós havíamos repousado dez noites ou mais no palácio de Trunia, e fiquei impressionada ao ver como Redival havia engordado e perdido sua beleza. Como no passado, ela falava sem parar, mas só sobre seus filhos, e não perguntou por ninguém em Glome, a não ser Batta. Trunia nunca escutava uma palavra do que ela dizia, mas ele e eu conversamos muito. Eu já havia combinado com o meu concílio que seu segundo filho, Daaran, seria o rei de Glome, depois de mim. Esse Daaran era (talvez até por ser filho de uma mãe tão idiota) um menino muito ajuizado. Eu poderia tê-lo amado se ele me permitisse e se Redival estivesse fora do nosso caminho. Entretanto, eu jamais entregaria de novo o meu coração a qualquer jovem criatura.

Saindo de Fars, seguimos rumo ao oeste, para Essur, por meio de profundas passagens através das montanhas. Essur era o país das maiores florestas que eu já tinha visto e de rios caudalosos, com muitos passarinhos, corças e outras caças. As pessoas que me acompanhavam eram todas jovens e tinham muito prazer em suas viagens. A viagem por si até então nos havia unido e todos estavam bronzeados e cheios de esperanças, cuidados, zombarias e conhecimento, tudo brotando desde que saímos de casa e compartilhamos isso tudo entre nós. A princípio, elas ficaram assombradas comigo e andavam silenciosas, mas agora éramos todos bons amigos. Meu coração tornou-se mais elevado. As águias voavam em círculos acima de nós e as quedas d'água urravam.

Das montanhas descemos até Essur e passamos ali três noites, na casa do rei. Ele não era um homem ruim, eu acho, e era muito polido e generoso comigo, pois Glome e Fars, em aliança, haviam obrigado Essur a mudar seu tom. Sua rainha ficou notoriamente horrorizada com meu vêu e com as histórias que tinha ouvido a meu respeito. E daquela casa eu tinha planejado retornar para o meu lar, mas nos falaram de uma fonte natural de água quente que ficava a uns vinte e cinco quilômetros na direção oeste. Eu sabia que Ilerdia queria vê-la e pensei, entre tristeza e alegria, como Raposa teria me censurado se eu estivesse tão próxima de qualquer obra curiosa da natureza e não a examinasse. Então eu disse que iríamos até lá no dia seguinte e que de lá seguiríamos para casa.

Foi o mais calmo de todos os dias daquele outono puro e quente, embora a luz do sol sobre o restolho parecesse envelhecida e suave e não tão forte como nos dias quentes do verão. Parecia até que o ano estava descansando, depois de ter concluído a sua obra. Sussurrei para mim mesma que eu também ia descansar. Quando retornasse a Glome, eu não mais acumularia muitas tarefas. Deixaria Bardia descansar também (pois muitas vezes eu o achava cansado) e deixaria que mentes mais jovens se ocupassem do trabalho, enquanto nos assentariamos sob o sol e conversariamos sobre as nossas velhas batalhas. O que mais me restava fazer? Por que eu não poderia ficar em paz? Pensei que essa pudesse ser a chegada da sabedoria da velha idade.

A fonte de água quente, como todas as coisas raras assim, era uma mera distração para tolos curiosos. Depois que a vimos, seguimos adiante rumo ao vale quente e verde do qual ela brotava e encontramos um bom espaço para acampar, entre um riacho e uma floresta. Enquanto muitos estavam ocupados com tendas e cavalos, afastei-me um pouco até a floresta e sentei-me em um lugar que me pareceu mais fresco. Logo ouvi o som do sino de um templo em algum lugar, atrás de mim (em Essur, todos os templos próximos tinham sinos). Pensando que seria bem agradável caminhar um pouco depois de tantas horas montada sobre um cavalo, levantei-me e segui adiante lentamente, por meio das árvores, procurando o templo, muito vagarosamente, sem me importar se o encontraria ou não. No entanto, em poucos minutos, cheguei a um lugar coberto de musgo, sem árvores, e lá estava ele. Não era maior do que uma cabana de um camponês, mas era construído de pedra branca

pura, com colunas esculpidas em estilo grego. Atrás dele eu podia ver uma pequena casa de palha onde, sem dúvida, vivia o sacerdote.

O lugar em si era bem silencioso, mas no interior do templo havia um silêncio muito mais profundo e fazia muito frio. Ele estava limpo e vazio e não possuía aquele cheiro dos templos comuns, de modo que pensei que ele devesse pertencer a um daqueles deuses menores e pacíficos, que se contentam em receber flores e frutos como sacrifício. Achei que poderia ser uma deusa, pois havia sobre o altar a imagem de uma mulher, de aproximadamente sessenta centímetros, talhada na madeira, uma imagem simples, porém muito bela (para o meu gosto), porque não havia nenhuma pintura ou brilho, mas somente a cor pálida e natural da madeira. O que a estragava era uma faixa, ou xale negro, amarrada ao redor da cabeça da imagem, como se quisesse esconder seu rosto... era parecido com o meu véu, só que o meu é branco.

Achei aquele templo muito melhor do que a casa de Ungit, e diferente também. Então ouvi um passo atrás de mim e, voltando-me em sua direção, vi que um homem com um manto negro havia entrado no templo. Era um senhor idoso, com olhos calmos – talvez um pouco simples.

– A estrangeira quer fazer uma oferenda à deusa? – ele perguntou. Coloquei algumas moedas em sua mão e perguntei quem era a deusa.

– Istra – ele disse.

O nome não era tão incomum em Glome e nas terras vizinhas, de modo que eu tinha motivos de sobra para não me assustar, mas disse que nunca tinha ouvido falar de uma deusa com esse nome.

– Ah, porque é uma deusa muito jovem. Ela acabou de se tornar uma. Pois a senhora deve saber que, como muitos outros deuses, ela começou como simples mortal.

– E como se tornou uma deusa?

– Ela tornou-se deusa tão recentemente que ainda é muito pobre, estrangeira. No entanto, por uma pequena peça de prata, eu lhe contarei a história sagrada. Obrigado, estrangeira bondosa, obrigado. Istra será sua amiga por isso. Agora vou lhe contar a história sagrada. Era uma vez uma terra na qual viviam um rei e uma rainha que tinham três filhas, e a mais nova era a mais bela princesa de todo o mundo... – E assim ele continuou, como fazem os sacerdotes, todos com uma voz monótona e usando palavras que claramente sabiam de cor. E, para mim, era como

se a voz do velho homem, o templo e eu mesma em minha jornada fôssemos todos personagens dessa história, pois ele estava contando a história da nossa Istra, de Psique... de como Talapal (que é a Ungit essuriana) ficou com ciúmes de sua beleza e fez com que ela fosse oferecida a um bruto em uma montanha e de como o filho de Talapal, Ialim, o mais belo entre os deuses, a amou e a levou para seu lugar secreto. Ele sabia até mesmo que Ialim a visitava somente na escuridão e que a havia proibido de ver seu rosto. Ele dizia, no entanto, que Ialim tinha uma razão bastante infantil para ter instituído essa proibição:

– Você entende, estrangeira, ele tinha que manter segredo por causa de sua mãe, Talapal. Ela ficaria com muita raiva dele se soubesse que ele havia casado com a mulher que ela mais odiava no mundo.

Pensei comigo mesma: “Que bom que não ouvi essa história quinze anos atrás, sim, ou mesmo dez. Ela teria despertado de novo todos os meus sofrimentos adormecidos. Agora, ela quase não me incomoda”. Então, repentina e novamente impressionada com a estranheza da narrativa, eu lhe perguntei:

– Onde você aprendeu tudo isso?

Ele olhou bem nos meus olhos, como se não tivesse entendido bem a pergunta e respondeu:

– É a história sagrada.

Percebi que ele era mais ingênuo que sagaz e que seria inútil questioná-lo. Tão logo me calei, ele continuou.

Mas, de repente, todo o sentimento de sonho que havia em mim desapareceu. Fiquei totalmente desperta e senti o sangue subir ao meu rosto. Ele estava contando a história do jeito errado. Estava contando de um jeito horrível e estupidamente errado. Para começar, ele inventou que ambas as irmãs de Psique a haviam visitado no palácio secreto do deus (pensar em Redival indo lá!).

– E assim – ele disse –, quando suas duas irmãs viram a beleza do palácio, foram recebidas com festa e ganharam presentes, elas...

– Elas viram o palácio?

– Estrangeira, você está atrapalhando a história sagrada. É claro que elas viram o palácio. Não eram cegas. E então...

Foi como se os próprios deuses tivessem primeiro dado uma risada e depois cuspidos em meu rosto. Essa foi a forma que a história havia

tomado. Pode-se até dizer que era a forma que os deuses tinham dado a ela, pois deve ter sido eles quem a colocaram na velha mente tola desse homem ou na mente de algum outro sonhador que a havia ensinado a ele. Como poderia algum mortal ter tomado conhecimento daquele palácio? Essa parte da verdade eles lançaram na mente de alguém, em um sonho, ou em um oráculo, ou por qualquer que seja a forma pela qual fazem tais coisas. Essa parte... varreu o significado, a essência, o cerne de toda a trama. Não faço bem ao escrever um livro contra eles, contando o que mantiveram em segredo? Nunca, em sã consciência, peguei uma falsa testemunha em uma meia verdade mais astuta, pois, se a verdadeira história tivesse sido como a história deles, nenhum enigma me teria sido colocado. Eu não teria feito nenhuma suposição e nenhuma suposição errada. Mais que isso, essa é uma história que pertence a outro mundo; um mundo no qual os deuses se apresentam claramente e não atormentam os homens com vislumbres, nem desvelam a ninguém o que escondem uns dos outros, nem pedem que as pessoas acreditem naquilo que contradiz os seus olhos, ouvidos, nariz, língua e dedos. Em um mundo assim (Será que existe algum? Certamente não é o nosso...), eu teria caminhado corretamente. Os próprios deuses não teriam conseguido encontrar nenhum defeito em mim. E, agora, contar a minha história como se eu tivesse tido a visão que eles haviam me negado... não é como contar a história de um aleijado sem dizer que ele mancava, ou contar que um homem traiu um segredo, mas sem dizer que isso aconteceu depois de vinte horas de tortura? Logo percebi como a história falsa cresceria, se espalharia e seria contada por toda a terra e me perguntei quantas histórias sagradas são distorcidas como essa.

- E então - dizia o sacerdote -, quando essas duas irmãs perversas acabaram de elaborar o seu plano para arruinar Istra, trouxeram a ela o lampião e...

- Mas por que ela... elas... queriam separá-la de deus, se tinham visto o palácio?

- Elas quiseram destruí-la porque viram o palácio.

- Mas por quê?

- Ah, porque eram invejosas. Seu marido e sua casa eram muito mais finos que os delas.

Naquele momento, decidi escrever este livro. Por anos minha velha briga com os deuses tinha ficado adormecida. Eu tinha passado a pensar como Bardia. Não mais me intrometia nos assuntos dos deuses. Frequentemente, embora tivesse visto um deus, eu chegava quase a acreditar que coisas assim não existem. A memória de sua voz e de seu rosto estava guardada numa daquelas salas da minha alma que eu não destrancava sem que houvesse um motivo. Agora, em instantes, sabia que os estava encarando de novo. Eu sem nenhuma força, e eles com toda a força. Eu visível para eles, e eles invisíveis para mim. Eu facilmente ferida (já ferida a ponto de saber que toda a minha vida não tinha sido outra coisa senão esconder minha ferida e estancar a minha dor), eles invulneráveis. Eu uma, eles muitos. Todos esses anos eles haviam permitido que eu fugisse deles assim como o gato permite que o rato fuja – agora, peguem! E lá estavam as garras novamente sobre mim. Bem, eu podia falar. Esclarecer a verdade. Poderia fazer o que talvez nunca ninguém no mundo tivesse feito e que deveria ser feito agora. A justificativa contra eles deveria ser registrada.

Inveja! Eu com inveja de Psique? Fiquei com nojo não apenas da maldade contida nessa mentira, mas também de sua monotonia. É como se os deuses tivessem mentes sujas, como as das pessoas mais sujas que existem. O que lhes pareceu mais fácil, o que lhes pareceu ser o motivo mais simpático e simples para ser apresentado em uma história foi a paixão estúpida e estreita dos pedintes das ruas, dos templos, dos bordéis, do escravo, da criança, do cachorro. Eles não conseguiriam contar mentira melhor do que essa se tivessem que mentir?

– ... e vagueia pela terra, chorando, chorando, sempre chorando. Que distância o velho homem havia continuado? Aquela palavra soando em meus ouvidos como se ele a tivesse repetido mil vezes. Meus dentes e a minha alma permaneciam em guarda. Mais um momento e eu poderia ter começado a ouvir de novo. Ela estava chorando naquela pequena floresta, fora da porta do templo.

– Basta! – gritei. – Você acha que não sei que uma menina chora quando o seu coração se parte? Continue, continue.

– Vagueia, chorando, chorando, sempre chorando – ele disse. – E cai sob o poder de Talapal, que a odeia. E, é claro, Ialim não pode protegê-la porque Talapal é sua mãe e ele tem medo dela. Assim, Talapal atormenta

Istra e a obriga a todos os tipos de trabalhos pesados, a fazer coisas que parecem impossíveis. Mas, quando Istra executa todas as tarefas, então, por fim, Talapal a liberta e ela se une novamente a Ialim e se torna uma deusa. Nós então tiramos seu véu negro, troco meu manto preto por um branco e oferecemos...

- Você quer dizer que ela um dia se unirá novamente ao deus e você então tirará o véu dela? Quando isso vai acontecer?

- Nós tiramos o véu e eu troco meu manto na primavera.

- Você acha que me importo com o que você vai fazer? A cena já aconteceu ou não? Istra está agora vagando pela terra ou já se tornou uma deusa?

- Mas, estrangeira, a história sagrada é sobre as coisas sagradas. As coisas que fazemos no templo. Na primavera, durante todo o verão, ela é uma deusa. Mas, quando chega o outono, à noite, trazemos um lampião ao templo e a deusa foge. Então nós a cobrimos com um véu. E durante todo o inverno ela fica vagando e sofrendo, chorando, sempre chorando...

Ele não sabia nada. A história e a adoração eram tudo uma coisa só em sua mente. Ele não tinha como entender o que eu estava perguntando.

- Ouvi sua história contada de outra maneira, velho homem - eu disse. - Acho que a irmã... ou as irmãs... poderiam ter mais a dizer sobre si mesmas do que o que você sabe.

- Você pode ter certeza de que teriam muito a dizer sobre si mesmas - ele respondeu. - Os invejosos sempre têm. Ora, minha própria esposa, agora...

Eu o cumprimentei e saí daquele lugar frio para o calor da floresta. Podia ver por meio das árvores a luz vermelha do fogo que meu povo já havia acendido. O sol tinha se posto.

Ocultei tudo que estava sentindo - na verdade não sabia o que era, exceto que toda a paz daquela viagem de outono tinha sido interrompida para não estragar o prazer de meu povo. No dia seguinte, entendi tudo mais claramente. Eu nunca poderia estar em paz outra vez até que registrasse por escrito a minha acusação contra os deuses.

Consequentemente não posso contar nada sobre a nossa jornada de volta a Glome. Foram sete ou oito dias e passamos por muitos lugares notáveis em Essur. Em Glome, depois que cruzamos a fronteira, vimos

por toda parte paz e abundância e muita responsabilidade e, eu acho, amor para comigo, tanto que deveriam ter me deixado muito alegre. Mas meus olhos e meus ouvidos estavam tapados. Todos os dias, e quase sempre também às noites, eu relembrava todas as passagens da verdadeira história, arrastando em minha mente terrores, humilhações, lutas e angústias nos quais não pensava havia anos, deixando Orual despertar e falar, quase que a resgatando do túmulo, do poço murado. Quanto mais eu lembrava, mais eu era capaz de lembrar. Frequentemente eu chorava por debaixo do meu véu – como se nunca tivesse sido rainha –, ainda que nem sempre com grande tristeza, o que reduzia um pouco minha indignação. Eu também ficava ansiosa. Precisava escrever tudo rapidamente, antes que os deuses encontrassem uma maneira de me silenciar. Sempre perto do anoitecer, quando llerdia apontava e dizia: “Ali, rainha, seria um bom lugar para armar as tendas”, eu respondia (antes que eu pensasse no que dizer): “Não, não. Podemos andar mais uns cinco quilômetros esta noite, ou mais”. A cada manhã eu acordava mais cedo. No começo, conseguia esperar, sob a neblina fria, escutando o sono profundo daqueles jovens dorminhocos. Logo minha paciência já não mais existia. Passei a acordá-los. Acordava-os mais cedo a cada manhã. No fim, estávamos viajando como os que fogem de um inimigo vitorioso. Fiquei quieta e isso fez com que também ficassem quietos. Podia-se ver que eles estavam desnorteados e que todo o conforto da viagem havia ido embora. Suponho que conversassem à boca pequena sobre as oscilações de humor da rainha.

Quando chegamos em casa, ainda assim não consegui começar a escrever tão rapidamente quanto esperava. Todos os tipos de trabalho insignificante haviam se acumulado. E agora, quando eu mais precisava de ajuda, recebi uma notícia de que Bardia estava acamado. Perguntei a Arnom sobre a enfermidade de Bardia e ele disse: “Não é nem peçonha, nem febre, rainha, é algo insignificante para um homem forte. Mas seria melhor que não se levantasse. Ele está envelhecendo, você sabe”. Fiquei apreensiva, mas já sabia (e havia observado sinais crescentes disso) como aquela esposa corria atrás dele e o paparicava, como uma galinha atrás dos pintinhos. Mas eu poderia até mesmo jurar que por qualquer medo bobo ela o manteria em casa e longe do palácio.

No entanto, enfim, após infinitos empecilhos, terminei meu livro, e aqui está ele. Agora, você que o lê, julgue quem está certo, se os deuses ou eu. Eles não me deram nada para amar no mundo, a não ser Psique, e então a tiraram de mim. Isso, no entanto, não foi o bastante. Eles então me levaram até ela em um lugar e em um tempo em que, dependendo da minha palavra, ela continuaria a ser feliz ou seria lançada ao sofrimento. Mas não me disseram se ela era a noiva de um deus, de um louco, de um bruto ou se a presa de um vilão. Não me deram nenhum sinal claro, embora eu implorasse. Eu tinha que adivinhar. E, porque não adivinhei, eles me puniram. E o que é pior, me puniram por meio dela. Nem mesmo isso foi o suficiente. Eles agora forjaram uma história mentirosa, na qual não recebi nenhum enigma para decifrar, mas soube e entendi que ela era a noiva de deus e que, por minha vontade e inveja, eu a destruí. Como se eu fosse outra Redival. Digo que os deuses lidam conosco de maneira muito injusta. Pois eles não irão nos abandonar (o que seria melhor para todos) ou nos deixar viver os poucos dias que nos restam por nós mesmos, nem se mostrarão abertamente nem nos dirão o que querem que façamos. Pois isso também seria condenável. Pelo contrário, nos darão conselhos e flutuarão no ar, nos atrairão para perto deles em sonhos e oráculos, ou em visões que desaparecem tão logo são vistas, para ficarem mortalmente silenciosos quando os questionamos e então retornarem, deslizantes, e sussurrarem em nossos ouvidos (com palavras que não conseguimos entender) nos momentos em que mais desejarmos estar livres deles e mostrarem para um o que ocultam de outro. O que é tudo isso se não um jogo de gato e rato, cabra-cega, um mero truque? Por que os lugares sagrados têm que ser escuros?

Afirmo, portanto, que não há nenhuma criatura (sapo, escorpião ou serpente) tão nociva para o homem quanto os deuses. Que eles respondam à minha acusação se puderem. É bem capaz de, em vez de responderem, me atacarem, lançando sobre mim a loucura ou a lepra ou me transformarem em um animal selvagem, em um passarinho ou em uma árvore. Mas, se agissem assim, todo o mundo saberia (e há como saber) que isso acontece porque eles não têm nenhuma resposta para nos dar.

Parte Dois

Capítulo 22

NÃO SE PASSARAM MUITOS DIAS desde que escrevi estas palavras – *Nenhuma resposta*, mas devo novamente cuidar do meu livro. Seria melhor reescrevê-lo desde o começo, mas acho que não há tempo para isso. Estou cada dia mais fraca e Arnom balança a cabeça e me diz que devo descansar. Eles pensam que não sei que enviaram uma mensagem a Daaran.

Uma vez que não posso consertar este livro, devo acrescentar algumas coisas nele. Deixá-lo como estava seria o mesmo que morrer em perjuro. Sei muito mais do que sabia sobre a mulher que o escreveu. O que provocou essa mudança foi a própria escrita. Que ninguém se proponha a construir superficialmente uma obra desta natureza. A memória, uma vez despertada, fará o papel de tirano. Achei que deveria expor (pois eu estava falando como se estivesse diante de juízes e, por isso, não devesse mentir) minhas paixões e pensamentos que havia esquecido por completo. Mas o passado sobre o qual escrevi não era o passado do qual pensei que havia lembrado durante todos esses anos. Não consegui enxergar claramente, mesmo quando terminei o livro, muitas coisas que vejo agora. A mudança que a escrita produziu em mim, e sobre a qual não escrevi, foi somente o princípio do que aconteceu, e aconteceu apenas para me preparar para a cirurgia de deus. Eles usaram minha própria caneta para cutucar o meu ferimento.

Logo no início do texto tive um golpe de sorte. Enquanto relatava meus primeiros anos, quando contei como Redival e eu construíamos casas de barro no jardim, mil outras coisas voltaram à minha mente, todas relacionadas aos dias nos quais Psique ainda não existia, nem Raposa – éramos somente Redival e eu. Apenas nós duas, apanhando girinos no riacho, escondendo-nos de Batta no feno, esperando à porta do saguão quando nosso pai dava uma festa e apanhando petiscos das mãos dos escravos, enquanto eles entravam e saíam. E pensei como ela

mudou terrivelmente! Isso tudo estava passando em meus pensamentos. Mas então, eis que levei uma pancada. No auge de muitos outros problemas, recebemos a mensagem de uma embaixada do Grande Rei que vive no Sul e no Leste.

- Outra calamidade - eu disse. E, quando os estrangeiros chegaram (e mais tarde eu precisaria passar horas conversando com eles e, depois, ainda lhes oferecer uma festa), não gostei de nenhum deles, principalmente depois de descobrir que seu chefe era um eunuco. Os eunucos eram homens muito importantes naquela corte. Esse então era o homem mais gordo que eu já tinha visto, tão gordo que seus olhos mal podiam ver por cima das suas próprias bochechas e o rosto dele era todo brilhante, com aparência e cheiro de óleo. Ele estava cheio de joias, vistosas como as meninas de Ungit. Mas, conforme falava, comecei a achar que ele se parecia sutilmente com alguém que há muito tempo eu havia visto. E, como sempre acontece comigo, fiquei insistindo e desistindo de me lembrar quem era, insistindo e desistindo, até que, de repente, quando menos esperava, a verdade surgiu em minha mente e gritei:

- Tarin!

- Ah, sim, rainha, ah, sim - ele disse, em tom rancoroso e olhando de lado. - Ah, sim, era eu a quem você chamava de Tarin. Seu pai não me amava, rainha, amava? Mas... veja só... ele me fez rico. Ah, sim, ele me colocou na estrada certa. Com dois cortes de navalha. Mas, por ele, eu não seria o grande homem que sou agora.

Desejei-lhe alegria e sucesso em seus empreendimentos.

- Obrigado, rainha, obrigado. É muito bom. E pensar... imagine... que se não fosse o temperamento do seu pai eu continuaria carregando um escudo na guarda de um pequeno rei bárbaro, cujo reino poderia resumir-se a um canto do parque de caça de meu mestre e nunca ser notado! Você não vai ficar com raiva, vai?

Eu disse que sempre tinha ouvido falar que o Grande Rei tinha um parque admirável.

- E sua irmã rainha? - perguntou o eunuco. - Ah, ela era uma menininha linda... embora... bem... eu tenha tido em minhas mãos, desde aquele tempo, mulheres muito mais finas que ela... ela ainda está viva?

- Ela é a rainha de Fars - eu disse.

- Ah, então. Fars. Eu me lembro. Embora esqueça os nomes de todos esses pequenos países... sim... uma linda menininha. Fiquei com pena dela. Ela era solitária.

- Solitária? - eu disse.

- Ah, sim, sim, muito solitária. Depois que a outra princesa, bebê, chegou. Ela costumava dizer: "No começo, Orual me amou muito, então Raposa chegou e ela me amou menos; depois chegou o bebê e ela não me amou mais". Assim, ela ficou sozinha. Lamentei por ela... bem... ah, eu era um belo jovem à época. Metade das meninas em Glome estava apaixonada por mim. - Eu o levei de volta aos nossos assuntos de estado.

Esse foi o primeiro ataque, o mais leve. O primeiro floco de neve no verão que estava chegando, que só percebemos que existe porque serve para nos dizer sobre o que está por vir. De certo modo eu não sabia se Tarin falava a verdade. No entanto, tenho certeza de que Redival era falsa e tola. E os deuses não podem me responsabilizar por causa da tolice dela. Ela herdara essa tolice do próprio pai. Mas uma coisa é certa, nunca pensei no quão tolo ele era, em vez disso, voltei minha atenção primeiro para Raposa e depois para Psique, pois de algum modo eu tinha claro em minha mente, desde o princípio, que eu era a desgraçada e a explorada. Ela tinha os cachos dourados, não tinha?

De volta ao meu texto. A conversa com Tarin fez com que meus pensamentos não sossegassem e o turbilhão em minha mente começou a aflorar durante o meu sono. Era um trabalho de filtragem e de seleção de informações, tentando separar um motivo do outro e ambos do pretexto. E todas as noites era a mesma coisa, mas de uma forma diferente. Eu achava que tinha diante de mim um monte, todo misturado, de sementes de trigo, cevada, papoula, centeio, painço e sei lá mais o quê e que devia separá-las por tipo. Eu não compreendia o motivo pelo qual precisava fazer aquilo. No entanto, uma punição eterna recairia sobre mim se eu interrompesse o meu trabalho por um único momento ou se, quando tudo estivesse concluído, uma única semente estivesse no monte errado. Na vida real, um homem saberia que isso é uma tarefa impossível. O tormento dos sonhos é que, neles, ela podia ser realizada. Havia uma chance em dez mil de concluir o trabalho em tempo hábil e uma em cem mil de não cometer nenhum erro. A possibilidade não seria outra senão a de eu fracassar e ser punida, mas havia uma esperança.

Então, pus-me a buscar, olhar, recolher cada uma daquelas sementes entre o meu dedo indicador e o polegar. Não era sempre que eu as pegava dessa forma, pois em alguns sonhos, ainda mais loucamente, eu me transformava em uma pequena formiga e as sementes eram grandes como pedras moleiras e, trabalhando com todas as minhas forças, até minhas seis pernas ficarem exaustas, eu as carregava até os seus devidos lugares, segurando-as diante de mim como fazem as formigas, que carregam fardos maiores que o meu.

O que ficou bem claro, tão claro como os deuses me mantiveram inteiramente dedicada aos meus dois trabalhos, o do dia e o da noite, é que durante todo esse tempo raramente dei importância a Bardia, exceto para reclamar de sua ausência, porque isso significava que eu iria me atrasar ainda mais na elaboração do meu texto. Embora eu sentisse raiva, nada mais parecia importar, exceto a conclusão do livro. Sobre Bardia, eu apenas dizia (repetidas vezes): “Ele vai ficar de cama pelo resto da vida?” ou “É essa esposa dele”.

Chegou então um dia quando a tinta com a qual escrevi esta última linha do livro (eles não têm nenhuma resposta) ainda estava molhada e me peguei escutando o que Arnom dizia, e compreendi, pela primeira vez, o significado da sua aparência e da sua voz.

– Você quer dizer que o lorde Bardia está em perigo? – gritei.

– Ele está muito fraco, rainha – disse o sacerdote. – Gostaria que Raposa estivesse conosco. Nós somos desleixados, somos de Glome. A mim me parece que Bardia não tem nenhuma força ou energia para lutar contra a fraqueza.

– Bons deuses – eu disse –, por que não me fizeram entender isso antes? Ah! Escravo! Meu cavalo. Vou vê-lo.

Arnom era agora um velho e leal conselheiro. Ele colocou sua mão sobre o meu braço e disse com gentileza e seriedade:

– Rainha, seria menos improvável que ele se recuperasse se você agora fosse até ele.

– Acaso carrego alguma doença em mim? – eu disse. – Há morte em minha aparência, mesmo através de um véu?

– Bardia é o seu súdito mais leal e amoroso – disse Arnom. – Vê-la mexeria com suas emoções e talvez o deixasse ainda mais fraco. Ele se levantaria para saudá-la e colocar-se a seu serviço. Centenas de assuntos

de estado sobre os quais ele precisa falar com você ocupariam a mente dele. Ele faria um esforço mental enorme para lembrar-se de coisas que esqueceu nesses últimos nove dias. Isso o mataria. Deixe que ele durma e sonhe. É o melhor que ele tem a fazer agora.

Foi a verdade mais amarga que jamais me mostraram, mas a aceitei. Eu não me encolheria silenciosa em minhas próprias masmorras, como Arnom me havia proposto, se isso acrescentasse a Bardia a mínima chance de vida que fosse? Por três dias suportei (eu, a velha tola, de seios caídos e pele enrugada). No quarto, eu disse: “Não aguento mais”. No quinto, Arnom veio a mim, aos prantos, e eu soube o que havia acontecido sem que ele nada me dissesse. E isso é mesmo muito estranho, que para mim o pior de tudo fosse o fato de Bardia morrer sem jamais ouvir algo que o deixaria envergonhado. Pareceu-me que tudo seria suportável se, uma única vez somente, eu tivesse ido até ele e sussurrado em seu ouvido: “Bardia, eu te amo”.

Quando o colocaram sobre a pira, mal pude ficar ao seu lado para honrá-lo. Porque não era nem sua esposa, nem seu parente, não podia chorar nem bater no peito por ele. Ah, se eu pudesse ter batido no peito, teria colocado luvas de aço ou peles de ouriços para fazê-lo.

Esperei três dias, como é o costume, e então fui consolar (é esse o nome que dão a esse gesto) a viúva. Foram apenas a obrigação e a tradição que me levaram até ela. Porque ele a havia amado, ela era, de certo modo e sem dúvida, uma inimiga para mim. No entanto, quem mais no mundo inteiro conversaria comigo agora?

Levaram-me ao cenáculo de sua casa, onde ela estava sentada, com a coluna ereta. Estava muito pálida, mas bastante calma. Mais calma do que eu. Certa vez, eu me surpreendi com o fato de ela não ser tão bela quanto se falava. Agora, mais madura, ela ganhara um novo tipo de beleza, com um rosto altivo e tranquilo.

- Senhora... Ansit - eu disse, tomando suas duas mãos (ela não teve tempo de afastá-las de mim) -, o que eu lhe poderia dizer? Como falar dele e não dizer que a sua perda verdadeiramente não tem preço? E isso não é nenhum consolo. A menos que você consiga pensar, neste momento, que é melhor ter tido e perdido um homem assim do que ter vivido a vida inteira com qualquer outro homem deste mundo.

- A rainha me dá uma grande honra - disse Ansit, cruzando os braços sobre o peito, com os olhos voltados para o chão, na saudação tradicional.

- Ah, querida senhora, esqueça por um momento que sou rainha, eu lhe rogo. É como se você e eu, até ontem, nunca tivéssemos nos encontrado. Depois da sua (e nunca pense que eu as compararia), minha perda é a maior. Oro para que você se restabeleça novamente. E a sua casa, precisamos conversar melhor sobre isso. Posso me sentar ao seu lado?

Ela se sentou e retomou sua postura ereta. Seu rosto estava descansado e seus lábios um pouco cerrados, como o de uma dona de casa. Ela não me daria muitas informações.

- Foi muito inesperado? - perguntei. - Você viu algum perigo nessa doença, em princípio?

- Sim.

- Você viu? Arnorn me disse que não deveria ser nada grave.

- Ele também me disse isso, rainha. Disse que não teria risco para um homem que tinha toda a sua força para lutar.

- Força? Sim, o lorde Bardia era mesmo um homem forte.

- Sim, mas foi como uma árvore que é consumida por dentro.

- Consumida? E pelo quê? Eu nunca soube disso.

- Suponho que não, rainha. Ele estava cansado. Trabalhava demais, porque era exigido demais. Dez anos atrás ele deveria ter parado e vivido como vivem os velhos. Ele não era feito de ferro ou de metal, mas de carne.

- Ele nunca me pareceu ser um velho e nunca falou como um.

- Talvez você nunca o tenha visto, rainha, em um desses momentos em que um homem demonstra o seu esgotamento. Nunca viu seu rosto cansado logo cedo, de manhã. Nem ouviu o gemido dele quando eu o chacoalhava, para forçá-lo a se levantar (porque eu tinha jurado fazer isso). Nunca o viu chegar em casa tarde, vindo do palácio, faminto, mas cansado demais para comer. Como poderia ver, rainha? Só eu era esposa dele. Ele era muito educado, sabe, para cochilar ou bocejar na casa de uma rainha.

- Você quer dizer que seu trabalho...

- Cinco anos, trinta e uma batalhas, dezenove embaixadas, discutindo ora por uma coisa, ora por outra, falando uma palavra em um

ouvido e em outro, acalmando um homem aqui, intimidando outro ali e bajulando um terceiro, aconselhando, consultando, lembrando, supondo, prevendo... e a Sala da Coluna e a Sala da Coluna. As minas não são os únicos lugares onde um homem pode trabalhar até morrer.

Suas palavras foram o pior do pior que eu poderia ouvir. Um raio de ira atravessou o meu coração e então fui tomada por uma dúvida horrorosa: será que isso tudo poderia (mas isso não tinha lógica) ser verdade? No entanto, a tristeza que senti diante dessa simples suposição enfraqueceu a minha voz.

- Você fala em função de sua tristeza, senhora. Mas, perdoe-me, isso é mera fantasia. Nunca poupei a mim mesma mais que a ele. Você está me dizendo que um homem forte se curvaria sob o peso que uma mulher lhe impõe?

- Quem duvidaria disso, se conhecesse como são os homens? Eles são mais fortes, mas nós somos mais resistentes. Eles não vivem mais do que nós. Não lidam melhor com uma enfermidade. Os homens são frágeis. E você, rainha, era mais jovem.

Meu coração encolheu, frio e desprezível, dentro de mim.

- Se isso for verdade - eu disse -, fui enganada. Se ele tivesse mencionado ao menos uma palavra sobre isso eu teria retirado todo fardo que havia sobre ele e o teria enviado para casa, para sempre, carregado de toda honra que eu pudesse lhe dar.

- Você o conhece pouco, rainha, se pensa que ele alguma vez reclamou de qualquer coisa. Ah, você deve ter sido uma rainha privilegiada. Nenhum príncipe jamais teve servos mais amorosos.

- Eu sei que tenho tido servos amorosos. Você me inveja por isso? Mesmo agora em sua dor, seu coração vai fazê-la sentir inveja de mim? Você zomba de mim porque esse foi o único tipo de amor que eu tive ou poderia ter na vida? Não tenho marido... não tenho filhos. E você... você teve tudo isso...

- Tudo o que você me deixou, rainha.

- Deixei para você, tola? Que ideia maluca você tem em mente?

- Ah, sei muito bem que vocês não foram amantes. Essa honra você me deixou. O sangue divino não se mistura ao dos servos, é o que dizem. Você deixou a mim a porção que me cabia. Quando você o usava, deixava que ele retornasse para casa, para mim, até o momento em que

precisasse dele de novo. Depois de semanas e meses em guerras... você e ele, noite e dia juntos, compartilhando de reuniões, dos perigos, das vitórias, do pão dos soldados, das piadas... depois de semanas e meses ele podia então voltar para mim, cada vez um pouco mais magro, grisalho e com mais algumas cicatrizes e podia então dormir, antes que seu jantar estivesse pronto, e gritar, sonhando: “Rápido, à direita ali. A rainha está em perigo”. E, na manhã seguinte – porque a rainha era a grande madrugadora de Glome –, a Sala da Coluna, de novo. Não vou negar isso, tive para mim o que você me deixou dele.

Seu olhar e sua voz eram muito claros: nenhuma mulher poderia se enganar.

– O quê? – gritei. – Será possível que você está com ciúmes?

Ela não disse nada.

Fiquei de pé e tirei meu véu.

– Olhe, olhe você, sua tola! – gritei. – Você tem ciúmes disso?

Ela começou a se afastar de mim, me encarando de um jeito que, por um momento, eu me perguntei se meu rosto era, para ela, algo terrível de se ver. No entanto, não era o medo que a estava movendo. Pela primeira vez sua boca delicada estremeceu. Seus olhos começaram a se encher de lágrimas.

– Ah... – ela suspirou – ah, eu nunca soube... você também...?

– O quê?

– Você o amou. Você também sofreu. Nós duas...

Ela estava chorando. E eu também. A seguir, nos abraçamos. Foi muito estranho constatar que o ódio que havia entre nós desapareceu no momento em que ela entendeu que o marido dela havia sido o homem a quem eu tinha amado. Teria sido tudo muitíssimo diferente se ele ainda estivesse vivo. No entanto, naquela ilha desolada (da nossa vida vazia sem Bardia), éramos as duas únicas sobreviventes. Falávamos uma língua, por assim dizer, que ninguém mais no imenso e indefeso mundo seria capaz de entender. No entanto, era uma língua apenas de soluções. Não conseguíamos sequer encontrar palavras para falar dele. Se tivéssemos feito isso, com certeza teríamos desembainhado nossas espadas de uma só vez.

A brandura não durou muito tempo. Já vi coisas assim acontecerem nas batalhas. Um homem vinha em minha direção e eu ia à dele, ambos

prontos para matar. Vinha então uma repentina rajada de vento que jogava as nossas capas sobre as nossas espadas e quase que sobre os nossos olhos, de modo que nada podíamos fazer um ao outro, senão lutar contra o próprio vento. E essa disputa ridícula, tão estranha à tarefa na qual estávamos envolvidos, nos fazia rir, um diante do outro. Fazíamos-nos amigos por um instante e então éramos de novo inimigos, para sempre. Era isso o que também estava acontecendo conosco.

Logo estávamos separadas novamente (não tenho lembrança de quanto tempo depois). E eu agora estava recolocando o meu véu, diante de seu rosto duro e frio.

– Bem! – eu disse. – Você me fez sentir quase como se eu fosse o assassino do lorde Bardia. Seu objetivo foi torturar-me. E escolheu muito bem o tipo de tortura. Dê-se por satisfeita, você se vingou. Mas, diga-me, você falou por despeito ou realmente acredita no que disse?

– Se acredito? Não, não acredito. Tenho certeza que o seu reinado bebeu o sangue dele e também comeu sua vida, ano após ano.

– Então por que você não me disse isso? Uma palavra sua teria sido o suficiente. Ou você é como os deuses, que deixam para falar as coisas somente quando já é tarde demais?

– Falar com você? – ela disse, olhando para mim com um olhar curioso e orgulhoso. – Falar com você? E tirar dele o seu trabalho, que era a sua vida (pois, afinal de contas, o que é uma mulher na vida de um soldado?), e toda a sua glória e as suas grandes obras? Transformá-lo em uma criança, em um idiota? Mantê-lo ao meu lado a esse custo? Torná-lo meu a ponto de ele não mais pertencer nem a si mesmo?

– Mas assim... ele teria sido seu.

– Mas eu fui dele. Eu era sua esposa, não sua amante. Ele era meu marido, não meu cachorro de estimação. Ele deveria viver a vida que achasse melhor e mais adequada a um grande homem, não a vida que mais agradasse a mim. E agora você também me tomou llerdia. Ele vai dar as costas para a casa de sua mãe, cada vez mais e mais. Vai buscar terras estranhas e ocupar-se de coisas que não compreendo e vocês irão para onde não posso ir e, dia após dia, ele será menos meu e mais seu e do mundo. Você acha que eu ousaria levantar o meu menor dedo, se isso pudesse impedir que algo acontecesse?

– E você conseguiria... e consegue... suportar isso?

– Por que você está me perguntando isso? Ah, rainha Orual, começo a achar que você não sabe nada a respeito do amor. Não, não vou dizer isso. O seu amor é amor de rainha, não o dos plebeus. Talvez, você que tem origem divina, ame como amam os deuses. Como o Bruto das Sombras. Eles dizem que o amar e o devorar são a mesma coisa, não dizem?

– Mulher – eu disse –, eu salvei a vida dele. Sua tola, ingrata! Você teria enviuvado muito mais cedo neste ano se eu não estivesse ao lado dele, um dia, no campo de Ingarn... e se por isso não fosse ferida como fui, com um ferimento que ainda me dói toda vez que o tempo muda. Onde estão as *suas* cicatrizes?

– Estão onde ficam as cicatrizes em uma mulher que gerou oito filhos. Sim, você salvou a vida dele. Ora, a vida dele lhe foi útil. Foi economia, rainha Orual. Ele era uma espada boa demais para ser desperdiçada. Que nojo! Você está completamente satisfeita. Empanturrada das vidas de outros homens e de mulheres também. De Bardia. Da minha, de Raposa, de sua irmã, de suas duas irmãs.

– Basta! – eu gritei. O ar em seu quarto estava carregado de vermelho. Passou uma terrível ideia por minha cabeça que, se eu ordenasse que ela fosse torturada e morta, ninguém poderia salvá-la. Arnom reclamaria. Ilerdia se rebelaria. Mas ela estaria espetada sobre uma estaca pontiaguda antes que alguém pudesse ajudá-la.

Mas algo (e, se foram os deuses, benditos sejam os seus nomes) me impediu de fazer isso. De alguma maneira, consegui chegar até a porta e então me virei para ela e disse:

– Se você tivesse falado assim com meu pai, teria tido sua língua cortada.

– E daí? Você acha que eu teria medo disso? – respondeu.

Enquanto cavalgava de volta para casa, eu disse a mim mesma: “Ela vai ter de volta o seu Ilerdia. Ele pode ir embora e viver em suas terras. Transformar-se em um imbecil. Engordar e ficar reclamando o dia inteiro, entre um arroto e outro, sobre o preço dos bois de corte. Eu poderia fazer dele um grande homem. Agora ele não vai ser nada. E vai poder agradecer à sua mãe por isso. Ela não vai precisar dizer novamente que eu devoro homens.”

Mas eu não fiz nada disso a Ilerdia.

E agora aqueles Cirurgiões divinos haviam me amarrado e estavam trabalhando. Minha ira protegeu-me apenas por um curto período

de tempo. Depois que ela passa, a verdade vem. Pois aquilo era tudo verdade. Mais verdade do que Ansit seria capaz de saber. Eu me alegrava quando havia bastante trabalho, o trabalho desnecessário das coisas acumuladas, porque podia mantê-lo até tarde no palácio. Eu o ocupava com perguntas, pelo simples prazer de ouvir sua voz. Qualquer coisa que atrasasse sua partida e o momento de me deixar sozinha com meu vazio. E eu o odiava por partir para longe de mim. E também o punia. Os homens têm centenas de maneiras de zombar de um homem que tem a fama de amar demais sua mulher e Bardia não tinha como se defender disso. Todos sabiam que ele havia casado com uma garota sem dote e Ansit se vangloriava de não ter nenhuma necessidade (como a maioria das mulheres tinha) de buscar as meninas mais feias no mercado para servirem de escravas à sua família. Nunca zombei dele por isso, mas tinha táticas e artifícios infundáveis (por detrás de meu véu) para conduzir a conversa em direções que, eu sabia, faria com que outros zombassem dele. Eu os odiava por fazerem isso, mas sentia um prazer, que era quase uma dor, de ver seu rosto confuso. Eu o odiava, então? Na verdade, acredito que sim. Um amor pode transformar-se quase que totalmente em ódio e ainda chamar-se a si mesmo de amor. Uma coisa é certa: em minhas fantasias malucas, à meia-noite (nas quais Ansit estava morta ou, ainda melhor, tinha comprovadamente se transformado em uma prostituta, uma bruxa ou uma traidora), quando ele enfim estivesse buscando o meu amor, eu sempre fazia com que começasse implorando o meu perdão. Às vezes ele tinha dificuldade em obtê-lo. Eu o forçava a dizer que se mataria, se não o tivesse.

Mas o fim de tudo isso, quando todas essas horas amargas passaram, foi estranho. O desejo que eu sentia por Bardia se acabou. Ninguém acreditaria que eu o tivesse amado tanto e que esse amor fosse tão difícil de se realizar, a ponto de poder comprovar essa paixão que durante anos esteve escondida em meu coração, seca e murcha. Talvez, tanto na alma como no solo, essas coisas que brotam e que se mostram ao mundo em seus tons mais brilhantes e que exalam os aromas mais predominantes nem sempre tenham raízes tão profundas. Ou talvez seja a idade que faz isso. Mas, acima de tudo, eu acho, meu amor por Bardia (não o próprio Bardia) havia se transformado, para mim, em algo doentio. Eu havia sido arrastada até as alturas e os precipícios da verdade, a ponto de chegar a

uma atmosfera onde eu não conseguia viver. Era uma atmosfera fétida, uma ganância insaciável por alguém a quem eu não podia dar nada e a quem pedia tudo. O céu sabe o quanto nós o atormentamos, Ansit e eu. Pois não é preciso ser nenhum Édipo para supor que, por muitas e muitas noites, o ciúme que ela sentia de mim fosse seu anfitrião ao pé de uma lareira amarga, ao recebê-lo em casa, vindo do palácio.

Mas, quando a minha paixão acabou, quase tudo o que eu era também acabou. Foi como se toda a minha alma fosse um dente que agora havia sido arrancado. Eu era um vazio. E agora achava que havia chegado ao fundo do poço e que os deuses não poderiam me dizer nada que me fizesse sentir pior do que já estava.

Capítulo 23

ALGUNS DIAS DEPOIS de eu ter estado com Ansit, chegou a época do rito do nascimento do Ano, quando o sacerdote é trancado na casa de Ungit ao pôr do sol e, ao meio-dia do dia seguinte, luta para sair e se diz que, então, é nascido. Mas, é claro, como todas as outras questões sagradas, ele nasce, mas não nasce (de modo que era fácil para Raposa mostrar as muitas contradições do rito). Luta-se com espadas de madeira e, em vez de sangue, vinho é derramado sobre os combatentes e, embora digam que o sacerdote está trancado na casa, somente as grandes portas que se abrem para a cidade e para o lado oeste estão fechadas, enquanto as duas portas menores, do outro lado, estão abertas e, por elas, os adoradores entram e saem o tempo todo, de acordo com a sua vontade.

Quando há um rei em Glome, ele tem que entrar com o sacerdote, também no pôr do sol, e permanecer na casa até o Nascimento. Entretanto, também existe uma regra que proíbe uma mulher virgem de presenciar as coisas que são feitas na casa naquela noite. Por isso entrei pela porta norte somente uma hora antes do Nascimento (os outros que devem estar lá são: um nobre, um dos anciãos e um representante do povo, todos escolhidos por meio de um ritual, que não tenho permissão para descrever).

Naquele ano estava uma manhã fresca, muito doce, com um vento leve soprando do sul e, por causa do frescor que entrava pelas portas da casa, tive uma sensação, como nunca havia tido, de que algo horrível saía da santidade escura da casa de Ungit. Eu havia dito antes (acho) que Arnom a tinha deixado mais leve e mais limpa. Porém, ainda assim, a casa era um lugar aprisionante e opressor, especialmente na manhã do Nascimento, quando tinham queimado incenso, feito sacrifícios, derramado vinho e sangue e durante toda a noite tinham dançado, feito festa, desfile de meninas e queimado gordura. Havia tanta mancha de

suor e ar sujo que até mesmo a mais preguiçosa prostituta – mesmo na casa de um mortal – teria tido vontade de abrir janelas, limpar e varrer.

Entrei e sentei sobre uma pedra lisa, que era o lugar onde eu deveria ficar, logo em frente à pedra sagrada, que é a própria Ungit. A nova imagem em forma de mulher estava um pouco à minha esquerda e o assento de Arnom, à minha direita. Ele usava sua máscara e, é claro, já demonstrava sinal de cansaço. Batiam os tambores, mas não muito alto e, quando paravam, se fazia silêncio.

Vi as terríveis meninas sentando-se em fileiras, em ambos os lados da casa, cada uma à porta de seu quarto, de pernas cruzadas. Elas sentavam assim ano após ano – normalmente, depois de algumas estações, já estavam estéreis –, até se transformarem em velhas desdentadas, mancando, supervisionando lareiras e vendo se o chão havia sido bem varrido... Às vezes, depois de dar uma rápida espiada ao redor, elas se abaixavam muito rapidamente, como se fossem um passarinho, para apanhar do chão uma moeda ou um osso parcialmente ruído e escondê-los em suas vestes. E pensei como a semente dos homens, que poderia brotar para gerar meninos fortes e meninas férteis, foi arrancada dessa casa e nada lhe dado em troca e como a prata que os homens haviam ganhado com suor e da qual também necessitavam havia sido tirada dali, sem que nada fosse posto em seu lugar.

Então olhei para Ungit. Ela não havia, como muitas pedras sagradas, caído do céu. A história dizia que, no princípio, ela havia forçado seu caminho para fora da terra – como se fosse uma amostra ou um emissário capaz de viver ou trabalhar lá embaixo, no calor escuro e pesado. Para mim, ela não tinha rosto. Mas isso podia significar, por outro lado, que ela possuía mil rostos, pois era de uma aparência muito irregular, dura e enrugada, de modo que, quando olhamos para o fogo, vemos ora um rosto, ora outro. Agora ela estava com uma aparência mais áspera do que nunca, por causa de todo o sangue que haviam derramado sobre ela, à noite. Em meio aos seus pequenos coágulos, decifrei um rosto – em um primeiro momento meio esnobe, mas depois, uma vez que eu já o tinha olhado bem, era agora um rosto que prendia a atenção. Um rosto muito parecido com o de uma mulher, vaidoso, protetor. Lembrou-me um pouco o de Batta, em certas circunstâncias. Batta, quando éramos muito pequenas, tinha um comportamento amoroso, até mesmo comigo.

Eu me refugiava no jardim, para libertar-me – e para me sentir, por assim dizer, renovada e limpa – dos seus abraços enormes, quentes, flácidos e gentis, de sua teimosia sufocante e envolvente.

“Sim”, pensei, “Ungit hoje se parece muito com Batta.”

– Arnom, quem é Ungit? – perguntei sussurando.

– Eu acho, rainha – ele disse (sua voz soava estranha quando não estava usando a máscara) –, que ela significa a terra, que é o útero e a mãe de todos os seres vivos. Essa era uma nova maneira de falar sobre os deuses, que Arnom e os outros haviam aprendido com Raposa.

– Se ela é a mãe de todas as coisas, como pode ser ainda a mãe do deus da Montanha? – retruquei.

– Ele é o ar e o céu, pois vemos as nuvens saindo da terra em névoas e exalações.

– Então, por que às vezes dizem que ele é marido dela também?

– Isso significa que o céu, com sua chuva, torna a terra frutífera.

– Se é isso mesmo o que querem dizer, por que a embrulham de uma forma tão estranha?

– Sem dúvida – respondeu Arnom (e eu poderia dizer que ele estava bocejando por trás da máscara, cansado por sua vigília) –, sem dúvida para ocultá-la do que é vulgar.

Eu não o perturbaria mais, mas disse a mim mesma: “É muito estranho que nossos pais pensassem que vale a pena nos dizer que a chuva cai do céu e que então, por medo, um segredo assim notável deveria ser contado (por que não controlarem suas línguas?) por meio de uma fábula tola, para que ninguém entendesse a narrativa.”

Os tambores continuaram a soar. Minhas costas começaram a doer. A seguir, a pequena porta à minha direita se abriu e uma mulher, uma camponesa, entrou. Dava para notar que ela não viera para a festa do Nascimento, mas por causa de um assunto mais urgente e pessoal. Ela parecia não ter nenhum motivo (considerando-se que até mesmo os mais pobres sonham em ir a essa festa) para se alegrar e as lágrimas encharcavam seu rosto. Parecia ter chorado a noite inteira e em suas mãos ela trazia um pombo vivo. Um dos sacerdotes mais novos foi em sua direção, tomou a oferenda muito pequena, a abriu com sua faca de pedra, salpicou o pequeno jato de sangue sobre Ungit (onde ele virou uma espécie de baba da boca do rosto que vi nela) e deu o corpo a um

dos escravos do templo. A camponesa prostou-se com o rosto em terra, aos pés de Ungit. Ficou ali por muito tempo, tão trêmula que ninguém conseguia dizer com quanta amargura ela chorava. O choro, no entanto, cessou. Ajoelhou-se, afastou seus cabelos do rosto e suspirou profundamente. Depois se levantou para ir embora e, ao se virar, pude olhar em seus olhos. Ela estava bastante séria, no entanto (eu estava bem próxima dela e não tinha nenhuma dúvida quanto a isso), foi como se uma esponja tivesse sido passada sobre ela. O problema se amenizara. Ela estava calma, paciente, pronta para fazer o que tivesse que ser feito.

- Ungit a consolou, filha? - perguntei.

- Ah, sim, rainha - disse a mulher, com seu rosto quase brilhando -, ah, sim. Ungit deu-me grande conforto. Não há deusa como ela.

- Você sempre ora a *essa* Ungit - perguntei (apontando com a cabeça para a pedra sem forma) - e não para *essa*? - Apontei com a cabeça para a nossa nova imagem, orgulhosa e ereta em seus mantos, parecendo (independentemente do que Raposa dissesse a respeito dela) a coisa mais bela que nossa terra já viu.

- Ah, faça sempre assim, rainha - respondeu. - Essa outra, a Ungit grega, não entenderia o meu discurso. Ela é apenas para nobres e cultos. Não há consolo nela.

Logo depois disso era meio-dia, e a luta simulada na porta ocidental tinha que ser feita e todos nós deveríamos sair para a luz do dia, depois de Arnom. Eu já havia visto muitas vezes antes o que nos aguardava ali: a grande multidão gritando: "Ele nasceu! Ele nasceu!" e girando seus chocalhos, lançando sementes de trigo no ar, todos suados, escalando uns as costas dos outros para conseguir uma visão de Arnom e de nós. Naquele dia, a cerimônia havia me tocado de uma maneira nova. Foi a alegria do povo que me impressionara. Ali estavam eles, onde haviam esperado por horas, tão apertados que mal podiam respirar, cada um deles, sem dúvida, com dezenas de preocupações e de tristezas sobre si (quem não as tem?); no entanto, todo homem, mulher e criança olhava como se tudo no mundo estivesse bem, porque um homem vestido como um pássaro saía de uma porta, depois de dar alguns golpes com uma espada de madeira. Mesmo os que foram derrubados pela pressão, para tentar nos ver, consideravam isso algo sem importância e riam mais alto que os outros. Vi dois agricultores que eu conhecia muito bem,

porque eram grandes e amargos inimigos entre si (toda vez que precisava julgá-los, eu demorava mais tempo do que costumava perder com metade do meu povo), e que naquele momento, entretanto, aplaudiam e clamavam: “Ele nasceu!”, como se fossem irmãos.

Fui para casa e para o meu próprio quarto descansar, pois, agora que estou velha, sentar naquela pedra lisa me deixava terrivelmente cansada. Mergulhei em uma profunda meditação.

- Levante-se menina - disse uma voz. Abri meus olhos. Meu pai estava ao meu lado e, em instantes, todos os longos anos do meu reinado desapareceram, como se não tivessem passado de um pequeno sonho. Como pude ter acreditado neles? Como pude ter pensado que escaparia do rei? Levantei da minha cama obedientemente e fiquei diante dele. Quando consegui colocar meu véu, ele falou:

- Pare com essa tolice, está me ouvindo? - e obedientemente o deixei de lado. - Venha comigo para a Sala da Coluna - disse.

Eu o segui escada abaixo (o palácio inteiro estava vazio) e fomos para a Sala da Coluna. Ele olhou à sua volta e fiquei com muito medo, porque tinha certeza que procurava por aquele seu espelho. Eu, no entanto, o havia dado a Redival, quando ela se tornou rainha de Fars. O que ele faria a mim quando soubesse que eu havia roubado seu tesouro preferido? Ele, no entanto, foi para um canto da sala e ali encontrou duas picaretas e uma alavanca (coisas estranhas de se achar em um lugar como aquele). - Para o trabalho, duende - ele disse, e me fez apanhar uma das picaretas. E começou a quebrar o chão no centro da sala e eu o ajudei. O trabalho me parecia muito pesado, por causa da dor em minhas costas. Quando já tínhamos retirado quatro ou cinco das grandes pedras que ele havia indicado, encontramos debaixo delas um buraco escuro, como um poço largo.

- Jogue-se aí - disse o rei, agarrando-me pela mão. E, embora eu resistisse, não tive como me livrar dele e ambos saltamos juntos. Quando havíamos caído por um bom tempo, pousamos sobre os nossos pés, sem nenhum ferimento causado pela queda. Era mais quente ali e o ar era difícil de respirar, mas não era tão escuro que eu não pudesse ver o lugar onde estávamos. Era outra Sala da Coluna, exatamente como a que havíamos deixado, exceto por ser menor e toda feita (chão, paredes e colunas) de terra grossa. E nela também meu pai olhava ao redor e

mais uma vez tive medo que me perguntasse o que eu tinha feito com o espelho dele. No entanto, ele foi para um canto da sala de terra e ali encontrou duas pás, colocou uma em minha mão e disse: – Agora, trabalhe. Você está pensando que vai ficar de cama sua vida inteira?

Então tivemos de cavar um buraco no centro da sala. E dessa vez o trabalho foi mais difícil do que antes, pois o que cavamos era barro duro e consistente, de modo que era melhor parti-lo em blocos quadrados do que cavá-lo. E o lugar era sufocante. Mas, por fim, tanto fizemos que outro buraco negro se abriu abaixo de nós. Dessa vez eu sabia o que ele queria fazer comigo, portanto tentei manter minha mão longe da dele. No entanto, ele a apanhou e disse:

– Quer ser mais esperta do que eu? Jogue-se.

– Ah, não, não, não. Mais para baixo não, tenha misericórdia! – eu disse.

– Não tem nenhuma Raposa para ajudá-la aqui – disse meu pai. – Estamos muito abaixo de qualquer caverna que as raposas possam cavar. Há centenas de toneladas de terra entre a mais profunda delas e você.

Então saltamos no buraco e caímos mais distantes que antes e novamente pousamos sobre nossos pés sem nos machucarmos. Era mais escuro ali, embora pudéssemos ver que estávamos em outra Sala da Coluna, dessa vez feita de rocha muito dura e com água gotejando em suas paredes. Embora fosse muito parecida com as duas salas anteriores, ela era muito menor. E, enquanto eu olhava, ela ficava ainda menor. O telhado estava se aproximando de nós. Tentei gritar para ele: – Se não for rápido, seremos sepultados! – mas eu estava sufocando e a minha voz não saía. Então pensei: “Ele não se importa. Não há nada dele para ser sepultado, pois ele já está morto”.

– Quem é Ungit? – ele perguntou, ainda segurando a minha mão.

Ele então me fez atravessar a sala e, muito antes de chegarmos do outro lado, vi o espelho na parede, onde sempre tinha estado. À sua direita, meu terror aumentou e lutei com todas as minhas forças para não seguir adiante. No entanto, a sua mão agora era muito maior e se tornara muito suave e grudenta como os braços de Batta, como o barro duro que havíamos cavado, ou como a massa de farinha de um pão enorme. Fui arrastada, ou, melhor dizendo, sugada naquela direção até que estívéssemos bem em frente ao espelho. E nele eu o vi, olhando como tinha

me olhado naquele outro dia, quando nós o levamos até o espelho, muito tempo atrás.

No entanto, meu rosto era o rosto de Ungit, tal como eu o havia visto naquele dia em sua casa.

- Quem é Ungit? - perguntou o rei.

- Eu sou Ungit. - Minha voz tinha saído de mim como um lamento e me descobri diante da fria luz do dia, fria, em meus próprios aposentos. Eu tinha tido o que chamamos de sonho. Devo lembrar, no entanto, que, daquele momento em diante, fui inundada por tantas visões que não consigo discernir muito bem o que é sonho nem o que é realidade, nem dizer qual é o mais verdadeiro. Essa visão, de todo modo, não me permitiu duvidar dela. Sem dúvida era verdadeira. Eu era Ungit. Aquele rosto destruído era o meu. Eu era aquela coisa Batta, aquela coisa totalmente devoradora, à semelhança de um útero, ainda que estéril. Glome era uma teia e eu, a aranha inchada, agachada em seu centro, empanturrada com as vidas roubadas dos homens.

- Eu não vou ser Ungit - eu disse. Levantei-me da minha cama, tremendo como se estivesse com muita febre e cruzei a porta. Peguei a minha velha espada, a mesma com a qual Bardia havia me ensinado a lutar e a coloquei em minha cintura. Ela parecia uma coisa tão alegre (e era de fato uma lâmina muito verdadeira, perfeita, feliz) que meus olhos se encheram de lágrimas. - Espada - eu disse -, você teve uma vida feliz. Você matou Argan. Você salvou Bardia. Agora, vá e cuide da sua obra-prima.

No entanto, isso era bobagem. A espada era agora pesada demais para mim. Minha força - pense em uma mão cheia de veias, parecida com uma garra e tomada por magras articulações - era quase que a de uma criança. Eu não conseguiria nunca golpear minha própria casa e tinha visto um número suficiente de guerras para saber qual o resultado de um golpe fraco. Essa maneira de deixar de ser Ungit era agora dura demais para mim. Sentei-me em um lado da minha cama, sentindo-me uma coisa fria, pequena e desamparada e continuei pensando.

Deve haver, quer os deuses consigam ou não enxergar isso, algo de grandioso na alma mortal. Pois o sofrimento, ao que parece, é infinito e a nossa capacidade, sem limites.

O que vou contar a seguir não sou capaz de dizer se foi o que os homens chamam de real ou o que chamam de sonho. Até onde entendo, a única diferença entre eles é que o que muitas pessoas veem nós chamamos de realidade e o que somente uma pessoa vê chamamos de sonho. Mas as coisas que são vistas por muitas pessoas podem não ter nenhum significado importante, enquanto que as que são reveladas apenas a uma pessoa podem funcionar, desde seu mais profundo interior, como arpões e mangueiras d'água da verdade.

De um jeito ou de outro, o dia passou. Todos os dias passam e isso é um grande consolo. A menos que nas terras dos mortos haja alguma região terrível, onde o dia nunca passa. Então, quando a casa toda dormiu, eu me vesti com uma capa escura e apanhei um cajado para servir-me de apoio, pois acho que a fraqueza da qual agora o meu corpo padece deve ter começado a me acometer nessa ocasião. Então um novo pensamento me ocorreu. Meu véu não era mais um meio para evitar que as pessoas me reconhecessem. Ao contrário, ele me revelava. Todos os homens conheciam a rainha do véu. Agora, meu melhor disfarce seria ter o rosto descoberto. Quase ninguém tinha me visto sem véu. E assim, pela primeira vez em muitos anos, saí com o rosto descoberto. Deixei à mostra aquele rosto que muitos haviam dito, mais verdadeiramente do que poderiam imaginar, que era feio demais para ser visto. Nada podia me deixar mais envergonhada do que ficar de cara limpa, pois eu pensava que, para eles, eu seria vista como Ungit, da mesma forma que eu havia visto a mim mesma naquele espelho embaixo da terra. Como Ungit? Eu *era* Ungit, eu nela e ela em mim. Talvez, se alguém me visse, me adorasse. Eu havia me tornado o que o povo e o velho Sacerdote chamavam de santa.

Saí, como muitas vezes havia feito, pelo pequeno caminho a leste, que dá no jardim de ervas. E, daquele lugar, sentindo um cansaço que parecia não ter fim, segui pela cidade ainda adormecida. Pensei que as pessoas não dormiriam tão profundamente se soubessem que aquela coisa obscura estava se arrastando pesadamente sob suas janelas. De repente, ouvi um choro de criança. Talvez ela tivesse sonhado comigo. “Se o Bruto da Sombra chegar perto da cidade, as pessoas ficarão com muito medo”, disse o velho Sacerdote. Se eu fosse Ungit, poderia também ser o Bruto da Sombra, pois os deuses trabalham dentro e fora uns dos outros e dentro e fora de nós.

Assim, finalmente, quase desmaiando de cansaço, cheguei aos limites da cidade e perto do rio que eu mesma tornei mais profundo. O velho Shennit, como era antes das minhas obras, não teria afogado sequer uma senhora idosa, exceto em um dilúvio.

Tive que caminhar mais um pouco adiante ao largo do rio, até um lugar onde sabia que a margem era alta, para eu pudesse atirar-me dela, pois duvidava de minha coragem para caminhar pela água e sentir a morte primeiro até o meu joelho e então em minha barriga, meu pescoço e só depois mais para cima. Quando cheguei à margem alta, peguei meu cinturão e amarrei nos meus tornozelos, com medo de que, mesmo em minha idade avançada, eu ainda tentasse salvar a minha vida ou retardar a minha morte, nadando. Então me endireitei, ofegante por causa do esforço, e fiquei de pé, com os pés amarrados, como um prisioneiro.

Depois fui saltitando (se eu pudesse ter visto aquela cena, diria que foi ao mesmo tempo sofrida e hilária!)... pulava com os pés amarrados, para um pouco mais próximo da margem.

E uma voz surgiu do outro lado do rio:

– Não faça isso.

Instantaneamente – até então eu estava congelada – uma onda de calor atravessou o meu corpo, chegando até os meus pés dormentes. Era a voz de um deus. Quem a poderia reconhecer melhor do que eu? A voz de um deus que, certa vez, havia destruído a minha vida. Essa voz não seria esquecida jamais. Poderia muito bem ser que, por trapaça dos sacerdotes, os mortais viessem eventualmente a confundir a voz mortal com a voz de um deus. Mas o contrário não aconteceria. Ninguém que tenha ouvido a voz de um deus a tomaria como sendo a de um mortal.

– Senhor, quem és tu? – perguntei.

– Não faça isso – disse o deus. – Você não pode escapar de Ungit indo às terras dos mortos, pois ela também está lá. Morra antes de morrer. Não há chances para fazer isso depois.

– Senhor, eu sou Ungit.

No entanto, não houve resposta. Isso é outra coisa a respeito das vozes dos deuses: quando elas cessam, embora tenham sido ouvidas um segundo antes – e mesmo que as sílabas brilhantes e duras, as marcas pesadas ou os obeliscos poderosos do som ainda estejam presentes em seus ouvidos – é como se eles tivessem se calado há mil anos, e esperar

que voltem a falar conosco é quase como pedir por uma maçã de uma árvore que deu fruto no dia em que o mundo foi criado.

A voz do deus não havia mudado em todos aqueles anos, mas eu sim. Não havia mais uma rebelde dentro de mim. Eu não deveria me afogar e, se tentasse, certamente não conseguiria. Fui rastejando para casa, mais uma vez perturbando a cidade quieta com a minha aparência obscura de bruxa e o meu cajado cortante. Quando deitei minha cabeça sobre meu travesseiro, tive a sensação de não senti-lo por mais do que um instante, antes que minhas criadas viessem me acordar. Talvez porque toda a viagem tenha sido um sonho, ou talvez porque o meu cansaço tenha me lançado em um sono profundo (o que não seria de se admirar que acontecesse).

Capítulo 24

OS DEUSES ENTÃO ME DEIXARAM EM PAZ por alguns dias, para que eu digerisse o estranho alimento que me tinham dado. Eu era Ungit. O que isso significava? Os deuses vivem dentro e fora de nós como vivem dentro e fora uns dos outros? E, de novo, eles não me permitiriam morrer até que eu tivesse morrido. Eu sabia que se faziam certas iniciações em Elêusis, bem distante, nas terras gregas, segundo as quais um homem podia aprender a morrer e voltar a viver, antes que a sua alma abandonasse o seu corpo. Mas como eu poderia ir até lá? Eu então me lembrei daquela conversa que Sócrates teve com os seus amigos antes que ele bebesse o veneno e como ele disse que a verdadeira sabedoria é a arte e a prática da morte. Acho que Sócrates compreendia melhor tais assuntos do que Raposa, pois no mesmo livro ele havia escrito sobre como a alma “é arrastada de volta através do temor do invisível”, de modo que cheguei a me perguntar se ele mesmo não havia provado desse horror, como eu o provara no vale de Psique. Mas, por meio da morte que é sabedoria, supus que ele estivesse fazendo referência à morte das nossas paixões, desejos e opiniões vãs. E imediatamente (como é horrível ser um tolo) pensei e vi que meu caminho estava aberto e que não era impossível de ser trilhado. Dizer que era Ungit significava que eu era tão feia de alma quanto ela, que estava ávida, empanturrada de sangue. No entanto, se praticasse a verdadeira filosofia, como Sócrates a entendia, eu deveria trocar minha alma feia por uma bela. E isso, com a ajuda dos deuses, eu conseguiria fazer. E começaria a fazê-lo imediatamente.

Com a ajuda dos deuses... mas eles me ajudariam? Independentemente disso, preciso começar por mim mesma. E a mim me parecia que eles não me ajudariam. Eu estava determinada a começar cada manhã sendo justa, calma e sábia em todos os meus pensamentos e ações, mas, antes mesmo de terminar de me vestir, eu descobriria que havia sido de novo tomada (e não saberia há quanto tempo isso ia durar) pela mesma

velha ira, pelo ressentimento, pela fantasia atormentadora e pela triste amargura. Não resisti meia hora. E uma lembrança horrível tomou a minha mente, a lembrança daqueles dias quando eu havia tentado corrigir a feiura do meu corpo com novos estratagemas, mudando o modo como arrumava o cabelo ou me vestindo com outras cores. Eu tinha um medo congelante de que estivesse tendo de novo uma atividade parecida. Eu não era capaz de corrigir minha alma, assim como não era capaz de consertar o meu rosto. A menos que os deuses me ajudassem. Mas por que os deuses não me ajudavam?

Babai! E foi então que um pensamento terrível, definitivo, grandioso como um penhasco, ergueu-se diante de mim. E era infinitamente provável que fosse verdadeiro. Nenhum homem vai amá-la, mesmo que você dê a sua vida por ele, a menos que você tenha um rosto bonito. Assim, os deuses não vão amá-la (haveria como?), a menos que toda essa beleza exista na sua alma (por mais que você tente agradá-los e por mais que sofra por isso). Em ambas as lutas, pelo amor dos homens e pelo amor de um deus, os vencedores e os perdedores estão definidos desde o nascimento. Nós carregamos a nossa feiura – de rosto e de alma – conosco pelo mundo afora e, com ela, o nosso destino. O quanto isso se traduz em amargura cada mulher feia sabe. Todos nós tivemos, em algum momento, nosso sonho de alguma outra terra, de algum outro mundo, de algum outro modo de conquistar prêmios, o que nos colocaria como vencedores. Deixe os membros do seu corpo lisos e bem torneados e os seus rostos levemente rosados e a pele bem clara e o cabelo como ouro reluzente, bem puxado para trás. O seu dia chegou. Mas o que fazer, se as coisas não são assim? O que fazer, se fomos feitos para sermos pó e para sermos recusados em toda a parte e de todas as maneiras?

Mais ou menos nessa época eu tive outro sonho (se é que podemos chamar assim). Mas não foi exatamente um sonho, pois fui para os meus aposentos uma hora depois do meio-dia (nenhuma de minhas criadas estava lá) e, antes mesmo de me deitar ou de me sentar, logo que abri a porta, segui caminhando como que para dentro de uma visão. Vi-me de pé à beira de um rio límpido e grande. E, na outra margem, vi um rebanho. Pareceu-me que era um rebanho de ovelhas. Então, eu as observei mais de perto e vi que eram carneiros, carneiros altos como cavalos, cheios de chifres e suas lãs de ouro eram tão brilhantes que eu

não conseguia olhar fixamente para elas. (Por trás deles, havia um céu profundo e azul e a grama era luminosamente verde como esmeralda e havia uma poça de uma sombra muito escura, claramente demarcada, debaixo de cada uma das árvores. O ar daquele país era doce como música.) “São aqueles”, pensei, “são os carneiros dos deuses. Se eu puder roubar somente um desses carneiros dourados, conquistarei a beleza. Os cachos de Redival não eram nada comparados àquela lâ.” E, em minha visão, me vi capaz de fazer o que não tive coragem de fazer à beira do Shennit: entrei na água fria até os joelhos, e até a barriga e depois até o meu pescoço, e então os meus pés não alcançaram o fundo e eu nadei até encontrar novamente o chão e sair do rio, para as pastagens dos deuses. E segui adiante, sobre aquele terreno gramado, com o coração em paz e alegre. E todos os carneiros dourados vieram até mim. Aproximaram-se uns dos outros à medida que chegavam mais perto de mim, até se tornarem uma parede sólida de ouro vivo. E, com uma terrível força, seus chifres encaracolados me atingiram e me derubaram e os seus cascos me pisotearam. Eles não faziam isso furiosos. Precipitaram-se sobre mim em sua alegria e talvez não me tenham visto, certamente para a mente deles eu era o nada. Entendi isso muito bem. Eles me golpearam e me pisotearam porque sua alegria os levou até mim. A Natureza Divina nos fere e eventualmente nos destrói, apenas por ser o que é. Costumamos chamá-la de “a ira dos deuses”. É como se a grande catarata de Fars sentisse raiva de toda e qualquer mosca que irrompesse à frente de seu trovão verde.

Eles, no entanto, não me mataram. Quando saíram de cima de mim, eu me senti viva e reconheci a mim mesma e consegui imediatamente ficar de pé. Então vi que havia no campo comigo outra mulher mortal. Ela parecia não me ver. Caminhava lentamente, cuidadosamente, ao longo da margem que delimitava aquele gramado, examinando-a como se estivesse catando, apanhando algo. Então vi ouro reluzente enroscado, em pequenos montinhos, entre os espinhos. É claro! Os carneiros haviam deixado parte de sua lâ dourada enroscada neles, quando passaram correndo. E ela estava fazendo, pedaço por pedaço, uma rica colheita. O que eu tinha tentado em vão conseguir em meio ao terrível e alegre rebanho ela colheu durante o passeio. Conseguiu sem esforço o que o esforço extremo não me permitiu conseguir.

Eu agora estava desesperada para conseguir deixar de ser Ungit. Embora fosse primavera, em mim havia um inverno que, ao meu ver, parecia ser eterno e que havia acabado com todos os meus poderes. É como se eu já estivesse morta, mas não como o deus, ou como Sócrates. No entanto, o tempo todo eu era capaz de cuidar do meu trabalho, fazendo e dizendo o que quer que fosse necessário e ninguém sequer desconfiava que houvesse algo errado em mim. Na verdade, as muitas maldições que eu havia rogado, no tempo em que estive sentada no meu trono e em meu juízo perfeito, eram consideradas como mais sábias e mais justas do que antes – foi um trabalho que me fez sentir muitas dores, mas sei que fiz bem. No entanto, os prisioneiros, os pedintes, as testemunhas e todos os outros agora me pareciam muito mais sombras do que homens reais. Para mim, quase não havia diferença alguma entre quem tinha direito a um pequeno pedaço de terra ou quem tinha roubado os queijos (embora eu ainda tentasse discernir entre um e outro).

Havia somente uma coisa que me consolava. Embora eu possa ter destruído Bardia, eu tinha, ao menos, amado Psique de verdade. Nesse ponto eu estava certa e os deuses estavam errados, embora eu não tivesse razão em mais nada. E da mesma forma como um prisioneiro que está em uma masmorra ou um homem que está doente sobre sua cama aproveita ao máximo o mínimo de prazer de que ainda pode dispor, eu também aproveitei. E, após um dia de trabalho extremamente cansativo, logo que fiquei livre abri este livro e fui para o jardim, a fim de me consolar ao ler sobre como eu havia cuidado de Psique e lhe ensinado coisas, e, por amor a ela, tentado salvá-la e ferido a mim mesma.

O que ocorreu a seguir foi certamente uma visão, e não um sonho, pois aconteceu antes que eu tivesse a chance de me sentar e abrir o livro. Caminhei para dentro da visão, com os meus olhos bem abertos.

Eu andava sobre areias que ardiam em chamas, carregando uma taça vazia. E sabia muito bem o que devia fazer. Precisava encontrar a fonte que brota do rio e que flui nas terras dos mortos, enchê-la com a água da morte e trazê-la de volta sem desperdiçar nenhuma gota sequer e entregá-la a Ungit, pois nessa visão eu não era Ungit. Eu era escrava ou prisioneira de Ungit e, se eu fizesse todas as tarefas que ela me havia mandado fazer, talvez me deixasse livre para partir. Assim, caminhei com

a areia seca até os meus tornozelos, branca de areia até a cintura, com a garganta áspera de areia. Havia um sol escaldante acima de mim, tão a pino que não havia nenhuma sombra. E eu ansiava pela água da morte, pois, por mais que fosse amarga, certamente estaria gelada, porque vinha da nação sem sol. Caminhei pelo que me pareceu ser o período de cem anos. No entanto, finalmente, o deserto terminou aos pés de umas grandes montanhas, com precipícios, pináculos e penhascos que homem nenhum conseguiria escalar. As rochas se soltavam o tempo todo e caíam, fazendo barulhos e sons estridentes enquanto pulavam de uma saliência para outra, e quando caíam sobre a areia o único som que se ouvia era o de uma pancada. Ao olhar para aquelas rochas, primeiro imaginei ter visto um grande vazio e achei que as sombras das nuvens estavam brilhando sobre a superfície quente. Mas não havia nuvens. Então vi o que realmente era. Aquelas montanhas estavam vivas e havia inúmeras serpentes e escorpiões deslizando e se arrastando continuamente sobre elas. Era como se o lugar fosse uma enorme câmara de torturas e os instrumentos estivessem todos vivos. E eu sabia que a fonte que eu procurava brotava do centro dessas montanhas.

– Nunca vou conseguir chegar lá – eu disse a mim mesma.

Sentei-me sobre a areia olhando fixamente para as rochas, até sentir como se minha carne queimasse e se desgrudasse de meus ossos. Então, por fim, surgiu uma sombra. Ah, misericórdia dos deuses, será que era uma nuvem? Olhei para o céu e quase fiquei cega, pois o sol ainda estava bem acima da minha cabeça. Eu tinha a sensação de ter chegado ao país onde é sempre dia. No entanto, embora a terrível luz parecesse perfurar o meu globo ocular, atingindo o meu cérebro, finalmente vi algo, uma coisa preta contra o azul, algo pequeno demais para ser uma nuvem. Pelos seus movimentos, vi que era um pássaro. Ele então girou e foi baixando, e finalmente vi que era uma águia, mas parecia a águia dos deuses, muito maior que as das terras altas de Fars. Ela pousou sobre a areia e olhou para mim. Seu rosto parecia um pouco com o do velho Sacerdote, mas não era. Ela era uma criatura divina.

– Mulher, quem é você? – perguntou.

– Orual, rainha de Glome – respondi.

– Então não é a você que fui enviada para ajudar. O que é esse rolo que você carrega em suas mãos?

Então percebi, com grande consternação, que o que estava carregando todo esse tempo não era uma taça, mas um livro. E isso estragou tudo.

- Isto é o registro da minha reclamação contra os deuses - respondi.

A águia aplaudiu com suas asas e levantou a cabeça, clamando em alta voz:

- Ela chegou, enfim. Eis a mulher que tem uma reclamação a fazer contra os deuses.

Imediatamente uma centena de ecos soou na face da montanha:

- Eis a mulher... uma reclamação a fazer contra os deuses... a fazer contra os deuses.

- Venha - disse a águia.

- Aonde?

- Venha até o tribunal. O seu caso será ouvido.

E, mais uma vez, clamou bem alto:

- Ela chegou, ela chegou.

Então, de todas as fendas e buracos nas montanhas saíram coisas escuras, que pareciam homens, de modo que, antes que eu pudesse fugir, havia uma multidão deles em minha volta. Eles se apoderaram de mim, me sacudiram e me jogaram de um para outro, cada um deles gritando, em direção à montanha: "Aqui está ela. Aqui está a mulher". E as vozes de dentro da montanha (ou o que parecia ser vozes) respondiam: "Tragam-na para dentro. Tragam-na para o tribunal. Sua reclamação será ouvida". Fui arrastada, puxada e até erguida por entre as rochas, até que um grande buraco negro se abriu diante de mim. "Tragam-na para dentro. O tribunal a aguarda", diziam as vozes. E, com um choque repentino de frio, fui levada às pressas da luz do sol ardente para os interiores escuros da montanha e então para mais adiante, sempre com pressa, sempre sendo passada de mão em mão e sempre em meio àquela gritaria: "Aqui está ela. Finalmente ela chegou. Para o juiz, para o juiz". Então as vozes mudaram e foram silenciando e agora diziam: "Soltem-na. Façam-na se levantar. Silêncio no tribunal. Silêncio para ouvirmos a sua reclamação".

Agora eu estava livre de todas as mãos, sozinha na escuridão silenciosa (ou pelo menos eu pensava). Então, acendeu-se um tipo de luz cinza. Eu estava sobre uma plataforma ou uma coluna de rocha, em uma caverna tão grande que eu não conseguia ver nem suas paredes nem seu

teto. Ao meu redor, embaixo de mim e até as pontas da pedra sobre a qual eu me encontrava, agitava-se, inquieta, uma espécie de escuridão. No entanto, logo meus olhos conseguiram enxergar coisas à meia-luz. A escuridão estava viva. Era uma grande assembleia, todos olhando fixamente para mim e eu erguida sobre o meu posto, acima de suas cabeças. Nunca, na paz ou na guerra, vi tamanha multidão. Havia dezenas de milhares deles, todos em silêncio, todos os rostos me olhando. Entre eles vi Batta e o rei, meu pai, e também Raposa e Argan. Todos eles eram fantasmas agora. Em minha tolice, eu não havia pensado em quantos mortos poderia haver ali. Os rostos, um acima do outro (pois o lugar fazia com que eles ficassem dispostos daquela forma), se erguiam e erguiam e recuavam no tom cinza, mexiam-se tanto que a simples ideia de tentar contá-los – não os rostos, isso seria uma loucura – era terrível. O lugar, que parecia não ter limites, estava totalmente cheio, em sua lotação máxima. O tribunal havia se reunido.

No mesmo nível que eu, embora distante de mim, sentou-se o juiz. Era um homem ou uma mulher, quem poderia dizer? Seu rosto estava coberto com um véu. Da coroa até os pés, um véu totalmente preto.

– Descubram-na – ordenou o juiz.

Mãos vieram por trás de mim e rasgaram o meu véu. Depois, foram rasgados também todos os panos que me cobriam. A velha senhora com rosto de Ungit estava nua diante desses incontáveis observadores. Não havia nenhum fio para me cobrir, nenhuma taça em minha mão com a água da morte, havia somente o meu livro.

– Leia a sua reclamação – disse o juiz.

Olhei para o rolo em minha mão e logo vi que não era o livro que eu havia escrito. Não poderia ser, era pequeno demais. E estava muito velho... um pouco surrado, um tanto amarrutado, em nada parecido com o meu grande livro, no qual eu trabalhava o dia inteiro, dia após dia, enquanto Bardia estava morrendo. Pensei em arremessá-lo ao chão e pisar sobre ele. Eu lhes diria que alguém havia roubado meu protesto e colocado essa coisa em minha mão. No entanto, me vi desenrolando-o. Por dentro, ele estava todo escrito, mas a mão que escrevera não era a minha. Em todas as páginas, havia uns rabiscos horrorosos. Uns ataques pobres e, ainda assim, agressivos, ao resmungo da voz do meu pai, aos rostos destruidores desenhados na pedra de Ungit. Um grande terror e

uma sensação de asco abateram-se sobre mim. Eu disse a mim mesma: “O que quer que façam a mim, nunca vou ler o que está escrito aqui. Devolvam-me meu livro”. Mas logo em seguida ouvi a minha própria voz lendo o seguinte:

– Sei o que vocês vão dizer. Vão dizer que os deuses reais não são em nada parecidos com Ungit; e que havia sido mostrado a mim um deus real e a casa de um deus real e que eu deveria saber isso. Hipócritas! Eu sei. Como se isso curasse as minhas feridas! Eu poderia ter suportado se vocês fossem como Ungit e o Bruto da Sombra. Vocês bem sabem que realmente nunca os odiei até Psique começar a falar do seu palácio, seu amante e seu marido. Por que mentiram para mim? Vocês disseram que um bruto a devoraria. Bem, por que ele não a devorou? Eu teria chorado por ela, sepultado o que restasse de seu corpo e erguido um túmulo e... e... mas roubar o amor que ela tinha por mim! Não é possível que vocês não entendam! Vocês acham que para nós, mortais, será mais fácil suportá-los se vocês forem belos? Pois lhes digo que, se isso for verdade, nós os acharíamos mil vezes piores do que são. Pois, se for assim – e sei do que a beleza é capaz –, vocês vão atrair e seduzir. Não vão nos deixar nada, nada que valha o que preservamos e o que vocês nos tomam. Aqueles que mais amamos – quem quer que seja mais digno de amor – são os que vocês vão levar de nós. Ah, eu consigo ver isso acontecendo, geração após geração e piorando cada vez mais à medida que vocês revelam sua beleza, o sol dando suas costas à mãe e a noiva, ao seu noivo, atraída por esse chamado, chamado, chamado eterno dos deuses. Recebido nos momentos em que não podemos segui-lo. Seria muito melhor para nós se vocês fossem feios e devoradores. Preferiríamos que bebessem o sangue deles a que roubassem os seus corações. Preferiríamos que eles fossem nossos e que estivessem mortos a que sejam de vocês e transformados em imortais. Mas roubar o coração dela de mim, fazê-la ver coisas que eu não conseguia ver... ah, vocês vão dizer (vocês têm sussurrado isso para mim nesses quarenta anos) que tive sinais suficientes de que o palácio era real, que eu poderia ter conhecido a verdade, se quisesse. Mas como eu poderia querer conhecê-la? Digam-me isso. A menina era minha. Que direito vocês tinham de roubá-la e levá-la para suas terríveis alturas? Vocês vão dizer que fui ciumenta. Eu, com ciúmes de Psique? Não enquanto ela era minha. Se

vocês tivessem agido do outro lado – se vocês tivessem aberto os meus olhos para ver –, logo teriam visto como eu a teria orientado, o que eu lhe teria dito, o que eu lhe teria ensinado e como eu a teria conduzido até mim. Mas dar ouvidos a uma menina ingênua, que não tinha (ou ao menos não deveria ter) em sua mente nenhum pensamento que não tivesse sido colocado por mim, transformando-a em uma clarividente, uma profetisa e depois em uma deusa... como alguém suportaria isso? É por isso que digo que não faz nenhuma diferença se vocês são belos ou feios. Onde quer que haja deuses, ali vão estar o nosso sofrimento e a amarga injustiça. Não há lugar para vocês e para nós no mesmo mundo. Vocês são uma árvore em cuja sombra não podemos crescer. Queremos pertencer a nós mesmos. Eu era minha e Psique era minha e ninguém mais tinha direito sobre ela. Ah, vocês vão dizer que vão enchê-la de felicidade e de alegria de tal forma que eu jamais poderia proporcionar a ela e que eu deveria ficar feliz por ela. Por quê? Como eu poderia admirar uma felicidade horrível e nova, que eu não tinha dado a ela e que a tinha separado de mim? Vocês acham que eu queria que ela fosse feliz assim? Teria sido melhor ter visto o Bruto rasgá-la em pedaços diante dos meus olhos. Vocês a roubaram para fazê-la feliz, é isso? Ora, qualquer patife carinhoso, sorridente, conquistador de mulheres, o escravo ou o cachorro de outro homem, qualquer um poderia dizer o mesmo. Cachorro. A imagem combina perfeitamente. Eu vou lhes ser grata por permitirem que eu consiga alimentar o meu povo. Eu não precisaria de suas migalhas. Vocês não se lembram mais de quem era essa menina? Ela era minha. *Minha*; vocês, ladrões, sedutores. Esse é o meu erro. Eu não vou reclamar, não agora, de vocês serem bebedores de sangue e devoradores de homens. Já superei...

– Basta! – disse o juiz.

Houve um silêncio absoluto. E agora, pela primeira vez, eu sabia o que havia feito. Enquanto lia, mais uma vez tive a estranha sensação de que a leitura levou tempo demais, pois o livro era pequeno. Agora eu sabia que o havia lido repetidas vezes, talvez umas doze. Se o juiz não tivesse me interrompido, eu o teria ficado lendo para sempre, o mais rápido que pudesse, começando de novo pela primeira palavra, imediatamente após que a última tivesse saído da minha boca. E a voz com que eu lia

parecia estranha aos meus ouvidos. E, enfim, tive a certeza de que essa era a minha verdadeira voz.

Houve um silêncio na assembleia escura, um silêncio tão longo que teria dado tempo de ler meu livro inteiro novamente.

Por fim, o juiz falou:

- Satisfeita?

- Sim - respondi.

Capítulo 25

A RECLAMAÇÃO FOI A MINHA RESPOSTA. Eu me considerei atendida apenas pelo fato de ter podido ouvir a mim mesma. Os homens não costumam dizer o que realmente querem. Quase sempre, quando me ensinava a escrever em grego, Raposa dizia: “Filha, dizer o que realmente se quer dizer, integralmente, nada mais nem menos ou diferente do que realmente se quer dizer: essa é toda arte e a alegria das palavras”. Um ditado pouco sincero. Quando chega a hora em que se é finalmente forçado a expressar as palavras que ficaram repousando por anos no centro da nossa alma, quando finalmente é possível que tenhamos todo esse tempo à disposição, ficamos como idiotas, repetindo várias vezes e não falamos sobre a alegria das palavras. Entendi bem por que os deuses não falam conosco abertamente, nem nos dão respostas. Até que as palavras sejam arrancadas de nós, por que é que eles vão ouvir o murmúrio daquilo que pensamos querer dizer? Como eles podem olhar bem dentro dos nossos olhos, se não tivermos rostos?

Até que tenhamos rostos, eles não terão como olhar para nós.

– Melhor deixar a menina comigo – disse uma voz bem conhecida. – Eu cuidarei dela. – Era o fantasma de meu pai.

Então uma nova voz falou, embaixo de mim. Era a voz de Raposa. Pensei que ele também fosse fazer alguma acusação contra mim. Mas ele disse:

– Ah Minos, ou Radamanto, ou Perséfone, ou qualquer que seja o nome pelo qual és chamado, eu devo ser responsabilizado por grande parte disso e devo receber a punição. Eu a ensinei, como homens ensinam um papagaio, a dizer “mentiras de poetas” e “uma falsa imagem de Ungit”. Eu a fiz pensar que isso encerrava a questão. Eu nunca disse que também era a imagem verdadeira do demônio interior. E que o outro rosto de Ungit (ela tem mil)... é algo vivo, de certo modo. E os deuses reais mais vivos. Nem eles, nem Ungit, meros pensamentos ou

palavras. Eu nunca disse a ela por que o velho Sacerdote recebia algo da Casa escura que eu nunca recebera de minhas sentenças adornadas. Ela nunca me perguntou (eu ficava satisfeito por ela não perguntar) por que as pessoas recebiam algo da pedra sem forma que ninguém recebia da boneca pintada de Arnom. É claro que eu não sabia, mas eu nunca disse a ela que não sabia. Eu não sei agora. Somente que o caminho para os verdadeiros deuses é mais como a Casa de Ungit... ah, é improvável também, mais improvável do que possamos sonhar, mas esse é o conhecimento fácil, a primeira lição, somente um tolo permaneceria ali, exibindo-a e repetindo-a. O Sacerdote sabia pelo menos que deveria haver sacrifícios. Eles terão sacrifício, nós teremos o homem. Sim, e o cerne, o centro, a base, as raízes de um homem, escuro, forte e caro como sangue. Envia-me, Minos, até mesmo a Tártaro, se Tártaro puder curar a capacidade de argumentação. Eu a fiz pensar que um punhado de máximas resolveriam, todas transparentes e claras como a água, pois, é claro, água é bom. E não custava muito, não onde eu cresci. Assim, eu a alimentei com palavras.

Eu queria gritar que aquilo era mentira, que ele tinha me enchido não de palavras, mas de amor; que ele tinha me dado não os deuses, mas tudo de mais importante. Contudo não tive tempo. O julgamento, ao que parecia, havia terminado.

- Paz - disse o juiz. - A mulher está apresentando uma queixa, não é uma prisioneira. São os deuses que foram acusados. Eles responderão a ela. Se eles, por sua vez, a acusarem, um juiz e um tribunal mais capacitados devem julgar o caso. Deixem-na ir.

Para que lado devo me voltar, para aquela coluna de rocha? Olhei para todos os lados. Então, para acabar com a indecisão, lancei-me sobre o mar negro de fantasmas. No entanto, antes que eu atingisse o chão da caverna alguém correu e apanhou-me em seus braços fortes. Era Raposa.

- Vovô! - Eu gritei. - Você é real e quente. Homero disse que ninguém poderia abraçar os mortos... que eles eram apenas sombras.

- Minha filha, minha amada - disse Raposa, beijando meus olhos e minha cabeça à moda antiga. - Uma coisa que eu lhe disse era verdade. Os poetas quase sempre estão errados. Mas quanto a todo o resto... ah, você me perdoa?

– Eu, perdoar você, vovô? Não, não, eu preciso falar. Todas aquelas boas razões que você alegou para permanecer em Glome depois de se tornar livre, eu sabia que eram apenas disfarces para o seu amor. Sei que você ficou apenas por compaixão e por amor a mim. Sabia que estava partindo o seu coração pelas terras gregas. Eu deveria ter mandado você embora. Absorvi tudo o que você me deu como um animal sedento. Ah, vovô, Ansit está certa. Eu enriqueci à custa das vidas dos homens. É verdade. Não é verdade?

– Ora, filha, é. Eu quase que poderia me alegrar, isso me dá motivos para perdoar. Mas não sou seu juiz. Devemos ir aos nossos verdadeiros juízes agora. Eu preciso levá-la até lá.

– Meus juízes?

– Ora, sim, filha. Os deuses foram acusados por você. Agora é a vez deles.

– Não posso esperar por misericórdia.

– Esperanças infinitas e temores podem ambos ser seus. Tenha certeza de que o que quer que receba não lhe fará justiça.

– Os deuses não são justos?

– Ah, não, filha. O que seria de nós se eles fossem justos? Mas venha e veja.

Ele estava me levando para algum lugar e a luz se tornava mais forte enquanto andávamos. Era uma luz esverdeada, de verão. No fim, havia luz solar caindo através das folhas da vinha. Estávamos em uma câmara fria, com paredes de três lados, e no quarto somente colunas e arcos, com uma vinha crescendo sobre eles, do lado de fora. Mais longe, entre as colunas de luz e as folhas macias, vi um gramado plano e água resplandecente.

– Devemos esperar aqui até que você seja chamada – disse Raposa. – Mas há muita coisa aqui que vale a pena ser estudada.

Então vi que as paredes daquele lugar estavam todas pintadas com histórias. Temos pouca habilidade com pintura em Glome, de modo que é pouco dizer que todas elas pareciam maravilhosas aos meus olhos. Mas acho que todos os mortais teriam se admirado com elas.

– Elas começam aqui – disse Raposa, tomando-me pela mão e levando-me até uma parte da parede. Por um instante, tive medo de que ele estivesse me levando até um espelho, como meu pai havia feito duas vezes. Mas, antes que chégássemos perto o bastante da imagem

para compreendê-la, a simples beleza da parede colorida tirou aquela ideia da minha cabeça.

Agora estávamos diante dela e eu pude ver a história que ela contava. Vi uma mulher chegando à margem do rio. Quero dizer que, por sua postura retratada na imagem, dava para entender que era um quadro de alguém andando. Isso à primeira vista. Mas tão logo eu a compreendi, ela se tornou viva e as ondas de água estavam se movendo, as canas agitadas pela água, a grama agitada pela brisa e a mulher se movia e se aproximava da margem do rio. Ali ela parou e se agachou, e parecia estar fazendo algo – num primeiro momento não pude dizer o quê – com seus pés. Estava tentando amarrar seus tornozelos com um cinturão. Olhei para ela bem de perto. Não era eu. Era Psique.

Estou velha demais e não tenho tempo para começar a escrever tudo de novo sobre sua beleza. No entanto, nada que eu diga, nenhuma palavra que eu diga será capaz de lhe dizer o quão bela ela era. É como se eu nunca a tivesse visto antes. Ou como se tivesse esquecido... não, eu nunca poderia esquecer de sua beleza, de dia ou de noite, por um segundo sequer. Mas tudo isso foi um pensamento muito rápido, um instante que foi engolido imediatamente por meu horror ao pensar no que ela tinha ido fazer naquele rio.

– Não faça isso. Não faça isso – eu gritei loucamente, como se ela pudesse me ouvir. No entanto, ela parou, desamarrou o cinturão dos seus tornozelos e foi embora. Raposa levou-me à próxima imagem. E ela também ganhou vida e ali, em algum lugar escuro, caverna ou masmorra, quando olhei atentamente na escuridão, pude ver que o que se movia nela era Psique, vestida com trapos e usando algemas de ferro, escolhendo sementes. No entanto, o mais estranho é que não vi em seu rosto nenhuma angústia, como tinha tentado ver. Ela estava séria, suas sobrancelhas estavam unidas como durante uma lição difícil quando ela era criança (e aquele olhar a tornava bela... e qual olhar não a tornava?). No entanto, achei que não havia nenhum desespero em seu olhar. Então, é claro, percebi por quê. Havia formigas que a ajudavam. O chão estava forrado delas.

– Vovô – eu disse –, eu...

– Silêncio – disse Raposa, colocando seu velho dedo grosso (a sensação daquele dedo novamente, depois de tantos anos!) sobre os meus lábios. E ele levou-me à próxima parede.

Ali estávamos na pastagem dos deuses. Vi Psique rastejando, cuidadosa como um gato, ao longo da cerca viva e então se levantando, com o dedo nos lábios, perguntando-se como poderia fazer para apanhar um cacho de suas lãs de ouro. E agora, de novo, só que ainda mais que da última vez, fiquei maravilhada com o rosto dela. Pois, embora ela me parecesse confusa, foi apenas como se estivesse confusa com algum jogo, como quando ela e eu ficávamos confusas com o jogo que Poobi costumava jogar com suas contas. Foi como se ela se divertisse um pouco com sua própria confusão (E isso também eu havia visto nela antes, quando cometia erros crassos em suas tarefas de criança... ela nunca tinha paciência consigo mesma, nem com a professora). Entretanto ela não ficou confusa por muito tempo, pois os carneiros sentiram cheiro de intrusos e voltaram-se para Psique, e todos ergueram suas cabeças terríveis e depois as abaixaram novamente para a batalha e correram juntos para o outro lado da campina, aproximando-se dos inimigos, de modo que uma onda contínua ou um muro de ouro partiu para cima dela. Então Psique sorriu e aplaudiu e recolheu da cerca viva, com toda calma, sua colheita mais brilhante.

Na pintura seguinte vi Psique e a mim mesma, mas eu era apenas uma sombra. Nós trabalhávamos juntas sobre as areias ardentes, ela com sua taça vazia, eu com o livro cheio do meu veneno. Ela não me via. E, embora seu rosto estivesse pálido com o calor e seus lábios, rachados de sede, ela não estava mais deplorável que quando eu a vi, quase sempre pálida com calor e sede, voltar com Raposa e eu de um passeio num dia de verão nas velhas colinas. Estava alegre e leve. Eu acredito, pela forma como seus lábios se movimentavam, que ela estava cantando. Quando se aproximou dos precipícios, eu desapareci. Mas a águia veio até ela e tomou sua taça e a trouxe de volta, cheia até a boca com a água da morte.

Nós agora havíamos passado por duas das três paredes e restava a terceira.

– Filha, você entendeu? – perguntou Raposa.

– Mas essas imagens são verdadeiras?

– Tudo aqui é verdadeiro.

– Mas como ela poderia fazer... e ela realmente fez... tais coisas e ir a tais lugares... e não...? Vovô, ela saiu ilesa de tudo isso. Ela estava quase feliz.

- Outra pessoa carregou quase toda a sua angústia.

- Eu? É possível?

- Essa foi uma das coisas verdadeiras que eu costumava lhe dizer. Não se lembra? Somos todos membros e partes de um Todo. Portanto, uns dos outros. Homes e deuses vivem dentro e fora de nós, e se misturam.

- Ah, eu agradeço. Bendigo aos deuses. Então fui realmente eu...

- Quem carregou a angústia dela. Mas ela realizou as tarefas. Você gostaria de ter recebido clemência?

- Você zombaria de mim, vovô? Clemência? Ah, eu tenho sido uma rainha e sei que o clamor do povo por justiça deve ser ouvido. Mas não o meu. Um resmungo de Batta, um lamento de Redival: "Por que não posso?", "Por que ela deveria?", "Não é justo".

E várias e várias vezes. "Que nojo!"

- Está bem, filha. Mas agora seja forte e olhe para a terceira parede.

Nós olhamos e vimos Psique caminhando sozinha em uma estrada longa, debaixo da terra. Era uma ladeira leve, mas que ia sempre em sentido descendente.

- Essa é a última das tarefas que Ungit deu a ela. Ela precisa...

- Então há uma Ungit verdadeira?

- Todas, mesmo Psique, nasceram na casa de Ungit. E todas devem ficar livres dela. Ou dizer que Ungit em cada uma delas deve carregar o filho de Ungit e morrer no parto... ou mudar. E agora Psique precisa descer às terras dos mortos para receber beleza em um caixão fúnebre da Rainha das Terras dos Mortos, da própria morte e levá-la de volta e entregar a Ungit, para que Ungit se torne bela. Mas essa é a lei para a sua jornada. Se, por algum temor, favor, amor ou piedade, ela falar com alguém pelo caminho, ela então nunca voltará às terras iluminadas pelo sol. Ela deve seguir adiante, em silêncio, até chegar diante do trono da Rainha das Sombras. Tudo está em jogo. Agora, preste atenção.

Ele não precisava me dizer isso. Nós dois estávamos prestando atenção. Psique continuou e seguiu adiante, descendo cada vez mais para o interior da terra, mais frio, mais profundo, mais escuro. No entanto, por fim, surgiu uma luz fria de um lado de seu caminho e, ali (eu acho), o grande túnel ou galeria no qual ela viajava se abriu. Pois lá, naquela luz fria, havia uma grande multidão. O modo como falavam e as roupas

mostraram-me imediatamente que eram gente de Glome. Eu vi o rosto de alguns conhecidos.

- Istra! Princesa! Ungit! - eles gritavam, estendendo suas mãos em direção a ela. - Fique conosco. Seja a nossa deusa. Governe-nos. Revele-nos oráculos. Receba nossos sacrifícios. Seja nossa deusa.

Psique seguiu adiante e não olhou para eles em nenhum momento.

- Quem quer que seja o inimigo, não é muito inteligente se pensa que ela vacilaria por isso - eu disse.

- Espere - disse Raposa.

Psique, com seus olhos fixos para a frente, continuou descendo cada vez mais e, de novo, no lado esquerdo da estrada, surgiu uma luz. Uma figura apareceu nela. Fiquei assustada com ela e olhei do meu lado. Raposa ainda estava comigo; mas quem surgira na luz fria para encontrar-se com Psique na beira da estrada também era Raposa... porém, estava mais velho, com mais pelos grisalhos, mais pálido que o velho Raposa que estava comigo.

- Ah Psique, Psique - disse Raposa na imagem (digamos, naquele outro mundo que não era algo pintado) -, que tolice é essa? O que você está fazendo, vagando por um túnel debaixo da terra? O quê? Você acha que esse é o caminho para a Terra dos Mortos? Acha que os deuses a enviaram para lá? Tudo mentiras de sacerdotes e de poetas, filha. Trata-se apenas de uma caverna ou de uma mina desativada. Não existem as terras dos mortos como as que você sonha e não há deuses assim. Será que todo o meu ensino não lhe serviu? O deus dentro de você é o deus a quem você deve obedecer: razão, calma, autodisciplina. Que vergonha, filha, você quer ser uma bárbara todos os seus dias? Eu teria lhe dado uma alma clara, grega, madura. Mas ainda há tempo. Venha a mim e vou tirá-la de toda essa escuridão. De volta ao terreno gramado por trás das pereiras, onde tudo era claro, duro, limitado e simples.

Mas Psique continuou caminhando sem olhar para ele em nenhum momento. E logo chegou a um terceiro lugar, onde havia uma pequena luz do lado esquerdo da estrada escura. No meio daquela luz, algo como uma mulher se levantou, sua face me era desconhecida. Quando olhei para ela, senti uma compaixão que meu coração quase se partiu. Ela não chorava, mas era possível ver que seus olhos haviam chorado até secar. Desespero, humilhação, súplica, repreensão sem fim, tudo isso estava

estampado nela. E agora tremi por Psique. Sabia que aquela figura estava ali somente para enredá-la e desviá-la de seu caminho. Mas será que ela sabia? E, se sabia, poderia, tão amorosa e cheia de compaixão, passar por ela? Era um teste muito difícil. Seus olhos continuaram olhando para a frente, mas é claro que ela a havia visto de soslaio. Um arrepio percorreu seu corpo. Seus lábios se contorceram, ameaçados por um choro. Ela firmou seus dentes nos seus lábios para mantê-los retos. “Ah grandes deuses, protejam-na”, eu disse comigo mesma. “Rápido, rápido, passe rápido.”

A mulher estendeu suas mãos a Psique e vi que seu braço esquerdo sangrava. Então veio sua voz, e que voz! Tão profunda, ainda que tão feminina, tão cheia de paixão, que o teria emocionado, mesmo se falasse de coisas felizes ou sem importância. Mas, agora (quem resistiria a ela?), ela teria quebrado um coração de ferro.

– Ah, Psique – ela gemeu. – Ah minha própria filha, meu único amor. Volte. Volte. Volte ao velho mundo onde éramos felizes juntas. Volte para Maia.

Psique mordeu seus lábios até sangrarem e chorou amargamente. Achei que ela sentiu mais tristeza que aquela expressa no lamento de Orual. Mas a tristeza de Orual, somente a própria Orual tinha que sofrer. Psique também tinha que se manter em seu caminho. E ela continuou, continuou até não ser mais vista, viajando sempre adiante, rumo à morte. Essa foi a última das imagens.

Raposa e eu estávamos novamente a sós.

– Nós realmente fizemos essas coisas a ela? – perguntei.

– Sim. Tudo o que está aí é verdade.

– E nós dissemos que a amávamos.

– E nós a amávamos. Ela não tinha inimigos mais perigosos que nós. E, em um dia bem distante, quando os deuses se tornarem totalmente belos, ou quando nós, por fim, virmos o quão belos eles sempre foram, isso acontecerá mais e mais. Pois os mortais, como você disse, se tornarão mais e mais ciumentos. E mãe e esposa e filho e amigo estarão todos juntos, para evitar que uma alma se una à Natureza Divina.

– E, Psique, naquele velho e terrível tempo, quando pensei que ela fosse cruel... ela sofreu mais que eu, talvez?

- Ela sofreu muito por você à época. E você tem sofrido por ela desde então.

- E os deuses irão um dia ficar assim belos, vovô?

- Eles dizem... mas mesmo eu, que estou morto, não entendo mais que algumas palavras da língua deles. Eu só sei isso. Essa nossa geração será um dia parte de um passado distante. E a Natureza Divina pode mudar o passado. Nada ainda está em sua forma mais verdadeira.

Mas, enquanto ele dizia isso, muitas vozes de fora, doces e assustadoras, começaram a gritar: "Ela vem vindo. Nossa senhora retorna à sua casa, a deusa Psique, de volta da terra dos mortos, trazendo o caixão fúnebre da beleza, da Rainha das Sombras".

- Venha - disse Raposa. Acho que não tinha mais nenhuma vontade em mim. Ele tomou-me pela mão e levou-me para fora, por entre as colunas (as folhas da vinha penteavam meus cabelos) até a luz do sol, quente. Ficamos em um pátio lindo, todo gramado, com o céu azul e fresco acima de nós, céu de montanha. No centro do pátio estava uma banheira de água limpa na qual muitos poderiam nadar e se divertir juntos. Então houve um movimento e um ruído de pessoas invisíveis e mais vozes (agora, de algum modo, mais calmas). A seguir, eu estava com o rosto em terra, porque Psique havia chegado e eu estava beijando os pés ela.

- Ah Psique, ah deusa - eu disse. - Nunca mais eu a chamarei de minha, mas tudo o que há em mim será seu. Ai de mim, você sabe agora o que vale. Eu nunca lhe desejei o bem, nunca tive um único pensamento altruísta em relação a você. Eu era uma egoísta que queria tudo para mim.

Ela se inclinou para me erguer. Então, quando tentei permanecer no chão, ela disse:

- Mas Maia, querida Maia, você precisa ficar em pé. Eu não lhe dei o caixão. Você sabe que fiz uma longa viagem para pegar a beleza que tornará Ungit bela.

Então me levantei, toda molhada por um tipo de lágrima que não corre nesse país. Ela ficou diante de mim, com algo para que eu pegasse. Agora eu sabia que ela era verdadeiramente uma deusa. Suas mãos me queimaram (uma queimadura sem dor) quando encontraram as minhas. O aroma que vinha das suas roupas, membros e cabelos era selvagem e

doce, a juventude parecia entrar em meu peito enquanto eu respirava. E, no entanto (e isso é difícil de dizer), com tudo isso, ou até mesmo por causa de tudo isso, ela ainda era a velha Psique, mil vezes mais seu próprio eu do que havia sido antes da oferenda. Pois tudo que antes aparecera repentinamente em um vislumbre ou em um gesto, tudo que mais se havia desejado quando seu nome era pronunciado, estava agora totalmente presente, não para ser ajuntado a partir de pistas ou em pedaços, não uma parte em um momento e outra parte em outro. Deusa? Eu nunca havia visto uma mulher de verdade antes.

- Eu não lhe falei, Maia - ela disse -, que estava chegando o dia quando você e eu nos encontraríamos em minha casa, sem nenhuma nuvem entre nós?

A alegria me silenciou. E pensei que agora havia chegado à plenitude mais elevada e suprema do ser que a alma humana é capaz de conter. Mas, agora, o que era isso? Você já viu as tochas empalidecerem quando os homens abrem as persianas e uma manhã ampla de verão brilha sobre o saguão festivo? Então veja agora. De repente, a partir de um olhar estranho no rosto de Psique - eu podia ver que ela sabia de algo sobre o qual não havia falado, ou de um glorioso e terrível aprofundamento do céu azul acima de nós, ou de uma profunda respiração -, como um suspiro articulado ao nosso redor por lábios invisíveis, ou de uma profunda, duvidável e comovida desconfiança de meu próprio coração, eu sabia que tudo isso havia sido apenas uma preparação. Uma questão muito maior estava diante de nós. As vozes falaram de novo, mas dessa vez não muito alto. Elas estavam temerosas e trêmulas. "Ele está chegando", elas disseram. "O deus está entrando na casa. O deus vem vulgar Orual."

Se Psique não tivesse me segurado pela mão, eu teria caído. Ela me levou agora à extremidade da piscina. O ar estava cada vez mais claro à nossa volta, como se algo o tivesse acendido. Cada respiração lançava para dentro de mim um novo terror, uma nova alegria, uma doçura dominadora. Eu era perfurada o tempo todo por suas flechas. Eu estava me desmanchando. Eu não era ninguém. Isso é pouco dizer, antes, Psique era, de certo modo, ninguém. Eu a amava como certa vez pensei que fosse impossível amar. Por ela, eu teria morrido qualquer morte. E, no entanto, não era, ao menos agora, ela que realmente importava.

Ou, se importava (e, sim, gloriosamente, ela importava), importava em favor de outro. A terra, as estrelas e o sol, tudo o que era ou será, existiam por sua causa. E ele estava chegando. O mais terrível, o mais belo, o único temor e beleza que existem estavam chegando. As colunas no lado distante da lagoa ficaram vermelhas com a aproximação dele. Eu abaixei os meus olhos.

Duas figuras, reflexos, seus pés e os pés de Psique e os meus, estavam na água. Mas de quem eram? Duas Psiques, uma vestida, a outra nua? Sim, ambas Psiques, ambas belas (se isso tinha alguma importância agora) além de toda a imaginação e ainda assim não eram exatamente a mesma.

- Você também é Psique - disse uma grande voz. Então olhei para cima, e é estranho que eu tenha ousado fazê-lo, mas não vi nenhum deus, nenhum pátio com colunas. Eu estava nos jardins do palácio, com meu livro tolo nas mãos. A visão havia, eu acho, desaparecido um momento antes de o oráculo desaparecer aos ouvidos, pois as palavras ainda estavam ressoando. Isso foi há quatro dias. Eles me encontraram deitada sobre a grama e eu fiquei sem fala por muitas horas. O velho corpo não vai suportar mais muitas coisas assim. Talvez (mas quem poderá dizer?) a alma não mais precise delas. Eu tenho a verdade de Arnom, ele acha que estou muito próxima da minha morte agora. É estranho que ele chore e que as minhas criadas também o façam. O que fiz para agradá-las? Eu deveria ter tido Daaran aqui e aprendido a amá-lo e ensiná-lo, se eu pudesse amá-los.

Terminei meu primeiro livro com as palavras *Sem resposta*. Sei agora, Senhor, por que não me deste nenhuma resposta. Tu és a própria resposta. Diante do teu rosto, as perguntas desaparecem. Que resposta seria suficiente? Somente palavras, palavras, para serem levadas para lutar com as outras palavras. Eu te odiei por muito tempo, te temi por muito tempo. Eu poderia...

(Eu, Arnom, sacerdote de Afrodite, guardei este rolo e coloquei-o no templo. Pelos sinais que haviam depois da palavra *poderia*, achamos que a cabeça da rainha deve ter se inclinado para a frente, sobre as palavras, no momento em que ela morreu. Nós não as conseguimos ler. Este livro foi todo escrito pela rainha Orual de Glome, que foi a mais sábia, justa, valente, bem-sucedida e misericordiosa de todas as princesas

conhecidas em nossas partes do mundo. Se qualquer estrangeiro que tiver a intenção de viajar para a Grécia encontrar este livro, deixe-o levá-lo com ele até a Grécia, pois é isso o que ela mais parece ter desejado. O sacerdote que virá depois de mim tem como responsabilidade dar o livro a qualquer estrangeiro que jure levá-lo à Grécia.)

Caro leitor:

Acesse **www.ultimato.com.br** e faça seu comentário sobre este livro.
Conheça também outros títulos da Editora Ultimato.

Escreva-nos e receba a edição atual da revista **Ultimato**.



Caixa Postal 43 | 36570-000 | Viçosa-MG

Tel.: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br



C. S. Lewis (1898-1963) foi um dos gigantes intelectuais do século 20 e, quem sabe, o mais influente escritor cristão de sua época. Foi professor de literatura inglesa da Universidade de Oxford até 1954, quando foi eleito, por unanimidade, para ocupar a cadeira de inglês medieval e renascentista da Universidade de Cambridge, cargo que ocupou até se aposentar. Suas valiosas contribuições nos campos da crítica literária, literatura infantil, literatura fantástica e teologia popular lhe tornaram aclamado e reconhecido no mundo inteiro. Escreveu mais de trinta livros, que continuam a atrair milhares de novos leitores todos os anos. Entre as suas obras mais conhecidas e apreciadas estão a série *As Crônicas de Nárnia*, *Cristianismo Puro e Simples*, *Um Ano com C. S. Lewis* e *Surpreendido pela Alegria* – os dois últimos publicados pela Editora Ultimato.

ATÉ QUE TENHAMOS ROSTOS consegue apresentar com clareza e criatividade o que seu autor descreve em outras de suas obras, como a realidade divina, mágica, aterrorizante e arrebatadora em que todos nós vivemos. C. S. Lewis aprofunda para os adultos o senso de admiração e verdade que delicia crianças em *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, *Príncipe Caspian* e outras histórias das Crônicas de Nárnia.

– *The New York Times*

Apontada por muitos como a obra definitiva e mais madura de C. S. Lewis, **Até que Tenhamos Rostos** apresenta de maneira brilhante e criativa o mito de Cupido e Psique. Um romance sobre a luta entre o amor sagrado e o amor profano, em uma análise fascinante da inveja, traição, perda, ciúme, conversão e outros dilemas do coração humano.

Ao mesmo tempo mais humano e também mais mítico do que a “Trilogia Cósmica”, **Até que Tenhamos Rostos** oferece ao leitor uma história rica, com personagens que “conhecemos” diante de escolhas e dificuldades que também “reconhecemos”. A última obra de ficção de C. S. Lewis lembra-nos também da nossa fragilidade e da presença de um poder superior sobre as nossas vidas.

